



Manuel Santos Simões

A Grande Guerra de 1914 – 1918 e a invenção de uma tradição cívica.

O culto do Soldado Desconhecido

Dissertação de Mestrado em Estudos Europeus, orientada pela Doutora Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues e co-orientada pelo Doutor Rui de Ascensão Ferreira Cascão, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A Grande Guerra de 1914 – 1918 e a invenção de uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido

Ficha Técnica;

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A Grande Guerra de 1914-1918 e a invenção de uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido
Autor/a	Manuel Santos Simões
Orientador/a	Professora Doutora Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues
Coorientador/a	Professor Doutor Rui de Ascensão Ferreira Cascão
Juri	Presidente: Doutor António Martins da Silva Vogais: Doutora Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues Doutor Fernando Catroga
Data da defesa	09-10-2014
Classificação	16 valores
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Europeus
Área científica	Ciência Política e Cidadania
Data	2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Imagem da capa:

Campa de um soldado desconhecido francês morto na Batalha de Verdun (Fevereiro a Dezembro de 1916).

<http://olhosgrandeseabertos.blogspot.pt/2010/11/11-de-novembro-hoje-e-o-dia-do-soldado.html>. Acedida em 02.10.2013

Nota: Na frente de batalha, muitas vezes não havia materiais ou tempo para fazer uma cruz de madeira com uma inscrição rápida e colocá-la sobre a campa do militar morto em combate. Então para assinalar uma sepultura colocava-se a espingarda do soldado com a baioneta espetada na terra e o seu capacete pendurado na coronha da arma.

Dedicatória

Tudo o que somos o devemos a alguém e esse “alguém”, são, em primeiro lugar, os nossos Pais, a nossa Família e os nossos Amigos.

Aos meus Professores Orientadores, Doutora Isabel Vargues e Doutor Rui Cascão não só pelo seu saber mas pela sua generosidade para comigo ao longo deste trabalho. Não esquecendo um elenco de Professores da Faculdade de Letras com quem tive o privilégio de aprender.

Quero aqui ainda lembrar um familiar do Corpo Expedicionário Português que há quase cem anos partiu para França e que voltou à aldeia para me contar algumas das suas histórias - seu nome Manuel Francisco, 1.º cabo.(Ficha do CEP, em Anexos).

A todos- Muito Obrigado.

Índice

Resumo-----	11
Abstract-----	13
Palavras chave -----	14
Capítulo I- A Primeira Grande Guerra 1914 – 1918 -----	15
1 - Introdução -----	15
2- As origens-----	16
3– O desenrolar da Guerra – A Frente Ocidental-----	18
4 - A Frente Oriental, os Países Balcânicos e a Frente Italiana-----	21
5 - Outras Frentes-----	23
6 - O Bloqueio naval à Alemanha e ao Império Austro- Húngaro-----	24
7 – A Revolução Russa e a entrada na Guerra dos Estados Unidos da América -----	24
8 – A Guerra no mar e no ar-----	25
9 – Outras características da Guerra-----	27
10– O Armistício-----	27
11- A Conferência de Paz de Paris e o Tratado de Versalhes-----	30
12- O Tratado de Versalhes-----	32
13 - Um Tratado humilhante para a Alemanha-----	33
14 - A nova Geografia política mundial-----	35
15 – A nova condição da mulher no mundo-----	36
16 - A causa primeira da segunda Grande Guerra -----	37
17 – Outras consequências da Grande Guerra de 1914 – 1918-----	37

Capítulo II – A invenção de uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido.---41

1 - Introdução -----	41
2 - As origens dos soldados desconhecidos-----	42
3 - Os mortos e desaparecidos na Grande Guerra-----	43
4 – O Soldado Desconhecido-----	46
5 – “The Unknown Warrior” – Grã-Bretanha-----	47
5.1- A ideia do Capelão-----	48
5.2 - Lloyd George e o seu impulso na aprovação de tumular um soldado desconhecido -----	51
5.3 – O Cenotáfio e o Desfile da Vitória-----	52
5.4 – A aprovação da proposta Railton-----	54
5.5 – A escolha de um soldado desconhecido -----	54
5.6 – As cerimónias em França e o transporte do corpo para Inglaterra-----	55
5.7 – “The Padre’s Flag”-----	57
5.8 - Da Estação de Vitória a Westminster Abbey-----	58
5.9 – As Cerimónias-----	59
5.10- O Grande Silêncio-----	60
5.11- Westminster Abbey-----	62
5.12 - O nascimento ou invenção de uma tradição cívica-----	65
5.13 - Outros memoriais aos soldados ingleses e do Império não Identificados-----	66
5.14 - O Memorial de Thypval -----	67
5.15 - O Memorial de Tyne Cot-----	67
5.16 - O Memorial Porta de Menin-----	68
5.17 - O Memorial de Loos-----	69
6 – “Le Poilu inconnu” – França-----	70
6.1 – Origens-----	70

6.2 - A procura e escolha do Poilu inconnu-----	71
6.3 - A controvérsia da localização do Túmulo-----	72
6.4 - O Cenotáfio Francês-----	73
6.5 - O Arco de Triunfo e as Cerimónias-----	74
6.6 – A Chama Eterna-----	75
6.7 –O 11 de Novembro, Feriado Nacional e as suas regras-----	76
7 – O Soldado Desconhecido - Portugal-----	77
7.1 – As origens-----	78
7.2 – O Soldado Desconhecido da Frente Ocidental-----	79
7.3 – O Soldado Desconhecido da Frente Africana (Moçambique -----	81
7.4- A Homenagem. De Lisboa ao Mosteiro da Batalha-----	83
7.5 – As representações estrangeiras-----	88
7.6- Depois do 10 de Abril de 1921-----	89
7.7- Inauguração do lampadário, no dia 9 de Abril de 1924 -----	90
7.8– O Cristo das Trincheiras-----	90
7.9– 1976 - Cerimónias no Mosteiro da batalha-----	92
7.10-A Guarda Militar ao Túmulo-----	94
7.11- Visitantes-----	94
8 – Il Milite Ignoto – Itália-----	95
8.1 – As origens do Soldado Desconhecido Italiano-----	96
8.2 - A escolha de corpos e a selecção de um deles-----	96
8.3 - De Aquileia a Roma-----	98
8.4 – O Monumento Vitoriano e as Cerimónias-----	99
8.5 - Guarda de Honra e apropriação do Soldado Desconhecido como símbolo fascista--	100
8.6 - Conclusão-----	102
9 – The Unknown Soldier – Estados Unidos da América-----	102
9.1- As origens do Soldado Desconhecido Americano-----	103

9.2 - A escolha de um corpo, cerimónias de despedida em França e viagem para os Estados Unidos-----	105
9.3 - Chegada do corpo a Washington e cerimónias preliminares-----	107
9.4 - O Cemitério Nacional de Arlington-----	109
9.5 - As Cerimónias em Arlington-----	110
9.6 - A transmissão directa das Cerimónias e o discurso do Presidente Harding -----	111
9.7 - Adição de mais Soldados Desconhecidos-----	112
9.8 - As cerimónias de 1958-----	113
9.9 - Guarda Militar-----	114
9.10 – O Dia dos Veteranos de Guerra e o Dia da Lembrança-----	117
9.11 - Os Cemitérios Militares Americanos-----	118
10- Uma tradição cívica . O culto do Soldado Desconhecido-----	119
11- Das chapas de identificação aos testes de ADN-----	120
12 - O problema do enterro dos mortos em combate-----	121
13 - A expansão do Culto-----	123
14 – Quadro Comparativo das Cerimónias e características dos cinco países Iniciais.-----	126
15 - Conclusão-----	127
16- Fontes-----	130

Índice de imagens

1 – O início da Guerra em seis fases-----	20
2 - Os negociadores de “Compiègne”-----	29
3 - A assinatura do Tratado de Versalhes, a 28-06-1919-----	29
4 - Batalha de Messines-Crateras de minas de profundidade-----	39
5 - Monumento ao “Landsoldaten”-----	47
6 - Monumento aos mortos não identificados da Guerra Civil Americana-----	48
7 - O caixão do Soldado Desconhecido Inglês-----	56
8 - Embarque em França do “Tommy Anonyme”, no Crazador Verdun-----	57
9 - Trajeto do Cortejo do “Unknown Warrior”-----	59
10- O féretro do Soldado Desconhecido junto ao cenotáfio-----	61
11 – O Soldado Desconhecido na Abadia de Westminster-----	63
12 - Presidente Obama coloca uma corôa de flores sobre o Túmulo do Soldado Desconhecido Inglês-----	66
13 - O Memorial de Thiepval aos desaparecidos na Batalha do Somme-----	67
14 - Memorial de Tyne Coat-----	68
15 - Memorial Porta de Menin-----	69
16 - Memorial de Loos-----	70
17 - O Desfile da Vitória, a 14-07-1919 passando no Arco do Triunfo-----	74
18 - A lápide do “Poilu Inconnu”-----	75
19 - “La Flamme do Souvenir”-----	76
20 - Embarque do Soldado Desconhecido Português no Cais do Havre-----	79
21 - Féretro do Soldado Desconhecido de Moçambique, no Funchal-----	82

22 - Programa das celebrações-----	84
23 - O Cortejo fúnebre atravessando Lisboa-----	84
24 - Os Soldados Desconhecidos na Estação do Rossio-----	85
25 - Partida de Leiria para o Mosteiro da Batalha-----	86
26 - Recepção à entrada do Mosteiro da Batalha -----	86
27 - A entrada das Bandeiras no Mosteiro-----	87
28 - O Cristo das Trincheiras-----	91
29 - A Guarda Militar aos Túmulos-----	94
30 - O Render da Guarda-----	95
31 - Maria Bergamas com seu ramo de flores-----	98
32 - Chegada a Roma do combóio com o” Milite Ignoto”-----	99
33 - Monumento Vitoriano-----	100
34 - A Guarda de Honra ao “Milite Ignoto”-----	101
35 - Carregando o Soldado Desconhecido Americano a bordo do Olympia-----	107
36 - O Soldado Desconhecido Americano no Capitólio, em Washington-----	108
37 - Render da Guarda no Cemitério Nacional de Arlington-----	115
38 - No “World Trade Center” em Nova York, a 01-12-2013-----	124

ANEXOS (CD)

A- Discursos de António José de Almeida no Palácio do Congresso ao Soldado Desconhecido, a 7 de Abril de 1921-----	I
B- Cronologias	
B1- Cronologia do Soldado Desconhecido -----	XXIII
B2- Cronologia da Grande Guerra 1914-1918-----	XXV
C- Discurso do Presidente Harding, a 11 de Novembro de 1921,em Arlington -----	XXXV
D- Ficha do CEP do Primeiro Cabo Manuel Francisco-----	XXXVIII
E- Arlington National Cemetery-----	XXXIX
F- Simpson, The Unknown Soldier , Service Bulletin of The Associated Press, 1921, Princeton University.-----	XLIX
G- Spaulding, Thomas, “The Program of the Ceremonies Attending The Burial of an Unknown and Unidentified American Soldier Who Lost his Life during the World War, University of Michigan-----	LXXIV
H- A Proposta de Catorze Pontos para a Paz, apresentada ao Congresso Americano e elaborada pelo assessor do Presidente Wilson.-----	LXXXVI
I – Programa das Cerimónias do funeral de dois Soldados Desconhecidos Americanos, em 1958 -----	XCIII

Resumo

O ano de 2014 marcará o centenário do início da Guerra de 1914 – 1918, uma guerra como nunca se tinha visto no mundo. Uma guerra que devastaria a Europa e se tornaria global devido aos países envolvidos serem também potências coloniais.

Consciente deste facto, ponderei abordar este tema abrangente da História, Política, Economia, Sociologia, Cultura e outros , não só a nível europeu mas a nível mundial, como dissertação de mestrado em Estudos Europeus.

Outra das razões que me motivou para este estudo foi o facto de se ignorar tanto esta Guerra, quer a nível do ensino secundário, quer a nível de estudos superiores.

Esta “Introdução”, a que normalmente se chama também “prefácio” é, de facto, um “posfácio”, ou seja, é escrita depois deste trabalho estar já delineado e a minha preparação bastante adiantada. Não faria sentido fazer planos sobre um tópico sem conhecer quais as possibilidades ou dificuldades que iria encontrar.

Assim compreendo talvez um pouco sobre como em Portugal se ignora tanto esta Guerra e penso que uma das razões poderá ser o desempenho das nossas tropas tanto na Frente Ocidental como nas Frentes africanas de Angola e Moçambique, que poderá ter sido prejudicado pela política partidária agitada, da jovem República Portuguesa, na sua luta pela sobrevivência.

Não me deterei sobre o desempenho das tropas nos campos de batalha, nem sobre as lutas políticas em Portugal que afectaram esse desempenho, mas debruçar sobre os horrores e sofrimentos de todos os militares e população civil ao longo de quatro anos e alguns meses de guerra.

O tema “ A Grande Guerra de 1914 – 1918 e a invenção de uma tradição cívica, o culto do Soldado Desconhecido” provava ser de uma vastidão enorme, impossível de descrever numa dissertação de carácter limitado . Assim decidi fazer uma, abordagem da Guerra e das suas consequências como introdução alargada .

O Capítulo I servirá como pano de fundo ou cenário para a compreensão do tema específico ,“A invenção de uma tradição cívica. O Culto do Soldado Desconhecido” que abordarei no Capítulo II.

Ao escolher este tema julgo lembrar e honrar, neste centenário, todos os militares que combateram e morreram naquela terrível Guerra, especialmente aqueles que nela tudo perderam até o seu nome, “os Soldados Desconhecidos”.

Abstract:

The year of 2014 will mark the first centennial of the start of World War One, a War as the World had never seen before. This War which started in Europe soon extended to the whole world, because the countries responsible for it, were, at the time, colonial empires.

With this in mind, I thought of bringing up such important events in my dissertation towards a Master's Degree in European Studies, since such events shaped the politics, economies and societies, not only of Europe but across continents.

Another important reason to write on this matter was the fact that this war seems to have been forgotten by universities and by scholars at any level.

This introduction which some writers also call "preface" is in fact a "post face", because it was written after my work was almost over giving me the feeling of being more secure of what I wanted to write about and how to do it.

I understand now a little better why in Portugal one ignores this war so much and I think one of the reasons is the performance of our armies in the Western Front, and the Angola and the Mozambique Fronts, but I also think that the ever changing politics of the young Portuguese Republic in its struggle for survival, played its part.

I am not planning to extend myself over the performance of our troops but rather talk about the horrors, the appalling fighting conditions and the suffering of both soldiers and civilians.

The topic "The Great War of 1914 – 1918", as my initial idea proved to be too great in scope for me to write about in a limited dissertation. I had to break it down and narrow that scope.

With that fact in mind I have decided to write about the War and its consequences as a wider introduction in Chapter One, and use it as background to a better understanding to the main topic chosen "The invention of a civic tradition. The cult of the Unknown Soldier," as a consequence of that War, which I write about in Chapter Two.

I think that just for writing about the War, on its first centennial, one honors the military who died and the suffering ones who survived, especially those who lost everything, including their names, "The Unknown Soldiers".

Palavras chave:

Grande Guerra	- The Great War
Frente Ocidental	-Western Front
Soldado Desconhecido	-Unknown Soldier
Túmulo	-Tomb
Luto	-Mourning
Culto cívico	----- Civic cult

Capítulo I - A Grande Guerra 1914 - 1918

1 – Introdução

Como foi possível que a Europa de 1914 a 1918 , se autodestruísse pela guerra que matou cerca de 10 milhões de militares, milhões de civis, causando milhões de estropiados e inutilizados , milhões de refugiados, milhões de pessoas que desapareceram sem deixar rasto, centenas de milhares de mortos pela fome e pela doença, através de barbaridades de combate e dos métodos mais vis? A guerra de trincheiras, os ataques com gás, os ataques com lança-chamas, os ataques de artilharia e seus efeitos (Shell shock), as cargas de baioneta, os bloqueios navais, a guerra submarina, para mencionar apenas os métodos mais conhecidos.

Como parte deste trabalho pretende-se aqui relatar, mesmo que em síntese, um acontecimento de primordial importância, no princípio do Século XX, e que modelaria para sempre o futuro a Primeira Guerra Mundial , para que tenhamos uma vista panorâmica dos acontecimentos que provocaria.

Uma das consequências desta Guerra foi a impossibilidade de identificar centenas de milhar de militares mortos em combate o que será tratado no Capítulo II deste trabalho.

Parece-me que ao longo da História da Civilização há situações resultantes do desenvolvimento das nações e seus objectivos que estas não conseguem controlar através da política, então esta é continuada por outros meios, mesmo injustos (ver Karl Clausewitz- 1780-1831,“Da Guerra”, disponível em : [http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/11/ da-guerra-carl-von-clausewitz.pdf](http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/11/da-guerra-carl-von-clausewitz.pdf)).

Que sentia um soldado valente, cobarde ou louco quando se lançava na “terra de ninguém”, quando, ao som de um apito do seu oficial, tinha de galgar o parapeito da sua trincheira (going over the top) lançando-se na direcção do inimigo sabendo que se o não fizesse seria considerado cobarde e portanto sujeito a ser fuzilado e se avançasse era quase certo que iria ser apanhado pelo fogo inimigo de espingardas e metralhadoras?

Casos houve em que batalhões inteiros eram mandados avançar e dos quais ninguém regressava.

Teria sido possível evitar esta Guerra?

2 – As origens

Quase todos os Historiadores estão de acordo de que não houve uma causa simples na origem da Guerra, mas sim causas múltiplas. O assassinato do Príncipe herdeiro do trono Austro-Húngaro e sua esposa, a 28 de Junho na Bósnia, em Sarajevo, foi apenas o rastilho que incendiaria toda a Europa e toda uma situação política, militar, económica e social que se vinha de há muito aprontando.

Talvez seja útil recordar aqui que em 1871, após a derrota da França na Guerra Franco-Prussiana, Guilherme I da Prússia é proclamado imperador na Galeria dos Espelhos no Palácio de Versalhes, perto de Paris, numa França militarmente ocupada pelos exércitos alemães. Portanto, além da derrota esta coroação é uma afronta ao orgulho do Povo Francês. Adiante que vai ser nesta mesma Galeria dos Espelhos que a 28 de Junho de 1919 os alemães vão assinar o Tratado de Versalhes que oficializa a derrota alemã nesta Guerra e todas as rigorosas condições impostas pelos aliados.

Outra afronta da Guerra Franco-Prussiana é a anexação das Províncias da Alsácia e da Lorena, de que os franceses não se iriam esquecer. A rápida derrota francesa nesta Guerra e depois de livres da ocupação alemã em 1873, após pesadas indemnizações à Alemanha, obrigaria os franceses a pensar mais afincadamente na sua defesa. Deste modo concluem em 1894 uma aliança com a Rússia e em 1904 concluem igualmente um tratado, a “Entente Cordiale” com a Grã-Bretanha. Em 1907 a Grã-Bretanha alia-se à Rússia formando-se assim a “Triple Entente”, uma aliança entre três grandes potências militares para fazer face a qualquer agressão contra uma delas.

Do mesmo modo as Potências Centrais compostas pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália já tinham formado entre si uma aliança similar, em 1882, a chamada “Aliança Tripla”, com o mesmo objectivo.

Para os italianos esta era, no entanto, uma aliança defensiva e estes não entraram em guerra quando esta estalou em 1914, devido a considerarem que a Alemanha foi a primeira a invadir um país estrangeiro e porque, além disso tinham problemas com o Império Austro-Húngaro devido a este ocupar áreas de Itália que os italianos reclamavam desde há muito.

Por detrás destas alianças tinha lugar, no entanto, uma activa diplomacia secreta destinada a apaziguar a Alemanha como grande potência colonial, económica e militar com um poderio cada vez maior e receada por todas as outras. Embarcara há anos, num programa e

construção naval, dirigido pelo Almirante Tripitz no sentido de se dotar duma marinha de guerra de mar alto para fazer frente à Marinha Real Britânica (Royal Navy).

A Alemanha tornara-se uma potência colonial, desde a Conferência de Berlim de 1884-1885, adquirindo a África Oriental, o Sudoeste Africano, o Togo e mesmo os Camarões, além de um enclave na China, em Tsing-tao onde estabelecera uma base naval, e algumas ilhas no Pacífico, Carolinas e Samôa, assim como partes na Nova Guiné.

Falámos na Guerra Franco-Prussiana como uma das causas da Guerra de 1914 -1918, no entanto, como nos diz o Historiador Gordon Martel as origens podem ser bem mais remotas ...

The further back in time historians go in tracing the story of origins (World War), the more likely it is that they see general underlying causes as the proper explanation of the war .¹

Na verdade os países europeus do fim do século XIX eram potências coloniais ou com ambições expansionistas, caso da Itália, da Rússia ou da Áustria-Hungria. A Inglaterra com o maior império colonial desejava manter esse estatuto, assim como a França. Quanto à Alemanha há muito que planeava alargar o seu império colonial e estabelecer em África uma “Magna Alemanha” ou “MittelAfrika” possivelmente para escoar os seus excedentes demográficos.

Ao mesmo tempo que lutavam pela supremacia, estas potências lutavam também para garantir a sua segurança, daí as alianças. A Alemanha não se sentia confortável com a grande expansão russa e via neste país uma ameaça. Todos os países tinham os seus planos militares pré-concebidos para o caso de uma guerra. A Alemanha há muito que tinha o Plano Schlifffen, a França o plano 17 , a Rússia o Plano 19, a Áustria-Hungria o Plano B e o Plano R.

A necessidade de novos mercados e matérias primas era outro dos objectivos de todos esses países. O nacionalismo, o imperialismo e o militarismo eram denominadores comuns a todos.

A sociedade dos fins do Século XIX atribuía uma grande importância aos militares e estes, como aconteceu durante a guerra tinham sempre um papel importante nas decisões tomadas ou a tomar . Os políticos eram muitas vezes relegados para segundo plano, porque na Guerra tanto o Chanceler alemão como o Czar russo ouviam os generais, em primeiro lugar.

¹ Martel, Gordon, *The Origins of the First World War*, Longman, New York, Second Edition, 1996, p.13

O Kaiser alemão era um grande militarista, na linha da tradição prussiana e no fim da guerra os aliados chegaram a incriminá-lo e a pedir a sua extradição à Holanda, onde se refugiara, depois de abdicar na Alemanha, a 9 de Novembro de 1918.

Assim, 28 de Junho de 1914, parece-me apenas uma data e não a verdadeira causa da Guerra, pois apesar do nacionalismo sérvio e possivelmente o apoio do governo à "Organização Mão Negra" de que fazia parte Gabrilo Princip, o assassinato do Príncipe herdeiro do Império Austro-Húngaro e de sua esposa, não era razão para enveredar pela guerra.

Os nacionalismos eslavos eram um problema para a Áustria, mas tinha havido problemas anteriores e eles tinham sido ultrapassados.

Quando já tudo parecia calmo e com certeza depois da Áustria-Hungria ter garantido o apoio da Alemanha ,ou mesmo empurrada por esta, apresentou um ultimato à Sérvia, de tal modo exigente que esta não o poderia satisfazer. Das várias razões para fazer a guerra o Historiador John Keegan, antigo professor da Academia Militar de Sandhurst, diz-nos o seguinte;

It was Austria's unwillingness to act unilaterally that transformed a local into a general european crisis and her unwillingness so to act must be explained in large part by the precautionary mood of thought which decades of contingent war planning had implanted in the mind of European governments.²

De notar que a Europa não tinha nesta altura organizações ou fóruns onde se pudessem discutir propostas diplomáticas para evitar a guerra. A Sociedade das Nações é preconizada pelo Presidente americano Woodrow Wilson na sua proposta de paz para a Europa apresentada ao Congresso americano, em 8 de Janeiro de 1918.

As sociedades europeias da época temiam há muito uma guerra e a apoiavam como necessária, para substituir uma " paz armada", com a qual não viviam em harmonia.

3 – O desenrolar da Guerra- A Frente Ocidental

Um mês depois do assassinato do Príncipe herdeiro do trono a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia, a 28 de Julho de 1914. Esta declaração de guerra vai pôr em

² Keegan, John, *The First World War*. Hutchinson, London, 1998, p. 59

movimento todo um sistema de alianças com “efeito dominó” que ninguém consegue ou quer parar. Em países como a Rússia as mobilizações tinham que ser atempadas em virtude das grandes distâncias. Dá-se assim a corrida às mobilizações.

Todos pensavam que a guerra iria ser breve , mas isso não aconteceu.

A Alemanha põe em execução o Plano Schlieffen , apodera-se dos caminhos de ferro luxemburgueses e invade a Bélgica (04.08.1914), um país neutro por tratado (desde Abril de 1839) garantido pela Inglaterra e que faz esta entrar na guerra .

O Plano alemão iria no entanto falhar. O Exército Belga e o seu povo põem uma heróica resistência que terá contribuído para que os franceses tivessem mais um pouco de tempo para organizar as suas defesas. O Exército Francês põe em marcha o seu Plano 17 e entra na Alsácia Lorena. No entanto depois de um avanço inicial é obrigado a retirar para as suas antigas posições.

Entretanto os alemães avançam na direcção de Paris, mas a Grã-Bretanha enviou a sua BEF (British Expeditionary Force), para ajudar os franceses, que começa a desembarcar logo em Agosto (22.08.1914), envolvendo cada vez mais tropas.

Mais ao centro os franceses conseguem sustar os alemães especialmente no Rio Marne e começa a estabelecer-se uma guerra de trincheiras, em oposição a uma guerra de movimento, à medida que os alemães recuam para posições mais defensíveis.

Das fronteiras da Bélgica à Suíça, país neutro ,é criado todo um sistema de trincheiras que definiriam a Frente Ocidental da Guerra em oposição a Frente Leste , Frente Italiana e outras. Este sistema de defesas manteve uma estagnação de posições nos quatro anos seguintes, sem grandes mudanças.

O início da I Guerra Mundial em seis fases:

- 1 - A Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia.
- 2 - A Rússia, aliada da Sérvia declara guerra à Austro-Hungria. (resposta a 6/Ago)
- 3 - A Alemanha, aliada da Áustria declara guerra à Rússia.
- 4 - A França, aliada da Rússia declara guerra à Alemanha.
- 5 - A Alemanha invade a Bélgica para poder atacar a França.
- 6 - A Grã Bretanha declara guerra à Alemanha, pressionada pela invasão da Bélgica.



1 ---<http://www.areamilitar.net/HISTbcr.aspx?N=70>. Acedido em 01-05-2014

Desde o Outono de 1914 era visível que os alemães tinham falhado na execução do Plano Schlieffen ,de guerra relâmpago. Embora ocupassem uma grande faixa do território francês e tenham estado muito perto de Paris, os seus objectivos não foram conseguidos. A Guerra estava estabilizada e os exércitos enfrentariam as piores condições de combate durante mais de quatro anos.

Mais kilómetro, menos kilómetro, mas matando muitas centenas de milhar de soldados, numa guerra atroz, com constantes barragens de artilharia, assaltos às trincheiras inimigas, enfrentando arame farpado, metralhadoras, lança-chamas e armas químicas (gás) , esta linha manter-se-ia apesar das ofensivas de Verdun , do Somme e Passchendaele (Ypres) e muitas outras.

Na Primavera de 1918 os alemães, agora reforçados por algumas divisões que retiraram da sua Frente Oriental, em virtude da Paz , com o Governo Russo, através do Tratado de Brest-Litovsk, de 3 de Março de 1918, decidiram tentar uma vez mais romper as linhas defensivas dos exércitos ocidentais. Contudo os americanos tinham entrado na guerra e

estavam a desembarcar na Europa, em Maio 1918, cerca de 250 mil soldados por mês, pondo os aliados ocidentais numa posição forte. Também Portugal tinha entrado na Guerra ao lado dos Aliados Ocidentais e teve pesadas baixas na Batalha do Rio Lys , que se insere nesta ofensiva alemã. O Historiador militar britânico Liddell Hart, sobre a derrota do Exército Português em La Lys, diz o seguinte, baseado em registos dos arquivos capturados ao 4-º Exército Alemão:

Ludendorff was in luck at the start, but it was an elusive form of luck. The luck was that his opening blow fell on the front of the portuguese 2nd division, which was just about to be relieved by two british divisions and had meanwhile been stretched to hold the whole corps sector. The less agreeable aspect – for Ludendorff of this piece of luck was somewhat epitomized in the comment that the Portuguese ruined Ludendorff and saved their allies by running away.³

A derrota portuguesa criou uma abertura onde Ludendorff não se queria meter, receoso de ser envolvido pelos flancos...

(Ludendorff was) so apprehensive that his new bulge would become another sack that at the moment of supreme opportunity he stops the German advance for fear of a counter- attack.⁴

Depois de um sucesso inicial nesta ofensiva de Primavera , os alemães estavam exaustos e os aliados aproveitaram para contra atacar e os empurrar para as suas fronteiras legais.

Podemos dizer que o Armistício, de 11 de Novembro de 1918 evitou a destruição do Exército Alemão, porque este estava com grandes problemas de substituição de efectivos e logísticos, nomeadamente munições e alimentos.

Ao longo desta Guerra sempre houve a noção de que ela seria ganha ou perdida na Frente Ocidental e assim acontecera. No entanto para que isso tivesse lugar os aliados ocidentais tiveram a ajuda de outras frentes de combate que muito contribuíram para a estagnação da Frente Ocidental.

4 – A Frente Oriental, os Países Balcânicos e a Frente Italiana

³ Hart, Liddell, History of the First World War, Papermac, London, 1997, p.401

⁴ Ibidem p.p. 401,402

A Rússia desde o início da guerra pôs em prática o seu Plano 19 que era invadir o território alemão para assim ajudar a França. Mas depois de alguns menos bons resultados iniciais, o Exército Alemão mostrou-se mais competente e derrotou os russos na Batalha de Tannenberg e nos Lagos Masúrios . Daí em diante a captura de território russo foi cada vez maior até à assinatura do Tratado de Paz de Brest- Litvosk, em que a Rússia cedia à Alemanha grandes extensões territoriais em troca da paz pedida pelo governo Bolchevista russo, após a Revolução de Outubro de 1917 .

A Áustria-Hungria logo após o seu ultimato à Sérvia bombardeou Belgrado e invadiu a Sérvia, mas foi derrotada com pesadas baixas. Contudo eram exércitos muito desiguais e os Áustro-Húngaros acabariam por conquistar Belgrado, mais tarde, com o apoio alemão e búlgaro.

Em ajuda aos sérvios o Império Russo ataca a Sul e derrotou os Austro-Húngaros na Batalha de Lemberg onde estes perdem o seu quarto exército.

A ofensiva Brusilov teve lugar entre 4 e 20 de Setembro de 1916, e o verdadeiro objectivo era aliviar a pressão alemã sobre Verdun. Embora ajudados pelos alemães e pelos búlgaros os austro-húngaros não iriam evitar o colapso das suas frentes de guerra dos Alpes e dos Balcãs, sendo dos primeiros a assinar um armistício, a 3 de Novembro de 1918, depois da derrota de Vittorio Veneto, perante o Exército Italiano, na Frente Alpina.

A Guerra globalizara-se em virtude das grandes potências europeias serem também impérios coloniais. Os alemães tinham tropas em África e na China, a sua Marinha de Guerra, mormente o esquadrão do Pacífico, infligiu uma derrota à Marinha Britânica nas Ilhas Coronel, ao largo do Chile, esquadrão que iria ser aniquilado pelos ingleses nas Ilhas Falkland, pouco depois.

A Alemanha via-se também na necessidade de prestar assistência militar a outras nações do seu lado, como a Bulgária e a Turquia do Império Otomano, fornecendo especialmente oficiais alemães que dirigiam as operações militares. Fragmentava-se assim mais do que o desejável, para poder vencer na sua Frente Ocidental.

Por seu lado os aliados ocidentais recebiam tropas das suas colónias- a chamada família inglesa e francesa. Indianos, neozelandeses, australianos canadenses, senegaleses e outras, numa mistura de povos de quase todo o mundo.

Os aliados ocidentais abriram novas frentes de batalha no sentido de derrotar a Alemanha entrando pelo Sul e logo em 1915 desembarcaram tropas na Península de Galípoli, à entrada dos Dardanelos, mas depois de pesadas baixas, especialmente dos Anzacs- tropas Neozelandesas e australianas, decidiram retirar-se. A verdadeira razão deste desembarque em Galípoli foi o pedido da Rússia aos Ingleses para que abrissem outra frente de combate contra os Austro-Húngaros para aliviar a pressão na Frente Oriental.

Abriam outra frente em, Salónica, no Sul da Grécia com a intenção de evitarem o colapso do exército sérvio, mas não o puderam evitar e, eventualmente esta frente não só absorveu os restos do exército sérvio, mas a Frente Sul iniciada com o desembarque de duas divisões inglesas e francesas em Salónica juntara forças gregas que combatiam os turcos, avançara para Norte, penetrara na Bulgária e ameaçava a Áustria-Hungria, através da Albânia. Iria influir fortemente na Frente Italiana ou Alpina e obrigaria a Áustria a pedir um armistício em 31 de Outubro de 1918.

5 – Outras Frentes

Esta Frente acabou vitoriosa sobre os búlgaros, que pediram um armistício, a 29 de Setembro de 1918. A Bulgária que se colocara ao lado das potências centrais, em 1915, quando tudo corria mal aos aliados ocidentais, com promessas dos alemães e austríacos de ganhos territoriais, foi assim o primeiro país a pedir um armistício. Assina a sua rendição incondicional aos aliados em 30 de Setembro de 1918.

O Império Otomano seria um sério oponente dos objectivos dos aliados. Falámos no desembarque de tropas na Península de Galípoli, ideia de Winston Churchill, como Primeiro Lorde do Almirantado, com o intuito de atacar a Alemanha entrando pelo Sul, mas a resistência posta pelos turcos tornou essas operações impossíveis, pelo que os exércitos dos aliados tiveram que se retirar, depois de deixarem no terreno dezenas de milhar de mortos.

Contra este Império foram criadas também outras frentes. Os ingleses e franceses auxiliados por tropas dos domínios Ingleses e franceses e também por tropas árabes, partindo do Egipto, Palestina e Mesopotâmia conseguiram, depois de duros combates ao longo da guerra entrar em Constantinopla e assinar a rendição do Império Otomano.

Na África Oriental, desde 1914, travava-se também outra guerra menos importante e menos falada, mas em que intervinham forças aliadas substanciais de diversas nações contra forças coloniais alemãs (Schutztruppe) que empataavam recursos aliados necessários noutros teatros de guerra.

Com poucos soldados alemães ,mas servindo-se de soldados indígenas ou “askaris” (Soldados Africanos sob comando europeu), o General Paul Lettow Vorbeck iludiu todo um exército aliado em sua perseguição, durante quatro anos, sem nunca ter sido derrotado e só se rendeu a 23 de Novembro de 1918, na cidade de Abercorn , Mbale, na Rodésia quando lhe chegou a notícia de um armistício.

Notemos aqui que os alemães entraram também no Norte de Moçambique e praticamente “passearam” pela colónia vencendo os portugueses e abastecendo-se de tudo o que necessitavam, incluindo armas e munições.

6 – O bloqueio naval à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro

Nesta Guerra prevaleceu sempre a superioridade naval inglesa que impôs um bloqueio aos portos alemães impedindo a chegada de mantimentos e matérias primas tão necessárias. De igual modo fizeram os italianos impondo um bloqueio naval aos portos do Império Áustro-Húngaro. Estes bloqueios muito ajudaram a enfraquecer as potências centrais. A “Royal Navy” não só desempenhou esta missão, mas manteve as linhas de navegação abertas para os aliados, permitindo a circulação de mercadorias e o transporte de milhões de soldados de todo o mundo.

A guerra submarina iniciada pelos alemães, traria no entanto grandes obstáculos à circulação nos mares ao tentar neutralizar o bloqueio naval inglês.

Os chamados “U-boats” destruíram muitas toneladas de navios e causaram milhares de mortes. Embora quase vitoriosos, eles foram anulados quando o exército americano entrou na guerra e começou a viajar em comboios, sob a protecção de navios de guerra.

7- A Revolução Russa e a entrada na Guerra dos Estados Unidos da América

A Revolução Russa, de Fevereiro a Março de 1917, modificou as condições políticas na Rússia. O Czar foi deposto e um novo regime político foi instaurado e a Revolução de Outubro traz ao poder os Bolcheviques, opostos à guerra, que lhes não corria muito a favor e fizeram um tratado de paz com os alemães.

O Tratado de Brest-Litovsk foi assinado a 3 de Março de 1918. Este Tratado permitiu aos alemães retirar algumas das suas forças a Leste, deslocá-las para a Frente Ocidental e usá-las na sua ofensiva da Primavera. Foi, no entanto, a última tentativa alemã de vencer a guerra.

Se a desistência da Rússia era um contratempo para os aliados, este acontecimento fora compensado pelo reforço do “American Expeditionary Corp” que tinham entrado na Guerra, em Abril de 1917, devido ao afundamento injustificado de navios mercantes. O peso do Exército Americano, porém só fez a diferença a partir de Maio de 1918 quando iniciaram o desembarque mensal de mais de duas centenas e meia de milhar de homens, para compensar a saída russa. Estes militares agora bem equipados fizeram uma diferença e aceleraram o fim da Guerra.

Se a guerra rebentou por causa de um pequeno país, a Sérvia, houve outros pequenos países que nobremente contribuíram com o seu esforço, como Portugal, a Bélgica, a Grécia, a Nova Zelândia e outros, mesmo o Japão veio em auxílio dos aliados, apoderando-se da base Naval alemã de Tsingtao e de algumas ilhas, enviando navios de guerra para o Mediterrâneo e para as costas do Pacífico dos Estados Unidos. A participação portuguesa deu-se principalmente na Frente Ocidental ao contribuir com duas divisões de cerca de 50 000 militares na zona da Flandres, Norte da França, numa área de cerca de 12 kms de Frente, junto ao Rio Lys e onde enfrentaria ataques da ofensiva alemã da Primavera de 1918, onde os portugueses tiveram milhares de baixas. Além deste esforço e ajuda aos aliados também Portugal travava uma guerra em África tendo sido vítima de ataques em Angola logo no início da Guerra e mais tarde no Norte de Moçambique, como já atrás referi.

8 - A Guerra no mar e no ar

No início da Guerra, uma esquadra alemã, saiu da sua base naval de Tsingtao, navegou pelo pacífico e envolveu-se, em combate com uma esquadra britânica ao largo do Chile, junto às Ilhas Coronel, a 1 de Novembro de 1914, como já antes mencionámos,

afundando os dois principais cruzadores da esquadra inglesa. Os restantes três navios que eram rápidos afastaram-se na direcção das Ilhas Falkland, mais para Sul. Morreram neste combate o Almirante Cradock, comandante da esquadra inglesa e cerca de 1700 marinheiros. De Inglaterra foi então enviada uma esquadra muito mais poderosa para dar combate à esquadra alemã. Esta esquadra chegou às Ilhas Falkland a 7 de Dezembro, cerca de um mês após o combate das Ilhas Coronel, e logo a 8 desse mês se envolve em luta com a esquadra alemã que ao ver cruzadores de grande porte tenta afastar-se. Mas os cruzadores ingleses mais rápidos e com canhões de maior alcance acabam por afundar os navios alemães tendo apenas escapado um deles para ser capturado mais tarde.

O comandante da esquadra alemã foi morto, assim como os seus dois filhos e cerca de 1900 marinheiros .

Depois deste combate naval todo o pacífico voltava a ser um mar inglês ,livre para a navegação internacional.

Os próximos combates seriam travados no Mar do Norte ou nas costas inglesas. Os combates navais de Dogger Bank, a 24 de Janeiro de 1915, alguns ataques da esquadra alemã às costas inglesas e a Batalha da Jutlândia entre a esquadra real inglesa chamada de “Grand Fleet” e a principal esquadra alemã foram as grandes lutas navais. Na Batalha da Jutlandia, a 31 de Maio de 1916, embora os ingleses tivessem perdido mais navios e mais homens do que os alemães, estes decidiram retirar-se para nunca mais aparecer a dar combate aos ingleses que mantiveram o bloqueio aos portos germânicos.

Os alemães intensificaram a guerra com submarinos como única maneira de eliminar o bloqueio naval, mas, embora tenham estado perto, não o conseguiram, mesmo depois de afundar muitas toneladas de navios mercantes. Mais do que isso provocaram a entrada da América no conflito, como atrás referimos.

O combate aéreo foi outro aspecto da Guerra. Insignificantes no início, as esquadras de aviação aumentaram em flecha, com um número cada vez maior de aviões de combate. Para o fim da Guerra as forças aliadas podiam pôr no ar cerca de 4000 aviões.

A aviação de combate provou a sua utilidade como nova arma. Igualmente o tanque de guerra foi uma necessidade para reduzir o número de baixas causado pelas metralhadoras e para prestar apoio à infantaria. Introduzido na batalha do Somme, o tanque foi sendo aperfeiçoado , aumentado o seu número e usado em quantidades cada vez maiores. Foi

bastante utilizado na Batalha de Cambrai e provaria que a guerra de trincheiras estava obsoleta e que seria eliminada.

9 – Outras características da Guerra

A opinião pública foi um importante factor no começo da Guerra e no seu termo tanto entre os aliados como das Potências Centrais. Depois de quatro anos de luta as populações encontravam-se exaustas. A Guerra estava a ter uma duração que ninguém imaginara. As economias estavam arruinadas, os homens para alimentar a guerra começavam a escassear e eram necessários na economia. Os bloqueios navais à Alemanha causaram grandes carências na alimentação das populações do centro da Europa. Ao mesmo tempo havia agitação política, greves e mesmo insubordinação de militares.

Esta guerra é um laboratório de novas armas e de novas táticas, desde o uso da propaganda para aliciar populações, ao uso das comunicações sem fios, embora ainda somente por código Morse, mas também provou a obsolescência dos velhos métodos de cavalaria e das cargas de baioneta.

10 – O Armistício

Depois das ofensivas aliadas do Verão de 1918 o estado-maior alemão, sabia que o seu exército da Frente Ocidental não poderia resistir muito mais e resolveu pedir a paz.

A 3 e 4 de Outubro os alemães pedem um armistício ao Presidente Wilson dos Estados Unidos. Este exige a democratização da Alemanha. Recordar aqui que Woodrow Wilson apresentara em Janeiro uma lista de 14 pontos para se chegar à paz na Europa.

O Kaiser alemão abdica para facilitar que se chegasse à paz e refugia-se na Holanda, país neutro.

Assim, a 9 de Novembro um grupo de oficiais alemães atravessa as linhas da Frente Ocidental na Floresta de Compiègne e ali se reúne com o representante dos aliados para ouvir os termos da rendição do Comandante Supremo General Foch, na mesma carruagem de combóio em que Napoleão III assinara a rendição da França ,em 1871.

O Armistício é assinado às 5.10 da manhã ,do dia 11 de Novembro de 1918 e logo difundido a todas as unidades militares e agências de notícias. As hostilidades cessariam nesse dia, às 11 horas em ponto.

Muitas unidades baixaram as armas, antes das 11 horas logo que tiveram conhecimento do acordo, mas outras mantiveram-se teimosamente em hostilidades, disparando sobre o inimigo. Aponta-se um número de 11 000 mortos em combate entre as 5.10 , hora da assinatura do Armistício, até às 11 horas da manhã ,cessação das hostilidades, do dia 11 de Novembro. Os americanos eram os mais renitentes incluindo o seu Comandante John Pershing que se opunha ao Armistício e que queria a derrota completa dos alemães . Até mesmo as peças de artilharia , em muitos lugares disparavam as suas granadas. Chegou a sugerir-se que os soldados disparavam as munições que tinham, simplesmente para não terem que as transportar de novo para os depósitos de onde provinham. Um jovem tenente comandante de uma bateria de artilharia americana, Harry Truman, futuro Presidente dos Estados Unidos, sobre aquele dia anotou o seguinte, como nos diz o Historiador britânico, Martin Gilbert;

East of Verdun, near the village of Herméville, Harry Truman's battery was in action that morning. " I fired the battery on orders until 10.45", he later recalled, when I fired my last shot.⁵

O Armistício de Compiègne impunha pesado castigo aos alemães e foi alvo, até à assinatura do Tratado de Versalhes, de grande contestação por todas as partes, incluindo da América do Norte e da Inglaterra.

⁵ Gilbert, Martin, *The First World War*, Henry Holt, New York, 1994, p.501



2 -- Os negociadores do Armistício de Compiègne. Vemos o Marechal Foch ladeado por dois Almirantes ingleses Hope e Wemyss

http://pt.wikipedia.org/wiki/Armist%C3%ADcio_de_Compi%C3%A8gne



3 -- A assinatura do Tratado de Versalhes-28 de Novembro de 1919

www.google.pt/search?q=o+tratado+de+versalhes+acedido em 14-06-2014

Os alemães tinham que entregar toda a sua marinha, uma enorme quantidade de material de guerra, incluindo artilharia e aviação, milhares de locomotivas e centenas de

milhares de carruagens dos caminhos de ferro, teriam que recuar pelo menos até 40 kms das fronteiras dos países ocidentais, teriam que devolver todos os territórios conquistados, todas as suas colónias e teriam que pagar uma imensa quantia em dinheiro como reparações de guerra.

Entretanto, enquanto não fosse assinado o Tratado final os bloqueios aos portos alemães continuariam. Esta situação agravou as carências alimentares da população alemã causando centenas de milhares de mortes, ao mesmo tempo que na Alemanha alastrava a “influenza”, greves e agitações bolchevistas.

11 – A Conferência de Paz de Paris e o Tratado de Versalhes

Descrevemos já , de forma muito resumida, as origens da Guerra e o seu desenrolar, descreveremos agora as conversações de paz em Paris e a assinatura do Tratado de Versalhes, resultante dessas conversações e como este Tratado apenas pôs fim à Guerra dos exércitos, mas não à guerra política.

O Armistício e o Tratado de Versalhes foram consequências da Guerra. Veremos como este irá modelar todo o Século XX.

A Conferência de Paz de Paris teve início, em 18 de Janeiro de 1919 e termo a 20 de Janeiro de 1920, um ano depois da sua abertura. Os seus objectivos eram determinar uma nova ordem mundial, especialmente na Europa, analisar propostas dos 69 países convidados a participar, decidir o que fazer com a Alemanha e os restantes países derrotados , incluindo culpabilizar a Alemanha pela Guerra (“War guilt”) , e apontar o montante monetário das indemnizações, além de uma nova geografia política na Europa e no mundo resultante das aspirações de algumas minorias e de promessas feitas a países que lutaram ao lado dos aliados assim como da alienação do Império Colonial Alemão.

Embora a Conferência fosse representada por 69 países esta foi dominada pelos chamados “Quatro Grandes”, ou seja, os países que mais se esforçaram na vitória conseguida e os que mais sofreram com a Guerra, que foram a França, Grã-Bretanha, Itália e Estados Unidos da América. A Rússia não foi convidada a participar devido à paz separada que fez com a Alemanha, Tratado de Brest–Litovsk , a 3 de Março de 1918, e consequente retirada da Guerra.

A Itália pouco lhe interessava certos pontos além dos seus objectivos territoriais que lhe tinham sido prometidos pelo Tratado de Londres de 1915, para a aliciar a juntar-se aos aliados. Surgiram divergências, especialmente com os Estados Unidos que não tinham assinado o Tratado de Londres.

Também entre os restantes Três Grandes surgiram divergências. A Grã-Bretanha era representada por Lloyd George que a certa altura entrou em colisão com Clemenceau, representante da França, devido às suas exigências em desmembrar a Alemanha e criar um estado na Renânia para servir de zona tampão para a defesa da França e de aplicar severas indemnizações pecuniárias. Os Estados Unidos inclinavam-se também para uma certa moderação e tolerância para com a Alemanha.

Tal era a oposição de Lloyd George a certos pontos das negociações que este se retira para Fontainebleau e, a 25 de Março de 1919 e apresenta o Memorando do mesmo nome em que defende moderação. Trabalha com o Presidente Wilson e Clemenceau e convence estes a aceitar os seus pontos de vista. Pela sua actuação na Conferência foi chamado de “pacificador”, pois salvou o Tratado que seria assinado a 28 de Junho de 1919.

Como parte do conteúdo do Armistício os aliados tinham exigido aos alemães o internamento, no Norte de Inglaterra, de grande parte das unidades de guerra alemãs, sem munições e com uma tripulação de manutenção mínima. Assim a esquadra foi internada em Scapa Flow, mas o seu almirante, para impedir que ela fosse reforçar a marinha inglesa ordena o seu afundamento, indo exacerbar, contra a Alemanha, as negociações de Paris. O Almirante Von Reuter tinha conseguido, a 21 de Junho de 1919, afundar 52 dos 74 navios internados em Scapa Flow.

Este acto de má fé do comandante da esquadra alemã permitiu que a França tenha conseguido muito do que queria, pois endureceu as negociações retirando oposição dos outros países vencedores.

De longe o ponto de maior fricção foi o de “ War Guilt”. ou seja o Artigo 231 do Tratado que impunha à Alemanha a culpabilidade da Guerra e portanto sujeita a pagar indemnizações. Esta cláusula foi discutida durante dezenas de anos com dezenas de volumes de documentos publicados pelos governos no sentido de defenderem o seu ponto de vista ou a sua razão...

The circumstances that provoked and triggered the war to end all wars, have excited academic debate ever since, mostly focused on the machinations of statesmen, generals and diplomats. Argument initially centered on apportioning blame among the leaders of the Great Powers for seeking or starting the War, a debate that has been effectively resolved since the release of records in the 1960`s."..."The youngest and most aggressive of the European Empires, Germany, was conventionally accused of militarism' by contemporaries, and has since been recognized as the state most committed in advance to a European war ⁶.

12 – O Tratado de Versalhes e outros tratados

O Tratado de Versalhes pôs oficialmente fim à Primeira Guerra Mundial. Nele se declarava a culpabilidade da Guerra (“War Guilt”) à Alemanha (artigos 231-247 do Tratado) e se lhe exigia pesadas reparações de guerra a um determinado número de países, entre os quais Portugal.

A República de Weimar que sucedera ao Império Alemão foi representada pelo seu Ministro do Exterior Hermann Mueller que assinou o Tratado a 28 de Junho de 1919, exactamente 5 anos depois do assassinato do Príncipe Franz Ferdinand do Império Austro-Húngaro, em Sarajevo.

O Tratado, tal como as condições do Armistício, causou revolta na população alemã pela severidade e humilhação que impunha e viria a ter sérias consequências para toda a Europa, como veremos mais adiante.

Os alemães tinham iniciado o processo de paz julgando que este seria baseado na Proposta de Paz do Presidente Wilson, Proposta dos Catorze Pontos, mas somente quatro das suas alíneas foram consideradas, o que os revoltou.

A França, como país onde se desenrolou a guerra foi o mais exigente e difícil nas conversações por também ser dos que mais sofrera.

Basicamente o Tratado de Versalhes além de exigir da Alemanha as imposições constantes do Armistício retirava a esta certos territórios que anteriormente eram parte da

⁶ Pope, Stephen, Wheal, Elizabeth –Anne, The Macmillan Dictionary of The First World War, London,

Alemanha, como a Alsácia e a Lorena e partes da Polónia, perdia todo o Império colonial e restituía à Rússia todo o território que adquirira pelo Tratado de Brest-Litovsk (Março de 1918).

Pelas exigências que fazia, pelos desacordos que causou, pela reprovação de certos meios políticos e económicos , incluindo a opinião do economista britânico John Keynes, na sua obra “As consequências económicas da paz” em que considerava o Tratado de maneira desfavorável, viria a influir grandemente na rejeição pelo Congresso Americano do Tratado de Versalhes e a consequente não adesão à Liga das Nações .

As outras potências centrais aliadas da Alemanha, como a Áustria-Hungria, a Bulgária e a Turquia fizeram os seus tratados próprios. O Tratado de Saint Germain, de 10 de Setembro de 1919, estabeleceu a República da Áustria e a alienação de terras à Polónia, Itália, Checoslováquia, Sérvia, Croácia e Roménia. Determinava também que no futuro este País não se poderia unir à Alemanha – independência condicionada. O Tratado de Trianon foi assinado a 4 de Junho de 1920, no Palácio Trianon em Versalhes determinando a nova condição da Hungria, derrotada na Guerra, incluindo a cedência de terras. O Tratado de Neuilly , assinado em 27 de Novembro de 1919 estabelecia o estatuto da Bulgária, como potência vencida e estabelecia o seu território. O Tratado de Sèvres foi assinado a 10 de Outubro de 1920. Neste Tratado o Império Otomano perde muitos dos seus territórios na Europa e no Médio Oriente, além de tornar zonas livres o acesso aos Dardanelos e ao Bósforo. Este Tratado não foi bem aceite pelos turcos que se envolveram e venceram uma guerra com a Grécia. Pelo Tratado de Lausanne de 1923, a Turquia recuperou alguns territórios que tinham sido atribuídos à Grécia pelo Tratado de Sèvres. Já falámos no Tratado de Brest-Litovsk ,de 3 de Março de 1918 entre a Rússia e a Alemanha em que esta se apoderara de um grande território a Leste, mas pelo Tratado de Versalhes a Alemanha foi obrigada a restituir todo esse território.

Se a Guerra fora uma catástrofe para a Europa o Tratado de Versalhes oficializou e prolongou essa catástrofe, embora que por 20 anos todos tivessem que viver com ele.

13 - Um tratado humilhante para a Alemanha

O Tratado de Versalhes impôs muitas alterações à sociedade europeia no campo laboral, embora nem todos os países o tivessem adoptado. Criava leis do trabalho, como

salário mínimo, semana de 48 horas ou 8 horas por dia, direito à greve, regulava o trabalho de menores e das mulheres. Criava a Liga das Nações que tinha por fim manter a paz, servindo de arena para que os países envolvidos em disputas pudessem dialogar. A Liga das Nações não teve um grande sucesso, embora resolvendo alguns problemas não foi capaz de evitar em 1939, a Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra Mundial é uma consequência da Primeira, uma vez que a Alemanha nunca aceitou o Tratado de Versalhes por este impor condições humilhantes para o povo alemão. Recorde-se que o bloqueio naval aos portos alemães só foi levantado depois de assinado o Tratado tendo morrido entretanto à fome cerca de meio milhão de pessoas. Também não aceitara que lhe retirassem certas partes do seu território com maioria de população alemã como partes que foram para a Polónia.

A Alemanha combateu eficazmente o Bolchevismo, mas substituiu este pelo fascismo como acontecera na Itália. Em 1933 chega ao poder Adolfo Hitler, um ex-combatente da Primeira Grande Guerra que se sentia revoltado e traído por algumas classes alemãs que culpava pela derrota, como judeus e bolchevistas.

Para se compreender os horrores da Segunda Guerra Mundial é necessário compreender o Armistício e a maneira como influiu no Povo Alemão e na mente de Adolfo Hitler. Este alistara-se na Guerra como voluntário num regimento da Baviera. Ferido em combate, quase cego devido ao bombardeamento com gás, foi duas vezes condecorado e sentia que o exército alemão fora apunhalado pelas costas, assim como uma grande parte da população alemã...

The Germans felt betrayed by those who had signed the Armistice, handing victory to the allies at the negotiating table. That day General Von Einem, commander of the German Third Army, told his troops; Firing have ceased.undefeated... you are terminating the war in enemy country.⁷

A Segunda Grande Guerra aliás traria uma série de líderes que combateram ou foram relevantes na Primeira, personagens como Harry Truman, Charles de Gaulle, Lord Montgomery, Rommel, Guderian, MacArthur, George Patton, George Marshall, Petain, Mussolini, Hitler, Winston Churchill, Estaline, Atlee e outros.

A Revolução Russa de 1917 foi também uma consequência da Guerra, pois quando as agitações estalavam devido ao esforço de guerra imposto às camadas sociais, não havia forças de segurança capazes de responder eficazmente às rebeliões. Assim o Bolchevismo tomou

⁷ Gilbert, Martin, *The First World War*, Henry Holt, New York, 1994, p. 503

conta da Rússia e a retirou da Guerra, causando provavelmente a Ofensiva Alemã da Primavera de 1918. Também na Alemanha, como dissemos antes, o Bolchevismo foi um grande problema para este País envolvido na Guerra ao longo dos quatro anos e, devido a esta, causou descontentamento e grandes sacrifícios da população, criando muitos aderentes às novas ideias políticas.

Nalgumas cidades formaram-se mesmo comités de Bolchevistas para governar. A Alemanha apoiara durante muito tempo a Lenine, mas depois as suas doutrinas passaram à Alemanha. Valeu a esta a reorganização do exército alemão por alguns oficiais mais dedicados que tomaram a tarefa de impor a ordem com os 100.000 efectivos que era o máximo permitido pelo Tratado de Versalhes.

A Revolução Russa de 1917 vai dividir a Europa em dois blocos ideológicos e, embora aliados na Segunda Guerra Mundial, de 1939 – 1945, a Rússia, agora União Soviética, vai causar a Guerra Fria, polarizando o Mundo até 1991. Nenhum tratado resolveu, até agora alguns dos problemas políticos causados pela Primeira Grande Guerra, como o problema da Palestina e dos Países Balcânicos.

14 – A nova geografia política mundial

Na Europa formaram-se novos países como a Polónia, Checoslováquia e outros. Houve deslocções de populações e aumento ou diminuição do território de alguns países. Já falámos na Alemanha que perdera a Alsácia Lorena para a França, parte da Prússia para a Polónia e para a Checoslováquia. A Hungria torna-se um país independente da Áustria e perdera também parte do seu território para a Itália.

Também outros territórios foram afectados como todo o ex- império colonial alemão que passara para a França, Grã-Bretanha, Japão e África do Sul. Na Palestina, os ingleses através da “Declaração Balfour” prometiam uma pátria para os judeus “Jewish homeland”, pela sua ajuda no combate aos turcos, o que só viria a ser conseguido a 14 de Maio de 1948. A Declaração Balfour, datada de 2 de Novembro de 1917 e publicada na imprensa a 9 de Novembro, do mesmo ano, era uma carta do então Ministro Inglês dos Negócios Estrangeiros (Foreign Office) Arthur Balfour a Walter Rothschild, chefe da Comunidade Judaica Britânica e do seguinte teor;

His Majesty's government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country.⁸

Tentou-se criar uma pátria para os Arménios que tanto sofreram às mãos dos turcos, mas os americanos que deveriam tutelar o novo país rejeitaram o Tratado de Versalhes e tudo continuou na mesma, até que nos fins do Século XX , com o fim da Guerra Fria e a fragmentação da União Soviética, ganharam a independência.

Na Alemanha surgira a República de Weimar para ir de encontro aos desígnios políticos dos vencedores da Guerra, mas logo em 1922 Mussolini na Itália iria instaurar um regime fascista e já nesse ano na Alemanha Hitler falava ao povo alemão em vingança e iria impor o fascismo ao Povo Alemão já em 1933. Também em Espanha era imposto o fascismo em 1939, pelo General Francisco Franco, após uma guerra civil (1936 – 1939).

15 – A nova condição da Mulher

A Guerra trouxe também mudança de condições sociais especialmente a maneira como a mulher ganhou um estatuto diferente. A falta de mão-de-obra devido aos milhões de homens que partiram para a guerra obrigou ao uso de mulheres em tarefas que até então não faziam. Nas fábricas, no campo, nas cidades e no esforço de guerra elas ganham um novo valor.

Muitas mulheres ocuparam cargos de relevo pela falta de homens, mas o seu emprego cresceu em toda a Europa incluindo na Rússia. Elas organizaram-se em sindicatos e lutaram pelos seus direitos de salário igual para trabalho igual. Não só ganharam direitos sociais, mas também políticos como o direito de voto, nalguns países. Tomaram consciência da sua nova liberdade e adoptaram novas formas de vestir mais liberais.

⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/Balfour_Declaration- acessado em 12.03.2014

16 - A causa primeira da Segunda Grande Guerra de 1939 –1945

Já falámos da Segunda Grande Guerra como uma consequência da Primeira...

The First World War was a tragic and unnecessary conflict. Unnecessary because the train of events that led to its outbreak might have been broken at any point during the five weeks of crisis that preceded the first clash of arms had prudence or common goodwill found a voice; tragic because the consequences of the first clash ended the lives of ten million human beings, tortured the emotional lives of millions more, destroyed the benevolent and optimistic culture of the European continent and left, when the guns at last fell silent four years later, a legacy of political rancor and racial hatred so intense that no explanation of the causes of the Second World War can stand without reference to those roots.⁹

Vimos também como o Tratado de Versalhes não agradou a ninguém, vitoriosos ou vencidos. Os Aliados ficaram com centenas de milhares de deficientes de guerra, as suas economias a necessitar de uma reconversão à nova situação, partes de França com a sua agricultura e indústrias em ruínas. Foi uma “vitória pírrica”.

Por seu lado a Alemanha que não combatera no seu território ficou com as suas estruturas intactas e não chegou a pagar os milhões que deveria ter pago de acordo com o Tratado de Versalhes. Esta situação permitir-lhe-ia recuperar muito rapidamente a sua produção de antes da Guerra.

17 – Outras consequências da Grande Guerra de 1914 – 1918

Desde o início do Século XX que a Rússia vinha a sofrer demonstrações e greves do seu povo, mas foi a Guerra que mais protestos trouxe e que finalmente em 1918 levaria à execução do Czar e sua família, a 17 de Julho de 1918, às ordens de Lenine.

Estas ideias políticas muito preocuparam os aliados (e os seus inimigos) que no fim da Guerra chegaram a desembarcar tropas no Norte da Rússia no sentido de eliminar o bolchevismo. Receavam que a Alemanha fosse também incapaz de conter esta forma de governo.

Embora a Alemanha tenha combatido eficazmente os “soviéticos”, instalaram-se logo a seguir ideias políticas totalitárias de ditadura, resultantes do extremismo ideológico e da insatisfação com o Tratado de Versalhes, que começando em Itália iriam alastrar à

⁹ Keegan, John, *The First World War*, Random House, London, 1998, p.3.

Alemanha, Espanha e Portugal. O comunismo e as ditaduras iriam ser exportadas a quase todos os continentes durante o Século XX.

Finalmente consideramos como consequências da Grande Guerra de 1914 – 1918, não só a Liga das Nações, mas a sua sucessora a Organização das Nações Unidas, a criação do Conselho da Europa e a própria União Europeia, assim como do princípio de autonomia dos povos defendido por Woodrow Wilson, Presidente dos Estados Unidos da América, na sua “Declaração de 14 pontos”.

A Primeira Grande Guerra causou milhões de mortos, a sua grande maioria na Frente Ocidental, guerra de trincheiras, com bombardeamentos de artilharia durante dias a fio em que só era possível enterrar os mortos nas imediações.

Estas campas eram sujeitas a rebentamentos constantes que faziam desaparecer os corpos e tornavam impossível uma identificação posterior. Além das granadas de artilharia havia as práticas de minagem ou “tunnelling” que consistia na escavação de minas por baixo das trincheiras inimigas colocando enormes cargas explosivas que na Batalha de Messines causaram mais de 10000 mortos aos alemães...

The key factor in the success was the simultaneous explosion of nineteen great mines, containing 600 tons of explosives and involving the tunneling of 8000 yards of gallery¹⁰

¹⁰ Hart, Liddell, History of the First World War, Papermac, London, 1997, p.323



4 -- Batalha de Messines, 7 de Junho 1917-crateras de minas subterrâneas-
<http://www.visitflanders.co.uk/discover/flanders> - acedido em 25-06-2014

Por isso houve milhões de soldados desaparecidos e ou não identificáveis, o que nos leva ao tema principal, objecto deste trabalho “A invenção de uma tradição cívica. O culto do soldado desconhecido”.

Folha em branco

Capítulo II - A invenção de uma tradição cívica . O culto do Soldado Desconhecido

1- Introdução

Neste Capítulo II , essencialmente o objecto desta dissertação, irei apresentar o tema dos “Soldados Desconhecidos”, isto é, os soldados que depois do combate não foi possível identificar. Estes soldados pertenciam a todos os países envolvidos na guerra e tombaram em todas as frentes.

Abordarei o nascer da ideia de enterrar um destes soldados no seu país natal com o nome de “soldado desconhecido”, representando todos os soldados não identificados .

Veremos como o significado e o objectivo primário evoluiu na sua representação, como essa prática foi adoptada quase universalmente por tantos outros países ao ponto de podermos dizer, uma vez mais que a Europa se tornou globalizante.

Lembraremos como a Europa, devido à Guerra, onde combateram povos e etnias de outros continentes se tornou num centro de peregrinação, especialmente em França- Frente Ocidental, onde os cemitérios são às centenas e visitados por multidões que prestam homenagem aos seus familiares ali caídos.

Falarei também da atracção dos monumentos do Soldado Desconhecido não só por familiares de desaparecidos, mas também por visitantes , em continentes diferentes, que sem nunca terem perdido nenhum familiar na Guerra, se sentem impulsionados por nacionalismo obrigação moral ou gratidão para com o seu país, a visitar estes locais. É o caso do Cemitério Nacional de Arlington, nos Estados Unidos, visitado anualmente por mais de três milhões de turistas. Entre os muitos , ali se encontram, túmulos famosos como John Kennedy, Ronald Reagan, Robert Lee, por exemplo, mas o monumento sempre mais visitado é o Túmulo dos Soldados Desconhecidos ou “ The Tomb of the Unknowns”, pois ele representa três soldados de três guerras diferentes.

Passarei depois às cerimónias individuais dos primeiros países que tomaram a decisão de enterrar um soldado desconhecido em representação de todos aqueles militares que não foi

possível identificar . Farei uma comparação das diferentes cerimónias , evolução e aperfeiçoamento das mesmas e finalizarei com os ritos do culto e sua influência nos aspectos turístico, nacionalista, religioso e até económico.

Assim selecionei cinco países para incidência deste trabalho, a Grã- Bretanha, a França, Portugal, a Itália e os Estados Unidos da América, que me pareceram ter sido os primeiros a honrar o “Unknown Warrior”, “Le Poilu Inconnu”, o Soldado Desconhecido”, “ Il Milite Ignoto”, e “The Unknown Soldier”, como eles designaram o seu militar não identificado.

A ordem de apresentação é a ordem cronológica das cerimónias nos países referidos.

A Grã-Bretanha e a França fizeram as suas cerimónias no mesmo dia, 11 de Novembro de 1920, mas a França apresenta-se em segundo lugar, pelo facto de que o corpo do seu “Poilu Inconnu”, só é colocado no seu túmulo, a 28 de Janeiro de 1921, por razões políticas e sociais.

2 - Origens dos soldados desconhecidos

Durante esta Primeira Grande Guerra, em todas as frentes de batalha e em todos os exércitos, houve cerca de 10 milhões de soldados mortos em combate. Se não morreram no campo de batalha morreram nos anos imediatos devido aos ferimentos ou lesões recebidas, sendo este número apenas uma estimativa .

Já na cultura grega da Antiguidade havia o culto dos mortos. Estes não poderiam ter descanso enquanto não fossem sepultados com uma devida cerimónia. A *Íliada*, atribuída a Homero, mas de autoria e data de aparecimento muito disputadas ,relata-nos o episódio da Guerra de Tróia em que Aquiles enfurecido, depois de matar Heitor , por vingança da morte de seu primo Pátroclo, arrastava todas as manhãs pela areia o cadáver do seu inimigo Heitor e não lhe permitia um funeral. Então o Rei Príamo , pai de Heitor ,resolveu ir ao campo dos gregos implorar a Aquiles a sua compaixão beijando as mãos que lhe mataram o seu filho, para que este lhe devolvesse o cadáver a fim de lhe poder dar o enterro merecido. Aquiles emocionado por esta acção ou a pedido dos deuses, devolveu ao Rei de Tróia, o cadáver de Heitor e a promessa de tréguas para a duração das cerimónias fúnebres ¹¹ . Em *Antígona*, apresentada em 442 a.C, por Sófocles, se fala também nos deveres para com os mortos e no direito destes a um enterro digno. Era a Lei Divina que se sobrepunha à Lei dos Homens e um

¹¹ Pereira, Maria Helena Rocha, *Hélada*, Edições Asa, Porto 2005, p.p.61-69.

direito natural de todos os seres humanos ¹². Tucídides, historiador grego, na sua “Guerra do Peloponeso”, passada entre 431 e 404 a.C., também nos fala do respeito pelos mortos, mais especificamente a soldados falecidos em combate...

Durante este mesmo Inverno, os Atenienses, seguindo o exemplo dos seus antepassados, celebraram da seguinte maneira funerais públicos em honra dos que primeiro morreram nesta guerra; durante três dias, as ossadas dos mortos ficam expostas numa tenda construída para o efeito e cada um trazia aos seus mortos a oferta que queria. Quando o cortejo fúnebre se realizou, carros levaram os caixões de cipreste, um para cada tribo. Os ossos são colocados no caixão de cada tribo; uma carreta fúnebre é deixada sem nada dentro e adornada em honra dos desaparecidos, cujos corpos não tenham sido encontrados para fazer o funeral ¹³

Esta prática, do respeito pelos mortos, foi transmitida à cultura europeia através dos séculos. Todos os países prometiam aos seus soldados um enterro digno, se caíssem em combate. Desde cedo a tarefa da repatriação dos mortos caídos em território estrangeiro se verificou impossível, por razões logísticas e, especialmente políticas e económicas.

3- Os mortos e desaparecidos na Grande Guerra

No princípio da Guerra houve algumas repatriações de soldados ingleses para Inglaterra especialmente financiadas por famílias abastadas. Contudo esta medida começou a ser contestada por injusta para com as famílias de militares pobres e foi também criticada pela Cruz Vermelha e o governo inglês parou com aquela prática a partir de 1915. Além do financiamento privado não poderia pensar-se no financiamento pelo estado, porque estes necessitavam desses recursos para continuar a guerra. Recorde-se que todos os estados beligerantes saíram da Guerra depauperados, excepto os Estados Unidos da América cujas reservas de ouro aumentaram em flecha e o Japão que sem grande esforço viu aumentado o seu império colonial à custa das colónias alemãs de Tsing-Tao, na China, Ilhas Carolinas, Marshall e Marianas, no Oceano Pacífico. Também alguns estados neutros beneficiaram da Guerra, entre eles a Holanda e a Suíça. Os transportes eram escassos, pois estes estavam ao serviço dos exércitos. Havia opiniões de que os militares deveriam permanecer na terra onde caíram. Depois havia também os desaparecidos em combate, e os mortos não identificados e

¹² Pereira, Maria Helena Rocha, Antígona, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008

¹³ Tucídides, Guerra do Peloponeso, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, p.198

nunca se poderia saber se este cadáver pertencia a um soldado A ou B, pois este poderia também ter sido feito prisioneiro.

Fortes razões militares e políticas , especialmente para ocultar o número de mortos e não desencorajar os alistamentos voluntários ou obrigatórios, levou a que, em 1915, como já referi, a Inglaterra proibisse a transladação de militares falecidos em combate. Até os mutilados eram descarregados de noite, por receio das consequências políticas...

The prospect of an endless procession of coffins passing through the ports and railway stations and filling to overflowing the cemeteries of every town and village, like the plague dead of 250 years before, would have had a devastating impact. In the absence of corpses, it is easier to justify death and killing.¹⁴

Também outros países como a França e Estados Unidos permitiram algumas transladações, mas depois as desencorajaram ou mesmo proibiram. Mas o maior de todos os problemas eram os desaparecidos , especialmente os corpos não identificados. Que se fazia com eles?

Assim os corpos, em geral, eram enterrados no local ou perto do local onde faleciam. Os identificados eram referidos pelo seu nome e unidade, os não identificados eram simplesmente designados por desconhecidos ou não identificados. Algumas vezes, na Frente Ocidental, havia tréguas para recolher os mortos e feridos, mas não era regra geral e aconteceu poucas vezes. Por ocasiões, também raras, era o próprio adversário ,mostrando respeito e humanidade, que enterrava os mortos sem discriminá-los como nos relata um soldado alemão numa carta à sua família...

In areas where fierce fighting continued, the dead had to be buried anywhere and by any means possible. Burying the killed in No Man's Land had been rather dangerous, because the British started shooting right away and they were trigger-happy during the night. We buried as many as we could reach in ditches in No Man's Land, without coming too close to the British trenches. Having finished our work ,we planted a white cross on top. Two days later we were surprised to see at day break a large white cloth, five to seven yards wide, fastened on two high poles on the first British trench - "We thank you for burying our man" - and the whole day they did not fire a single shot, even if they saw somebody moving about our trench.

Many bodies had to be left to rot where they fell. Lucky the few whom we or those opposite have been able to inter with some sort of decency, for fragments of human bodies are still hanging in the barbed wire." . Only a little while ago, close in front of our trench, was a human hand with a ring one finger . A few yards away was a forearm of which finally only

¹⁴ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier* ,Doubleday, London, 2005, p.289

the bone remained – so good does human flesh tastes to rats. But even when buried, the dead had no rest beneath the earth, for the shells plunge deep into the ground and blow up the graves.¹⁵

Em toda a Frente Ocidental e mesmo noutras frentes foram organizados cemitérios por nacionalidades, sendo a Frente Ocidental a que mais cemitérios tem. Nesta Frente o Governo Francês concedeu mesmo a propriedade das terras ocupadas pelos cemitérios, em perpetuidade aos países cujos soldados ali tinham sido sepultados. O Governo Belga procedeu do mesmo modo.

Dentre os 10 milhões de soldados caídos, cerca de três milhões deles desapareceram ou cujos restos mortais não foi possível identificar. Isto acontecia de diversas formas:

- a) Desaparecimento completo- não deixavam qualquer vestígio, quando eram atingidos directamente por uma granada de artilharia ou quando eram incinerados pelos lança-chamas , predominantemente quando atingidos por granadas de artilharia que caíam muito próximo. Os seus corpos eram como que pulverizados pelo impacto, desaparecendo totalmente;
- b) Havia também situações em que perdiam qualquer elemento de identificação, como por exemplo, perdiam a cabeça e outras partes materiais ou físicas identificativas e eram enterrados desse modo;
- c) Eram identificados e enterrados na retaguarda com campas marcadas e ficavam sempre nos respectivos sectores (inglês, francês, alemão, etc.), mas com o decorrer da guerra os seus locais perderam-se ou foram destruídos devido aos bombardeamentos constantes da artilharia cujas granadas revolviam a terra fazendo crateras e traziam ao de cima os corpos e os destruíam e dispersavam aquém de qualquer possibilidade de identificação;
- d) Corpos perfeitamente identificados os quais durante os combates não era possível enterrar na retaguarda e que devido ao cheiro eram colocados nos parapeitos das trincheiras para protecção e saneamento e ali eram destruídos pelo fogo inimigo;
- e) Os vivos desconhecidos – Militares que devido aos efeitos da guerra causados por gás, rebentamento de granadas de artilharia (Shell shock) e outras condições de combate, perderam não só qualquer identificação material mas também mental, por exemplo, o soldado Anthelm Mangin que em Fevereiro de 1918 aparecera deambulando na estação dos caminhos de ferro de Lyon, sem se lembrar de nada e que nunca ninguém conseguiu identificar (Le soldat Inconnu Vivant). Este soldado foi durante muitos anos reclamado e pretendido por muita gente como seu familiar, até à sua morte, em 1942.¹⁶

¹⁵ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier* ,Doubleday, London, 2005, p.p.13,14

¹⁶ Naour, Jean , *Le Soldat Inconnu Vivant* , Metropolitan Books, New York, 2004

f) Alguns exércitos não se preocupavam em identificar os corpos ou marcar campas ou valas comuns que igualmente se perdiam. Esta atitude era comum nos exércitos da Aliança Tripla, dos russos e ainda de outros exércitos.

Este problema dos corpos de soldados não identificados preocupou todos os exércitos e os governos das nações envolvidas. Como se poderia notificar uma família do soldado sem ter a certeza de que o soldado morrerá? Poderia estar simplesmente desaparecido, simplesmente ferido em combate e não identificado, por exemplo os feridos graves que não podiam falar, poderia ter sido feito prisioneiro e ser libertado no fim da Guerra.

Todas estas situações preocuparam os exércitos que pensaram nos familiares que não podiam prestar o luto aos seus militares falecidos, fossem filhos, pais, irmãos, maridos, que tinham cumprido o seu dever, que tinham feito o sacrifício supremo pelo seu país e nem sequer podiam ter uma campa.

4 - O Soldado Desconhecido

Nasce então a ideia de chamar a um soldado morto em combate e não identificado de “Soldado Desconhecido” como representação de todos os não identificados daquele exército, e enterrar um deles representando todos os outros desaparecidos.

Não sabemos qual o país ou exército que primeiro tivesse tido esta iniciativa, embora alguns autores que pesquizei afirmem que o Soldado Desconhecido é uma ideia da Itália, da França e da Grã Bretanha;

The Tomb of the Unknown Soldier was a new memorial invented by the Italians, the French and the British, in the last days of the War and in its immediate aftermath, though it is clear that the concept of an Unknown Soldier was widespread in all combatant nations, including the United States and Germany.¹⁷

¹⁷ Wittman, Laura, *The Tomb of the Unknown Soldier, Modern Mourning, and the Reinvention of the Mystical Body*,



5 -- Monumento ao Landsoldaten (Soldado de infantaria) ,da 1.^a Guerra de Schleswig ,de 1849, na cidade de Fredericia (www.wikipedia.org 04-01-2014)

No entanto parece que o primeiro monumento foi erguido em 1849, na Dinamarca ao "Landsoldaten", combatente da Primeira Guerra de Schleswig, na cidade de Fredericia, seguido logo de outro nos Estados Unidos da América já em 1866 com o enterro, em vala comum, de 2111 combatentes não identificados da Guerra Civil de 1861/1865.

5 - **“The Unknown Warrior” - Grã Bretanha**

Como já se afirmou alguns autores referem a ideia original de enterrar um soldado caído na Guerra e não identificado, à Inglaterra, França e Itália.



6 -- Monumento aos mortos não identificados- 1866, da Guerra Civil Americana -www. Wikipedia, org- acedido em ,04-01-2014

O que me parece é que a ideia, isto é , o que fazer com os mortos não identificados, esteve sempre nas mentes dos governos representantes dos exércitos em luta, embora a sua aplicação ou a resolução do problema tivesse tido alguma complexidade política, moral, religiosa e económica, especialmente à medida que a Guerra se prolongava as baixas aumentavam e a logística se tornava mais difícil e complexa.

5.1 – A ideia do capelão

No que se refere à Grã-Bretanha e segundo alguns autores foi já em 1916 que David Railton (1884-1955), capelão militar voluntário em serviço no Corpo Expedicionário Britânico em França, ao olhar a campa de um soldado britânico sem nome e ao proceder a enterros de soldados não identificados que não teriam ninguém para lhes prestar luto, pensou que se um daqueles soldados fosse levado para o seu país onde lhe pudessem prestar homenagem, em representação de todos os não identificados, seria uma boa acção.

A ideia assentou na sua mente e já em Inglaterra depois de terminada a Guerra, a 11 de Novembro de 1918, resolveu escrever e expor este pensamento a Lord Douglas Haig (1861-1928) comandante das Forças Expedicionárias Britânicas, mas não obteve resposta. Railton foi colocado como vigário da Paróquia de São João Baptista, em Margate e, sem nunca desistir da sua ideia, a 20 de Agosto de 1920, escreveu ao Deão de Westminster Abbey, o Reverendo Herbert Ryle, sobre a possibilidade de enterrar um soldado não identificado, morto em combate, trazendo-o para Inglaterra e dar-lhe um funeral com todas as honras em representação de todos os outros combatentes não identificados, caídos em França. Railton acrescentou também a ideia de cobrir o caixão com uma bandeira que servira na Guerra, a sua bandeira, (ver mais adiante, “The Padre’s Flag”) que ele religiosamente cuidara, guardara e que servira para cobrir tantos caixões e fora muito usada também para cobrir os altares de missa na Frente Ocidental onde o Padre fora capelão.

O Reverendo Ryle não foi contra a ideia, mas aconselhou precaução, pois era um assunto muito delicado.

Entretanto, o plano francês de enterrar um “Poilu Inconnu” debaixo do Arco de Triunfo estava em andamento e a ideia já não era exclusivamente inglesa.

Também na Inglaterra em sequência das notícias de França, o “Daily Express” lançava uma campanha para enterrar um soldado desconhecido por detrás do cenotáfio a ser erguido em Whitehall, justificando que o corpo de um Soldado Desconhecido Britânico enterrado junto do Cenotáfio - memorial fúnebre para homenagear a uma ou a um grupo de pessoas cujos restos mortais estão noutra local ou em local desconhecido, ajudaria à sua consagração e a amenizar a dor de tantas famílias.

Os Veteranos Britânicos da Guerra apoiavam tal iniciativa e o assunto começou a ser discutido no Parlamento.

O Padre David Railton, a 19 de Outubro de 1920, quase dois meses após a sua carta ao Deão de Westminster Abbey recebera uma comunicação deste pondo-o ao corrente do seu trabalho, porque não tinha ficado de braços cruzados, pois sondara as opiniões dos outros chefes da hierarquia eclesiástica que tinham ficado entusiasmados. A 4 de Outubro o Deão Ryle escrevera a Lord Stamfordham, secretário particular do Rei George V, comunicando-lhe as suas intenções, mas fazendo sua a ideia ...

I am desirous to approach the King upon a matter...there are thousands of graves, I am told, of English" tommies" Who fell at the Front - names not known. My idea (emphasis added) is that one such body (name not Known) should be exhumed and interred in Westminster Abbey .¹⁸

O Rei George V rejeitou logo a proposta como tardia e inapropriada temendo repercussões sociais num país a braços com alto desemprego e tantos incapacitados de guerra.

O Deão Ryle então escreveu a Lloyd George, o Primeiro Ministro Britânico, e ele compreendeu que era uma ideia certa para justificar e validar tanta perda de vidas na guerra, mas também receava repercussões sociais pelos motivos acima expostos e com tantos problemas causados por greves e pelos desmobilizados da Guerra, uns desempregados outros incapacitados. Só amputados havia mais de 50 mil, enquanto os incapacitados chegavam aos 250 mil.

Lloyd George recebeu portanto a ideia com apreensão, mas discutiu-a com o Rei e com o seu gabinete.

Desde o Armistício de 11 de Novembro de 1918 que as condições económicas e sociais tinham piorado na Inglaterra. Das frentes de guerra tinham sido desmobilizados centenas de milhar de soldados que regressavam a uma pátria que não tinha emprego para eles. Tinham partido com a ideia de uma vitória rápida e regressariam a um país melhor que lhes daria uma boa vida. Mas não foi assim.

Regressavam a um país extenuado, com centenas de milhar de órfãos, estropiados da guerra e centenas de milhar de viúvas. Não havia empregos e os filhos de muitos milhares de veteranos tinham que se dirigir diariamente às cozinhas de pobres para se alimentarem.

O País temia a agitação laboral, manifestada através de greves e estas influenciadas pelo bolchevismo que estava em todo o lado. O desemprego manifestava-se principalmente nos estaleiros navais, em virtude dos ingleses, pelo Armistício e Tratado de Versalhes, se terem apoderado de navios alemães e a construção em estaleiros navais ingleses, ter parado. Havia fome na Inglaterra , havia insatisfação nas tropas de ocupação das margens do Reno alemão. Os britânicos ali estacionados reportavam as condições horrorosas em que viviam os alemães devido ao bloqueio naval inglês, que só foi levantado após a assinatura do Tratado de Versalhes, a 28 de Junho de 1919. Julga-se que entre a assinatura do Armistício, a 11 de

¹⁸ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier* ,Doubleday, London, 2005, p.332.

Novembro de 1918 e a assinatura do Tratado de Versalhes , tenham morrido de fome devido ao bloqueio naval inglês 250 000 alemães num total de meio milhão de pessoas durante toda a guerra pela mesma razão. Os soldados britânicos chegavam a passar fome para repartirem as suas rações de combate com os alemães.

5.2 – Lloyd George e o seu impulso na aprovação de tumular um soldado

Desconhecido

Lloyd George, Primeiro Ministro, era, no entanto um político habilidoso e tentava distrair as massas através de desfiles para comemorar a vitória, desafios de futebol, corridas de cavalos, distribuição de alimentos, cerveja, levantamento de restrições em combustível para uso doméstico, mas andava receoso de que a ideia de enterrar um soldado desconhecido na Catedral de Westminster Abbey pudesse agravar as tensões.

O Governo Britânico tentou restaurar o patriotismo do início da Guerra e acalmar a agitação social, especialmente dos regressados das várias frentes militares da Guerra.

Lloyd George organizou um desfile militar, a 19 de Julho de 1919, a que chamou Dia da Paz, para comemorar a vitória dos Aliados (Victory Parade), culminando uma série de medidas com o objectivo acima descrito.

Virginia Woolf (1882-1941), escritora inglesa , chamou a este desfile comemorativo “ Festival dos servos” (Servants Festival), em referência à classe militar que mais tinha sofrido na Guerra, os soldados provenientes das classes mais baixas.

David Lloyd George (Primeiro-Ministro Inglês de 1916 a 1922), também procurava maneira de prestar homenagem aos mortos na Guerra, especialmente aos desaparecidos e os não identificados e propôs a construção de um cenotáfio temporário no caminho do desfile militar comemorativo, em Whitehall, no centro de Londres.

Até esta ideia gerou polémica no seio do Governo Inglês, mas o Primeiro Ministro avançou com o plano. Lloyd George não era, na Inglaterra o primeiro com a ideia de representar os mortos na Guerra com um cenotáfio, pois já em 1916, em Liverpool, se construía um desses monumentos em honra dos residentes da cidade , mortos em combate.

Deste modo, Sir Edwin Lutyens (1869-1944), famoso arquitecto britânico, foi encarregado de desenhar o cenotáfio como estrutura temporária .

Porque o tempo escasseava e o projecto teria que estar pronto para as comemorações, ele foi feito em gesso e madeira tendo para isso recorrido à ajuda da corporação de bombeiros locais. O desenho de tal estrutura deveria ser neutro, sem inscrições e que abrangesse todos os militares perdidos em combate, embora também opinasse que ele representasse um dos soldados não identificados . O que era essencial era que o monumento apelasse à emoção de todos. Terminada a obra , a 18 de Julho de 1919, logo o povo começou a depositar flores a seus pés.

5.3 - O Cenotáfio e o Desfile da Vitória

No dia 19 de Julho de 1919, o cenotáfio estava pronto e a parada militar desfilou em marcha silenciosa, saudando o monumento. Por ali passaram tropas de todas as nações aliadas num desfile com mais de 15 mil militares, liderados por Douglas Haig, comandante da Força Expedicionária Britânica e em representação da Comunidade Britânica, Ferdinand Foch, comandante das forças aliadas em França e John Pershing, comandante da Força Expedicionária Americana em representação dos Estados Unidos da América ,à frente. Depois vinham a seguir, representações dos Belgas, Italianos, Portugueses, Polacos, Romenos, Sérvios, Japoneses e Chineses e por último os Ingleses, seguidos das Tropas do Império.

Logo após a passagem do desfile militar, milhares de viúvas, mães, pais, filhos, amigos e familiares dos mortos em combate começaram a depositar arranjos florais em volta do monumento. Tal foi o apelo e o significado do monumento que por ali passaram dia e noite centenas de milhares de pessoas e as flores eram tantas que tinham que ser removidas periodicamente, para dar lugar a outras.

A Imprensa britânica referia-se ao cenotáfio nestes termos;

The Manchester Guardian - A light was shining in the daylight like a light in a altar-

The Daily Mail- You could scarce see the cenotaph for the aura, the throbbing air that encompassed it, and another reporter heard moments of silence when the dead seemed very near when one almost heard the passage of countless

wings – were the fallen gathering in their hosts to receive their comrades salute and take their share in the triumph they had died to win..

The Church of England through an editorial in “**The Church Times**” denounced the powerfull public sentiment as a cult and cenotapholatry, more and more flowers were laid at the cenotaph.¹⁹

Foi tal o sucesso do cenotáfio que gerou o aparecimento de um negócio de venda de flores, especialmente papoilas, a flor dos campos da Flandres, e de postais ilustrados provavelmente para serem adicionados aos altares privados das famílias enlutadas e houve mesmo pedidos para fabrico de miniaturas do monumento para fins comerciais. Perante este entusiasmo do povo o assunto de um cenotáfio permanente começou a ser discutido no Parlamento onde encontrou o maior apoio assim como na imprensa. Houve ainda alguma controvérsia quanto ao local, mas prevaleceu a ideia de que aquele lugar tinha sido aprovado e abençoado pelas lágrimas, flores e presença tanto de familiares que tinham perdido os seus entes queridos, como pelas saudações e respeito das representações de todos os exércitos aliados que desfilaram perante ele assim como de todos os participantes civis e altas individualidades para com o monumento temporário.

Na última semana de Julho cerca de meio milhão de pessoas visitaram o monumento. Tornou-se claro que a estrutura era o que o povo queria e que aquele lugar era insubstituível. Esta opinião era também aquela do criador do cenotáfio , Sir Edwin Lutyens.

Então o arquitecto Lutyens foi encarregado de substituir o frágil monumento por uma estrutura igual permanente, não em gesso e madeira , mas em pedra.

O Professor Jay Winter da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, no seu livro “*Sites of Memory, sites of Mourning*”, diz-nos o seguinte;

Lutyen,s Cenotaph is a work of genius largely because of its simplicity. It says so much because it says so little. It is a form on which anyone could inscribe his or her own thoughts, reveries, sadnesses. It became a place of pilgrimage and managed to transform the commemorative landscape by making all of London into an imagined cemetery²⁰ .

¹⁹ Hanson,Neil, *The Unknown Soldier*, Doubleday, London, 2005, p.p. 344,345.

²⁰ Winter, Jay , *Sites of Memory Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*, Cambridge University Press, London, 1995, p.104

5.4 – A aprovação da ideia do Padre Railton

A 15 de Outubro de 1920, o Deão Ryle da Abadia de Westminster, recebeu do Secretário de Lloyd George a seguinte notícia ...

Your memorandum... was considered this afternoon by the Cabinet, and accepted in principle. The Prime Minister has already notified the King of this... I should add that the Cabinet would prefer that the first announcement of the adoption of this proposal should be made in Parliament. The Prime Minister asks me to thank you for this impressive suggestion .²¹

O êxito do cenotáfio influenciou na aprovação da proposta do Deão Ryle da Catedral de Westminster Abbey para aprovação de enterrar um soldado não identificado naquela Abadia.

O Governo Inglês tomou diligências imediatas, pois ainda não era demasiado tarde se este gesto fosse executado ao mesmo tempo que a inauguração do novo cenotáfio permanente a descerrar no aniversário do Armistício.

5.5 – A escolha de um soldado desconhecido

Pediram a opinião dos três ramos das forças armadas e puseram logo em campo uma equipa para desenterrar em França um soldado inglês não identificado e trazê-lo para Inglaterra.

Foi encarregado de trazer o corpo do soldado desconhecido para Inglaterra o Brigadeiro General L.J.Wyatt, oficial comandante e Director do Serviço de Registos Tumulares do Exército.

A 7 de Novembro de 1920, quatro ambulâncias , cada uma com a sua equipa, chegaram aos cemitérios provisórios ingleses dos campos de batalha da Frente Ocidental do Aisne, Somme, Arras e Yprès, com instruções para desenterrar em cada campo um soldado desconhecido inglês. Foram desenterrados e aceites somente quatro corpos que não tinham quaisquer marcas de identificação quanto à idade, data da morte, posto ou ramo das forças armadas, excepto identificação como restos de farda ou outros sinais que eram inconfundivelmente ingleses. Foram então estes corpos entregues ao General Wyatt e ao Reverendo Kendall, cobertos com a Bandeira Inglesa e colocados numa tenda de campanha

²¹ Hanson,Neil, *The Unknown Soldier* ,Doubleday, London, 2005, p. 348

que servia de capela . Um caixão de pinho foi colocado no altar, pronto para receber os restos mortais de um, e só um, soldado não identificado.

À meia noite o General Wyatt e o Tenente Coronel E. S. Gell entraram na capela e o General Wyatt seleccionou um daqueles corpos à sorte, sem sequer saber a área em que tinham sido desenterrados. Os dois homens então colocaram os restos mortais dentro do caixão que estava no altar da capela e fecharam-no. Os outros corpos foram logo a seguir de novo enterrados num cemitério militar local.

5.6 – As cerimónias de despedida em França e o transporte do

Soldado Desconhecido para Inglaterra

Na manhã seguinte, a 8 de Novembro, depois de umas missa dita por capelães militares das várias igrejas de Inglaterra o caixão foi enviado para Boulogne . Às 15.30 horas, depois de ter passado , por entre tropas inglesas alinhadas , a ambulância com o corpo entrou no castelo do século XIII que servia de quartel general das forças francesas naquele sector. Oito militares de vários serviços das forças armadas inglesas levaram o caixão para a biblioteca, no interior do castelo, onde ficou em câmara ardente, sob guarda armada francesa.

Nessa noite foram expedidos para Inglaterra 60 barris de terra francesa das zonas de batalha para dedicar ao soldado desconhecido inglês tendo sido entregues na Westminster Abbey pelo Tenente Swift a 10 de Novembro. Esta terra simbólica serviria para pôr por debaixo do Túmulo do Soldado Desconhecido a enterrar na Westminster Abbey e significava um elo de ligação aos camaradas enterrados em França e à França onde tinham morrido. Veremos mais à frente, como um ano depois os Americanos, repetindo a mesma ideia, vão também levar do mesmo solo francês, com o mesmo propósito, e sepultam o seu Soldado Desconhecido, no Cemitério Nacional de Arlington, nos Estados Unidos.

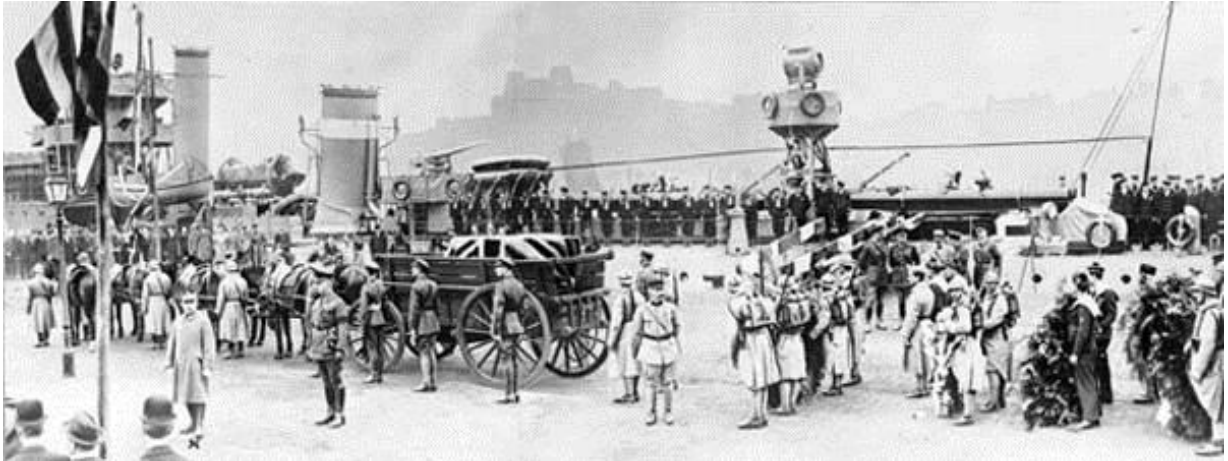
Às 10 horas da manhã de 10 de Novembro de 1920 dois profissionais de uma agência funerária que tinham trazido outro caixão vindo de Inglaterra, colocaram o primeiro dentro deste, construído especificamente de um carvalho inglês de Hampton Court. Este caixão fora desenhado como os do século XVI e era para ser fechado em cima com uma espada de um cruzado que era parte do colecção real inglesa e com os dizeres , “ A British warrior who fell in the Great War 1914 – 1918 for king and Country”.



7 -- O caixão do “Unknown Warrior” Inglês - <http://www.prisonersofeternity.co.uk/the-tomb-of-the-unknown-warrior/> acessado em 14.03.2014

O caixão foi colocado numa carruagem puxada por seis cavalos pretos, ao som de música funerária e escoltado por tropas francesas da marinha e do exército, nomeadamente de cavalaria e entre milhares de civis e crianças francesas prestando homenagem ao “Tommy anonyme”. Já no cais o Marechal Ferdinand Foch proferiu um discurso de agradecimento às tropas inglesas e o caixão foi então colocado a bordo do navio de guerra inglês, o Cruzador HMS Verdun. Quando o navio largou do cais francês o Marechal Foch, em sentido, prestou continência durante largos minutos, enquanto uma guarda de honra e as baterias da artilharia de costa francesas disparavam salvos em honra do “Tommy anonyme”. O navio de guerra HMS Verdun , foi escolhido pela Marinha Real Britânica para transportar o Soldado Desconhecido inglês, como um tributo ao povo francês pela resistência que eles mostraram em 1916, na Batalha de Verdun. Transportando agora o “Unknown Warrior, o Verdun saiu do cais de Boulogne na direcção da costa inglesa e do Porto de Dover. Sempre em silêncio o navio foi escoltado por outros seis navios de guerra da “Grand Fleet”, três à frente e três atrás. Chegado ao Porto de Dover logo as baterias de costa inglesas dispararam salvos , guardas de honra e muitos civis guarneciam o caminho para a estação ferroviária de Dover .

Dali o Soldado Desconhecido Inglês dirigir-se-ía à Estação de Vitória, em Londres. O combóio rolou lenta e silenciosamente na direcção de Londres com o caixão iluminado na sua carruagem para que as pessoas das margens do caminho de ferro, aos milhares, o pudessem ver, chegando a Londres de madrugada.



8 -- França- embarque do “Tommy Anonyme, no Cruzador Verdun

<http://www.royalmunsterfusiliers.org/zl5quey.htm>- Acedido em 20.03.2014

5.7 – “The Padre’s Flag”

Às 9 horas, homens do Regimento de Granadeiros entraram na carruagem do Soldado Desconhecido e cobriram o caixão com a bandeira suja e ensanguentada que tinha sido usada na Frente Ocidental, em França pelo Padre Capelão David Railton, que tantas vezes tinha servido como toalha do altar de missa em Vimi Ridge, High Wood, Yprès, Messines, Cambrai e Béthune e como cobertura dos caixões dos muitos funerais feitos aos soldados mortos por este sacerdote da Igreja. Havia mesmo a possibilidade de este soldado desconhecido ter tido a sorte de o seu enterro em França ter sido oficiado pelo Padre Railton, mas essas possibilidades eram ínfimas. Esta Bandeira ensanguentada adquiriu, ao longo dos anos um valor acrescentado no seu significado ... “ A Bandeira do Padre ou “Padre’s Flag” , actualmente ao lado do Túmulo do Soldado Desconhecido na Westminster Abbey ...

THE TELEGRAPH – United Kingdom 12:01AM GMT 10 Nov 2006

Flying the flag for the Padre once more - By Neil Hanson, 12:01AM GMT 10 Nov 2006

The flag that covered the Unknown Warrior – a potent symbol literally steeped in blood – must be restored to its rightful place, says Neil Hanson

At 11am tomorrow, millions of Britons will pause in silent remembrance of our war dead. Thousands will also make the pilgrimage to the twin national memorials, the Cenotaph in Whitehall and the Grave of the Unknown Warrior in Westminster Abbey. Yet a third, even more potent symbol of British losses – the Padre's Flag – has hung unrecognized for more than 50 years²².

5.8- Da Estação de Vitória a Westminster Abbey

O caixão foi então retirado do comboio e colocado numa carruagem puxada por cavalos pretos, ladeada pelos assistentes funerários e o cortejo fúnebre, organizado de acordo com o planeamento prévio com regimentos de elite, bandas de música militares, representativas de todos os ramos das forças armadas inglesas, guardas de honra de condecorados com a Cruz Vitória e personalidades importantes. Houve uma pausa carregada de silêncio perto de Hyde Park em que uma bateria inglesa fez uma saudação de 19 disparos.

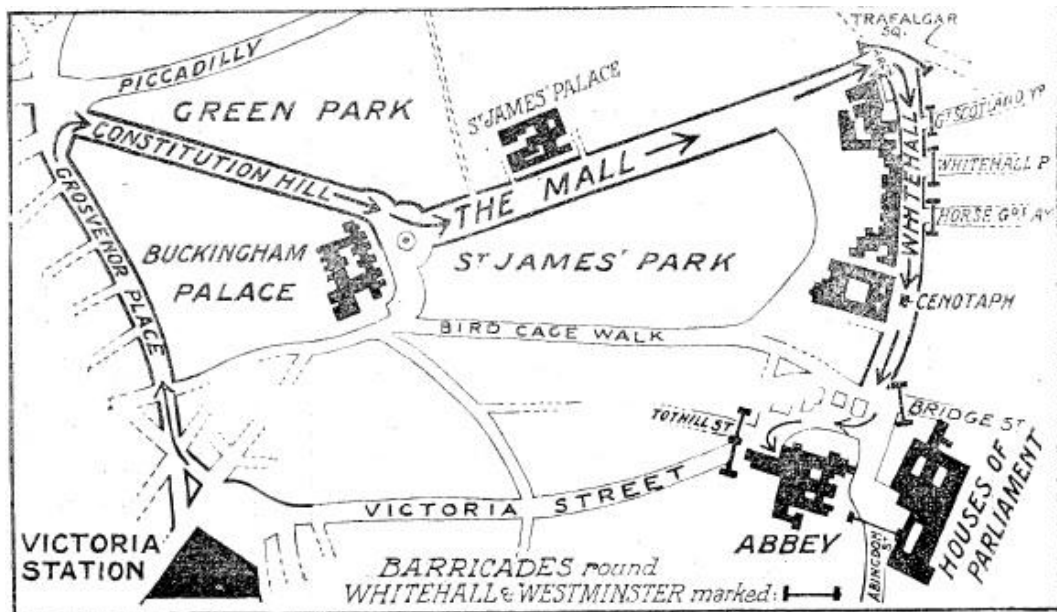
De notar aqui que o Soldado Desconhecido Inglês teve honras funerárias só atribuídas aos maiores valores da sociedade inglesa. O desfile saiu da estação de Vitória em direcção a Westminster Abbey . Já falámos da disposição do cortejo falaremos agora das personalidades que participaram nele como o Rei George V, quatro almirantes de esquadra, quatro marechais de campo,, três generais, seguidos pelas tropas de braçadeira negra , vestindo seus melhores uniformes.

O cortejo, sempre em silêncio seguiu na direcção de Grosvenor Gardens e Grosvenor Place deixando para trás centenas de milhar de pessoas silenciosas que enchiam os passeios. A maioria eram mulheres segurando contra si arranjos florais ou simplesmente ramos de flores. Em seguida continuou na direcção da “Constitution Hill” e Whitehall. Todo o percurso de cerca de quatro quilómetros estava repleto de tropas.

²² Hanson, Neil , Flying the flag for the Padre once more, The Telegraph, November 10, 2006 –ver artigo completo em;

<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/3656460/Flying-the-flag-for-the-Padre-once-more.html>

acedido em 20.02.2014.



9 -- Trajecto do cortejo do "Unknown Warrior, em Londres -

<http://greatwarlondon.wordpress.com/2012/11/10/10-nov-arrival-of-unknown-warrior/> Acedido em 20.03.2014

A maioria do povo vestia preto de luto. Havia visitantes de todos os cantos do Império Britânico, assim como da Escócia, Irlanda, Wales e de todas as nações aliadas, incluindo França, Bélgica e Estados Unidos da América. Todos ali marcavam presença em honra de um pai, marido, filho, amigo ou amante perdidos na Grande Guerra. Entre todos estes espectadores estava o Padre David Railton exibindo no casaco de cerimónia a sua Cruz de Guerra ganha em França.

Muitos dos presentes que estavam em Whitehall e cerca da Westminster Abbey estavam ali só por convites que foram distribuídos por uma espécie de lotaria para muitas personalidades, porque o lugar não podia comportar tanta gente, isto é, deram preferência a altas individualidades, mães e ou familiares que tinham perdido alguém na Guerra, mutilados e outros. O trânsito tinha sido encerrado para evitar multidões que não teria sido possível comportar e gerir. O cortejo, sempre em silêncio seguiu na direcção de Whitehall e do Cenotáfio que estava coberto por uma grande bandeira inglesa.

5.9- As cerimónias

A 10 minutos das onze horas o carro funerário parou em frente do cenotáfio e o Rei George V, vestido de uniforme de Marechal de Campo, avançou e colocou uma coroa de

folhas de louro e rosas vermelhas sobre o caixão do Soldado Desconhecido, na carruagem. A coroa de flores tinha a seguinte inscrição feita pela mão do Rei;

In proud memory of those who died unknown in the Great War. As unknown and yet well-known; as dying, and behold they live.²³

Depois de saudar o caixão o Rei permaneceu em sentido enquanto as bandas tocavam os hinos devidos e dois coros da Abadia cantavam a letra. Seguiu-se um profundo silêncio só quebrado pelo bater das 11 horas, do dia 11, do décimo primeiro mês, no Big Ben. À primeira badalada o Rei voltou-se para o cenotáfio e, ao premir um botão, inaugurou o monumento arredando as bandeiras que o cobriam na totalidade.

5.10 – O Grande Silêncio

Seguiram-se dois minutos de pesado silêncio, “The Great Silence” e tudo em Londres parou em homenagem ao simbolismo que se evocava. Desde transportes a hospitais, fábricas, minas, navios e aviões, nada se movia, tudo parou. Mas não foi só em Londres mas sim por todo o Império britânico que o silêncio de dois minutos foi observado;

The complete suspension of all normal business, work and locomotion throughout the British Empire was now in place, and the crowd and the city and the whole nation was stilled. There was no noise of traffic, no voices; nothing and nobody moved in the whole of that vast imperial capital. The central telephone switchboard later reported that not a single telephone call was made anywhere in London. The Lutine Bell silenced the 2,000 members of Lloyds of London, and the Stock Exchange ceased trading. Courts suspended their hearings-in one, a prisoner in the dock who had served in France, Egypt and Mesopotamia, and won the CM and the Croix de Guerre, sprang smartly to attention between the warders standing on either side of him... “The scene was repeated in every town and village in the land... The world was for the time forgotten. The dead lived again.”²⁴

²³ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier*, Doubleday, London, 2005, p.371

²⁴ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier*, Doubleday, London, 2005, p.373



10 -- O féretro do Unknown Warrior junto ao cenotáfio

<http://ukniwm.wordpress.com/2007/11/07/images-of-the-cenotaph/> acessado em 03.03.2014

O Grande Silêncio teve a duração de dois minutos sendo o primeiro minuto em tributo aos soldados que combateram mas regressaram a sua casa, e o segundo minuto para comemorar e recordar aqueles que não mais voltariam.

Esta ideia dos dois minutos de silêncio era originária da África do Sul quando durante a Ofensiva de Primavera de 1918 , ou “ Operation Michael”, parecia que os aliados seriam empurrados para o mar na Frente Ocidental. Então o Bispo de Cape Town sugeriu que diariamente se observassem dois minutos de silêncio no seguimento de outras orações e toques. O primeiro minuto representava os mortos e o segundo os que combatiam. A “Operation Michael” falhou e foi o começo da derrocada alemã na frente Ocidental, onde a guerra foi vencida.

Tal como a ideia do Soldado Desconhecido também esta, dos dois minutos de silêncio, seguiu os seus trâmites para aprovação e adopção até às esferas mais altas para ser introduzida na inauguração do Cenotáfio, no enterro do Soldado Desconhecido Inglês e nas comemorações do Armistício.

O Grande Silêncio terminou e ouviram-se os toques dos clarins. Ao subsistir dos toques o Rei George V, o Primeiro Ministro Lloyds George , outros dignitários começaram a depositar coroas de flores junto do Cenotáfio.

5.11 – Westminster Abbey

A carruagem então dirigiu-se a Westminster Abbey, seguida pelo Rei, todo o elenco governamental e todos os dignitários, incluindo O Príncipe de Gales, o Duque de York, o Príncipe Henrique, todos em uniforme militar, seguia-se o Arcebispo de Canterbury e todos os muitos milhares de seguidores da cerimónia.

Toda uma multidão esperava o féretro do Soldado Desconhecido na Abadia de Westminster, grupos de canto religioso, guardas de honra, nos seus mais belos uniformes, grupos de cerimónia religiosa das agências funerárias para remover o caixão, guarda de elite de 74 galardoados com a mais alta condecoração militar britânica, a Cruz Vitória.

À entrada da Abadia uma Guarda Especial retirou o caixão da carruagem e carregaram-no aos ombros para o interior colocando-o sobre as barras da tumba. O Rei estava à cabeça, o Bispo de Canterbury e o Deão de Westminster Abbey aos pés, o Primeiro Ministro Lloyd George do lado esquerdo e mais dignitários, incluindo a Rainha à direita, ladeados todos por muitas mães e viúvas dos mortos em combate. Pessoas importantes , veteranos da guerra, deficientes mutilados ocuparam filas da frente na Abadia.

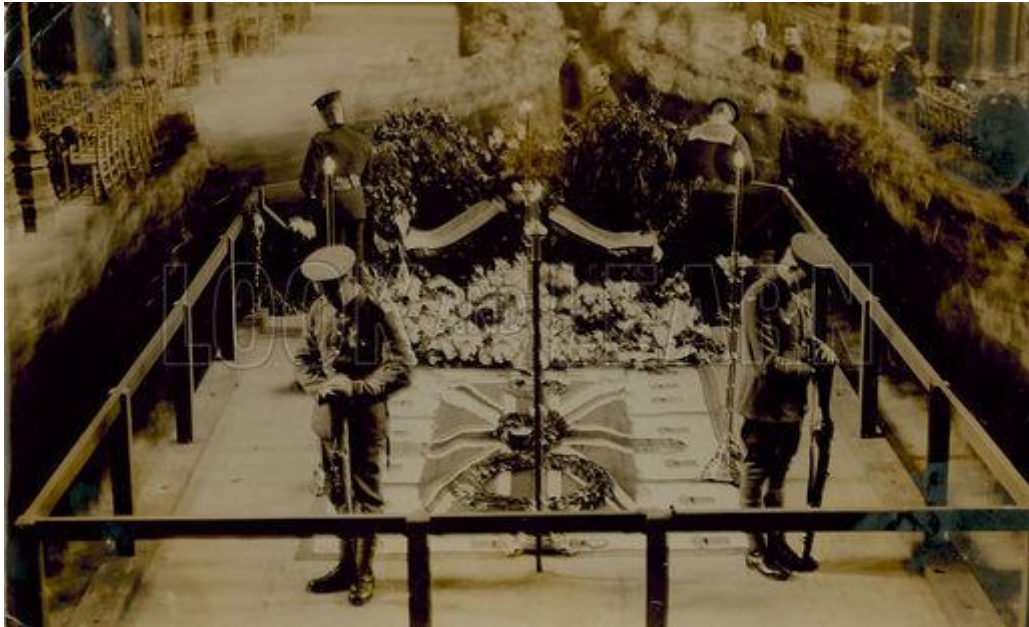
Este era um acontecimento britânico e do seu Império e embora se tratasse de um funeral militar com as mais altas honras e a presença do Rei, era um acontecimento dedicado aos que mais sofreram com a Guerra, por isso não houve representações estrangeiras, como no Cortejo da Vitória, de 19 de Julho de 1919.

As cerimónias foram organizadas por Nathaniel Curzom (1859 – 1925) um nobre, “master of ceremonies”. Foi também diplomata e teve o papel de delimitar a fronteira da Polónia com a Rússia soviética, a seguir ao Armistício e da anulação do Tratado de Brest-Litovsk entre a Rússia e a Alemanha.

A cerimónia religiosa foi feita pelo Deão da Abadia em que foram cantados os hinos de louvor , músicas e cantos fúnebres . Depois da remoção da bandeira inglesa, do capacete e

das armas o caixão foi baixado para dentro da cova sob o olhar atento daqueles que podiam observar. Ao mesmo tempo o Deão Ryle da Abadia recitava ...

Earth to earth, ashes to ashes, dust to dust..." The king scattered earth gathered from the battlefields out of a silver Shell. It fell on the coffin with a soft, dry rattle.²⁵



11 -- O "Unknown Warrior na Abadia de Westminster , em 11.11.1920

<http://www.lookandlearn.com/blog/20092/the-unknown-soldier-was-interred-on-armistice-day-1920/> Acedido em 10.03.2014

De acordo com a Imprensa Inglesa estas foram das cerimónias mais belas e comoventes que se tinham realizado na Abadia. Tributos de reconhecimento tinham chegado de todo o lado, o Marechal Foch colocara uma grande coroa de flores ao lado do Túmulo com a inscrição em letras douradas lendo-se;

*Aux soldats Britanniques tombe sur la terre de France, Hommage do Marechal Foch.*²⁶

Da Rússia chegara outra enorme coroa de flores com a inscrição;

To their unknown British comrade in the name of 2 000 000 russian soldiers, fallen in the Great War.²⁷

Terminadas as cerimónias oficiais, depois da saída do Rei e dos altos dignatários terem prestado as suas homenagens ao Soldado Desconhecido, a Westminster Abbey encerrou

²⁵ Hanson, Neil, *The Unknown Soldier*, Doubleday, London, 2005, p.379

²⁶ Publicado por *The New York Times*, a 8 de Maio de 1921.

²⁷ *Ibidem*

por alguns minutos. Reabriu em seguida para dar então acesso ao público em geral que em duas filas começou a passar pelo túmulo às centenas de milhar, entrando pela Porta Norte e saindo pela Porta Ocidental...

No one could have foretold how surely the emblem to the glorious dead and the symbolic grave would capture the imagination of the people.²⁸

Tinham sido planeados apenas três dias de luto para o cenotáfio e para o túmulo, mas a afluência era tão grande com peregrinos vindos de todas as partes do País, às centenas de milhar, que a regra não foi cumprida.

O cenotáfio e o túmulo do “Unknown Warrior” cumpriam agora uma missão muito importante, a união e a representação de todos os ingleses, desde viúvas, mães, esposas, pais, irmãos, filhos, amputados de guerra, veteranos desempregados, soldados enterrados em lugar não identificados, deficientes ou desaparecidos e ainda de toda a Comunidade Britânica.

É que o soldado que ali fora enterrado poderia ser o ente querido que desaparecera e cada um olhava para o túmulo com a mesma adoração.

Por ali passaram mais de milhão e meio de pessoas num curto espaço de tempo, desde simples cidadãos, veteranos de guerra às dezenas de milhar, incluindo mutilados, uns sem pernas, outros sem braços, simplesmente para homenagear o seu camarada de armas, sindicatos, escolas, regimentos ou polícia.

A 17 de Novembro de 1920 Lloyd George, Primeiro-Ministro Britânico escrevera a Lutyens, o arquitecto do cenotáfio, dizendo o seguinte:

The memorial...has become a national shrine, not only for the British Isles, but also for the whole Empire.

The cenotaph, it may be said, is the token of our mourning as a nation; The grave of the Unknown Warrior is the token of our mourning as individuals.²⁹

Nos primeiros três dias mais de cem mil ramos e coroas de flores foram deixadas junto de cenotáfio. Eram tantas que tinham que ser removidas, de tempos a tempos, para dar lugar a outras.

Sobre as Cerimónias funerárias ao Unknown Warrior pode ver um documentário no You

²⁸ Publicado pelo The New York Times, a 8 de Maio de 1921

²⁹ England's Place of glorious grief, publicado pelo The New York Times, a 8 de Maio de 1921.

tube³⁰.

5.12- O nascimento ou invenção de uma tradição cívica

Tinha sido inventada ou tinha simplesmente nascido na Grã-Bretanha uma nova tradição cívica, o culto do Soldado Desconhecido. Este culto foi evoluindo ao longo de todo o Século XX e mesmo no Século XXI se continuou a desenterrar soldados desconhecidos de países participantes no conflito, como é o recente caso da Nova Zelândia, que em 11 de Novembro de 2004 seguia o exemplo de outros países que tinham participado na Guerra de 1914 - 1918. Veremos também como o símbolo e significado do soldado desconhecido evolui e passa a representar não só o soldado não identificado, mas uma representação da nacionalidade e uma representação de todos os soldados sacrificados em guerras e até daqueles que embora vivos, permanecem na sombra, por razão da sua função na defesa do seu país. Estão neste caso, espões, forças especiais secretas ou simplesmente aqueles que trabalham em prol da Humanidade ou do seu país e nunca são lembrados e ou agradecidos.

O ideia do Soldado Desconhecido é uma consequência da tragédia europeia, que se mundializou, pois se alastrou a todos os continentes e faz hoje parte da história e da cultura de muitos países.

Os “Altars da pátria” , tornaram-se salas de visita obrigatória para aquelas personalidades visitantes que querem agradecer ou mostrar respeito pelo país e a sua soberania.

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=cvOI4RPe8v0>



12 -- Presidente Obama coloca uma coroa de flores sobre o túmulo do Soldado Desconhecido, em Westminster Abbey, a 24.05.2011

<http://tulipanorosa.blogspot.pt/2011/05/obama-e-michelle-londra-multi-incontri.html>-Acedido em 20.03.2014.

Ao mesmo tempo que se preparava o enterro do Soldado Desconhecido na Westminster Abbey, também a França se preparava para fazer o mesmo no Arco do Triunfo. No entanto a França, embora tenha prestado as homenagens na mesma data de 11 de Novembro de 1920, por razões políticas e sociais, só em 28 de Janeiro de 1921 trasladou um corpo para o túmulo do “Poilu Inconnu” sob o Arco de Triunfo, estando até então retido numa das salas do edifício.

5.13 - Outros memoriais aos soldados não identificados ingleses e do Império

Encontram-se espalhados por todo o território francês onde os ingleses e tropas da comunidade Britânica combateram. Estes monumentos situam-se junto aos cemitérios e são visitados anualmente por centenas de milhares de pessoas, em verdadeiras romagens.

5.14 - Thiepval Memorial aos desaparecidos da Batalha de Somme



13 -- Thiepval Memorial aos desaparecidos da Batalha de Somme www.Wikipedia.org – 10-02-2014

Foi inaugurado a 31 de Julho de 1932, pelo Príncipe Edward do País de Gales , mais tarde Rei Edward VIII, e situa-se no Norte de França .

Este monumento é um tributo a 72.191 militares das Forças Armadas Britânicas e Sul Africanas que morreram em combate, entre 1915 e 1918 e dos quais não se conhece a campa.

O monumento foi também desenhado pelo mesmo arquitecto que fez o projecto do cenotáfio inglês , Sir Edward Lutyens.

Fica perto da aldeia de Thiepval, em Picardy, tendo sido aberto um centro para visitantes em 2004.

Este e outros monumentos estão ao cuidado da Comissão de Túmulos de Guerra da Comunidade Britânica.³¹

5.15 - O Memorial de Tyne Cot

Situado na Bélgica, o Memorial de Tyne Cot é dedicado aos soldados britânicos e da Comunidade Britânica como Neozelandeses e australianos

³¹ www.Wikipedia.org – 10-02-2014



14 -- Memorial de Tyne Cot www.wikipedia.org 15-01-2014

não identificados que desapareceram em batalhas próximas, como as de Ypres, Broodseinde e Passchendaele. Ali estão sepultados os restos mortais de 33783 britânicos e 1176 Neozelandeses e ou australianos. É o maior cemitério das forças da Comunidade Britânica em todo o mundo. O terreno do cemitério e do memorial foi doado, em perpetuidade, à Grã-Bretanha, pelo Rei Alberto I da Bélgica, em reconhecimento da ajuda na defesa e libertação daquele País.

5.16 - O Memorial Porta de Menin (Menin Gate Memorial)

Foi construído em Ypres, na Bélgica para comemorar os soldados não identificados, da Comunidade Britânica, caídos durante as batalhas de Ypres.

Consta de um pórtico e um cemitério onde estão sepultados cerca de 55 000 soldados de toda a Comunidade Britânica com exceção da Terra Nova e da Nova Zelândia.



15 -- O Memorial Porta de Menin

<http://pt.dreamstime.com/fotografia-de-stock-royalty-free> - acedido em 19.03.2014

Mais de 300 000 soldados passaram por Ypres, para as frentes de batalha e mais de 90 000 não foram identificados. Foi inaugurado, em 24 de Julho de 1927, em honra aos desaparecidos.

Esta cidade era um ponto estratégico tanto para os alemães como para os aliados e era também a última cidade de importância para os Belgas que a certa altura a inundaram para que não caísse em mãos alemãs. A cidade nunca esteve em poder dos alemães que por ali deveriam passar para realizar o Plano Schlieffen .

Todos os dias, desde 1927, cerca das 20 horas ,com alguma interrupção durante a Segunda Grande Guerra, os clarins belgas da brigada dos bombeiros locais executam uma melodia militar, “The Last Post”, em memória dos desaparecidos que não têm sepultura conhecida.

5.17 - O Memorial de Loos

Foi inaugurado a 4 de Agosto de 1930, pelo General Macready, General Adjunto das Forças Expedicionárias Britânicas ,em França , e lista 20 610 nomes de soldados britânicos e do Império Britânico que nunca foram encontrados, e que morreram na Batalha de Loos que teve início a 25 de Setembro de 1915.



16 -- Memorial de Loos - <http://www.newcumnock-parishchurch.org.uk/>, acessado em 15-03-2014

6 - Le Poilu Inconnu - França

Como já dissemos, em simultâneo com os ingleses, também os franceses, logo em 1916, pensavam em honrar com um funeral adequado um dos seus soldados desconhecidos, “Le Poilu Inconnu”, em representação de todos os não identificados.

6.1 - Origens

No que se refere ao Soldado Desconhecido francês e à origem da ideia, a autora Laura Wittman diz...

According to Jagielski, the Prussian War veteran Francis Simon was the first to mention burying “a little soldier, glorious and anonymous in the Pantheon as a symbol of the french nation, in a November 1916 speech ³².

No entanto só em Novembro de 1919 o Governo Francês discute o assunto do Soldado desconhecido, sem fazer qualquer menção à ideia de Francis Simon.

Em 12 de Novembro de 1919, o Governo Francês decidiu oficialmente homenagear um dos seus soldados mortos , não identificados em representação das centenas de milhar de soldados mortos em combate.

6.2 – A procura e escolha do “Poilu Inconnu”

De início eram nove as áreas de procura de um cadáver que obedecesse aos critérios pré definidos, correspondentes a respectivas zonas onde se travaram combates. No entanto só oito foram desenterrados e escolhidos porque a nona área não forneceu um corpo aceitável. Vários mortos foram desenterrados mas tinham sempre qualquer pormenor que ia contra os critérios estabelecidos; ou não estava completo, ou não era possível identificá-lo como francês, ou tinha número de regimento, etc. Outras fontes indicam que naquela área os soldados franceses foram enterrados em valas comuns juntamente com alemães e havia o perigo de escolha de um soldado alemão. O “The New York Times” reportava a par e passo as notícias de França sobre o Soldado Desconhecido e os procedimentos para o seu funeral como de um programa de cerimónias se tratasse...

Eighth Unknown Poilu exhumed at Verdun - One will be chosen to be buried beneath the Arch of Triomphe - Ceremony of disinterment - Bodies lying in state in the Fortress Citadel surrounded by 1000 candles - Verdun, France, November 9- The bodies of eight unidentified French soldiers, exhumed from as many sectors of the former battle line from the Belgian frontier to the Vosges, arrived at the Verdun citadel today from among these Minister of Pensions Maginot will tomorrow request a private soldier to choose at random one body, which will then be transported to Paris to be laid finally at rest beneath the Arc of Triomphe in Thursday Armistice Day celebration, as a symbol of the thousands of “poilus” who sacrificed their lives for France in the great war.

³² Wittman, Laura, *The Unknown Soldier and the reinvention of the mystical body* , University of Toronto Press, Toronto, 2011, p. 35

The remaining seven bodies will be buried with military honors on the Verdun battlefield. It was originally intended to disinter nine bodies, but in one sector of the front – which the military authorities refuse to divulge – German and French bodies were buried in common graves and are so closely intermingled that the officer in charge of the work of exhumation decided it would be unsafe to disinter a body there as the honor of burial beneath the Arc of Triomphe might quite as likely be afforded to a former enemy soldier as to a gallant “poilu”³³.

Os oito cadáveres desenterrados referentes a outros tantos lugares de combate da Frente Ocidental foram levados para o Forte de Verdun. Os corpos foram depois colocados numa sala subterrânea especialmente decorada .

Durante todo o dia de 9 de Novembro de 1920, dia em que os corpos estiveram em câmara ardente, veio toda a população civil e autoridades da cidade de Verdun prestar a sua homenagem aos heróis não identificados.

No dia seguinte, 10 de Novembro de 1920, um só corpo foi escolhido numa cerimónia pública. O seleccionador foi um pobre homem que tinha perdido o pai e um irmão na Guerra. O seu nome era Auguste Thin, cujo pai tinha desaparecido. Deram-lhe um ramo de flores colhidas nos campos adjacentes a Verdun para ele colocar em cima de um dos caixões. O caixão escolhido foi o número seis na fila. Durante esta cerimónia foi libertada uma pomba correia branca que permaneceu no peitoril de uma janela até ao fim desta acção. Um corpo foi escolhido à sorte, pelo jovem francês , de modo que ninguém soubesse de que zona o corpo era proveniente.

A data da cerimónia foi marcada para 11 de Novembro de 1920, aniversário da assinatura do Armistício de “Compiègne”.

6.3 – A controvérsia da localização do túmulo

Inicialmente o Soldado Desconhecido Francês era destinado ao Panthéon, mas as associações de veteranos opuseram-se .Foi depois decidido, a pedido de alguns escritores , sepultar o “Poilu Inconnu” no Arco de Triunfo, monumento idealizado e iniciado por Napoleão , em comemoração da Batalha de Austerlitz e destinado a sob ele passarem os exércitos vitoriosos da França . O Governo Francês, para tentar agradar a todos faria as celebrações ao Soldado Desconhecido no Panteão e seguiria então em cortejo, um dos dois

³³ Publicado por , The New York Times , a 10 de Novembro de 1920.

maiores de sempre em França, como o de 14 de Julho de 1919 para comemorar a vitória francesa na Guerra, para o Arco de Triunfo e ali repousaria para sempre.

Apesar de todo este compromisso, o Soldado Desconhecido Francês não foi de início colocado no seu túmulo oficial, mas sim colocado numa capela do primeiro andar do Arco de Triunfo. Só a 28 de Janeiro de 1921 o féretro foi para o seu lugar de destino. Isto porque o Governo Francês receara agitação política e social...

In France , the decision to bury the Unknown Soldier under the Arc of Triomphe was so controversial that it was taken at the last minute and made permanent only after the 11 November 1920, on 28 January 1921. ³⁴

6.4 – O Cenotáfio Francês

Do mesmo modo por que foi edificado na Grã-Bretanha um cenotáfio temporário para servir de teste , também em França se edificou um cenotáfio junto ao Arco de Triunfo, termo de uma das maiores celebrações francesas de todos os tempos, o Cortejo da Celebração da Vitória que teve lugar a 14 de Julho de 1919. Este desfile glorificava os militares vivos, mas também os mortos. O largo do Arco do Triunfo foi transformado numa grande capela com o seu cenotáfio evocando os mortos e os desaparecidos.

Centenas de milhar de pessoas prestaram a sua homenagem sem qualquer discriminação de cor, raça, credo ou tendência política. Governo e Povo sentiram que os mortos uniam os vivos e que essa união podia justificar a guerra e amenizar a dor . Victor Hugo teria dito ...

He who dies in piety for his country has the right that the crowd should come and pray at his grave .³⁵

³⁴ Wittman, Laura, *The Tomb of the Unknown Soldier, Modern Mourning and the Reinvention of the Mystical Body*,

University of Toronto Press, Toronto, 2011, p.81

³⁵ Becker, Annette, Smith, Leonard, Rouzeau, Stéphane, *France and the Great War 1914-1918*,

Cambridge University Press, Cambridge, 2003, p.171

6.5 – O Arco do Triunfo e as Cerimónias

A 11 de Novembro, teve lugar o cortejo fúnebre, os mutilados e uma família fictícia, uma viúva, uma mãe e um órfão, acompanharam o transporte do soldado desconhecido, enquanto os canhões saudavam. Altas individualidades, bandas de música militares, regimentos, acompanhavam o caixão do garboso “Poilu Inconnu”. O cortejo terminou no local de destino do soldado desconhecido, em Paris, no Arco do Triunfo.

Uma lápide foi colocada sobre o túmulo com os seguintes dizeres; “ Ici repose un soldat français mort pour la patrie (1914 – 1918).



17 -- O Desfile da Victória, a 14 de Julho de 1919, passando o Arco de Triunfo e o Cenotáfio que não seria permanente. Note-se , na frente alguns amputados da Guerra.

<http://rosalielebel75.franceserv.com/defile-de-la-victoire-14-juillet-1919.html>. Acedido em 20.03.2014

Este cortejo em homenagem ao Soldado Desconhecido Francês, de certo modo complementava o cenotáfio posto no mesmo local aquando do desfile do Cortejo da Vitória, a 14 de Julho de 1919. Os franceses colocaram os restos mortais do Soldado Desconhecido sob o Arco de Triunfo. Um corpo anónimo substituiu um túmulo vazio.

Deste modo os franceses ajudaram a inaugurar uma consagração que se tornou internacional, usando o anonimato para reconhecer feitos heróicos e facilitar o luto de todos os franceses e de todos os povos.

O túmulo do Soldado Desconhecido tornou-se o “Altar da França”, como outros, de Paris, a Washington DC, Varsóvia, Moscovo, Bagdade e até Wellington, na Nova Zelândia.

6.6 – A Chama Eterna



18 -- “Le Poilu Inconnu” www.cristinamello.com.br -Acedido em 18.01.2014

A ideia da uma “Chama da Memória” foi apresentada pelo jornalista Gabriel Boissy, em 1923, em sintonia com a opinião pública, que pedia mais conforto moral pelos falecidos na Guerra . Foi iniciada, em 11 de Novembro de 1923 e inaugurada por André Maginot, Ministro da Guerra , mais tarde o criador da Linha Maginot e jamais se apagou mesmo durante a ocupação de Paris, na Segunda Guerra Mundial.

Um membro da “Comissão da Chama” está encarregado de a reavivar diariamente. Esta cerimónia, “ Le Cérémonie du Ravivage de la Flamme”, tem muitas vezes a

participação de associações de veteranos de guerra, representantes da Legião Estrangeira, agrupamentos escolares e de civis, incluindo turistas, especialmente ao sábado à tarde.

6.7 – 11 de Novembro, Feriado nacional e suas regras



19 -- La Flamme du Souvenir, <http://www.cristinamello.com.br/> Acedido em 16-01-2014

As várias associações de veteranos, cerca de 900, exigiram do Parlamento que considerasse o Dia do Armistício, 11 de Novembro feriado nacional. Isto torna-se realidade pela lei de 24 de Outubro de 1922. Esta Lei estabelece as regras das celebrações do dia 11 de Novembro:

Bandeiras a meia haste;

Ausência de desfiles militares;

Toques de clarim;

Solidariedade para com os mortos, cujos nomes seriam lidos em voz alta;

Um minuto de silêncio.

No dia 11 de Novembro de 1920, prestaram homenagem ao “Poilu inconnu”, milhões de pessoas, com o mesmo entusiasmo que já tinha tido lugar em Whitehall e na Westminster Abbey, na Inglaterra. De igual modo milhões de pessoas passam por esses lugares anualmente ou como simples turistas visitantes ou como peregrinos. Voltarei a este assunto quando analisar uma comparação dos vários soldados desconhecidos, nomeadamente analogias e diferenças.

O Governo francês preparou já um programa de celebrações para o centenário da Grande Guerra, em 2014.

Há europeus que são partidários de uma federação europeia que gostariam de ver substituída a data de 11 de Novembro, por uma data evocativa da paz e harmonia europeias.

7 - O Soldado Desconhecido - Portugal

Tendo iniciado a sua publicação, o Diário de Lisboa, de 7 de Abril de 1921, apresentou na sua página de rosto um grande elogio aos Soldados de Portugal e em particular aos nossos Soldados Desconhecidos ,com o seguinte tributo:

“Soldados de Portugal -

Contra os que afirmam que a História é um campo raso de ossadas e ruínas e contra os que sustentam que a vida não comporta uma larga aspiração de imortalidade - eis que entram em Portugal dois extraordinários viajantes, um vindo do Norte da Flandres, outro vindo do Norte na África e trazendo na boca gélida e gasta todo o segredo da existência de um povo.

Nunca entre nós se viu um espectáculo tão assombroso - seis milhões de almas rompendo a sua espessa teia de unidades diárias, para se acercarem daqueles que, em vida nada tinham e nada significavam agora tudo têm e tudo significam.³⁶

³⁶ Página de rosto do Diário de Lisboa, de 07/04/1921, no seu primeiro número.

7.1 - Origens

Portugal , como os Estados Unidos da América, foi um combatente tardio da Grande Guerra na Frente Europeia. No entanto, e sem guerra declarada à Alemanha, foi dos primeiros a envolver-se no teatro de guerra em África, em defesa das colónias de Angola e Moçambique.

A guerra não correu bem em Angola, incidente de Naulila, e no Norte de Moçambique e a partir de 1918, na Frente Ocidental, mormente na Batalha do Rio Lys, a 9 de Abril de 1918.

As baixas foram muitas, quer em África, doenças tropicais e combate, quer na Frente Ocidental. É por isso, natural que com tantas baixas militares, o Governo Português seguisse o exemplo dos outros governos aliados de enterrar um soldado não identificado, em solo pátrio, representando todos os outros militares desaparecidos.

Quero acrescentar aqui uma nota sobre a enorme disparidade das estatísticas sobre a guerra pois vêm-se em publicações números muito diferentes que vão de menos de 2000 mortos em combate a quase 10 000. Algumas estatísticas internacionais mencionam cerca de 7222 mortos em combate em todas as frentes durante a Guerra, enquanto outras mencionam números mais altos. Interessa aqui notar também que segundo Aniceto Afonso e Carlos Gomes no seu livro “Portugal e a Grande Guerra 1914-1918” os soldados portugueses desaparecidos em França foram de 199, portanto um reduzido número ³⁷.

Os autores que acabamos de mencionar sugerem que as homenagens ao Soldado Desconhecido Português foram parte de amenizar e modificar o repúdio que os portugueses sentiam pela participação de Portugal na guerra e também para recuperar valores militares face a um desempenho precário e do respeito pelos mortos,...

Após a Guerra desenvolveram-se correntes centradas no culto dos valores militares, tendo como pano de fundo o prestígio da instituição militar e de alguns militares em particular ³⁸.

³⁷ Afonso, Aniceto, Gomes, Carlos, Portugal e a Grande Guerra, 1914-1918, Quidnovi, 2-ª Edição, Vila do Conde, 2013, p.522.

³⁸ Ibidem, p. 544

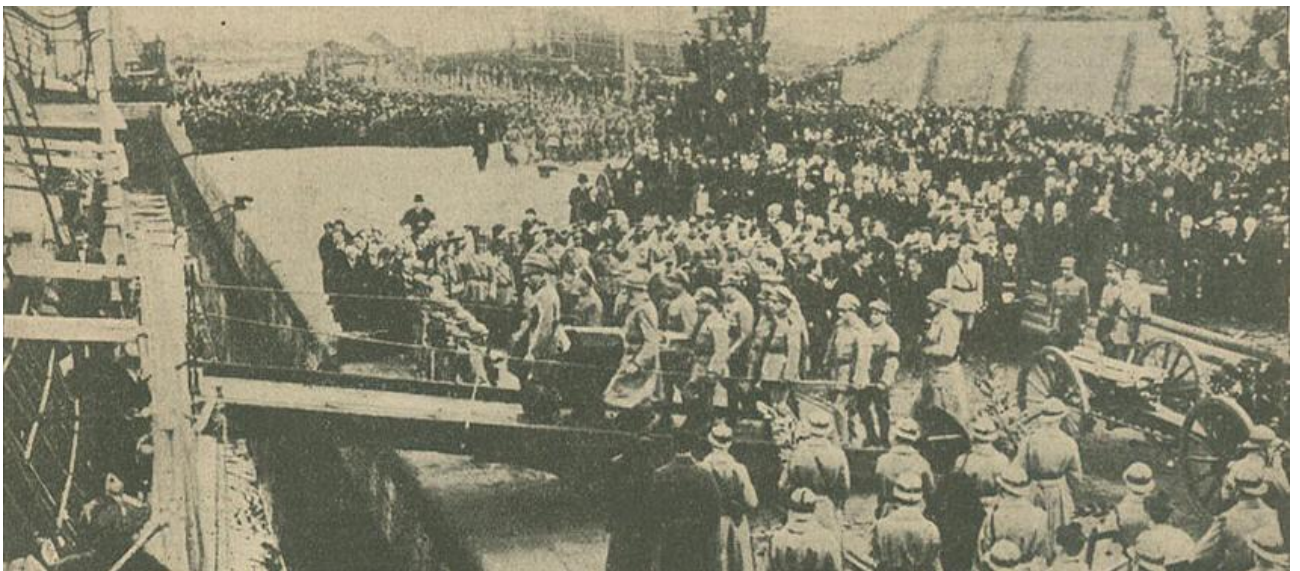
7.2 – O Soldado Desconhecido da Frente Ocidental

Não sei quando, exactamente, se iniciou o processo de enterrar dois soldados desconhecidos, um da Frente Africana e outro da Frente Ocidental (Flandres). Quem teve a ideia, quando foi aprovada e quando se iniciou o processo? Sabemos que em Março de 1921 o Governo Português já tinha a ideia em curso... Ainda em Março de 1921 o Governo português tratou, através do seu adido militar em Paris, da documentação necessária para a transladação do Soldado Desconhecido da França para Portugal.³⁹

Em Março o féretro esteve em câmara ardente, antes do embarque, no quartel francês n.º 129, no Havre. No entanto a aprovação parlamentar para a trasladação, tem a data de 18 de Março de 1921...

A 18 de Março de 1921 o Governo autorizou a transladação de dois Soldados Desconhecidos, um da França (Flandres) e outro da África (Moçambique), para o Panteão da Batalha. Foi, ainda, decidido que a cerimónia seria efectuada no dia 9 de Abril de 1921 e para tal decretou esse dia como feriado nacional.⁴⁰

A 5 de Abril de 1921, por ordem do Senado da República foi aberto um crédito para o Ministério da Guerra fazer face às despesas das homenagens a serem prestadas aos Soldados Desconhecidos⁴¹.



20 -- Embarque do Soldado Desconhecido Português no Cais do Havre, em França-

<http://www.momentosdehistoria.com/> acedido em 22-01-2014-

³⁹ PTA HM/DIV/1/36/29/11, de 1921/04/05

⁴⁰ Diário da Câmara dos Deputados, 41ª Sessão, 18 de Março de 1921, p. 21

⁴¹ Diário do Senado da República, sessão 34ª, 5 de Abril de 1921, pp. 3-7

Do porto do Havre para Lisboa, o caixão do Soldado Desconhecido da Flandres foi transportado no nosso navio mercante “Porto”, que ao longo da costa portuguesa foi escoltado até Lisboa, pelo contra- torpedeiro “Guadiana” e atracar ao Cais de Santos, a 6 de Abril de 1921.

No cais esperava uma guarda de honra, com muitos arranjos florais e folhas de palmeira. O caixão foi então retirado do navio e transportado por seis soldados de infantaria.

Também neste navio Porto , nesta data, regressaram a Portugal, os corpos de três oficiais tombados em combate na Batalha de La Lys, de 9 de Abril de 1918. Eram os seguintes;

Capitão Serra Machado, Tenente Vidal Pinheiro e Alferes Carrazeda de Andrade.

Como se vê , eram todos oficiais, o que indica que as repatriações eram selectivas. Regressavam aqueles cujas famílias tinham posses para os repatriar. Recordar aqui que a Grande Guerra foi a guerra dos soldados , dos campónios, como classe mais sacrificada. Em geral os oficiais não se encontravam na primeira linha, excepto talvez o alferes ou o tenente com o capitão geralmente na terceira linha . Acima da patente de capitão, os oficiais encontravam-se, na retaguarda, por vezes a 10 e mais quilómetros de frente .⁴²

O Soldado Desconhecido morto em França foi, em seguida, transportado para o Arsenal da Marinha onde se juntaram os dois Soldados Desconhecidos Portugueses, ver descrição mais à frente. No dia seguinte os dois soldados foram levados para o Palácio de S. Bento, também conhecido como o Palácio do Congresso ou Parlamento. É sede da actual Assembleia da República.

Na cerimónia , em homenagem aos Soldados Desconhecidos, em S. Bento, estiveram presentes o Snr. Presidente da República, Dr. António José de Almeida, o Ministro da Guerra e outros representantes do Governo Português e do Parlamento. A Igreja fez-se representar pelo Snr. Bispo de Beja, Chefe dos Capelães na Frente Ocidental, D. José do Patrocínio Dias.

⁴² Ramos, Rui, História de Portugal ,Coordenação de José Mattoso, Editorial Estampa,

Uma banda da marinha tocou a “Maria da fonte” ao mesmo tempo que os féretros eram saudados com 21 tiros de canhão, por navios da Armada ,atracados no Tejo.

7.3 - O Soldado Desconhecido da Frente da África Oriental (Moçambique)

Nota: Não encontrei informação relativa à localidade, desenterro e critérios seguidos na escolha dos soldados desconhecidos portugueses, tanto no que se refere ao soldado da Frente Ocidental como o do Norte de Moçambique. Notícia que carece de fontes indica que o Soldado Desconhecido de Moçambique foi desenterrado no Cemitério de Gabi.

Certos critérios e procedimentos foram seguidos por todos os outros países que apresentámos, na sua selecção do corpo do Soldado Desconhecido, sendo a notícia que se segue a mais antiga referência ao Soldado Desconhecido da África Oriental...

Portugal Honors Unknown Soldier, LOURENCO MARQUEZ, East Africa. March 17. ---The body of an unknown Portuguese soldier, which will be buried in the Pantheon in Lisbon, was sent to Cape Town from this city yesterday, and will be placed on board a ship for Lisbon on Friday. A squad of Portuguese soldiers brought the body from Nyassaland, where the soldier was killed in the war. Military honors were accorded the soldier here.⁴³

Portanto de Moçambique o caixão do nosso Soldado Desconhecido Africano foi enviado para a Cidade do Cabo , na África do Sul onde foi carregado a bordo do navio de rota inglês “Briton”, e transportado até ao largo do Funchal, na Ilha da Madeira , donde a 30 de Março saiu ao seu encontro um hidroavião para fazer a trasladação e transporte do féretro para terra.

Trasladado o corpo, do navio inglês para o hidroavião este chega à Madeira cerca das vinte horas do mesmo dia ,30 de Março de 1921 . É então levado para o Posto de Desinfecção onde pernoita. No dia seguinte, pelas treze horas é levado para os Paços do Concelho da Cidade do Funchal onde fica, em câmara ardente, aguardando transporte para Lisboa.

⁴³ Publicado pelo , The New York Times, a 18 de Março de 1921.

Nos Paços do Concelho da Cidade do Funchal o féretro é visitado em homenagem por milhares de pessoas, de autoridades militares e civis do Governo da Madeira, oficiais ingleses presentes na Ilha e também pelo General Norton de Matos, organizador do Corpo Expedicionário Português e na altura Alto Comissário da República em Angola, que ao passar pela Madeira a bordo do navio “Moçambique, desembarcou e fez presença no Cortejo em honra do Soldado Desconhecido.

No dia 3 de Abril , o Soldado Desconhecido Africano, embarcou para Lisboa a bordo do Cruzador “República”.

A 6 de Abril, no mesmo dia em que chega a Lisboa, o nosso Soldado Desconhecido de África, chega também o Capitão Sebastião Roby, um oficial de Infantaria, morto em Julho de 1915, numa emboscada no Sul de Angola, a bordo do navio Zaire acompanhado desde o Funchal pelo nosso navio de guerra. Depois de desembarcado o caixão deste oficial seguiu para o Arsenal da Marinha.



21 -- Féretro do Soldado Desconhecido de Moçambique, Praça Dr.Manuel de Arriaga,no Funchal.
01/04/1921
(Foto Museu de Fotografia Vicentes/Funchal)

Quanto ao Soldado Desconhecido de África ficou também no Arsenal da Marinha, juntando-se ao Soldado Desconhecido da Flandres.

7.4 - A Homenagem - De Lisboa ao Mosteiro da Batalha

No dia 7 de Abril os dois Soldados Desconhecidos partiram do Arsenal da Marinha em direcção ao Palácio do Congresso, hoje Assembleia da República, pelo itinerário, Rua do Arsenal, Rua do Ouro, Rossio, Avenida da Liberdade, Rua Alexandre Herculano, Praça do Brasil, hoje Largo do Rato, Rua de S. Bento, Largo das Cortes. O Presidente da República, Dr. António José de Almeida condecora os dois Soldados desconhecidos, ...

Em nome da República Portuguesa, tenho a honra de impor ao féretro dos dois Heróis desconhecidos as insígnias da Ordem da Torre e Espada.⁴⁴

Os dois féretros ficaram em câmara ardente numa sala do Palácio do Congresso até ao dia 9 de Abril. Centenas de milhar de pessoas, altas individualidades de países aliados, militares de altas patentes, e embaixadores, por ali passaram em homenagem.

No dia 8 de Abril de 1921, na sessão do Congresso foi efectuada uma homenagem aos Soldados Desconhecidos.⁴⁵

⁴⁴ Almeida, António José, 'Em Honra dos Soldados Desconhecidos - Discursos', Imprensa Nacional, Lisboa, 1921, p. 25

⁴⁵ Diário da Câmara dos Deputados, 44ª sessão, 8 de Abril de 1921, pp. 4-49.



22 -- O programa das Celebrações - <http://www.momentosdehistoria.com/> 20.01.2014



23 -- O cortejo fúnebre atravessa Lisboa - <http://www.momentosdehistoria.com> 20-01-2014

No dia 9 de Abril, dia comemorativo da Batalha de La Lys, os "Soldados Desconhecidos" foram trasladados da câmara ardente em que se encontravam no edifício do Parlamento para a Basílica da Estrela, onde se efectuou outra cerimónia solene de exéquias fúnebres.

Após esta cerimónia os féretros seguiram para a Estação do Rossio onde novas aclamações tiveram lugar , na presença de todas as altas individualidades que assistiam ao cortejo das janelas da estação.

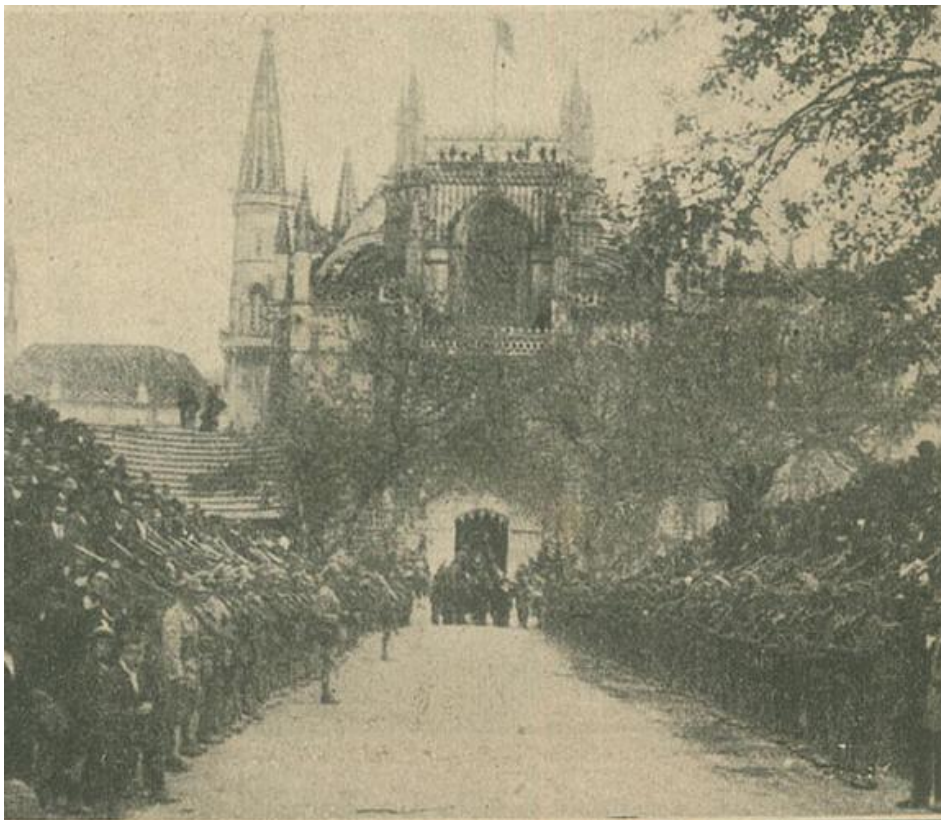
Os caixões dos dois soldados desconhecidos são então colocados em vagão aberto para o seu transporte para Leiria dando, ao longo do trajecto oportunidade ao povo de ver os caixões passar. O Estado Português tinha mobilizado também, três comboios, controlados pelo Exército, para seguir os féretros, dando assim possibilidade de o povo acompanhar gratuitamente as cerimónias.



24 -- Os Soldados Desconhecidos, na Estação do Rossio, em vagão aberto, antes da partida para Leiria <http://www.momentosdehistoria.com> - Acedido em 20-01-2014

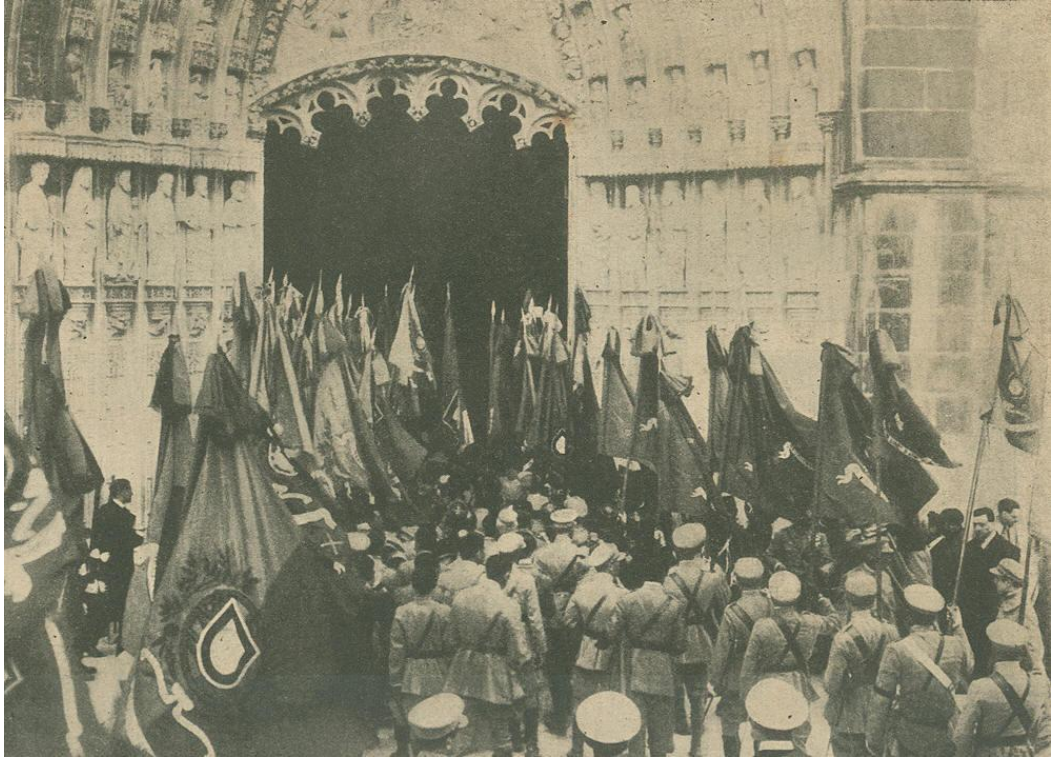


25 -- Partida de Leiria para a Batalha - www.momentosdehistoria.com 20-01-2014



26 -- A recepção à entrada do Mosteiro da Batalha - www.momentosdehistoria.com 20-01-14

A 9 de Abril de 1921 , os caixões contendo os dois Soldados Desconhecidos chegam à Estação de Leiria, e no dia 10 de Abril, são transportados de Leiria até ao Mosteiro da Batalha, Templo da Pátria. No momento da chegada ao Mosteiro da Batalha os canhões dispararam uma salva e o povo postou-se religiosamente em silêncio, os homens de cabeça descoberta.



27 -- A entrada das bandeiras no Mosteiro- www.momentosdehistoria.com 20-01-14

Pelo País observaram-se 5 minutos de silêncio e os sinos tocaram. Foi um dia de consagração e união de todos os portugueses, como se pode verificar pelas multidões que atraiu e que se podem observar nas fotografias.

Para assinalar este dia o Parlamento aprovou uma amnistia para muitos presos políticos que foram libertados.⁴⁶

Portugal foi até agora, o único País do Mundo a enterrar e homenagear dois Soldados Desconhecidos, da mesma Guerra, correspondentes a duas frentes de combate diferentes, uma de África outra da Europa.

⁴⁶ Diário de Lisboa, de 11/04/1921,p.2

7.5 - Representações estrangeiras

A França enviou-nos o Marechal Joffre, o salvador da França em 1914, a Itália o General Diaz , mais tarde Marechal , e da Grã-bretanha o General Smith Dorien. O nosso Coronel Ferreira Martins teve o dever de acompanhar o Marechal Joffre desde que ele entrou em Portugal pela fronteira da Valência de Alcântara até ao seu regresso a França.

A seguir às cerimónias do enterro dos Soldados Desconhecidos no Mosteiro da Batalha iniciaram uma visita pelo País e foram alvo de calorosa recepção em todas as cidades. No dia 15 de Abril o Marechal Joffre foi recebido na Câmara Municipal de Coimbra onde foi ovacionado pela multidão. De seguida recebeu o grau de Doutor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra que lhe foi conferido pelo seu Reitor , entre aplausos de professores e estudantes.⁴⁷

A Missão Francesa - O Marechal Joffre marcou presença em Lisboa. O vencedor do Marne e o salvador da França em 1914, foi condecorado pelo nosso Presidente da República, Dr. António José de Almeida. Foi muito aclamado pelo povo de Lisboa e depois no percurso para o Mosteiro da Batalha.

O Coronel Ferreira Martins foi o seu intérprete permanente desde que entrou em Portugal, por Valência de Alcântara, até à sua saída. No Tejo esteve presente um cruzador francês, o “Jean D’Arc”.

A Missão Italiana - Uma Comissão de oficiais portugueses foi a Valência de Alcântara receber o General Diaz, o vencedor da derradeira Batalha de Vitorio Veneto que selou a vitória da Itália e dos aliados sobre o Império Austro-Húngaro, na Frente Alpina. A comitiva fazia-se acompanhar também por oficiais espanhóis, uma vez que entraram em Espanha armados e isto trazia alguns problemas burocráticos. Uma vez entrados em Portugal estes militares italianos e portugueses chegaram ao Rossio de Combóio, onde foram fortemente aclamados pela população.

O General Diaz foi homenageado e condecorado pelo Presidente da República retribuindo aquele com a condecoração da Bandeira Portuguesa.

A Missão Inglesa - Representada pelo General Smith Dorrien, encabeçava a missão inglesa. Smith Dorrien que foi comandante em França do II.º exército da Força Expedicionária Britânica e , na altura, Governador de Gibraltar. A seguir ao seu mandato como Governador de Gibraltar residiu em Portugal durante algum tempo.

⁴⁷ Diário de Lisboa, de 07/04/1921, p.2.

A Missão Inglesa foi também, como todas as outras delegações alvo de grandes aplausos. Parece-me, no entanto, que a representação inglesa não era ao nível adequado para um aliado. Não veio o Primeiro Ministro Lloyd George ou, pelo menos Douglas Haig ou John French, mas, de novo, as relações da República Portuguesa com as monarquias não eram das melhores. Recorde-se que a Inglaterra dera asilo político a D. Manuel II. A Inglaterra enviou também um navio de guerra, o “Cleopatra”, em sua representação e da Marinha de Guerra Britânica, tendo estado fundeado no Tejo.

A Missão Espanhola- Almirante Pedro Zófia representava a delegação espanhola, enquanto no Tejo ancorava o cruzador espanhol D. Afonso XIII.

De notar aqui o gesto amigável da delegação espanhola para com Portugal e a República, já que nem sempre as relações luso-espanholas tinham sido as melhores, especialmente durante os primeiros cinco anos da República em que a Espanha ou dava apoio aos monárquicos ou manobrava no sentido de anexar Portugal procurando luz verde da parte da Inglaterra.

A Missão Americana- A missão era representada pelo Almirante Hughes da esquadra americana. E ainda o representante em Lisboa o Embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal.

O cruzador americano Olympia estava estacionado no Tejo. De notar que este cruzador será o navio que vai transportar o Soldado Desconhecido do Norte de França para Washington, em Novembro de 1921, data da homenagem e enterro do Soldado Desconhecido Americano, no Cemitério Nacional de Arlington.

7.6 - Depois de 10 de Abril de 1921

Em 1922 os túmulos dos Soldados Desconhecidos encontravam-se sob grande abandono o que envergonhava o Governo Português, em virtude dos túmulos serem visitados por altas individualidades estrangeiras.

Assim o Parlamento votou uma verba para manutenção dos túmulos. Havia também, nesta altura, uma forte polémica no sentido de trasladar os túmulos para Lisboa onde poderiam ser visitados por mais gente que não tinha possibilidades de se deslocar ao Mosteiro da Batalha .⁴⁸

⁴⁸ Diário da Câmara dos Deputados, 51^a sessão, 24 de Maio de 1922, pp. 27-29).

7.7 - Inauguração do Lampadário, no dia 9 de Abril de 1924

Desde 9 de Abril de 1921 o Túmulo do Soldado Desconhecido no Mosteiro da Batalha passou a ter sempre uma guarda de honra e uma vela acesa como sinal do respeito perene pelos que caíram no cumprimento do dever.

O monumento ao Soldado Desconhecido da Sala do Capítulo, do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, só recebeu o Lampadário no dia 7 de Abril de 1924. O Lampadário ou "Chama da Pátria", para o Túmulo do Soldado Desconhecido, foi uma obra do mestre Lourenço Chaves de Almeida.

A inauguração solene do Lampadário e o acender da Chama da Pátria deu-se no dia 9 de Abril de 1924, dia em que se completavam 6 anos da Batalha de La Lys . O Século, publicava a 9 de Abril o programa das festividades no Mosteiro da Batalha...

Na jornada do 9 de Abril de 1924, " Precisamente no momento do silêncio, o Sr. Ministro da Guerra, o Sr. Américo Olavo, acenderá, na Batalha, junto do túmulo dos Soldados Desconhecidos o «Lampadário da Pátria», devendo fazer uso da palavra nessa impressionante celebração, o general Sr. Simas Machado, comandante da 5ª Divisão militar, os representantes oficiais das Ligas de Combatentes e da Comissão de Padrões e, por último, o Sr. Ministro da Guerra.⁴⁹

O Lampadário foi criado em ferro forjado, ornamentado com figuras representando soldados de todos os tempos, e a sua chama sempre acesa é produzida com uma torcida embebida em azeite. Foi oferecido pela 5ª Divisão Militar, de Coimbra.

Existe presentemente um museu do Soldado Desconhecido no Mosteiro da Batalha que aceita oferendas, especialmente, de azeite para alimentar a “Chama Eterna”.

Foi também no ano de 1924, antes da cerimónia de 9 de Abril, que as ossadas foram tumuladas. Na laje da campa rasa do Soldado Desconhecido estão escritos os seguintes dizeres: Portugal eterno nos mares, nos continentes e nas raças, ao seu Soldado Desconhecido morto pela Pátria.

7.8 - O Cristo das Trincheiras

⁴⁹ Campos , Mário, A jornada gloriosa do 9 de Abril, O Século, n.º 15 140, de

9 de Abril de 1924, p. 5).

No sector português da Flandres, que ficava entre as localidades de Lacouture e Neuve-Chapelle, encontrava-se um cruzeiro com a figura de um Cristo que dominava a paisagem da planície envolvente. Durante o tempo de campanha esse Cristo pregado na sua cruz esteve à chuva e ao vento, exposto ao olhar dos soldados portugueses. No dia 9 de Abril de 1918, pela madrugada aquela planície foi alvo de intenso fogo de artilharia, durante horas. Era a ofensiva da Primavera de 1918, o tudo ou nada do Exército Alemão. A povoação de Neuve-Chapelle foi transformada em escombros. A área ficou juncada de cadáveres da 2ª Divisão do CEP, mortos ou agonizantes. Quando terminou o combate apenas o Cristo se mantinha de pé, mas mutilado. A batalha decepou-lhe as pernas, o braço direito e uma bala atravessou-lhe o peito.



28 -- O Cristo das Trincheiras - www.momentosdehistoria.com 20-01-14

Este Cristo ficou no seu cruzeiro durante quarenta anos erguido no mesmo local, até que em 1958 o Governo Português mostrou o desejo de adquirir este Cristo mutilado ao Governo Francês. Tornara-se um símbolo da Fé e do Patriotismo nacional e passou a ser conhecido como o "Cristo das Trincheiras".

A imagem chegou a Lisboa de avião, a 4 de Abril de 1958, uma Sexta-feira Santa. Ficou em exposição e veneração na capela do edifício da Escola do Exército até 8 de Abril. Muitos milhares de pessoas, militares e civis tinham passado por ali em homenagem ao Cristo Mutilado.

O “Cristo das Trincheiras” foi acompanhado desde França por uma delegação de portugueses, antigos combatentes da Grande Guerra, que residiam em França, e por uma delegação de deputados franceses, chefiada pelo Coronel Louis Christians.

No dia 8 de Abril a imagem foi transportada num carro militar para a Batalha, sem qualquer cerimonial especial, e aí ficou exposta na sala do refeitório do mosteiro para no dia seguinte, 9 de Abril, se efectuar a entrega oficial. No dia 9 de Abril, pelas 11 horas, começaram a concentrar-se junto ao Mosteiro da Batalha numerosas entidades civis e militares, entre elas os Embaixadores de Portugal em França e de França em Portugal, os Adidos Militares da França, da Bélgica e dos Estados Unidos, as altas patentes portuguesas do Exército, Marinha e da Força Aérea. Ao meio-dia iniciaram-se as cerimónias com a chegada do Coronel Louis Christian (França) e o Ministro da Defesa de Portugal Coronel Santos Costa. A guarda de honra foi prestado por um Batalhão do Regimento de Infantaria N.º 7, Leiria. O andor que transportou o "Cristo das Trincheiras" entre a sala do refeitório e a sala do Capítulo esteve ao cuidado de representantes da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O "Cristo das Trincheiras" foi então colocado à cabeceira do Túmulo do "Soldado Desconhecido".

Terminadas as orações o Adido Militar Francês, Coronel Revault d'Allonnes, conferiu aos dois "Soldados Desconhecidos" duas Cruzes de Guerra, as quais foram depositadas sobre a lápide.

A fanfarra do Regimento de Infantaria n.º 19, de Chaves, tocou a silêncio no final da cerimónia, enquanto uma Bateria de Artilharia do Regimento de Artilharia Ligeira de Leiria, disparava uma salva de 19 tiros.

7.9 - 1976 – Cerimónia no Mosteiro da Batalha

Um poema da autoria de Oliveira São-Bento, foi entregue pela Liga dos Combatentes em 1976, por ocasião do 55.º aniversário do funeral e colocação no Mosteiro da Batalha do Soldado Desconhecido.

Durante a Cerimónia solene o poema foi colocado sobre a Tumba do Soldado Desconhecido como nos relata o Jornal “Diário dos Açores – Ponta Delgada – de 23 de

Abril de 1991, pp.1.2, com o título “Impressionante cerimónia no Mosteiro da Batalha na 55.^a Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido...

AO SOLDADO DESCONHECIDO

Sobre o seu ataúde na Batalha.

Já não dormes aqui, - ressuscitaste!

És a Nova Bandeira; és o Troféu,

Às alturas do sol, erguido ao céu,

Para guiar a Raça que salvaste!

O sangue, puro e bom, que derramaste

Lavou a mancha negra do labéu

De medo e de traição, que se escondeu,

Enquanto, heróico e forte, batalhaste!

Águias, descei, descei, andai de rastros...

Iluminai-lhe o ataúde, ó astros,

Vinde beijar-lhe, humildes, a mortalha...

Que este é irmão daqueles que caíram

No chão de Aljubarrota e ressurgiram

Na pedra rendilhada da Batalha!

No entanto , existe certa controvérsia nesta notícia como se segue:

“O soneto “Ao Soldado Desconhecido” foi publicado pela primeira vez em 1921 e não em “O Clamor das Sombras”. Está hoje gravado em relevo, em letras metálicas, e depositado no Mosteiro da Batalha, no respectivo Museu. (Informação prestada por João San-Bento Pontes, neto do Poeta, em 14/01/2011)”.

Existe também um erro quanto à localização do Túmulo do Soldado Desconhecido Português, por autores estrangeiros que o colocam na Igreja de Belém, naturalmente referem-se ao Mosteiro dos Jerónimos, onde ele nunca esteve. Um desses autores é Neil Hanson no seu livro “Unknown Soldier”, outro é Martin Gilbert, no seu livro “The First World War”, mas há outros.

7.10 - A Guarda Militar ao Túmulo

O Regimento de Artilharia n. 4 de Leiria fornece diariamente as sentinelas que velam



29 -- A Guarda Militar aos túmulos, em posição

<http://www.panoramio.com/photo/52734358>-Acedido em 15.03.2014

pelo Soldado Desconhecido ao disponibilizar os serviços de um sargento, um cabo e seis soldados. A Guarda é rendida de meia em meia hora ⁵⁰.

7.11 – Visitantes

⁵⁰ Para uma melhor compreensão do render da guarda veja-se;

<http://www.youtube.com/watch?v=eMh6Z40bu1o>

Além de altos dignatários de outros países que normalmente por ali passam em homenagem ao País, o local do Mosteiro e especialmente a Sala do Capítulo, são visitados anualmente por dezenas de milhar de pessoas que não perdem um render da guarda e o admirar do maravilhoso monumento que se tornou no altar da Nação Portuguesa. Estes turistas constituem também um impulso para a economia local.



30 -- O render da guarda no Mosteiro da Batalha, a cerimónia mais apreciada do culto ao Soldado Desconhecido http://s976.photobucket.com/user/painosso/media/Fatima-Nazare-013/IMG_5831_zpsaecf0fcf.jpg.html- acedido em 15-06-2014

8 - Il Milite Ignoto - Itália

Em Julho de 1921 o Senado aprovou a cerimónia e enterro de um soldado desconhecido italiano morto em combate e seu enterro junto do Vitoriano ou seja o monumento ao primeiro Rei da Itália unificada.

Os Italianos enterraram o seu Soldado Desconhecido no terceiro aniversário da grande vitória militar de Vittorio Veneto que lhes permitiu ganhar e acabar com a Guerra , a 4 de Novembro de 1918.

8.1 – As origens

Também na Itália, desde 1916, que a imprensa vinha falando de enterrar um soldado não identificado e colocá-lo junto do monumento a Vittorio Emanuel, na Praça de Venezia, em Roma, inaugurado em 1911 e terminado em 1931, em honra do primeiro rei da Itália unificada.

A primeira pessoa que parece ter tido a lembrança de enterrar um soldado desconhecido em nome de todos os desaparecidos foi Giulio Douhet, um coronel aviador do exército italiano, e editor do jornal “Il Doverè”, o qual usou para divulgar e apoiar a ideia. Mas há autores que referem o poeta aviador Gabriele D’Annunzio, também ele próprio escritor, poeta, aviador e editor dum jornal, “Il Notturmo”, como precursor da ideia. D’Annunzio foi por muitos considerado um herói associado especialmente à cidade de Fiume e personagem polémica que alguns ligavam ao fascismo.

Queremos anotar aqui que o Senado Italiano só em Junho e Julho de 1921 discute e aprova o memorial ao soldado desconhecido e que nesta altura o Soldado Desconhecido Português se encontrava já no Mosteiro da Batalha.

8.2 – A escolha de corpos e a selecção de um deles

A 27 de Outubro de 1921, 11 corpos de soldados italianos mortos em combate nas várias frentes, especialmente dos Alpes, foram transportados para a Basílica de Aquileia, o primeiro caixão por mães e viúvas de soldados desaparecidos em combate, e os outros por veteranos de Guerra mutilados.

Aquileia era a cidade onde jazia sepultado o “Herói do Timavo” major Giovanni Randaccio que quando morreu na décima batalha do Isonzo, o seu corpo fora envolvido por Gabriele D’Annunzio, seu amigo, na bandeira italiana que ficou manchada de sangue. Mais tarde esta bandeira seria usada para cobrir o caixão do “Milite Ignoto”.

Depois da visita dos habitantes aos caixões foi decidido encerrar as portas da basílica para evitar que se descobrisse a região onde os corpos tinham sido desenterrados.

Seguiu-se depois a cerimónia de escolha de um dos caixões, aquele que seria transportado para Roma e sepultado como o “Milite Ignoto”. A pessoa nomeada para escolher o caixão foi uma mulher que não só tinha perdido o marido, mas também um filho, o seu nome era Maria Bergamas. A escolha recaiu nesta mulher talvez porque tinha perdido muito e o seu sofrimento seria ainda maior do que as outras. Mas alguns autores argumentam numa relação de maior afinidade entre mãe e filho e ainda outros apontam razões culturais da sociedade italiana onde a mulher teria mais autoridade no lar, ou ainda uma ligação entre nascimento e morte ...

The chooser, in this case was a Triestine woman of the people who had lost her son as well as her husband in the war [...] The choice of a son in relationship to a mother – unique to Italy – emphasized matriarchy rather than patriarchy which was associated with a more visceral, less abstract, and less civic bond ⁵¹ .

Foi apresentado a Maria um ramo de flores para ela colocar sobre um caixão da sua escolha, após a sua bênção com água recolhida no Rio Timavo. Mas ela emocionou-se e começou a chorar de tal modo que se desequilibrou contra um dos caixões deixando cair sobre ele o seu véu em vez das flores e aquele foi o caixão escolhido.

Maria Bergamas representava as mães enlutadas da Itália e a própria Itália como a mãe enlutada principal.

Anoto aqui o caso único em que um soldado desconhecido é, em Itália, escolhido por uma mulher com um ramo de flores.

Os dez caixões restantes foram sepultados com honras militares no Cemitério de Aquileia, depois de todos eles terem sido também benzidos com a água do Rio Timavo.

Maria Bergamas foi a sepultar em 4 de Novembro 1954, no cemitério de Aquileia onde o seu corpo ficou junto dos restantes soldados desconhecidos ali sepultados e que não tinham sido por ela escolhidos, como “Milite Ignoto”.

⁵¹ Wittman, Laura, *The Unknown Soldier and the reinvention of the mystical body* , University of Toronto Press, Toronto, 2011, p.66



31 -- Maria Bergamas com seu ramo de flores--it.wikipedia.org – acedido em 21-01-2014

8.3 – De Aquileia a Roma

O corpo do Soldado Desconhecido italiano seguiu depois de Aquileia para Roma , de combóio. Em cada estação ou paragem o combóio permanecia alguns minutos, o suficiente para permitir aos locais, por vezes aos milhares, uma vista do caixão.

Recordemos aqui como o transporte do Soldado Desconhecido Italiano de Aquileia para Roma, segue em vagão aberto, como já sucedera com o Soldado Desconhecido Inglês e o Soldado Desconhecido Português, em 11 de Novembro de 1920 e 9 de Abril de 1921, respectivamente.

Chegado a Roma este segue em procissão para a “ Igreja de Santa Maria degli Angeli” que depois de missa de corpo presente ficou, durante dois dias, em câmara ardente.

A 4 de Novembro o caixão segue então para o Monumento Vitoriano onde têm lugar as cerimónias oficiais.



32 -- Chegada a Roma do combóio que transportava o “ Milite Ignoto” – vindo de Aquileia
<http://www.comune.cinisello-balsamo.mi.it/> 21-01-2014

8.4 – O Monumento Vitoriano e as cerimónias

Por ali passaram mais de 300 000 mil pessoas, ao que a imprensa local se referia como “a sea of people” ⁵².

Uma demonstração similar teria lugar quase cem anos depois quando 19 militares italianos das forças de reconstrução do Iraque foram abatidos em Nahziria em Novembro de 2003 e trazidos para o Monumento, na Praça de Veneza onde ficaram em câmara ardente e por onde passaram novamente “seas of people”⁵³ , como, de novo, lhe chamou a imprensa local. Estes militares eram perfeitamente conhecidos, e identificados, mas o símbolo do soldado desconhecido tinha evoluído para um significado mais abrangente , além de a mesma evocação, o sacrifício pela pátria, a dor, o luto, o sofrimento, tudo pela Itália.

⁵² La Republica”, 04-11-1921

⁵³ La Republica , 13.11.2003

As cerimónias foram celebradas no maior silêncio e com um mínimo de discursos à semelhança de outras como em França e Inglaterra. O caixão do Soldado Desconhecido fora sempre transportado aos ombros por veteranos de guerra dos mais condecorados. Embora as relações do Estado Italiano com o Vaticano não fossem as melhores o clero ali marcou presença, como além disso tinha feito com a sua contribuição e presença no exército durante a guerra.

8.5– Guarda de Honra e apropriação do Soldado Desconhecido como símbolo fascista



33 --Monumento Vitoriano,

http://archivio.pubblica.istruzione.it/didattica_musealenew/vittoriano.-Acedido em
29.03.2014

A partir de 1922 logo após a sua marcha sobre Roma, Mussolini tentou identificar-se com o soldado desconhecido, para chamar a si a adoração do povo, porque também ele seria o salvador da pátria. Sacrificaria a sua vida como o Soldado Desconhecido sacrificou a dele para salvar o País. Mais tarde , em 1945, foi a resistência italiana dos “Partisans” que fez uso do “Milite Ignoto” , como símbolo da sua luta contra o fascismo italiano.

Também na Alemanha houve, logo em 1933, uma forte corrente para atribuir o simbolismo do Soldado Desconhecido, a Adolfo Hitler, como a encarnação representativa do sacrifício, amor, sofrimento e dedicação à pátria.

Vemos aqui um multiuso do simbolismo do Soldado Desconhecido adaptado às circunstâncias e usado por quem lhe convinha. Isto só era possível devido à neutralidade política, religiosa, anonimidade e transcendência que caracterizavam o Soldado Desconhecido.

A Itália, como a Alemanha, não ficou satisfeita com o Tratado de Versalhes, “vitória mutilada” como lhe chamou D’Annunzio, porquanto as restantes potências aliadas não lhe atribuíram, no fim da Guerra os territórios prometidos pelo Tratado de Londres de 1915,



34 -- A Guarda de Honra ao Soldado Desconhecido Italiano

<http://www.panoramio.com/photo/252927> - Acedido em 29.03.2014

devido ao qual os italianos entraram na Guerra ao lado dos aliados. Fiume e a Dalmácia não lhes foram concedidas por oposição dos franceses e ingleses, o que levou os italianos a certo ponto a abandonarem a Conferência de Paris.

Deste modo estavam lançadas as sementes que permitiriam a Mussolini assumir o poder e impor o fascismo, logo em 1922, com a sua “Marcha sobre Roma”.

O Soldado Desconhecido é velado diariamente por uma guarda militar, como acontece em Portugal, Estados Unidos e muitos outros países.

8.6 – Conclusão

O Soldado Desconhecido Italiano é sepultado num monumento de grande significado como nos outros países descritos, “ il Altare della Patria”, o Monumento Vitoriano. Naquela data ainda não estava terminado o que só viria a acontecer anos mais tarde, em 1931. A sua construção causou grande polémica em Roma devido ao facto de que parte da Colina Capitolina fora destruída. Do seu topo se avista uma panorâmica da cidade num raio de 360 graus. Não é de estranhar, portanto a afluência turística às centenas de milhar ou mesmo aos milhões de pessoas, ou pela simbologia do “Milito Ignoto” ou pela História e significado do Monumento ou ambas as razões.

Como em França e Inglaterra também em Itália houve uma grande controvérsia política e social sobre o enterrar o soldado desconhecido em nome de todos os outros desaparecidos.

9 - “The Unknown Soldier” - Estados Unidos da América

Do mesmo modo que o Diário de Lisboa prestava homenagem aos Soldados Desconhecidos Portugueses, a 7 de Abril de 1921 com o seu editorial de primeira página também o Diário The New York Times, se dirigia, em termos elogiosos, ao Soldado Desconhecido que ali chegara vindo de França e que foi sepultado no Cemitério Nacional de Arlington , a 11 de Novembro de 1921.

Esse editorial realçava a humildade, a modéstia, a anonimidade, o cumprimento do dever e o sacrifício supremo na defesa do seu país.

Hino de louvor ao Soldado Desconhecido Americano.

“THE AMERICAN UNKNOWN SOLDIER”-

"The Unknown American has come home – come home without name or age, without birthplace, East or West or North or South, without a place in all the continent that can call him its own, without father or mother, sister or brother or friend, without ancestry, without posterity, without rank or office, without vocation, except that of serving his country and the cause to which it asked him to offer his life. What skill was in his hand, what speech was on his lips, what dream or ambition was in his mind, what love was in his heart, no mortal will ever know. He, the homeless, parentless, friendless one, has come back to find America herself his mother, teacher, friend, and her own "God's acre" his permanent home. The ship that brought him was greater than King Arthur's dusky barge with the "three queens with crowns of gold" upon the decks "dense with stately forms." It was a ship once the flagship of an Admiral. The greatest citizens of his time have stood with bared head in his presence, though he was but a youth when his years ended. The greatest Generals of the world have saluted him, though he may have been but a private. The poets have sung his praise. Beyond all this tribute of presence and speech, a hundred million men, women and children will pause today in thought of him and pay an homage of silence more eloquent than speech...⁵⁴.

9.1 - As origens do Soldado Desconhecido Americano

Os Estados Unidos da América foram um interveniente tardio na Grande Guerra. Embora proclamando-se neutros os americanos vinham, de há muito, abastecendo os aliados de tudo o que estes precisavam, incluindo armas e munições, assim como toda a espécie de mercadoria necessária para o esforço de guerra. Concediam também múltiplos empréstimos a todos os beligerantes.

Em 6 de Abril de 1917, os Estados Unidos declaram guerra aos países da Aliança Tripla. O motivo principal foi a guerra total submarina iniciada pelos alemães às marinhas mercantes dos países abastecedores da Grã-Bretanha, o que muito prejudicava os americanos. Mas também se pensa que, em virtude da saída da Rússia ter feito a paz com a Alemanha pelo Tratado de Brest-Litovsk (3 de Março de 1918), este acontecimento permitiria à Alemanha deslocar centenas de milhar dos seus soldados da Frente Oriental para a Frente Ocidental, o que não aconteceu, em parte. Há ainda quem indique que os americanos recearam que se os europeus da "Tríplice Entente" perdessem a guerra os débitos destes países aos Estados Unidos estariam perdidos. Inclui-se também nas causas da intervenção militar o "telegrama Zimmerman", enviado pelo Ministro dos Exteriores alemão ao seu embaixador no México para que este influenciasse os mexicanos a declararem guerra aos Estados Unidos,

⁵⁴ Publicado pelo, The New York Times, a 11 de Novembro de 1921

prometendo-lhes recompensas territoriais de estados americanos que outrora foram parte do território mexicano como o Texas, Arizona, New México e Califórnia. Este telegrama, em código, acabou por ser interceptado pelos serviços secretos ingleses que o passaram aos Estados Unidos.

Como já mencionei a presença americana na Guerra fez-se principalmente sentir a partir de Abril de 1918, com uma participação mais substancial em homens e um comando próprio. Um grande afluxo de homens frescos e saudáveis eram uma garantia de que os alemães não podiam vencer a guerra. Cerca de 90 mil americanos perderam a vida na Frente Ocidental, embora muitos tombassem de morte por doença, “gripe espanhola”.

Pelo facto de que os Estados Unidos entraram na guerra somente a partir de Abril de 1917, e durante algum tempo ainda em pequenos números e que a guerra a partir de aproximadamente um ano depois, se torna numa guerra mais móvel, não sofreram aqueles bombardeamentos de artilharia que revolviam as campas de soldados enterrados, os destroçavam e os tornavam irreconhecíveis. Por isso se crê que o número de soldados não identificáveis não ultrapassava os 1900.

Já em 29 de Outubro de 1919 o Brigadeiro General William Connor tinha sugerido o enterro de um soldado americano não identificado, mas o Chefe de Estado Maior, General Peiton March desconsiderou a ideia.

No entanto, em 1920, influenciado pelos relatos das cerimónias na Inglaterra e França no mês de Novembro desse ano, o Congressista de New York, Hamilton Fish jr, leva a ideia ao Congresso com um enorme apoio do General Pershing, da imprensa e do público.

Em 4 de Março de 1921, o Congresso Americano aprova a Lei ou resolução que vai permitir a trasladação de um soldado desconhecido, morto em combate, em França, e o seu enterro no Cemitério Nacional de Arlington, na Virgínia. Woodrow Wilson, no termo da sua presidência, assina esta lei a 5 de Março de 1921.

Os procedimentos para o cerimonial do enterro de um soldado americano não identificado seguem praticamente os mesmos passos de todos os outros cerimoniais até agora descritos.

O “The New York Times” na sua edição de 21 de Outubro de 1921, relata o seguinte;

Special to the New York Times" – Washington, October 11, Secretary Weeks today announced that the body of the Unknown Soldier to be buried in Arlington on Nov. 11, will be selected from four unidentified American bodies to be assembled at Chelons, each from a different cemetery. The body will arrive at the Havre on October 25 and leave on the Olympia, the same day.

Major General Henry Allen commanding the army of occupation in Germany, who will select the body to be brought to America, will head the escort to Havre. A guard of honor, pallbearers and American Legion representatives will follow the escort.

The French Minister of Pensions M. Maginot, a war veteran will represent France at the Havre and will decorate the body with the Legion of Honour. French troops will assist in the ceremonies and a French naval vessel will fire a salute.

Marshal Foch will decorate the body in Washington with the "Medaille Militaire" and the "Croix de guerre" ⁵⁵.

Para mais informação sobre as cerimónias de despedida do Soldado Desconhecido no porto francês Le Havre, incluindo os discursos do Ministro das Pensões Maginot, em representação do Governo Francês e do General Allen em representação do Governo Americano- veja-se...⁵⁶

9.2 - A escolha de um corpo , cerimónias de despedida em França e viagem para os Estados Unidos.

Este é portanto o programa oficial do governo Americano para o desenterro, escolha , transporte e cerimónias em França do soldado americano anónimo, até à sua chegada à capital dos Estados Unidos da América, como descrito no The New York Times acima referenciado em nota de rodapé- 55.

Note-se aqui que o navio de Guerra "Olympia" , onde foi transportado o Soldado Americano anónimo, esteve fundeado no Tejo aquando das cerimónias ao Soldado Desconhecido Português, que tiveram lugar a 7,8,9 e 10 de Abril, deste mesmo ano.

⁵⁵ Publicado pelo The New York Times – em 12 de Outubro de 1921

⁵⁶ http://www.gmfound.com/soldier_unknown.htm - Documento dos arquivos do Exército Americano, Fort Lee, Virgínia

Coube ao sargento Edward Younger do Exército Americano, em serviço na Alemanha, a escolha de um corpo entre os quatro que jaziam em outros tantos caixões.

A escolha do caixão foi feita numa segunda-feira, pelas 10 horas da manhã, do dia 24 de Outubro, sob o olhar atento do Supervisor Geral de Aprovisionamento das Forças Americanas na Alemanha e ainda do Presidente da Câmara de Chalons-sur-Marne, altas patentes do Exército Francês, altas individualidades civis e outros.

O Sargento Younger entrou na sala solene e silenciosa, enquanto cá fora uma banda tocava música apropriada. Caminhou duas vezes à volta dos caixões, cada um deles retirado de uma zona de batalha diferente, com um ramo de rosas brancas na mão, até que se decidiu a pousá-las sobre um deles. Então ele recuou um passo, postou-se em sentido perante o caixão, e fez-lhe continência, no que foi imediatamente seguido por todos os oficiais presentes, na sua saudação.

O caixão com o corpo seleccionado ficou então em câmara ardente por várias horas, observado por uma guarda de honra composta de soldados americanos e franceses, enquanto o povo de Chalons por ali passava e deixava os seus arranjos florais e corôas de flores à volta do caixão. Depois de breves cerimónias de adeus do Povo Francês o caixão foi colocado num carro, coberto por uma bandeira americana e escoltado até à estação dos caminhos de ferro de Chalons para a sua jornada na direcção do Porto de Mar de “Le Havre”.

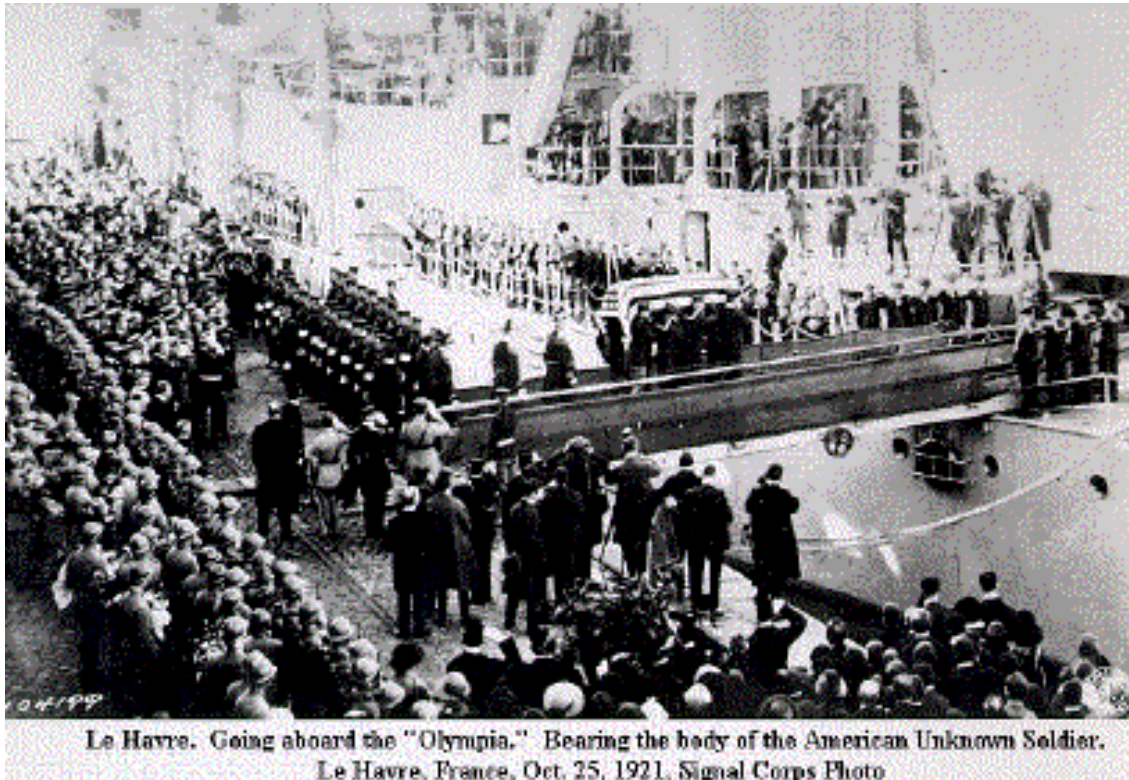
Após a chegada ao Havre o combóio tinha à sua espera oficiais da cidade, oficiais do exército e muitos civis para prestarem homenagem ao Soldado Desconhecido Americano.

Saído da estação o corpo foi escoltado por milhares de civis e de tropas francesas e americanas, em procissão solene e uma montanha de flores à volta do caixão, através da cidade até ao Porto do Havre e ao cais de embarque, onde o aguardava o cruzador americano Olympia, do Almirante Dewey, navio de comando na batalha da Baía de Manilla. Com as bandeiras a meia haste, iria transportar aquela carga preciosa para o seu país natal.

No cais do Havre, tiveram lugar mais cerimónias de despedida daquele que dera a vida pela defesa da França e fora garantia da liberdade europeia e da vitória dos aliados.

Depois destas cerimónias, o caixão foi então entregue à Marinha de Guerra Americana e colocado no convés do Cruzador Olympia, coberto com centenas de arranjos florais para a viagem de regresso ao seu país de origem.

Devagar e em total silêncio o navio foi-se afastando do cais sendo saudado por uma salva de tiros de canhão disparada por um navio de guerra francês.



35 -- Carregando o "Unknown Soldier" a bordo do cruzador Olyimpia

http://www.qmfound.com/soldier_unknown.htm ---10-02-2014

9.3 – Chegada do corpo a Washington e cerimónias locais

No dia 9 de Novembro de 1921, cerca das 16 horas, o Olympia atracou ao cais da Marinha de Guerra, em Washington. Os canhões do Forte Washington dispararam uma salva de 21 tiros enquanto uma banda da Marinha saudava também, ao mesmo tempo que centenas de milhar de pessoas assistiam e aplaudiam.

O caixão foi então entregue pela Marinha ao Exército representado pelo comandante do Distrito Militar de Washington e escoltado até à rotunda do Capitólio. Aqui o corpo foi depositado no mesmo cadafalque que suportou os restos mortais dos Presidentes Lincoln, Garfield e Mckinley, todos eles assassinados.



36 --O “Unknown Soldier”, no Capitólio, em Washington
<http://content.time.com/time/photogallery> - Acedido em , 18-02-2014

O Soldado Desconhecido ficou então no Capitólio, em câmara ardente, rodeado de uma guarda de honra composta por homens da Marinha, Exército e Fuzileiros Navais.

A partir dali centenas de milhares de pessoas , altas individualidades, representantes de missões diplomáticas estrangeiras, prestaram as suas homenagens em silêncio, passando respeitosamente em frente do caixão.

No dia 11 de Novembro de 1921, dia do Armistício, às 8.30 da manhã, o caixão foi então removido da Rotunda do Capitólio e escoltado até ao Anfiteatro do Cemitério Nacional de Arlington, tendo passado pela Casa Branca e Avenida da Pennsylvania. Aqui o acompanharam as mais altas individualidades da nação Americana, incluindo o Presidente Harding e esposa, corpo diplomático, altos dignatários, generais do Exército, Almirantes da Marinha, comandantes militares dos Aliados, Marechal Foch, ali estava, General Diaz de Itália, ali estava, General Pershing (Black Jack Pershing) e outros.

Foi surpresa para muitos a presença do ex- Presidente Woodrow Wilson acompanhado da esposa e que chegou um pouco tardiamente ao Capitólio e que apesar da sua doença

acompanhou o féretro do Soldado Desconhecido, mas que se não deslocou a Arlington tendo deixado o acompanhamento perto da Casa Branca.

Seguiram-se então as cerimónias em Arlington de acordo com um programa detalhado onde sobressai não só a sequência das mesmas, mas a atribuição de lugares e a sua distribuição às diferentes individualidades, incluindo as chamadas “Golden Mothers”, isto é mães que tinham perdido filhos na Guerra...⁵⁷

9.4 - O Cemitério Nacional de Arlington –Virgínia

Que lugar é este para onde os Americanos trasladaram o seu “Unknown Soldier”?

Há quem diga que a história do Cemitério Nacional de Arlington é a história dos Estados Unidos, tal é a sua importância para a Nação, pois ali estão sepultadas muitas das suas personagens mais destacadas, desde presidentes a generais, de heróis militares a heróis civis. Além dos três Presidentes assassinados que já mencionei, também John Kennedy igualmente assassinado ali se encontra, assim como Ronald Reagan⁵⁸

O Cemitério Nacional de Arlington tinha sido, antes da Guerra Civil Americana (1861–1865) uma próspera e rica propriedade agrícola (plantação de algodão predominantemente) pertencente ao famoso comandante do Exército Confederado do Sul, General Robert Lee. Este adquirira-a por ter casado com Mary Randolph Custis, que por sua vez a herdara através dos seus antepassados descendentes de George Washington.

Robert Lee, graduado da Academia Militar de West Point, ali residia quando se iniciou a Guerra Civil, devido à questão da escravidão. Lee foi obrigado a escolher entre Norte e Sul, uma vez que era natural da Virgínia e este estado se ter colocado ao lado dos Estados

⁵⁷ Program Ceremonies at Memorial Amphitheater, November 11, 1921, ver em Anexos,

ver também, para um relato mais detalhado, Supplement Service Bulletin of The Associated Press – “The Unknown Soldier”, by Kirke Simpson, as sent from Washington, DC, on Wednesday, Thursday and Friday, November 9, 10 and 11, 1921”, - adquirido, em forma electrónica, na Biblioteca DOE da Universidade de Berkeley, Califórnia.

⁵⁸ Poole, Robert, *On Hallowed Ground, The Story of Arlington National Cemetery*, Bloomsbury USA, New York, 2009, e Kennedy, Royce, *Arlington National Cemetery Became my Classroom*, Publishamerica, Baltimore, 2011.

Confederados. Sem querer trair o Norte Robert Lee pediu a sua resignação de oficial do Exército Unionista.

Posto isto tornou-se conselheiro militar do Presidente da Confederação Jefferson Davis e finalmente foi-lhe oferecido o comando do Exército do Sul . Nessas funções partiu de Arlington e pouco depois, sua esposa avisada por amigos da iminente ocupação da plantação, pelo Exército do Norte, foi também forçada a partir, para não mais lá voltar.

Arlington foi transformada em quartel general das forças do Norte e um dos oficiais no comando era um colega de Robert Lee da Academia Militar de West Point, agora Brigadeiro General Montgomery Meigs que o odiava e o considerava um traidor. Ora Meigs a certa altura decidiu que transformaria a plantação de Lee de tal forma que ele não mais lá poderia regressar. Brigadeiro Meigs começou a enterrar os soldados mortos na Guerra Civil, em Arlington, o primeiro já em 1864, até que oficialmente Arlington se tornou num cemitério da Nação.

Em 1925, o Congresso Americano verificando o estado lastimável em que se encontrava a antiga residência de Robert Lee, aprovou uma verba para a sua restauração, porque entretanto o luxuoso edifício tinha passado a ser património dos Estados Unidos depois de uma indemnização aos descendentes dos proprietários devido a uma acção judicial⁵⁹

Foi na qualidade de Cemitério da Guerra Civil Americana que ali foram enterrados , em 1866, numa vala comum, 2111 soldados não identificados, ou seja soldados desconhecidos, e erguido um sarcófago de granito. Foi a primeira vez na América, que se enterraram com reverência soldados não identificados.

9.5- As cerimónias em Arlington

Em Arlington, naquela manhã, tudo estava elaborado de acordo com o programado ⁶⁰.

O caixão do “Unknown Soldier” deu entrada no cemitério Nacional de Arlington, pela Entrada Sul . Durante o cortejo e à sua chegada , uma grande audiência permaneceu em

⁵⁹ Cavanagh, Catharine, Arlington National Cemetery, publicado em Junior Munsey, em Junho de 1901 (ver em Anexos)

⁶⁰ Program of the ceremonies attending the burial of an unknown and unidentified american soldier who lost his life during the world war. November 11, 1921. Ver programa em Anexos

silêncio e de cabeça descoberta. Seguiu--se uma cerimónia simples durante a qual o Presidente Harding que tinha tomado posse há pouco mais de meio ano, se dirigiu à audiência e de facto a toda a Nação (voltaremos a este assunto mais à frente) e ao mundo, depois de ter condecorado o Soldado Desconhecido com a Medalha de honra do Congresso e a Cruz de Serviços Distintos. A Inglaterra, através do Almirante de esquadra Early Beatty apresentava, pela primeira vez a uma entidade ou pessoa não inglesa , a sua mais alta condecoração “ The Victória Cross”.⁶¹

Condecorado também por todos os governos aliados com a mais alta distinção dos seus países, foi de seguida, na campa do Soldado Desconhecido espalhada 2 polegadas de solo francês, trazido expressamente de França para que o herói anónimo pudesse partilhar aquele solo com os seus colegas de guerra. Só então foi o caixão baixado à sua última morada . A campa tem os seguintes dizeres;

“ Here rests in honored glory an American soldier known but to God.”

De acordo com a recomendação do Presidente Harding aos governadores de todos os Estados dos Estados Unidos da América , das 11.45 às 12 horas deveriam ser observados dois minutos de silêncio total, parando todo o trabalho e os sinos das Igrejas deveriam repicar durante 15 minutos como tributo ao Soldado Desconhecido , exactamente à mesma hora em que estavam a decorrer as cerimónias em Washington.

9.6-A transmissão directa das cerimónias em Arlington e o discurso do

Presidente Harding

O Discurso do Presidente Harding foi , pela primeira vez na História, amplificado para os presentes no Cemitério Nacional de Arlington e transmitido directamente para ouvintes em S. Francisco, na Califórnia e “Madison Square Garden”, em Nova York.

⁶¹ The AP report, by Kerke Simpson, November 9,10 and 11, 1921 (em Anexos)

Nesses lugares centenas de milhar de pessoas ouviram em directo as cerimónias e o discurso (ver discurso integral, em anexos) do Presidente Harding. Não era ainda transmissão de voz sem fios, pois foram usadas linhas telefónicas que tanto em S. Francisco como em New York estavam ligadas a amplificadores de som (loud talker).

Embora se viesse há alguns anos a usar TSF, para comunicar, este método só era usado para Código Morse, o mesmo meio usado para pedir auxílio pelo navio Titanic, em 1912 e o mesmo usado nas comunicações da Grande Guerra, tanto em terra, como no mar e ar. No entanto o uso de TSF com transmissão de voz já vinha sendo experimentado com êxito, desde 1906, (Fessenden, 1866-1932) e de facto as primeiras estações de rádio, nos Estados Unidos, estavam mesmo ao virar da esquina (Primeira estação de rádio foi em Filadélfia, 1921).

Quase 2500 anos depois, de maneira similar a Péricles que em 430 a.C., se dirigiu aos atenienses para lembrar a sua democracia e honrar e elogiar os seus mortos na Guerra do Peleponeso, como nos relata Tucídides, na sua História da Guerra do Peleponeso...

Quando os restos mortais dos guerreiros são enterrados, um cidadão escolhido pelo estado e considerado pelo povo como o primeiro em judiciosa prudência e visão, profere a oração fúnebre apropriada.⁶²

do mesmo modo, o Presidente Harding se dirigiu a todos os americanos e ao mundo enaltecendo os mesmos atributos (Anexo C).

9.7 - Adição de mais Soldados Desconhecidos

Os Americanos foram a única nação do mundo que adicionou ao Soldado Desconhecido original, mais soldados desconhecidos na sequência das guerras em que tomaram parte.

Assim trouxeram para o mesmo local no Cemitério Nacional de Arlington o Soldado Desconhecido da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, o Soldado Desconhecido da Guerra da Coreia de 1950 a 1953 e um Soldado Desconhecido da Guerra do Vietname (1961 a 1975). Este último soldado devido a novos processos de identificação de ADN foi

⁶² Tucídides, História da Guerra do Peleponeso, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, p. 198

identificado como o Tenente Michael Blassie, morto em 1972 quando o seu avião de combate se despenhou perto da vila de An Loc, no Vietnã do Sul e enterrado como Soldado Desconhecido, a 11 de Novembro de 1984, com o Presidente Ronald Reagan a officiar uma cerimónia semelhante às anteriores dedicadas ao Soldado Desconhecido. Os testes de ADN confirmaram positivo com os testes de sua mãe. Então o corpo foi desenterrado e transportado para S. Louis , na Luisiana, terra natal do Tenente Blassie, para ali ser enterrado.

O Túmulo do Soldado Desconhecido do Vietnã permanece vazio para evitar que se repita a experiência, embora ainda haja mais de 2000 desaparecidos na Guerra do Vietnã que continuam a ser procurados pelos americanos.

Usando o mesmo procedimento da Primeira Guerra Mundial na escolha de um corpo de um soldado não identificado, os Estados Unidos reuniram desta vez mais corpos referentes a todas as zonas de combate onde tropas americanas tinham participado.

Se a escolha de um soldado desconhecido fora um acto relativamente simples em 1921, a escolha de um representante da Segunda Grande Guerra e da Guerra da Coreia foram operações bastante complexas. O Exército Americano não era mais aquele pequeno exército que combatera na Frente Ocidental, pois a América tinha-se tornado entretanto na maior potência militar do mundo, com um exército de milhões de homens, com a mais poderosa marinha de guerra e força aérea do planeta.

Este exército travara batalhas em todos os continentes e em todos os oceanos.

De qualquer modo, os procedimentos na escolha dos soldados desconhecidos, no seu transporte para Washington e nas cerimónias, tiveram lugar da mesma maneira, com os mesmos cuidados, com o mesmo respeito, com a mesma importância e dignidade, em 1958 que tinham tido em 1921 ⁶³.

9.8 - As cerimónias de 1958

⁶³ The Quarter Masters Review-January .February 1964.

Como nos descreve Jack Raymond, em artigo publicado a 30 de Maio de 1958, no “The New York Times” ilustra bem a pomposidade das cerimónias desta data com desfiles em muitas cidades americanas, tanto de militares como de civis e suas organizações...

Unknowns of World War II and Korea Are Enshrined”, By JACK RAYMOND, Special to The New York Times.U.S. Holiday Rites Honor War dead; Traffic Is Heavy: Thousands of Communities Salute Fallen Fighting Men -- Three Parades in City: Fair Skies Over Nation.⁶⁴

Desta vez os aviões de combate da Força Aérea Americana, primitivos em 1921, participavam também troando nos céus e deixando os seus jactos de fumo a cores representativos da Bandeira Americana .

9.9 - Guarda Militar

A Guarda de Honra do exército presta guarda ao Túmulo dos Soldados Desconhecidos, desde 1937, 24 horas por dia, sete dias por semana e a cerimónia de troca de sentinelas é um evento bastante procurado pelos visitantes ⁶⁵ .

Não há outra Cerimónia do Render da Guarda tão detalhada e tão demorada começando com a apresentação das sentinelas, seguindo-se depois uma inspecção minuciosa ao soldado, ao seu fardamento e à sua arma. Só depois a sentinela assume o seu posto. Tudo isto se passa no maior silêncio, em contraste com outros países.

⁶⁴ Raymond, Jack, Unknowns of World War II and Korea are enshrined, publicado pelo The New York Times a 30 de Maio de 1958. Ver anexo I

⁶⁵ www.wikipedia.org – acedido em 06.11.13



37 --O render da guarda em Arlington

<http://www.paulridenour.com/dc.htm> - Change of the Guard - **acedido em 15-02-2014**

A guarda ao túmulo do “Unknown Soldier” é feita pelo regimento mais antigo do Exército Americano e tem a sua origem na Revolução de 1776. Trata-se do Terceiro Regimento de Infantaria, criado em 1784 como Primeiro Regimento Americano, aquartelado em Forte Meyers, em Washington.

É um regimento de tropas voluntárias, constando de três batalhões, cuja missão não é apenas a guarda ao túmulo dos Soldados Desconhecidos , o que faz desde 1942, tendo também o Regimento tropas especialmente treinadas para prestar guardas de honra e outros serviços durante os funerais, além de escoltar o Presidente dos Estados Unidos.

Os guardas são selecionados pela “Sociedade da Guarda de Honra ao Túmulo do Soldado Desconhecido”, entre aqueles que se distinguem pela sua disciplina , porte e resistência. Cerca de 80% dos voluntários falham nas provas físicas e mentais a que são sujeitos, pois o treino é bastante rigoroso.

Qualquer guarda, para ser aceite tem que ter um mínimo de 1.75 cms de altura e um máximo de peso e de cintura. Mais características da Guarda...

The average time a soldier serves as a guard is about one year. They can stay at the barracks on Ft. Myer or they can live off base." "Soldiers work five - 24 hour team rotations and then they are off for 96 hours. They can do what they want during those 96 hours off; however, they are to be sure their uniform is ready for the next duty, as stated above.

After a soldier serves nine months at the Tomb and passes a series of tests, a Tomb Guard Identification Badge is awarded. Only 500 badges have been awarded since the late 1950's."The Tomb has been guarded every minute of every day since 1937."

"The guards do not change the way they guard the Tomb even at night when no one is around., Even during severe weather has a soldier ever gotten dismissed from guarding the Tomb. The Tomb was not always guarded. In the 1920's people often went to the cemetery for picnics and even used the Tomb as a picnic area. There have only been three women to be accepted as a Guard for the Tomb of the Unknown Soldier ⁶⁶.

A Guarda ao Túmulo do Soldado Desconhecido não foi sempre feita pelo Terceiro Regimento de Infantaria. De início, em 1937, este serviço era prestado pelo Terceiro Regimento de Cavalaria, com as mesmas funções e também aquartelado em Forte Meyers, perto de Washington DC. Forte Meyers ainda hoje é parte do sistema de defesa da capital americana e por ali passaram grandes nomes do Exército como o General Patton ⁶⁷.

Foi este Regimento de Cavalaria que acompanhou, como guarda de honra, o Soldado Desconhecido, no seu trajecto do Capitólio em Washington, para o Cemitério Nacional de Arlington, em 11 de Novembro de 1921.

A Guarda é rendida de hora a hora durante os meses de Inverno e de meia em meia hora durante os meses de Verão. Leva cerca de 15 minutos.

A cerimónia começa com um anúncio e uma saudação pelo comandante da Guarda que inspecciona a arma da sentinela. A sentinela de substituição então troca impressões com a sentinela que vai substituir. Em seguida a nova sentinela dá 21 passos em direcção ao Leste, pausa durante 21 segundos e depois dá outros 21 passos em direcção ao Norte. Estes 21 passos correspondem a 21 segundos e à saudação dos 21 tiros de canhão, a mais alta honra que se pode dar a qualquer militar.

Estas guardas não só prestam uma homenagem contínua ao Túmulo dos Soldados Desconhecidos, mas eles são também responsáveis a exigir que os visitantes mostrem

⁶⁶ <http://www.tombguard.org/general.html>- acedido em 14.03.14

⁶⁷ <http://www.historic-fortmyer.com/tag/3d-cavalry/> - acedido em 10-02-2014

respeito e silêncio à volta do Monumento, não se acanhando em admoestar quando isso é necessário ⁶⁸.

Cerca de quatro milhões de turistas por ano visitam o Cemitério Nacional de Arlington e assistem à rendição da Guarda .

9.10 - O Dia dos Veteranos de Guerra e o Dia da Lembrança

A celebração oficial do enterro do “Unknown Soldier” foi a 11 de Novembro de 1921, que foi o aniversário da assinatura do Armistício da Grande Guerra, esta data não se tornou feriado federal até 1938, quando passou a designar-se Dia do Armistício. Para evitar mais feriados o Dia do Soldado Desconhecido ou Dia do Armistício torna-se, em 1954, mais abrangente e passa a designar-se Dia dos Veteranos, desta vez incluindo todos aqueles que combateram ou serviram o seu País.

Existe alguma confusão e sobreposição na prática quanto ao que se celebra no Dia da Lembrança, que já existia, e no Dia dos Veteranos. Com o “Veterans Day”, a ideia é homenagear e celebrar os vivos que defenderam a sua Pátria, mas sobrepõe-se e recorda também aqueles que morreram , exemplo, a data da celebração do enterro do Soldado Desconhecido a 11 de Novembro (1921), que passou a Veterans Day.

Enquanto que o “Veterans Day” deve celebrar os vivos, o “Memorial Day” ou Dia da Lembrança, que por sua vez se chamava Decoration Day que se vinha celebrando praticamente desde no fim da Guerra Civil Americana, deve simplesmente celebrar os mortos em combate, mas a verdade é que também as associações de veteranos fazem os seus desfiles mostram as suas bandeiras em honra aos seus camaradas de armas falecidos .⁶⁹

A cerimónia principal do Dia dos Veteranos de Guerra tem lugar no Cemitério Nacional de Arlington e ali não há veteranos vivos.

National Veterans Day Ceremony -The Veterans Day National Ceremony is held each year on November 11th at Arlington National Cemetery . The ceremony commences precisely at 11:00 a.m. with a wreath laying at the Tomb of the Unknowns

⁶⁸ http://www.youtube.com/watch?v=nYCPbP_a46I- acedido em 15.03.14

⁶⁹ Catroga, Fernando, Entre Deuses e Césares, Secularização, Laicidade e Religião Civil, Almedina, Coimbra, 2006, p.p.198,199.

and continues inside the Memorial Amphitheater with a parade of colors by veterans' organizations and remarks from dignitaries. The ceremony is intended to honor and thank all who served in the United States Armed Forces.⁷⁰

ou Each year on Nov. 11, the U.S. celebrates Veterans Day in honor of those who have fought — and those who have died — for the country. Wreath-laying ceremonies take place at cemeteries across the land, including at Arlington National Cemetery in Virginia.⁷¹

A agravar mais a questão, num país tão grande como os Estados Unidos, há comunidades que celebram estes feriados federais nas suas datas particulares, ignorando as datas oficiais, desde há muitos anos, pois os estados têm autonomia nesse assunto.

No Canadá, o 11 de Novembro, é chamado “Remembrance Day” e celebra tanto os veteranos vivos como os que morreram e os canadianos usam na lapela uma papoila vermelha simbólica dos campos da Flandres, costume observado nos Estados Unidos no “Memorial Day”.⁷²

Em 2014 o “Memorial Day” terá lugar a 26 de Maio, enquanto que o “Veterans Day”, terá lugar a 11 de Novembro.⁷³

9.11 - Os cemitérios militares americanos

Existem cemitérios americanos na Europa, pois cerca de 45000 militares ali enterrados nunca foram trasladados para os Estados Unidos.

A pedido das famílias dos militares mortos em combate na Europa, mais ou menos metade regressaram aos Estados Unidos. No entanto muitas famílias entenderam que o lugar daqueles soldados era, onde tinham tombado, ao lado dos seus camaradas, seguindo a tradição grega para os valentes de Maratona..

⁷⁰ <http://www.va.gov/opa/vetsday/> acedido em 14.03.14

⁷¹ <http://www.va.gov/opa/vetsday/> acedido em 14.03.2014

⁷² <http://www.va.gov/opa/vetsday/> acedido em 10-02-2014

⁷³ http://usmilitary.about.com/cs/generalinfo/a/veteransday_2.htm acedido em

Os caixões são colocados no sepulcro público, que fica no subúrbio mais bonito da cidade, e aí enterram sempre todos os que morrem nas guerras, excepto os que morreram em Maratona, porque julgaram que o heroísmo destes era extraordinário, e assim sepultaram-nos onde tinham morrido.⁷⁴

Do mesmo modo pensou a Inglaterra parecendo não haver informação de qualquer soldado inglês trasladado, além do Soldado Desconhecido. No entanto o Governo Inglês só em 1915 proibiu as trasladações.

Os terrenos destes cemitérios, à semelhança com os cemitérios de outros países beligerantes, foram doados pela França, para a eternidade. Em França se encontram cemitérios de Ingleses e da Comunidade Britânica, neozelandeses , australianos , alemães e americanos. Portugal é representado pelo Cemitério de Richebourg, mas existem portugueses sepultados noutros cemitérios.

A manutenção destes cemitérios está a cargo dos respectivos países, a pedido das famílias dos militares mortos em combate na Europa.

O Nordeste da França e ao longo de toda a Frente Ocidental tornou-se , assim um grande cemitério, talvez por isso e ao facto de os governos preferirem ali deixar os seus mortos em combate, os funerais do Soldado Desconhecido terem tido tantos participantes.

10 – Uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido

Descrevemos como apareceu a ideia do “Unknown Warrior”, “Le Poillu Inconnu”, o “Soldado Desconhecido”, “Il Milite Ignoto” e o “Unknown Soldier”. Abordámos a problemática de que país e pessoa primeiro teve essa ideia sem assentar numa decisão clara. Trataremos agora do que se seguiu.

Porquê o aparecimento do Soldado Desconhecido ?

Parece-me , em primeiro lugar, que o Soldado Desconhecido ou soldado não identificado é o produto de uma época em que a ciência e tecnologia se aliaram na Grande Guerra de 1914-1918 e ,também devemos acrescentar as tácticas erradas de muitos comandantes militares, que tratavam os seus soldados como ”carne para canhão”, importando-

⁷⁴ Tucídides, História do Peloponeso, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, p.198

lhes apenas os objectivos e não os custos em vidas , a toponímica, as características geológicas do terreno e a guerra de trincheiras sempre fixas. Os bombardeamentos que pulverizavam os cadáveres já depois de enterrados, a “creeping ou rolling barrage” ou barragem de artilharia que batia o terreno, metro a metro , de trás para a frente ou vice-versa. A Artilharia foi a arma que mais baixas causou na Guerra devido ao carácter de posições fixas e ao grande poder explosivo das munições. Nunca em nenhuma guerra a artilharia foi tão importante ou teve peças de tão grande alcance (Big Bertha e Canhão de Paris). Já na Guerra Civil Americana de 1861-1865 tinha havido uma pequena demonstração da destruição que podia causar a artilharia naqueles métodos de combate ou em combate frontal. Devemos acrescentar também as explosões de enormes cargas subterrâneas que eram colocadas, depois de escavados longos túneis, por baixo das trincheiras e a que os ingleses chamavam “tunnelling”, cujo sucesso maior foi na Batalha de Messines, como antes mencionei.

Os ratos também tiveram responsabilidade na destruição dos corpos assim como a necessidade de terem de servir de protecção no topo das trincheiras onde não cheirariam tão mal, quando não era possível enterrá-los na retaguarda .

Não admira que nestas condições de combate tenha havido tantos mortos não identificáveis que em muitos casos seriam mesmo cerca de um terço das baixas.

11 -Das chapas de identificação ao testes de ADN

Desde fins do Século XIX (1899) que o Capelão Pierce do Exército Americano recomendara a inclusão de uma plaqueta de identificação no equipamento distribuído aos soldados em serviço nas Filipinas. Já em 1863 antes da Batalha de Bull’s Run , os oficiais recomendaram aos soldados que escrevessem em papel os seus nomes e pertences e guardassem a etiqueta nos seus fardamentos, mas foi só com a Primeira Grande Guerra que os “Dog Tags”, por serem usados à volta do pescoço, foram usados pela maioria dos exércitos

75 .

⁷⁵ http://www.qmfound.com/short_history_of_identification_tags.htm-acedido em 14-02-2014

Estas chapas tinham o nome do soldado, unidade a que pertencia, tipo sanguíneo e vacinas inoculadas. Mas , pelos motivos acima apresentados, estas plaquetas, em geral duas, feitas de um metal leve, como o alumínio ou inox, não evitaram a não identificação dos corpos destruídos, pois também elas eram destruídas.

Hoje o problema está mais facilitado devido aos testes de ADN que identifica qualquer material de um corpo desde que haja algo desse corpo, como uma amostra de sangue para comparação. O caso do Soldado Desconhecido da Guerra do Vietname, Tenente Blassie que depois de sepultado no Cemitério de Arlington foi identificado por testes de ADN, é um exemplo. Este militar fora a enterrar a 28 de Maio de 1984, tendo oficiado as cerimónias o Presidente Ronald Reagan⁷⁶.

É por isso que todos os soldados que vão para combate actualmente deixam num banco as suas amostras de sangue.

Portanto a não identificação dos soldados foi um problema maior na Grande Guerra, que improvavelmente se repetirá mas haverá sempre casos de não identificação ou identificação duvidosa, embora em muito menor quantidade.

12 - O problema do enterro dos mortos em combate

Desde o início da Guerra o enterro dos mortos em combate foi um quebra cabeças para todos os exércitos na Frente Ocidental e não só.

Todos os países envolvidos em guerra tinham todos os seus recursos a ela destinados. O repatriamento para os seus países de origem traria despesas acrescidas e a solução mais prática e possível foi desde o começo enterrar os mortos na retaguarda do campo de batalha. Mesmo os franceses e belgas julgavam que se enviassem os soldados aos seus familiares a moral das suas tropas e das populações baixaria muito, pois era uma maneira de divulgar as suas perdas. Já me referi a este tópico neste trabalho.

Terminado o conflito, todos os países se encontravam em más condições económicas, exaustos por quatro anos de guerra e grandemente empenhados aos Estados Unidos da

⁷⁶ ver em; <https://www.youtube.com/watch?v=U6Q9MYEqNxQ> ou <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/52884a.htm>

América. Este país ainda repatriou cerca de metade das suas baixas em combate, a França apenas alguns e a Inglaterra só uns tantos até 1915, data em que foi proibida qualquer repatriação.

Com tantas perdas de vidas os países queriam justificar a decisão de ir para a guerra, queriam acima de tudo dar conta às famílias onde morreram, como e onde estavam sepultados os familiares, mas a resposta era impossível. Então o único caminho encontrado foi a transladação e o enterro de um soldado não identificado no seu país em representação de todos os outros.

Recordemos que o Rei George V rejeitou a ideia quando primeiramente lhe foi apresentada e que os governos temiam que fosse uma má solução. Os cenotáfios foram erguidos primeiro junto ao Arco do Triunfo a 14 de Julho de 1919 e depois a 19 de Julho de 1919 em Whitehall, para observar a reacção das populações. Verifiquemos ainda que em 11 de Novembro de 1920, em França, o “Poilu Inconnu”, não vai para o seu túmulo por motivos políticos e o seu corpo só é depositado no túmulo a 28 de Janeiro de 1921.

A afluência, o entusiasmo e o carinho dedicados aos cenotáfios encorajaram os governos a avançar com a ideia do enterro ao soldado desconhecido.

Fernando Catroga, da Universidade de Coimbra coloca os enterros do Soldado Desconhecido como parte da Religião Civil ou Religião Política, como atributo dos nacionalismos emergentes dos fins do Século XIX e no caminho da separação da Igreja e do Estado com a criação de heróis individuais ou colectivos, comemorações, celebrações, numa religião do estado ⁷⁷.

Em Portugal as cerimónias, aos Soldados Desconhecidos seriam também parte do culto dos heróis no sentido de unir a Nação, como nos disse, a 7 de Abril de 1921, no seu discurso António José de Almeida na Sala do Congresso acerca das festividades ...

Feitas pelo Povo, pelo Parlamento e pelo Governo, elas mostram, em todos os números do seu programa, um único intuito, fortalecer a unidade, a unidade nacional, pondo em evidência, a significação do presente, realçando e honrando

⁷⁷ Catroga, Fernando, *Entre Deuses e Césares, Secularização, Laicidade e Religião Civil*, Almedina, Coimbra, 2006,

a tradição e preparando as lições do futuro.⁷⁸

Laura Wittman, da Universidade de Stanford, na Califórnia, no seu livro “The Tomb of the Unknown Soldier, Modern Mourning, and the Reinvention of the Mystical Body” compara o corpo do Soldado desconhecido , dentro da cultura religiosa italiana mais influenciada e enraizada pela Magna Grécia, com o Corpo de Cristo, com o seu supremo sacrifício , com o morrer pela pátria, como Cristo tinha morrido para salvar os homens ⁷⁹ .

13 – A expansão do culto ao Soldado Desconhecido

Parece-me que a invenção da tradição cívica e do culto do Soldado Desconhecido é um pouco de tudo o que se referiu e essas as razões pelas quais o culto não só se manteve ao longo de quase um século como se aperfeiçoou e expandiu .As peregrinações a França envolveram e envolvem tanta gente que justificariam, só por si a publicação de um livro..

In almost every combatant nation an unknown soldier was also buried at some national shrine and just as in Britain, each at once became the focus of a pilgrimage that continues to this day .⁸⁰

Uma grande parte dos países do mundo , membros das Nações Unidas (196) ⁸¹, cerca de 43, prestam honras ao Soldado Desconhecido. Outros acrescentaram-lhe novas atracções como Guardas de Honra, Chama da Pátria ou Chama Eterna, Museus e outras.

Devido aos monumentos onde foram colocados os túmulos, Abadia de Westminster, Arco de Triunfo, Mosteiro da Batalha, o Monumento Vitoriano ou o Cemitério Nacional de Arlington, estas obras de arte ou o seu significado histórico assegurariam só por si o seu êxito pela dupla atracção que exercem. No campo político os túmulos dos soldados desconhecidos, como altares da pátria, são visitados por presidentes e diplomatas como sinal de respeito pela história e soberania dos países. No aspecto económico, pelo número de

⁷⁸ Almeida, Antonio Jose ,Em honra dos Soldados Desconhecidos - Discursos, Imprensa Nacional, Lisboa, 1921, p. 11.

⁷⁹ Wittman, Laura, The Unknown Soldier and the reinvention of the mystical body , University of Toronto Press, Toronto, 2011, p.258.

⁸⁰ Hanson, Neil, The Unknown Soldier, Random House, London, 2005 , p. XV

⁸¹ www.wikipedia.org, acedido em 01.07.2014

visitantes que atraem, estes monumentos contribuem para a expansão das economias locais, para além de filmes, livros, recordações e muito mais.

As Guardas de honra e o seu render são cerimónias que os visitantes muito apreciam não perdendo um desses espectáculos. O que mais atrai é sempre o cerimonial feito com disciplina e respeito, mas também as fardas e os passos da guarda cativam o visitante. Conforme o país e a sua cultura castrense os procedimentos são diferentes. Aos passos silenciosos e rápidos da Guarda do Cemitério Nacional de Arlington, opõem-se os passos barulhentos da guarda ao túmulo português. Aos passos cadenciados, lentos e altos da guarda grega opõem-se os passos longos, rápidos, altos e determinados da guarda russa.

Neste aspecto económico atrevo-me a dar um exemplo que teve lugar já no século XXI, a 11 de Setembro de 2001, e que tem uma certa analogia com o Soldado Desconhecido e em que o Governo da Cidade de New York, transforma uma tragédia numa mina de ouro ao celebrar o sacrifício, o dever e o dar a vida pelos outros. Algumas centenas de polícias, bombeiros e pessoal de organizações civis perderam a vida assim como milhares de outros funcionários apanhados na catástrofe. Erguem-se edifícios enormes, museus, vistas privilegiadas sobre a cidade, lojas de recordações, e as pessoas, aos milhares, diariamente,



38 -- Fotografia do autor (mss) 01-12-2013

fazem fila, e pagam , para viver ou compreender um pouco do que se passou naquele fatídico dia de 11 de Setembro de 2001, no “World Trade Center”, ou “Ground Zero”.

Outro caso de religião civil ou culto dos heróis?

De qualquer modo uma ideia prática que agrada a todos e a todos beneficia.

Se na religião civil os governos festejam os heróis como se fossem santos creio que podemos dizer que a religião civil encontrou o seu deus no Soldado Desconhecido, porque o colocou nos “altares da pátria”.

14 – Quadro comparativo

Soldado Desconhecido – Quadro Comparativo

País	Data do Funeral	Local	Número de corpos a escolher	Guarda Militar	Chama Eterna	Outras	Notas Particulares
Grã-Bretanha	11/11/1920	Westminster Abbey	4	Não	Não	Terra Francesa espalhada sob o caixão	Cenotáfio provisório e depois permanente
France	11/11/1920 28/01/1921	Arco do Triunfo	8	Não	Sim		Cenotáfio provisório no Desfile da Victória e depois retirado
Portugal	10/04/1921	Mosteiro da Batalha	1 + 1	Sim	Sim	Celebração no aniversário da Bat. Do Liz	Dois corpos de duas frentes de combate
Itália	04/11/1921	Monumento Vitoriano	11	Sim	Sim	Celebração no aniversário da Batalha de Victorio Veneto	
USA	11/11/1921	Cemitério Nacional de Arlington	4	Sim	Não	Terra Francesa espalhada sob o caixão	Três corpos de soldados desconhecidos de três guerras diferentes
Brasil *	1960 e 1967	Rio de Janeiro e Itália	IND*	Sim	Sim	Soldados da 2-ª GG	Dois corpos em dois continentes-Brasil-Itália

IND = Informação não disponível * Insere-se aqui também o Brasil por ser o único país com dois soldados desconhecidos em continentes diferentes, referentes à mesma Guerra, a segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Analisando o Quadro anterior note-se o seguinte:

- 1 – Os Países que enterraram um soldado desconhecido aparecem por ordem cronológica;
- 2 – Dois países espalharam Terra Francesa sob o túmulo do seu Soldado Desconhecido, a Inglaterra e os Estados Unidos;
- 3 – Nestes países quem escolhe o soldado Desconhecido é um homem, excepto o caso da Itália:
- 4 – Dois países não realizaram as cerimónias de funeral no aniversário do Armistício, como Portugal, aniversário da Batalha de La Lys , 9 de Abril (10 de Abril) , e Itália no aniversário da Batalha de Victorio Veneto, a 4 de Novembro:
- 5 – Portugal foi, até agora, o único País que enterrou dois Soldados Desconhecidos, referentes a duas frentes de combate diferentes ,da mesma guerra;
- 6 – O Brasil foi o único País que enterrou dois Soldados Desconhecidos referentes à mesma guerra, Segunda Guerra Mundial, estando um no Brasil e outro no Norte de Itália;
- 7 – Os Estados Unidos da América foram até agora, o único País que sepultou três Soldados Desconhecidos referentes a três guerras diferentes (eram 4-ver no texto Tenente Blassie).

15 - Conclusão

Descrevi as origens, um tanto inconclusivas, de qual o país que primeiro teve a ideia de sepultar um Soldado Desconhecido e mencionei também as práticas cautelosas dos cenotáfios para verificar a reacção dos povos perante a ideia , que os governos Francês e inglês pretendiam implementar – o sepultar de um militar não identificado em representação de todos os outros milhares de soldados desconhecidos que não tinham uma campa conhecida para os seus familiares, amigos e conterrâneos visitarem e prestarem homenagem e luto.

Vimos como as multidões afluíram a todas as cerimónias fúnebres de soldados desconhecidos descritos e acarinharam tal medida e só aqui descrevi os funerais feitos o ano de 1920 e 1921 ou seja na Grã-Bretanha, França, Portugal, Itália e Estados Unidos.

Esta aceitação dos povos era natural que fosse cair no esquecimento da História, mas verificámos que, ao longo da centúria, muitos outros países adoptaram também a mesma ideia.

O Soldado Desconhecido não morreu ou diminuiu de significado, pois serviu para lembrar os sacrifícios feitos na Guerra com a construção de dezenas de milhar de monumentos comemorativos em todos os países, especialmente em Inglaterra. Uniu e aproximou povos e nações e serviu para suavizar um pouco a dor daqueles familiares que tinham perdido os seus homens na Guerra

Esta faceta da dor, sacrifício, lealdade e anonimidade, dar a vida pelo seu país, iria evoluir como algo de nobre e patriótico. Assim o Soldado Desconhecido passa hoje também a ser o cidadão civil ou militar, sem rosto ,de que muitas vezes nem sequer o nome pode ser divulgado, pois a sua função o não permite, como por exemplo os membros do grupo militar ,”Team B”, das forças especiais americanas que eliminaram Osama Bin Laden, no Paquistão, a 2 de Maio de 2011, ou o trabalho de contra-espionagem que, por sua natureza, tem que ser secreto.

Alguns historiadores afirmam também que os estados se apropriaram do luto-“mourning”, como monopólio de nacionalismo ou ferramenta de religião civil. Mas os estados fizeram mais do que isso ao acrescentarem aos túmulos guardas de honra e ou a chama eterna, museus e outras facetas.

Especialmente as guardas militares tornaram-se numa grande atracção turística, como por exemplo no Cemitério Nacional de Arlington onde o Túmulo dos Desconhecidos é visitado por cerca de quatro milhões de pessoas por ano que assistem sempre à rotina da substituição da guarda, a mais elaborada que conheço.

Também esta guarda evoluiu em muitos países e é interessante notar como usam procedimentos diferentes de acordo com as suas tradições militares e cultura. Aos passos silenciosos da Guarda Americana, temos os passos barulhentos dos Guardas do Mosteiro da Batalha, aos passos curtos da Guarda Canadiana opõe-se os passos altos da Guarda Grega ou da Guarda Russa. Os uniformes são também muito diversificados, desde os camouflados verdes dos portugueses aos pomposos uniformes dos búlgaros, gregos ou brasileiros.

Não há dúvida que com estas práticas e atracções os governos conseguem cativar turistas e fomentar economias. Foi contudo assim desde o princípio, a “economia dos mortos” sempre esteve presente, no que se refere ao Soldado Desconhecido, desde a venda de papoilas vermelhas naturais nas cerimónias inglesa e francesa, a modelos dos cenotáfios, às bandeiras nacionais ou à trasladação de soldados mortos pelas agências funerárias.

Que futuro para o Soldado Desconhecido?

Difícilmente haverá mais soldados não identificados (ver Soldado Desconhecido Americano do Vietname), devido aos testes de ADN e também porque as condições de combate não são as mesmas da Primeira Guerra Mundial. Talvez alguns países nomeadamente a Austrália, em 1993, o Canadá, em 2000 e a Nova Zelândia em 2004 que trasladaram um seu militar anónimo, estivessem a pensar em termos históricos, morais ou patrióticos mas também económicos e que o soldado desconhecido era algo que aparecera e desaparecera no tempo, mas algo que para eles ainda era uma boa ideia.

Num mundo incerto o “Soldado Desconhecido” continuará a ser uma sentinela daquilo que nunca mais se deve repetir, uma guerra europeia.

A guerra foi um fracasso? Foram mortes em vão?

A Guerra trouxe também , depois de milhões de mortos, a reconciliação política franco-alemã, quando a 22 de Setembro de 1984, em Verdun o Presidente Mitterrand e o Chancelor Helmut Kohl, de mãos dadas prestavam tributo aos mortos de ambos os lados. Esta amizade franco-alemã fora necessária à construção da União Europeia iniciada logo na década de cinquenta do século passado, e é hoje um pilar da paz na Europa e no Mundo.

Recordemos ainda que “The War that will end war” (H.G.Wells) ou a frase de Woodrow Wilson “ The war to end all wars” , aparentemente não atingiu os seus fins, mas o ponto 14 da Proposta de Paz para a Europa e para o Mundo, apresentada ao Congresso Americano, a 8 de Janeiro de 1918, criou, quando adoptada pelo Tratado de Versalhes, a Sociedade das Nações, um fórum internacional que embora tenha fracassado nos anos trinta do Século XX, acabou por ser o embrião , em 1945, de uma Instituição Internacional de grandes objectivos e que hoje está ao serviço da paz, a Organização das Nações Unidas.

Nota final

Entendo que as citações que fiz são, em alguns casos, extensas. No entanto parece-me que resumi-las ou traduzi-las seria comprometer o seu significado, pois algumas são artigos de imprensa de difícil acesso, especialmente aquelas em língua estrangeira (uma grande maioria).

É meu objectivo que alguém interessado neste tema o possa continuar , realizar uma obra mais completa e que possa usar este modesto trabalho como ferramenta. Com esse intuito se inclui alguns anexos (cd) .

16 - Fontes:

a) Tentei ao longo deste trabalho descrever sempre a proveniência das fontes. Nalguns casos, na falta de bibliografia específica , quase toda a informação é originária da web, como no caso do Soldado Desconhecido Português. Aqui um agradecimento ao autor (es) do trabalho disponível em linha em www.momentosdehistoria.com/. É lógico, portanto que algum texto aparente semelhanças ao material da web, mas não houve intenção de plágio.

Pelas omissões na falta de citação de fontes que possam ter ocorrido, as minhas desculpas a alguém que se sinta lesado.

b) Investigação de última hora indica a Lei 1099, aprovada no Parlamento Português, a 31 de Dezembro de 1920, como iniciadora do processo de tumular dois Soldados Desconhecidos , no Mosteiro dos Jerónimos. Isto acontece menos de dois meses depois das cerimónias de 11 de Novembro de 1920, em Inglaterra e França, com o mesmo fim.

Bibliografia geral

Afonso, Aniceto, Gomes, Carlos, Portugal e a Grande Guerra, 1914- 1918, Quadnovi, Vila do Conde , 2013, 2ª edição.

Arthur, Max, The Royal Navy 1914 - 1939, Hodder and Stoughton, London, 1996

Arthur, Max, We will Remember Them -Voices from the aftermath of the Great War, Weidenfeld and Nicholson, London, 2009

Bennett, Geoffrey, Naval Battles of the First World War, Penguin Books, New York, 2001

Carter, Miranda, The Three Emperors, Penguin Books, New York, 2010

Cascão, Rui, Entre Marte e Vénus, Notas para o estudo da mentalidade do Soldado Português na Flandres - 1917 - 1918", separata da Revista Portuguesa de História, Tomo XXIX, Coimbra, 1994.

- Davies, Norman, *Europe*, Oxford University Press, New York 1996
- Evans, Martin, *Forgotten Battlefronts of the First World War*, Sutton Publishing, Gloucestershire, 2003
- Ferro, Marc, *The Great War 1914 - 1918*, Routledge, London, 1995
- Gleichen, Edward, *Chronology of the Great War*, Greenhill Books, London, 1988
- Gilbert, Martin, *A History of the Twentieth Century - volume one 1900 - 1933*, William Morrow and Company, New York, 1997
- Gilbert, Martin, *A History of the Twentieth Century -volume two: 1933 - 1951*,Harper Collins, London, 1998
- Gilbert, Martin, *Atlas of The First World War*, Routledge, London, 1994
- Gilbert, Martin, *Somme. The Heroism and Horror of War*, John Murray, London, 2007
- Gilbert, Martin, *The First World War*, Henry Holt, New York, 1994.
- Hart, Liddell, *History of the First World War*, Papermac, London, 1994
- Hobsbawm, Eric, *The Age of Empire. 1875 - 1914*, Weidenfeld and Nicolson, London, 1996
- Hobsbawm, Eric, *Age of Extremes. 1914 - 1991*, Penguin Books, 1994
- Housden, Martyn, *The League of Nations and the Organization of Peace*, Longman, London, 2012
- Joll, James, *The Origins of the First World War*, Longman 2.edition, New York, 1992
- Keegan, John, *The First World War*, Hutchinson, London, 1998
- Kennedy, Paul, *The Rise and Fall of the Great Powers*, Unwin Hyman Limited,London, 1988.
- Martel, Gordon, *The Origins of the First World War*, 2. Edition, Longman, New York 1996
- Moura, Maria L.Brito, *Nas Trincheiras da Flandres com Deus ou sem Deus, eis a Questão*, Edições Colibri, Lisboa, 2010
- Paice, Edward, *Tip and Run. The untold Tragedy of the Great War in Africa*, Weidenfeld and Nicolson, London, 2007
- Pope, Stephen, Wheal, Elizabeth, *The Macmillan Dictionary of The First World War*, Macmillan, London 1995.
- Ramos, Rui, *História de Portugal, volume VI, As Guerras da República*, Estampa, Lisboa, 1996
- Remarque, Erich, *All Quiet on the Western Front*,Ballantyne Books, New York, 1982
- Rita, Fernando, *Na Sombra do Expedicionário, Fronteira do Caos* Editores, Porto, 2013

Roberts, J.M., “A History of Europe”, Penguin Press, New York, 1997

Smith, Leonard, Stephane Rouzeau, Becker, Annette, France and The Great War 1914 – 1918, Cambridge University Press, Cambridge , 2003.

Strachan, Hew, The First World War , Simon & Schuster, London, 2003.

Taylor, A.G.P., The First World War, Lowe & Brydone, Norfolk, 1977

Terraine, John, The Great War , Wordsworth, London, 1998.

Bibliografia do Soldado Desconhecido

Catroga, Fernando, Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e Religião Civil, Almedina, Coimbra, 2006

Cavanagh, Catharine, Arlington National Cemetery- Ver anexos

Fussel, Paul, The Great War and Modern Memory , Oxford University Press, London, 1975

Hanson, Neil, The Unknown Soldier, Doubleday, London, 2005

Hobsbawm, Eric, Ranger, Terence, The Invention of Tradition, Cambridge University , Cambridge, 1984

Jagielski, Jean-François, Le Soldat Inconnu, Invention e Posterité d’un Symbole, Imago, Paris 2005

Kennedy, Royce, Arlington National Cemetery Became my Classroom, Publishamerica, Baltimore, 2011

Naour, Jean Le, The Living Unknown Soldier, Henry Holt, New York, 2004

Osgood, Richard, The Unknown Warrior, an Arqueology of the Common Soldier, Sutton, London, 2005

Poole, Robert. On Hallowed Ground, Bloomsbury, New York , 2010

Seymour, Gerald, The Unknown Soldier, Overlook Press, New York, 2004

Soudagne, Jean Pascal, L´histoire incroyable du Soldat Inconnu, Quest France, Rennes, 2008

The Associated Press, Supplement Service Bulletin n.64, The Unknown Soldier, New York, 1921 – Ver anexos.

War Department, Program of the ceremonies attending the burial of an unknown And unidentified American soldier who lost his life during the World War , Washington DC, 1921 – Ver anexos

Winter, Jay. Sites of Memory, Sites of Mourning, The Great War in European Cultural History, Cambridge University Press, Cambridge, 1995

Wittman, Laura, *The Tomb of The Unknown Soldier, Modern Mourning, and The Reinvention of The Mystical Body*, Toronto University Press, Toronto, 2011.

Publicações Periódicas

Diário de Lisboa, Lisboa, 1921

Ilustração Portuguesa, Lisboa 1921

The New York Times. New York, 1921

The Telegraph , 2006

Webgrafia:

http://www.fmsoares.pt/diario_de_lisboa/ano

<http://query.nytimes.com/search/sitesearch/#/unknown+soldier/from19200101to19220101/allresults/13/>

<http://www.arlingtoncemetery.mil/visitorinformation/ChangingofTheGuard.aspx>

<http://www.copernicus.org.pl/veterans/22.html>

<http://www.qmfound.com/mortuary-affairs.htm>

http://www.qmfound.com/tomb_of_the_unknown_soldiers_1964.htm

<http://www.va.gov/opa/vetsday/vetdayhistory.asp>

<http://www.britishwargraves.co.uk/page4.htm>

nytimes.com/search/sitesearch/#/unknown+soldier/

<http://content.time.com/time/nation/article/0,8599,1937558,00.html>

<http://www.europeana.eu/portal/search.html?query=the+french+unknown+soldier&rows=12>

<http://www.westernfrontassociation.com/great-war-people/memorials/400-burial-unknown.html>

<http://www.aftermathww1.com/warrior2.asp>

http://en.wikipedia.org/wiki/David_Railton

http://www.momentosdehistoria.com/MH_06_04_01_Patriotismo.htm

<http://babel.hathitrust.org/cgi/ls?field1=ocr;q1=%20jay%20winter;a=srchls;lmt=ft>

<http://www.youtube.com/watch?v=qwP1W4aWZEQ>

http://www.ebay.co.uk/itm/1960-Press-Photo-General-Lauris-Norstad-Lights-Flame-of-Unknown-Soldier-/350780253388?pt=Art_Photo_Images&hash=item51ac21e4cc

<https://dlcl.stanford.edu/>

<http://www.youtube.com/watch?v=-tT5ErXeINy--> Ver entrevista, em Harvard, de Laura Wittman

<http://galeriaphotomaton.blogspot.pt/2010/09/sousa-lobes-um-pintor-nas-trincheiras.html>

<http://www.youtube.com/watch?v=Pxb3j6Ps44c>

<http://cronicasdoprofessorferrao.blogs.sapo.pt/tag/1%C2%AA+guerra+mundial>

http://www.youtube.com/watch?v=E_Yo86Rlj_g

http://www.youtube.com/watch?v=7CwA_3Oo7qc

http://grande-guerre.org/?page_id=3719

http://www.worldology.com/Europe/world_war_1_effect.htm

http://www.momentosdehistoria.com/MH_01_favorite.htm#2

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/COLECC%C3%83O.htm>

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>

<http://www.centrorepublica.pt/content/pt/>

http://www.momentosdehistoria.com/MH_06_05_Patriotismo.htm

<http://www.arqnet.pt/portal/portugal/guerrafrica/cron1961.html>

<http://www.publistorm.com/series-propagandas-da-primeira-guerra-mundial/>

http://www.historylearningsite.co.uk/timeline_of_world_war_one.htm

www.exercito.pt/sites/ArqGEx

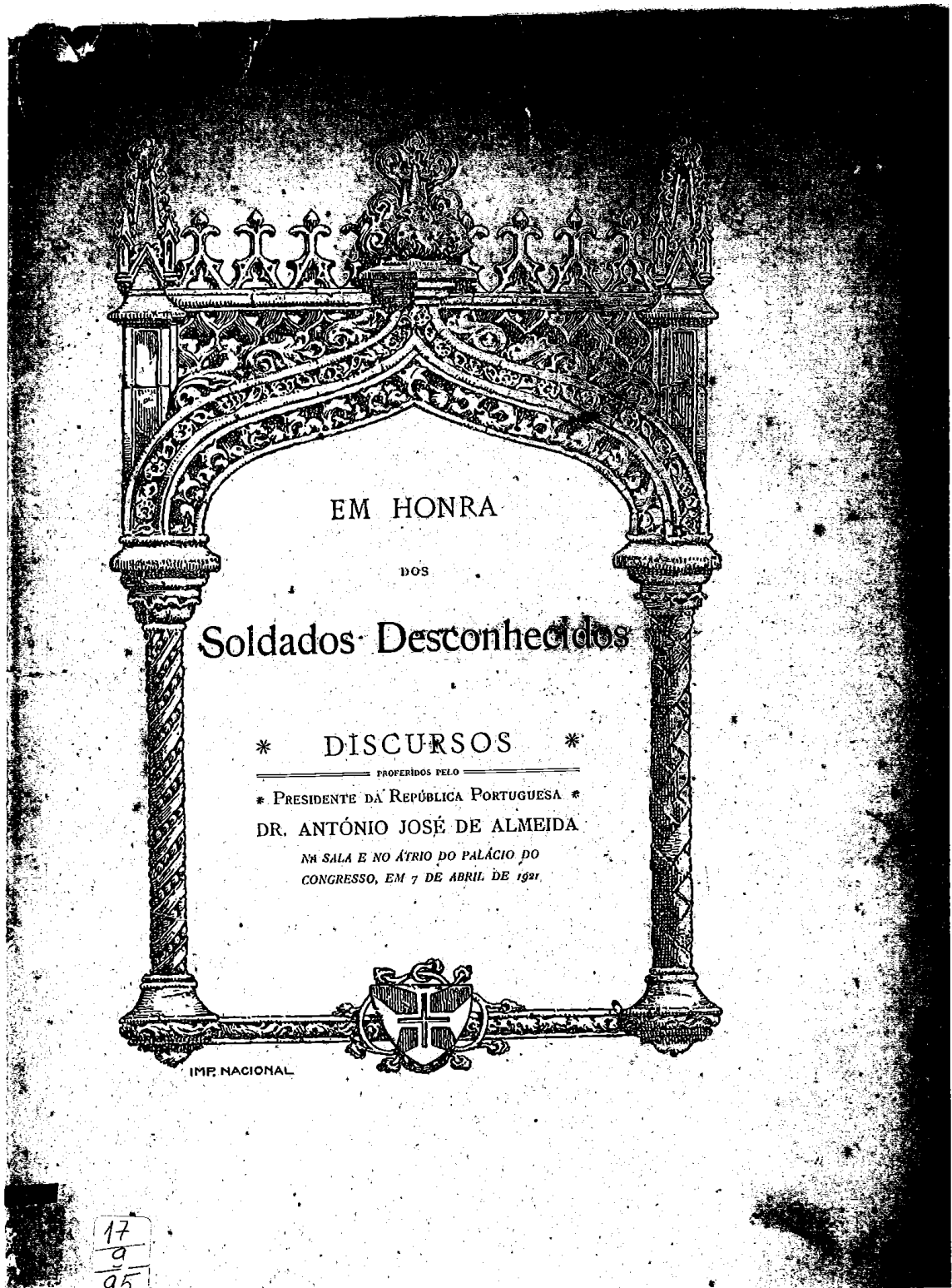
http://www.exercito.pt/sites/ahm/Guia_de_Fundos/Paginas/default.aspx

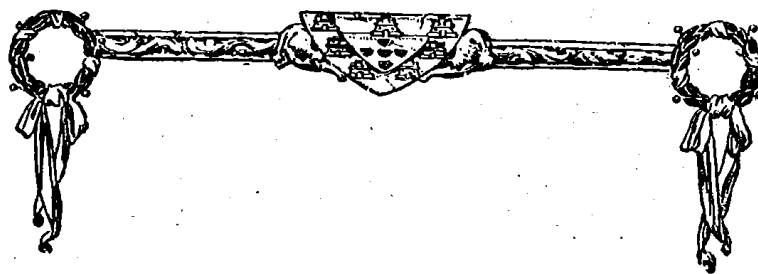
<http://www.exercito.pt/sites/ahm/Historial/Paginas/default.aspx>

<https://www.youtube.com/watch?v=CgbG-UUjKpc>

ANEXOS

ANEXO A - DISCURSOS DE ANTONIO JOSE DE ALMEIDA

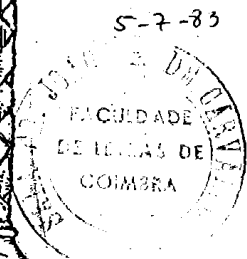




EM HONRA

dos

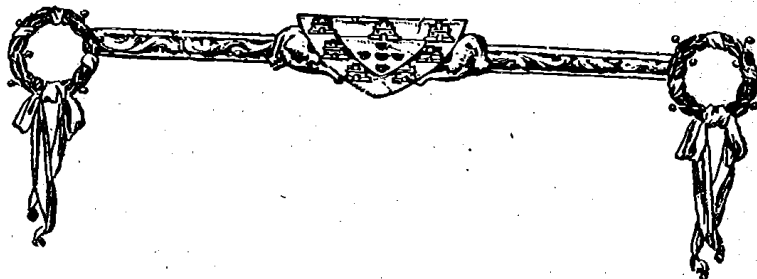
SOLDADOS DESCONHECIDOS



8223

SJC
17
9
95

LIVROS DO
Prof. Joaquim de Carvalho

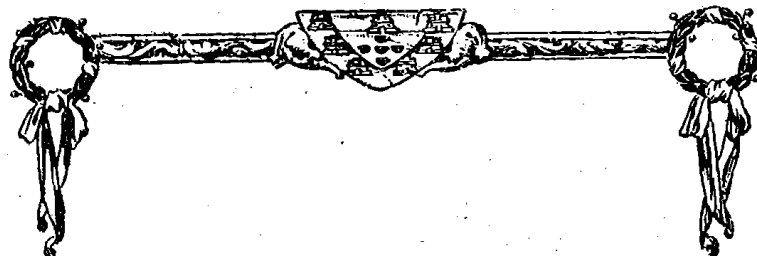


JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

6 exemplares em papel Whatman: um para o Chefe do Estado, um para o Senado, um para a Câmara dos Deputados, um para o Exército (Ministério da Guerra), um para a Marinha (Ministério da Marinha) e um para a Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa.

100 exemplares em papel «conché», numerados, de 1 a 100, e chancelados por S. Ex.^a o Presidente da República, DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA.

1:000 exemplares em papel de linho.



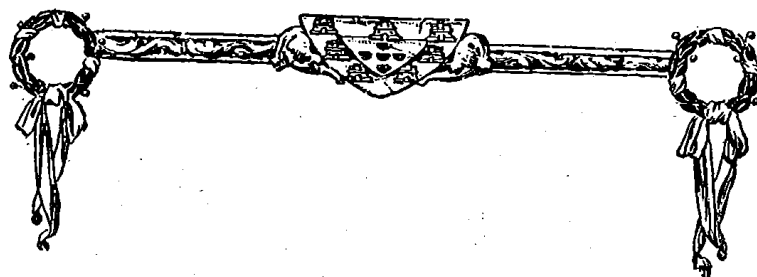
Ar. 2572.

Sr. Joaquim de Carvalho

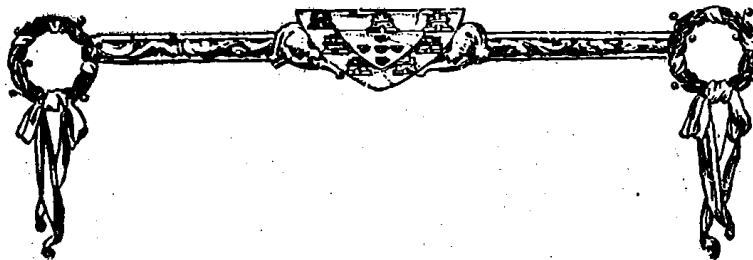
com os testemunhos de consideração
da Imprensa Nacional de Lisboa

5-X-1921

Luis Peronet



NA SALA DO CONGRESSO



As festas em honra dos Soldados Desconhecidos poderão não ser deslumbrantes, mas são com certeza, além de sinceras, coerentes e harmónicas.

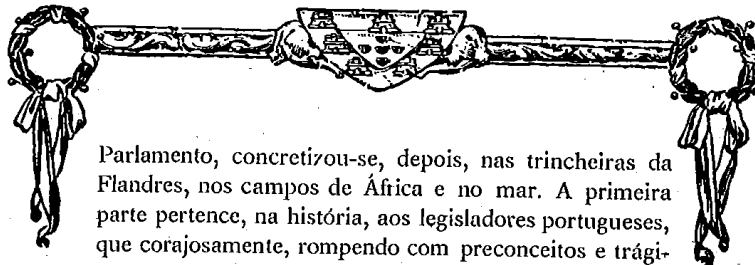
Feitas pelo Povo, pelo Parlamento e pelo Governo, elas mostram, em todos os números do seu programa, um único intuito: fortalecer a unidade nacional, pondo em evidência a significação do presente, realçando e honrando a tradição e preparando as lições do futuro.

De facto não podia haver melhor sítio para o Povo desfilar perante o féretro dos heróis de que o átrio do Congresso da República, onde os representantes do País deliberaram a intervenção de Portugal na Grande Guerra.

Aqui se discutiu a situação nacional perante o mundo.

Aqui se ventilaram as questões que o passo grave a que a Nação se arriscava podia desencadear na marcha dos seus destinos.

A grande empresa, a mais extraordinária do Portugal moderno, ideou-se, sobretudo, nas duas casas do

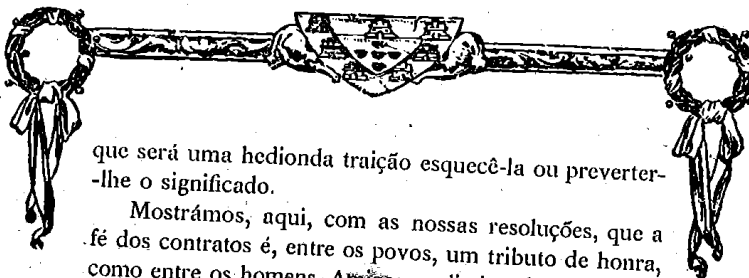


Parlamento, concretizou-se, depois, nas trincheiras da Flandres, nos campos de África e no mar. A primeira parte pertence, na história, aos legisladores portugueses, que corajosamente, rompendo com preconceitos e trágicas apreensões, levaram o País para a arena onde se estava debatendo o destino dos povos. A segunda parte é devida aos soldados de Portugal, que, nos campos de batalha, cumpriram exactamente, devotadamente, freneticamente os desígnios do Parlamento.

Houve, neste lance supremo da vida pátria, duas séries de combates. Uma desenrolou-se aqui, agitada, nevrótica, intrepida, assumindo os homens responsabilidades imensas, chegando a ter de se bater contra o pavor das suas próprias deliberações, que iam envolver o País nos riscos ouzudos duma possível catástrofe. A outra tornou-se toda, em rasgos de mortal beleza, em África, em França e no mar, e com tal vigor e tam ardente heroísmo, que nós próprios, os que tínhamos contado previamente com o valor dos nossos soldados e marinheiros, ficámos surpreendidos com tamanho poder de sacrificio e tam intrepido frenesim de vitória.

De então para todo o sempre, ficaram enlaçados, para os julgamentos da Posteridade, os campos de batalha e as bancadas do Parlamento, e de maneira tal que jamais se ouvirá aqui uma voz, para debater algum grande problema nacional, sem se acordar um eco inapagável e severo no campo onde foram as trincheiras, chamando à circunspecção, à serenidade e à ponderação a consciência daquele que agitar com as suas faculdades de legislador os interesses da sua Pátria.

Fizemos, soldados e legisladores, uma obra comum de que podemos nesta hora desvanecer-nos, mas ela importa à nossa consciência tamanha responsabilidade



que será uma hedionda traição esquecê-la ou preverter-lhe o significado.

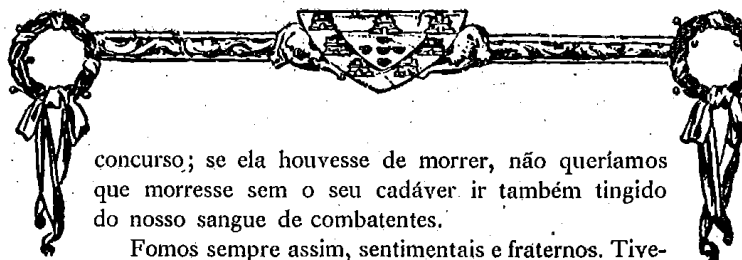
Mostrámos, aqui, com as nossas resoluções, que a fé dos contratos é, entre os povos, um tributo de honra, como entre os homens. Amigos e aliados da Inglaterra, correspondemos logo, sem hesitações, ao apêlo que ela nos fez. E nós, que, desde o primeiro momento, nos tínhamos oferecido para secundar o seu esforço, alvoroçadamente caminhámos para seu lado, assim que ela, precisando do nosso auxílio, nos dirigiu um convite formal.

Mas não só isso.

Sabedores dos riscos — e êles eram evidentes — que corria a Civilização do mundo, quisemos compartilhar dos sacrifícios de quem a defendia.

Talada estava a Bélgica, simpático torrão em que florescia a fina flor da lealdade. Invasida estava a França, o alto, maravilhoso expoente do génio latino. Ameaçada estava a Itália, a mãe fecunda, em cujos seios se gerou a mais nobre concepção da arte moderna. A própria Inglaterra, cujo poder e esplêndida força são indispensáveis ao equilíbrio do mundo, embora sendo inexpugnável no seu altivo rochedo, estava-se dessanguando no melhor da sua mocidade valorosa, praticando o esforço inaudito de dar, pelo voluntariado, em poucos meses — vertiginoso exemplo sem igual! — alguns milhões de soldados que correram a inscrever-se nos exércitos britânicos, sob a única pressão do seu patriotismo.

Portugal vibrou então, imediatamente, à contemplação de tanto heroísmo e tanta desgraça. Se a civilização houvesse de se salvar, e nunca disso duvidámos, não queríamos que ela se salvasse sem o nosso



concurso; se ela houvesse de morrer, não queríamos que morresse sem o seu cadáver ir também tingido do nosso sangue de combatentes.

Fomos sempre assim, sentimentais e fraternos. Tivemos sempre o prazer de nos dar aos outros, acamaraando nos riscos e perigos.

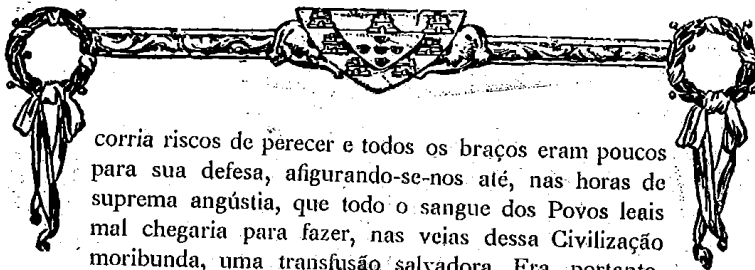
Todos os povos sentem, a impregnar-lhes a estrutura étnica, a necessidade de viver. E é por isso que eles vivem.

Nós tivemos sempre mais do que isso, porque temos tido, inalteravelmente, a ânsia de conviver. E conviver é, como disse o Poeta, acompanhar, colaborar, fraternizar, em suma. Foi por isso que fizemos as descobertas. Por essa razão nos lançamos nas conquistas. E o abraço estreito, como vido, estertoroso quasi, com que, por terra e por mar, abraçamos o mundo, não significa mais que o anseio de chamar outros povos até nós, trazendo civilizações inferiores ao rutilo, deslumbrante convívio da nossa civilização de povo eleito, de povo chefe.

Sendo assim, toda a gente compreenderá que nos deixássemos dominar por excitações heróicas nos começos da República e a jovem Republica Portuguesa fosse arrebatada por uma espécie de misticismo para as lutas do Destino, esperando, inquieta e nervosa, o momento de ser tudo a mesma coisa.

Outras razões mais fortes e menos sentimentais, porém, nos atraíam para a diabólica, mas gloriosa fôrnalha onde se estavam caldeando novos aspectos do Direito e novas formas da Liberdade.

Não se tratava do acto romântico de morrer pela Liberdade, como concepção abstracta, mas de defender a nossa própria liberdade, mantendo íntegro o território que nos pertence. O ponto estava em que a Civilização



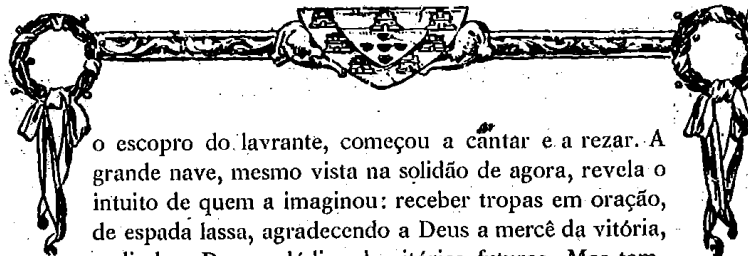
corria riscos de perecer e todos os braços eram poucos para sua defesa, afigurando-se-nos até, nas horas de suprema angústia, que todo o sangue dos Povos leais mal chegaria para fazer, nas veias dessa Civilização moribunda, uma transfusão salvadora. Era, portanto, indispensável que não houvesse braço que ficasse inerte, nem coração que parecesse aquietado.

Por isso, nas duas casas do Congresso, se levantaram tantas vozes, e algumas bem eloquentes, pregando a necessidade de ir para a guerra, e, depois, celebrando, com comovido alvoroço, a nossa definitiva intervenção.

Realizaram, assim, Soldados, Marinheiros, Senadores e Deputados uma grande obra de patriotismo. A todos eu saúdo e agradeço, em nome da Nação, certo de que há-de frutificar, em benefício das gerações vindouras, esse acto dominador da história moderna de Portugal e que custou a uns o suor, a outros a amargura, a todos, em suma, o sacrifício.

Mas se a escolha do Anjo do Congresso, para exposição dos corpos dos heróis, foi acertada, a deliberação de os levar em definitivo para a Batalha traduz o melhor preito que à sua memória se podia prestar.

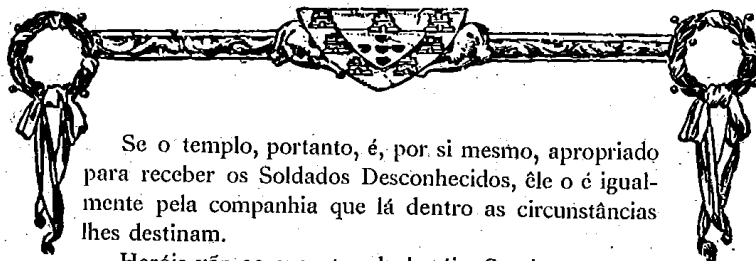
O Mosteiro da Batalha é, conjuntamente, uma obra de poetas, de guerreiros e de crentes. Pelo lugar em que foi erecto, simboliza as glórias duma batalha; mas o encanto, a um tempo severo e saudoso das memórias que o envolve, dá-lhe o ritmo e as entoações de uma estrofe. E nas curvas das suas ogivas, nas arcarias dos seus claustros, nas flechas das suas torres há uma doçura idealista e cristã que só a fé em Deus lhe podia dar. Dir-se-ia que a pedra de que o templo é feito, logo, sob



o escopro do lavrante, começou a cantar e a rezar. A grande nave, mesmo vista na solidão de agora, revela o intuito de quem a imaginou: receber tropas em oração, de espada lassa, agradecendo a Deus a mercê da vitória, pedindo a Deus a dádiva de vitórias futuras. Mas também se pode observar que há lá motivos architectónicos tam fortes e cadenciados como alexandrinos de epopeia e ornatos tam simples, tam harmoniosos, e de tam ideal frescura como os próprios versículos da bíblia.

A dentro daquelas majestosas e poéticas paredes ninguém se pode sentir mal, porque o templo magnífico satisfaz os anseios e aspirações de toda a gente, bastando para isso ser-se português.

O crente católico pode ajoelhar e rezar, porque, como casa de Deus, não a há mais pura e acatinhadora. Quem tiver outras crenças sentir-se há comovido pelo aspecto imponente das naves, que proclamam grandeza, ou pela solidão enternecida dos claustros, que traduzem recolhimento, lenda, mistério, tudo envolvendo uma tradição que vem de longe, sempre a caminhar para nós, atravessando as tempestades de asa fita, como as águias, ou rufando, ao luar, as asas mansas, como as pombas. Toda a gente lá pode entrar, toda, a principiar pela própria República-Regime, pela própria República-Estado, que, sem adoptar nenhuma confissão religiosa, mas respeitando todas as religiões, não pode deixar de sentir especiais deferências por aquela que, além de ser a da grande maioria dos portugueses, tem por suprema divindade o mesmo Cristo que, lá na Batalha, como eu já disse um dia, em nome do Governo da República, ás portas do próprio templo, não é só o Deus dos católicos, mas também, na História de Portugal, o companheiro de armas de Nun'Álvares.



Se o templo, portanto, é, por si mesmo, apropriado para receber os Soldados Desconhecidos, êle o é igualmente pela companhia que lá dentro as circunstâncias lhes destinam.

Heróis vão ao encontro de heróis. Sombras, espectros de grandeza vão receber no seu seio outras sombras igualmente espectrais e grandes.

Aqueles que foram os modestos serranos de há dias, vão tocar ombro com ombro os magníficos capitães de há séculos. Filhos do povo, saídos da lavoura, do mar, das fábricas, das minas, vão dormir ao lado dos reis e dos príncipes.

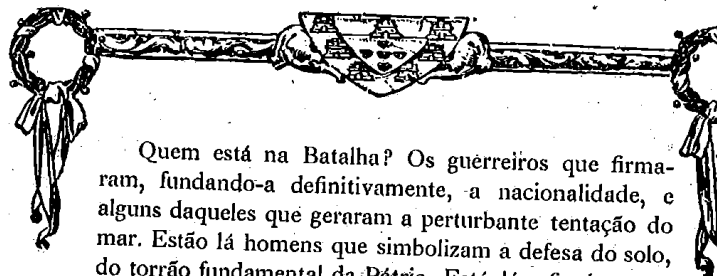
Costuma dizer-se que a morte dá a igualdade. Em parte, sem dúvida. Mas nas campas também há hierarquias, e é uso continuar aos grandes homens, ainda depois da morte, as pompas da vida, como se uma nova existência, embora ilusória e enganadora, pudesse circular, como seiva animada, nas veias da pedra em que, sobre o túmulo, lhes esculpem as figuras representativas.

Mas agora não acontece assim. De facto na morte, como o foram na vida pelo sacrifício, estes vão ser iguais nas homenagens e nas honras. Não porque uns desçam, mas porque outros sobem.

A igualdade dá-se, plena, luminosa como um sete-estrelô, mas dá-se na apoteose, na glorificação, na santificação, digamos, por todos merecida.

A cada momento se diz que a História se repete. Não é bem verdade. A História o que faz é reproduzir-se, mas a reprodução, envolvendo, dentro de leis determinadas, a idea de semelhança, não impõe de forma alguma o princípio de identidade.

É o que acontece neste caso.



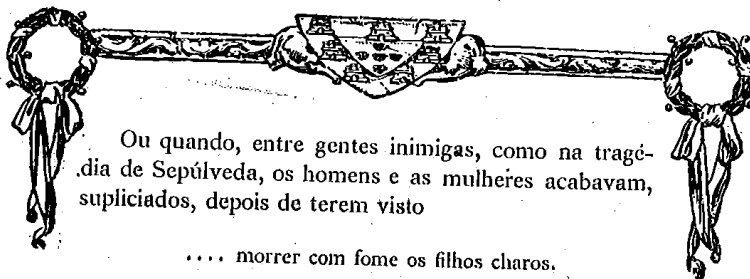
Quem está na Batalha? Os guerreiros que firmaram, fundando-a definitivamente, a nacionalidade, e alguns daqueles que geraram a perturbante tentação do mar. Estão lá homens que simbolizam a defesa do solo, do torrão fundamental da Pátria. Está lá, afinal, quem, com Nun'Álvares, verdadeiramente, nos inscreveu o nome nos registos do mundo. Antes de D. João I nós já existíamos, mas, depois dele, é que começámos a viver e a permanecer. Foram até aí a árvore plantada. Passámos a ser a raiz enraizada, ensaiando os primeiros movimentos da seiva.

E com ele estão os filhos indómitos, uns dos quais descobriu, pela visão do seu engenho, as terras maravilhosas que os navios depois encontraram com as quilhas dos seus bancos.

Esses homens, esses portugueses representam as primeiras gerações que se lançaram nas empresas sobrenaturais. Eles são o padrão pelo qual se pode avaliar da bravura e denodo da Raça, porque de si resumam heroísmo, glória, martírio e dor. Para descobrir e conquistar e, em duas palavras — *Descobertas e Conquistas!* — se resume a epopeia portuguesa antiga, que soma de valores perdidos, que o talento capital de esforço desbaratado. Sempre heroísmo, e certo, sempre bravura, sem dúvida, mas nem sempre vitória, nem sempre fortuna.

Ah! Que orgulha a lúscida tragédia marítima; cheia de naufrágios e desventuras, ou em guerra com os elementos, quando, no dizer de Camões:

..... os ventos que lutavam,
Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando:



Ou quando, entre gentes inimigas, como na tragédia de Sepúlveda, os homens e as mulheres acabavam, supliciados, depois de terem visto

.... morrer com fome os filhos charos.

E depois de as próprias pedras

... .. abrandarem
com lágrimas de dor, de mágoa pura.

Na Batalha, em resumo, estão homens que de vez fundaram e dilataram a Pátria.

E os que vão entrar?

Os que lá vão entrar defenderam e conservaram essa mesma Pátria.

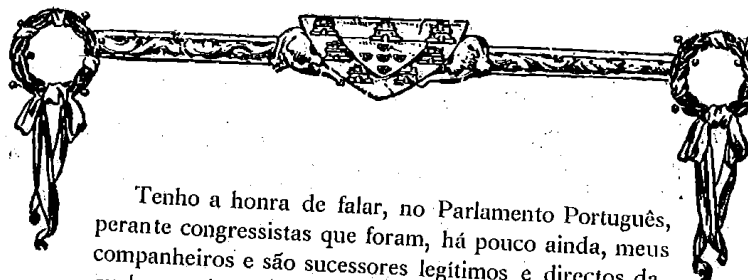
Irmãos gémeos dos outros, parecem-se com eles sem serem iguais.

Equivalem-se.

Sobretudo são gémeos os Serranos e o Infante Santo.

Porque o infante, morto pela Pátria, em reféns para que não se perdesse Ceuta, uma parcela de Portugal, morto em holocausto, de morte resignada e dolorosa, e os serranos, que caíram nas trincheiras e no sertão, realizando o seu sacrificio com melancólico, saúdoso, mas impertérito heroísmo, são dignos de que a gratidão nacional perpetuamente os irmane como expressão intangível desse principio sagrado de que, perante a integridade e a independência da Pátria, nada há que prevaleça além da obrigação de morrer, servindo-a.

! Que a mesma bênção os cubra a todos!...

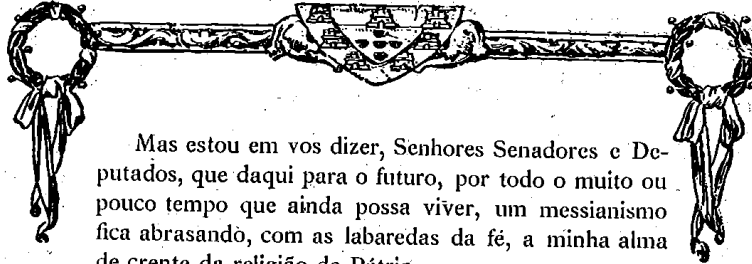


Tenho a honra de falar, no Parlamento Português, perante congressistas que foram, há pouco ainda, meus companheiros e são sucessores legítimos e directos daqueles a cujas responsabilidades, sob o ponto de vista da nossa intervenção na guerra, se juntará sempre a minha própria responsabilidade. Além daquela cadeira, que, durante tanto tempo tive a honra de ocupar, também eu, que sou antes um pacifista inabalável, fiz a apologia da nossa ideia para a guerra, e algumas vezes, eu o honrei a minha palavra. E eu já mais tive o poder da eloquência, e ainda ao menos a força do sentimento, em nome do qual lhes vou dizer a minha íntima impressão desta hora.

Fui sempre contra o messianismo político, que tantas vezes tem perturbado, ao longo da sua história, a vida do povo português.

Acho que é péssimo confiar dum homem o que deve ser atributo de muitos e exigir duma individualidade, por mais poderosa que seja, a soma de trabalho fecundo e o número de soluções perfectas que só podem resultar da colaboração de todos.

Fui de uma escola política idealista, que aliás reconhece a existência de leis inalteráveis, regulando a vida espiritual dos povos, como as leis que regulam a vida dos animais, e do mesmo modo, a ter em mínima conta as faculdades sobrenaturais dos grandes condutores de homens, que, mesmo quando têm genio, apenas conseguem preparar maior número de escombros para soterrar a sua própria personalidade que, sepultada nos destroços da catástrofe, resta diminuta e, tantas vezes, mesquinha.



Mas estou em vos dizer, Senhores Senadores e Deputados, que daqui para o futuro, por todo o muito ou pouco tempo que ainda possa viver, um messianismo fica abrasando, com as labaredas da fé, a minha alma de crente da religião da Pátria.

É o messianismo do sacrifício, da abnegação e do martírio de todos os que sofreram, na guerra, a paixão dos seus inenarráveis calvários, não olhando ao peso da cruz que carregou os seus ombros e só pensando, mesmo nas horas de maior amargura, quam pequeno era o seu sacrifício em confronto com o amor, incomparavelmente maior, devido à terra da Pátria.

Sim, vou ter um messianismo a guiar, a animar a minha vida.

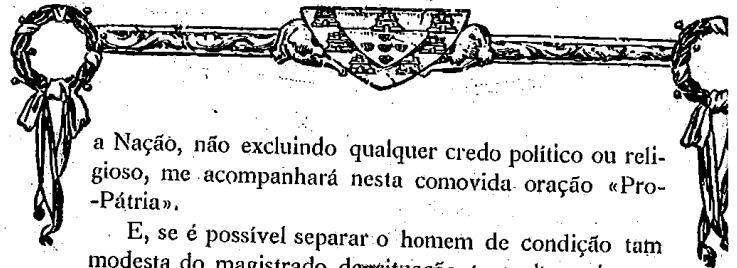
Louvido êle seja por trazer à minha alma atribulada a semente de novos ideais e o estímulo de novas aspirações. Êste não engana. Êle é desinteressado e é puro, ressumando lágrimas, transpirando sangue, de si fazendo espremer dor e paixão.

E é, ao mesmo tempo, um messianismo triunfal e sadio, partido da alma da Nação, intrinsecamente, fisiologicamente popular, incutindo fé, dando esperança, messianismo cheio de complacência e de bravura, de heroísmo e de perdão.

E quem o encarna são os dois corpos que lá estão em baixo, sagrados despojos de dois heróis desconhecidos, que anonimamente pelejaram e morreram, como que escondendo-se da sua grande obra, como que fugindo à sua própria glória.

Perante êsses féretros eu me curvo, reverente e comovido, pedindo-lhes que nos dêem a inspiração e o alento para a grande obra que há ainda a fazer.

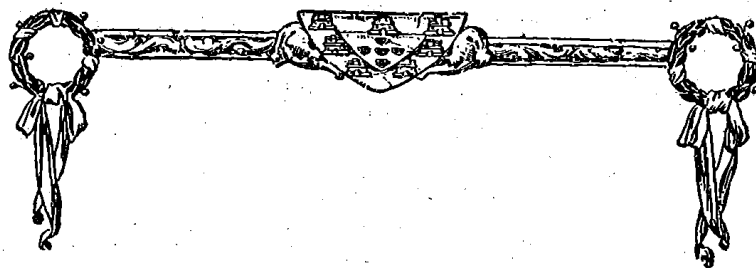
Faço-o como Chefe do Estado e suponho que toda



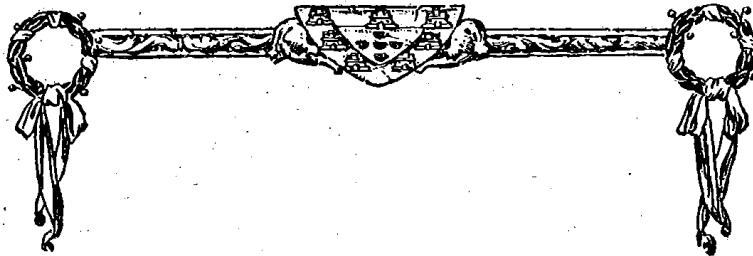
a Nação, não excluindo qualquer credo político ou religioso, me acompanhará nesta comovida oração «Pro-Pátria».

E, se é possível separar o homem de condição tam modesta do magistrado de situação tam alta, talvez o homem não destoe inteiramente na missão de, numa prece fremente, rogado junto ao corpo dos desconhecidos, pela boa sorte da Nação, visto que ele tem procurado realizar uma obra de união e concórdia, e é união e concórdia o que esses dois leitros nos recordam acerca hodi em que as suseranas, recolhidas no Campo da Moura e da Ilhama, nos impõe o dever indelével de servirnos todos, sem excepção, a Pátria que de todos é, sem excepção também. Senhoras: Com os seus tenho a honra de os cumprimentar.





NO ÁTRIO DO CONGRESSO



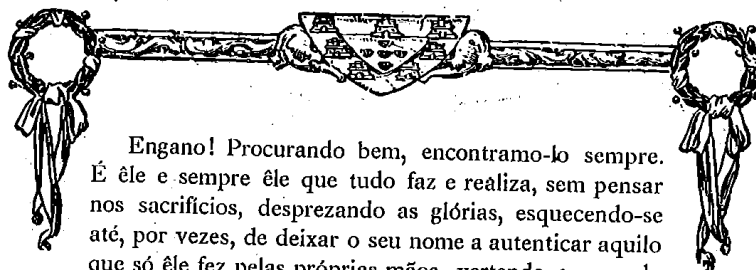
Em nome da República Portuguesa, tenho a honra de impor ao féretro dos dois Heróis desconhecidos as insígnias da Ordem da Torre e Espada.

Faço-o profundamente sensibilizado, considerando este momento, porventura, o mais solene da minha vida. São dois desconhecidos que caíram no campo da Honra em defesa da Pátria. Mas a esses desconhecidos toda a gente os conhece. Eles são o Povo, o Povo grande, admirável, predestinado, que, durante oito séculos, construiu por suas mãos vigorosas e leais esse edifício de imortal grandeza que se chama História de Portugal.

Pela primeira vez, entre nós, se lhe rende uma homenagem digna do seu valor.

É o início da gratidão colectiva por aquele que tanto tem feito, por aquele que, com o seu génio, aquece e alumia o nosso destino de Terra Eleita.

Poderá por vezes parecer, ao longo da nossa História, que o Povo ficou em segundo plano e que a uma *élite* pertence a glória de feitos que nos maravilham.



Engano! Procurando bem, encontramos-lo sempre. É ele e sempre ele que tudo faz e realiza, sem pensar nos sacrifícios, desprezando as glórias, esquecendo-se até, por vezes, de deixar o seu nome a autenticar aquilo que só ele fez pelas próprias mãos, vertendo o suor do seu rosto, derramando o sangue do seu corpo, da sua alma fazendo ressumar o mártirio e a dor.

Povo! Grande Povo!

É para ti que eu falo agora.

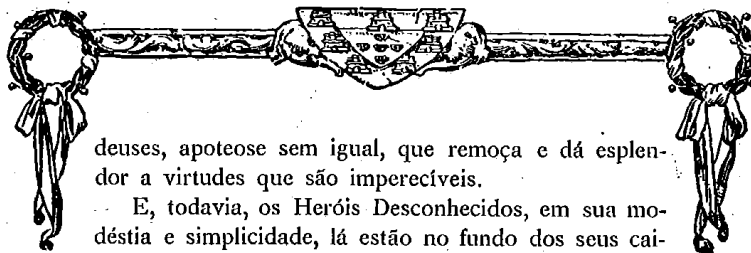
Como se rechaça lagrimas de saudade sobre os despojos dos seus filhos, porque eles são pedacos do teu ser, mas que também a fronte, ergue-a com altivez e soberbia, porque eles são dignos de teus ventos heróicos da pátria.

Traze-lhes ramos de louro, traze-lhes acônitos e rosas, louros para o seu forte heroísmo, acônitos e rosas para a sua virtude indomável.

Aqui está, em volta do seu corpo, comovido e silente, na ansiedade duma celebração votiva, tudo o que pode representar a Raça, tudo o que pode simbolizar a Pátria. Aqui estão os Embaixadores, Ministros e Delegados especiais das Nações Aliadas e amigas, que lhes prestam, reconhecidos, a homenagem da Gratidão.

Bandeiras dos exércitos aliados que as balas furaram nos campos de batalha; pavilhões, estandartes que os tiros do fogo rasgaram nos combates do mar; símbolos augustos do antigo guerreiro dos que foram seus companheiros de armas, aqui vieram para lhes beijar o ataúde. Heróicas espadas sangrentas que fizeram a vitória, rasgando o horizonte dum mundo novo, aqui vieram para lhes fazer continência.

Junto a eles tudo se curva, tudo se rende. Homenagem magnífica, como as que se prestam aos semi-



deuses, apoteose sem igual, que remoça e dá esplendor a virtudes que são imperecíveis.

E, todavia, os Heróis Desconhecidos, em sua modestia e simplicidade, lá estão no fundo dos seus caixões, tam imperturbáveis e serenos, como, quando vivos, afrontaram os perigos.

Mas esta ingénua quietação representa uma força magnética e dominadora, que pôs em vibração a Pátria inteira.

Fôrça estranha e sublime, donde irradia para nós, como um estímulo e uma bênção, a necessidade de não deixarmos perder o seu esforço sobre-humano, a obrigação de continuarmos o seu sacrificio imorredouro.

Vou ter a honra de colocar as insignias da Ordem da Torre e Espada, que significa Valor, Lealdade e Mérito, sobre o féretro dos Heróis.

Faço-o, recolhidamente, com as mãos trémulas, como se tocassem um altar, com os lábios frementes como se pronunciassem uma prece. Momento augusto, momento divino, em que a alma se purifica de tudo o que é mau, e alarga e alastra, como um preamar de amor e ternura, pela alma dos que sentem, como nós, a grandeza calma e sóssegada d'este instante sem par.

As mais altas insignias de prêmio e galardão que a República Portuguesa pode conceder vão ser depositas sobre estes caixões, que serão, para todo o sempre, os berços infantis, onde a raça há-de embalar a virtude dos seus filhos e a uma majestosa em que a Pátria há-de guardar a recordação dos seus feitos.

! Honra e glória à memória dos Heróis Desconhecidos!



ANEXO B 1

Cronologia do Soldado Desconhecido

- 430 aC-** Cerimónia na Grécia em que soldados transportavam uma maca vazia em memória dos que morreram .
- 1864** – Arlington começa a ser usada como cemitério
- 1865** – O Cemitério de Arlington já continha 5600 campas.
- 1866** – Os Estados Unidos enterram 2111 soldados não identificados , em Arlington.
- 1916-** O Padre Railton pensa no enterro, com todas as Honras, de um soldado desconhecido levado para Inglaterra-
- 1918 -** 1 de Fevereiro- Um soldado francês é encontrado deambulando na estação ferroviária de Lyon em França, sofrendo de amnésia “, Le soldat unconnu vivant”.
- 1918** – 11 November-assinado o Armistício de Compiègne. 11 horas – cessação das hostilidades.
- 1919- 14 de Julho,** Desfile da vitória em França na direcção do Arco de Triunfo, onde se ergue um cenotáfio ao Soldado Desconhecido. Milhares de militares e civis prestam homenagem.
- 19 de Agosto.** Os Ingleses comemoram o dia da Victória com um desfile em Londres a terminar na Westminster Abbey depois de passar por Whitehall em frente ao cenotáfio comemorativo dos desaparecidos em combate.
- 1920 -11 de Novembro**– Os franceses inauguram o Túmulo do Soldado Desconhecido “Soldat Inconnu”, sob o Arco de Triunfo, mas sem o corpo que fica depositado no Interior do monumento, só indo para o túmulo a 28 de Janeiro de 1921.
- 11 de Novembro** Os ingleses inauguram o seu cenotáfio permanente e enterram o seu “Unknown Warrior em Westminster Abbey.
- 1921-28 de Janeiro** . Os franceses enterram o seu Soldado Desconhecido, só nesta altura por receio de opinião pública adversa.
- 10 de Abril-**Os portugueses enterram dois dos seus Soldados Desconhecidos, um vindo da Frente Ocidental, outro vindo da África Oriental. Portugal é o único país do mundo a enterrar dois soldados correspondentes a duas frentes da mesma guerra, no país de origem.
- 4 de Novembro-** Na Praça de Veneza, em Roma juntam-se mais de 300.000 pessoas para assistir ,“Sea of People”, ao funeral do Soldado Desconhecido italiano “Milite Ignoto”.
- 10 de Novembro de 1921** – O Unknown soldier chega a Washington DC a bordo do Olympia.
- 11 de Novembro-** Funeral do Soldado Desconhecido Americano.
- 1922.** A Bélgica enterra o seu Soldado Desconhecido..

- 1925** .Inaugurado o túmulo ao Soldado Desconhecido polaco.
- 1926** –July 3- American Congress autoriza o acabamento do monumento ao SD concedendo uma verba de 50 000 dólares .
- 1932**- inauguração em Atenas de um cenotáfio ao SD grego
- 1937**- Início da Guarda de honra ao túmulo dos Unknowns in Arlington
- 1938**- O Dia do Armistício torna-se feriado federal nos Estados Unidos da América
- 1948**. Início da guarda militar ao Túmulo dos Soldados Desconhecidos em Arlington Nacional Cemetery
- 1954** – O Dia do Armistício torna-se no Dia dos Veteranos nos Estados Unidos
- 1958**- 30 de Maio- Os Estados Unidos enterram mais dois soldados desconhecidos . Um da Segunda Grande Guerra e outro da Guerra da Coreia.
- 1960**- Brasil enterra o seu SD referente à 2-ª Grande Guerra
- 1967** –Brasil encontra em Itália outro Soldado Desconhecido que ali permanece como SD Brasileiro.
- 1981** – Inaugurado o monumento ao sd búlgaro
- 1984** –Os americanos enterram o seu Soldado Desconhecido da Guerra do Vietname com Ronald Reagan a presidir às cerimónias
- 1990**- É criado em Potsdam na Alemanha, um memorial ao Desertor Desconhecido.
- 1993**- 11 de Novembro. A Austrália enterra o seu Soldado Desconhecido vindo do Cemitério de Adelaide no Norte de França tendo sido espalhado sob o caixão solo do Campo de Batalha de Poziere de maneira similar ao Unknown Warrior Inglês e ao Unknown Soldier Americano.
- 1998** – Tenente Michael Blassie, o Soldado Desconhecido da Guerra do Vietname é desenterrado e identificado mediante o método de ADN. O corpo foi depois devolvido à sua família.
- 1998**- A Grã-Bretanha acrescenta ao seu Soldado Desconhecido um memorial às vítimas inocentes da guerra em todo o mundo.
- 2000**- O Canadá enterra o seu soldado desconhecido em Ottawa vindo de França
- 2003**- Na Praça de Veneza, na Itália, em frente ao monumento victoriano são colocados em câmara ardente 19 soldados mortos no Iraque, juntam-se mais de 300 mil pessoas para prestar homenagem aos 19 soldados italianos que morreram em Nazíria. Um espectáculo repetitivo, do que se passara em 1921, .“a sea of people”.
- 2004**-11 de Novembro, Nova Zelândia honra o seu Soldado Desconhecido trazendo um corpo do Norte de França.
- 2008** - Iraque -Memorial ao Soldado Desconhecido Iraquiano honrando os mortos na Guerra Irão-Iraque.

ANEXO B2**Cronologia da Primeira Guerra Mundial**

1861- Guerra Civil Americana, protótipo da Primeira GG.

1870- A Prússia vence a França e apodera-se das províncias da Alsácia e da Lorena.

1882- Forma-se a Aliança Tripla da Áustria-Hungria, Alemanha e Itália.

1992- França e Rússia formam uma aliança militar.

1904- A França forma também uma aliança com a Inglaterra. A “Entente Cordial”.

1914 –Junho

28- Assassinato do Príncipe herdeiro do trono

Austro-Húngaro e sua esposa, em Sarajevo, na Bósnia.

Julho

06 -O Governo Alemão confirma o seu apoio ao Império Austro-Húngaro .

23 -Ultimato do Império Austro-Húngaro à Sérvia.

24 -A Sérvia apela ao apoio russo.

28–A Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia.

29 -Bombardeamento a Belgrado.

31–A Rússia decreta a mobilização geral. A Alemanha apresenta um ultimato à Rússia e França para que anulem a mobilização geral.

1914 - Agosto

01 -A Alemanha declara guerra à Rússia. A França declara guerra à Alemanha.

02 -A Alemanha invade o Luxemburgo.

03 -A Alemanha declara guerra à França.

04 -Tropas alemãs entram na Bélgica .A Inglaterra declara guerra à Alemanha. O Presidente francês Poincaré apresenta no Parlamento o Projecto de União Sagrada para a duração da Guerra.

05 -A Áustria-Hungria declara guerra à Rússia .

10 -A França declara guerra à Áustria-Hungria.

12 -A Inglaterra declara guerra à Áustria- Hungria.

14 -O exército Francês invade a Lorena.

15 -A Rússia invade a Prússia Oriental.

18 -A Rússia invade a Galícia do Império Austro- Húngaro.

20- Os Sérvios vencem a Áustria-Hungria na Batalha do

Rio Jadar. Batalhas nas fronteiras da França e Bélgica

23-O Japão declara guerra à Alemanha.

A Força Expedicionária Britânica combate na Frente.

26-Os Alemães rendem-se no Togo.

26-Os Alemães vencem Russos na Batalha de Tannenberg.

Setembro

02 –O Governo Francês deixa Paris.

05-As potências aliadas renunciam a uma paz separada.

06-Primeira Batalha do Marne (06-10).

14-Os Alemães aguentam as suas defesas no Aisne. O General Moltke que pôs em prática o Plano Schellifen é substituído pelo General Falkenhayn no posto de Chefe do Estado Maior .

Outubro

01-Primeira Batalha de Arras na Frente Ocidental.

10-Os Alemães apoderam-se de Antuérpia.

15-Primeira Batalha de Ypres.

18-Batalha de Yser.

29-A Turquia junta-se às Potências Centrais e ataca bases russas no Mar Negro.

30-O Cruzador Alemão Konigsberg é encurralado pela Marinha Britânica no delta de Rufugi, na luta pela colónia alemã do Tanganica, na África Oriental.

Novembro

07-Tsingtao , colónia alemã na China, é conquistada pelos japoneses . Forças anglo-indianas desembarcam na Mesopotâmia.

16-O Sultão Turco proclama uma guerra santa contra o Império Britânico.

23-O Parlamento Português autoriza um compromisso militar com os aliados.

Dezembro

08-A esquadra alemã do Almirante Spee é derrotada nas Ilhas Falkland.

16-A marinha alemã bombardeia as costas inglesas de Scarborough.

1915

Janeiro

24-Batalha naval de Dogger Bank, no Mar do Norte.

31-Uso de gas como arma de guerra , em grandes quantidades,
na Batalha de Bolimov ,na Galícia do Norte.

Fevereiro

19-Primeiros bombardeamentos das forças anglo-francesas aos fortes de Dardanelos.

25-Segundo bombardeamento dos Dardanelos.

Março

10-A Força Expedicionária Britânica ataca em New Chapelle.

18- Sem efeito, o ataque naval dos aliados aos Dardanelos.

22-Primeiro ataque dos Zeppelins contra Paris.

25-Os russos contra atacam nos Cárpatos.

Abril

08-Os turcos expulsam os Armênios do seu território.

20-Forças turcas cercam armênios em Van.

22- Os alemães usam gás em Ypres, com algum êxito.

25-Forças aliadas desembarcam em Gallipoli, Helles e Anzac Cove.

Mai

07- Afundamento do navio de passageiros **Lusitânia** por um submarino alemão.

09-Início da ofensiva aliada de Artois, na Frente Ocidental.

13-Os Sul africanos capturam a capital da Namíbia aos Alemães.

23-A Itália declara guerra à Áustria-Hungria.

31-Primeiro ataque aéreo a Londres com Zeppelins.

Junho

23-Primeira ofensiva italiana no Isonzo.

Julho

09- Rendição do Sudoeste africano, pelos alemães .

11- O Königsberg neutralizado no Delta de Rufugi.

18-Os italianos lançam a segunda ofensiva do Isonzo.

Agosto

04-O exército alemão ocupa Varsóvia, capital da Polónia.

20- A Itália declara guerra à Turquia.

21- Os aliados continuam a atacar, sem êxito , em Gallipoli.

Setembro

03-Falkenhayn, chefe do estado maior alemão ordena a suspensão das ofensivas na Frente Oriental.

05-Primeira conferência em prol da paz , na Suíça.

07-Os alemães atacam a Lituânia.

19-Captura de Vilnius pelos alemães-

25-As aliados lançam a ofensiva de Champagne e Artois- Loos.

Outubro

05-Primeiro desembarque de tropas aliadas em Salónica.

06-Invasão da Sérvia pelos exércitos das Potências Centrais .

08-Belgrado é ocupada.

11-O Exército Búlgaro invade a Sérvia.

14-Bulgária declara guerra à Sérvia.

O Congresso americano aprova um pequeno aumento do exército.

21-Terceira ofensiva italiana do Isonzo.

Novembro

10-Quarta ofensiva italiana no Isonzo.

Tropas russas avançam sobre Teerão.

23-Retirada do Exército Sérvio na direcção de Salonica.

Dezembro

03-Os americanos expulsam os adidos militares alemães.

07-Forças Indianas e Inglesas cercadas em Kut na

Mesopotâmia.

22-Forças búlgaras tomam posição na fronteira grega.

27-Os russos lançam uma ofensiva na Bessarábia .

1916

Janeiro

01-Os aliados capturam Yaounda nos Camarões.

05-A Áustria-Hungria invade o Montenegro.

08-Os aliados terminam a evacuação de Helles,Gallipoli.~

11-Forças francesas ocupam a Ilha grega de Corfu.

13-Batalha de Hanna, na Mesopotâmia-

24-Os ingleses introduzem o serviço militar obrigatório.

29-Os ingleses +testam o primeiro tanque de guerra.

Fevereiro

16-Forças russas conquistam Erzerum no Cáucaso.

18-Os alemães rendem-se na colónia dos Camarões.

21-Os alemães dão início à ofensiva de Verdun que se prolonga até 18 de Dezembro.

Março

09-A Alemanha declara guerra a Portugal.

13-Ofensiva militar inglesa em Morogoro, na África Oriental.

24-O paquete inglês Susez é torpedeado no Canal da Mancha.

Abril

05-Primeira batalha de Kut, na Mesopotâmia.

20-A Alemanha suspende os ataques de submarinos sem restrição.

24-Levantamento da Páscoa, em Dublin, na Irlanda.

30-Os ingleses rendem-se aos turcos, em Kut.

Mai

14-Ofensiva do exército Áustro-Húngaro, no Norte de Itália.

31-Batalha Naval da Jutlândia (inconclusiva).

Junho

04-O general russo Brusilov ataca na Galícia.

05-Kitchener, ministro da guerra inglês morre no mar.

07-Os alemães capturam Forte Vaux, em Verdun.

10-A Nova Zelândia decreta o serviço militar obrigatório.

21-Forças americanas e mexicanas combatem em Carrizal.

Julho

01-Franceses e britânicos iniciam a ofensiva do Somme.

25-A ofensiva russa no Cáucaso apodera-se de Erzincan.

Agosto

06-Sexta ofensiva italiana no Isonzo.

08-Os italianos tomam Girizia.

10-Batalha de Florina, em Salonica.

27-A Roménia declara guerra às potências Centrais.

28-A Itália declara guerra à Alemanha.

Setembro

02-As potências centrais atacam o sul da Roménia.

03-Os Ingleses conquistam Dar-es-Salam. Na África Oriental.

15-Uso de tanques de guerra na Batalha do Somme.

19-Forças belgas conquistam Tavora, na África Oriental.

29-Batalha de Flamanda na Roménia.

Outubro

16-Grande ataque aéreo a Oberndorf, na Alemanha.

23-As Potências Centrais apoderam-se de Constanta, na Roménia.

24-Os franceses contraatacam e retomam o Forte Douaumont, em Verdun.

Novembro

02-Os franceses recapturam o Forte Vaux, em Verdun.

07-Reeleição nos Estados Unidos do Presidente Wilson.

18-Última ofensiva dos ingleses no Somme.

21-Morte do Kaiser Austríaco Franz Josef.

29-Jelicoe torna-se almirante da frota britânica.

Dezembro

01-Forças aliadas e gregas envolvem-se em combate em Atenas.

05-As potências centrais ocupam Bucareste.

08-Os aliados bloqueiam a Grécia.

12-Oferta de paz da Alemanha.

18-O Presidente Wilson fa numa proposta de paz para a Europa.

29-Rasputin é assassinado em Petrogrado.

1917

Janeiro

22-O Presidente norte americano fala ao Congresso de “paz sem vitória”.

Fevereiro

01-Reinício da guerra total pelos submarinos alemães.

03-Os Estados Unidos terminam relações diplomáticas com a Alemanha.

24-Os ingleses reconquistam Kut.

26-Presidente Wilson solicita autorização ao Congresso para armar navios mercantes.

Março

08-Revolução de Fevereiro na Rússia.

11-Os ingleses ocupam Bagdade.

13-Os chineses cortam relações diplomáticas com a Alemanha

15-O Tzar Nicolau II abdica na Rússia.

17-O governo de Briand cai em França.

Abril

06-Os Estados Unidos declaram guerra à Alemanha.

07-Cuba declara guerra à Alemanha.

09-Ofensiva de Nivelles.

24-Afonso Costa toma posse de novo governo em Portugal.

29-Revolta de algumas unidades do Exército Francês.

Maio

15-O general Pétain substitui Nivelles como comandante chefe

19-General Pershing assume o comando da Força Expedicionária Americana.

24-Navios de guerra japoneses entram no Mediterrâneo ao serviço dos aliados.

Junho

04-Brusilov é o novo comandante chefe das forças russas.

11-O Rei Constantino da Grécia abdica.

16-Primeiro Congresso dos soviets russos.

25-Chegam a França as primeiras tropas estadunidenses.

29-A Grécia declara guerra às potências centrais.

Julho

09-O navio de guerra inglês “Vanguard” explode no porto.

31-Grande ofensiva militar britânica de Ypres, na Flandres.

Agosto

04-Libéria declara guerra à Alemanha.

18-Décima-primeira ofensiva italiana no Isonzo.

Setembro

03-Os alemães capturam Riga.

29-Os ingleses tomam Ramadî na Mesopotâmia.

Outubro

26-O Brasil declara guerra à Alemanha.

31-Os ingleses capturam Beersheba na Palestina.

Novembro

05-Revolução de Outubro na Rússia

06-Os ingleses capturam Passchendaele.

15-Clemenceau torna-se primeiro-ministro de França.

25-Os alemães invadem a Colônia Portuguesa de Moçambique, na África Oriental.

28-A Estônia declara independência.

Dezembro

01-Os aliados criam um comando supremo da guerra.

- 06-Levantamento em Lisboa, Sidónio Pais assume o poder.
- 07-Os Estados Unidos declaram guerra à Áustria-Hungria, seguidos pelo Panamá e Cuba.
- 08-Tropas anglo-francesas juntam-se aos italianos na Frente.
- 09-Os ingleses conquistam Jerusalem na Palestina.
- 16-Armistício na Frente Oriental.
- 31-Navios da Marinha de Guerra americana juntam-se à Esquadra Britânica.

1918

Janeiro

- 08-Presidente Wilson anuncia o seu Plano de Paz de 14 pontos
- 10-Em referendo, a Austrália rejeita o serviço militar Obrigatório.
- 24-Victória de forças árabes em Tafilá, contra os turcos.

Fevereiro

- 09-As potências centrais assinam um tratado de paz com a Ucrânia.
- 21-Os ingleses apoderam-se de Jericó, na Palestina.
- 25-Racionamento de alimentos em Londres.

Março

- 01-Forças alemãs ocupam Kiev na Ucrânia.
- 03-Rússia e Alemanha assinam o Tratado de Brest-Litvsk, pondo fim a um estado de guerra.
- 13-Forças das potências centrais ocupam Odessa.
- 21-Os alemães atacam em Arras na Frente Ocidental.
- 23-Os alemães atacam Paris com canhões de longo alcance (Paris Gun ou canhão do Kaiser Guilherme).
- 29-O General Foch é nomeado coordenador das forças aliadas na Frente Ocidental .

Abril

- 09-Os alemães dão início à ofensiva do Lys.
Batalha de La Lys, em que os portugueses são chacinados e obrigados a recuar com muitas baixas.
- 14-O General Foch torna-se comandante chefe da Frente Ocidental.
- 23-A Guatemala declara guerra à Alemanha
A Marinha de Guerra Alemã ataca Zeebrugge, o seu último ataque em mar alto.

Maior

- 07-Os romenos assinam a Paz de Bucarest com as potências centrais.
- 25-A Costa Rica declara guerra à Alemanha.

28-Primeiros combates das Forças Expedicionárias Americanas, na Frente Ocidental.

Junho

09-Batalha do Matz na Frente Ocidental.

Julho

02-Um milhão de tropas americanas para a Europa.

13-O Haiti declara guerra à Alemanha.

15-Segunda Batalha do Marne.

16-O Czar russo Nicolau e toda a família são assassinados pelos Bolcheviques.

20-Os alemães recuam no Marne.

Agosto

03-Tropas britânicas desembarcam em Vlavostok para ajudar a Legião Checa contra as forças bolchevistas.

08-Os aliados iniciam a ofensiva de Amiens provocando o colapso do Segundo Exército Alemão.

11-Unidades da Marinha de Guerra Japonesa chegam a Vladivostok.

13-A Grã-Bretanha reconhece a independência da Checoslováquia.

17-Tropas americanas chegam a Vladivostok.

29-Lenine ferido numa tentativa de assassinato.

Setembro

02-O Exército Alemão cede posições na Primeira Linha de Hindenburg.

25-A Itália reconhece a independência da Jugoslávia.

26-Ofensiva de Meuse-Argonne por forças americanas e francesas.

28-Lettow Vorbeck reentra na África Oriental Alemã.

30-Os aliados assinam um armistício com a Bulgária.

Outubro

01-Forças britânicas e arabes ocupam Damasco na Palestina .

04-A Alemanha e a Áustria-Hungria pedem aos Estados Unidos que medie um armistício.

08-Ataque aliado em Cambrai, na Frente Ocidental.

23.Os italianos iniciam a ofensiva de Vittorio Veneto.

26-Ludendorf resigna o seu posto. Os ingleses ocupam Aleppo.

30-A Turquia assina, em Mudros, um armistício com os aliados.

A Marinha de Guerra Alemã de Mar Alto inicia uma greve de desobediência.

Novembro

01-Tropas da Sérvia reocupam Belgrado.

03-A Áustria-Hungria assina um armistício com os aliados.

05-O Supremo Comando de Guerra Aliado aceita as condições de um armistício com a Alemanha.

08-Foch recebe delegados alemães para acertar um armistício.

09-O Kaiser alemão foge para o exílio na Holanda.

11-Armistício geral em todas as frentes de guerra com efeito a partir das 11 horas.

13-Marinhas de Guerra aliadas ocupam Constantinopla.

21-A Marinha de Guerra Alemã do Mar Alto rende-se em Forsith.

22-O Rei Alberto da Bélgica regressa a Bruxelas.

25-Forças alemãs do General Lettow Vorback rendem-se aos ingleses na Rodésia, em território inglês.

26-As tropas alemãs retiram da Bélgica.

Dezembro

01-Criação oficial da Jugoslávia.

14- Chegada a Paris do Presidente Woodrow Wilson

1919.

Janeiro

12-Abertura oficial da Conferência de Paz de Paris

19-Eleições para o parlamento alemão.

Fevereiro

14-O Exército Russo invade a Estónia.

Março

17-Os aliados retiram de Odessa.

Abril

24-Por divergências, os italianos retiram da Conferência de Paz em Versalhes “Paz mutilada”

Mai

13-O Exército Grego desembarca em Smirna.

Junho

21-A Marinha de Guerra Alemã estacionada em Scata Flow na Escócia, é afundada pelos próprios alemães, 52 navios de um total de 74.

28-Assinado o Tratado de Versalhes.

Julho

07-O Parlamento Alemão ratifica o Tratado de Versalhes.

Novembro

19-O Congresso Americano rejeita o Tratado de Versalhes.

Anexo C

“President Harding’s Address at the Burial of an Unknown American Soldier

Arlington Cemetery, November 11, 1921”

"Mr. Secretary of War and Ladies and Gentlemen: We are met today to pay the impersonal tribute. The name of him whose body lies before us took flight with his imperishable soul. We knew not where he came, but only that his death marks him with everlasting glory of an American dying for his country.

He might have come from any one of millions of American homes. Some mother gave him her love and tenderness and, with him, her most cherished hopes. Hundreds of mothers are wondering today, finding a touch of solace in the possibility that the nation bows in grief over the body of one she bore to live and die, if need be, for the Republic. If we give rein to fancy, a score of sympathetic chords are touched, for in this body, there once glowed the soul of an American, with the aspirations and ambitions of a citizen who cherished life and its opportunities. He may have been a native or an adopted son; that matters little because they glorified the same loyalty they sacrificed alike.

We do not know his station in life, because from every station came the patriotic response of the five millions. I recall the days of creating armies and the departing of caravels, which braved the murderous seas to reach the battle lines for maintained nationality and preserved civilization. The service flag marked mansion and cottage alike, and riches were common to all homes in the consciousness of service to the country.

We do not know the eminence of his birth, but we do know the glory of his death. He died for his country, and greater devotion hath no man than this. He died unquestioning, uncomplaining, with faith in his heart and hope on his lips, that his country should triumph and its civilization survive. As a typical soldier of this representative democracy, he fought and died, believing in the indisputable justice of his country’s cause. Conscious of the world’s upheaval, appraising the magnitude of a war the like of which had never horrified humanity before, perhaps he believed his to be a service destined to change the tide of human affairs.

In the death gloom of gas, the bursting of shells and rain of bullets, men face more intimately the great God over all, their souls are aflame, and consciousness expands and hearts are searched. With the din of battle, the glow of conflict, and the supreme trial of courage, come involuntarily the hurried appraisal of life and the contemplation of death’s great mystery. On the threshold of eternity, many a soldier, I can well believe, wondered how his ebbing blood would color the stream of human life, flowing on after his sacrifice. His patriotism was none the less if he created more than triumph of his country; rather, it was greater if he hoped for a victory for all human kind. Indeed, I revere that citizen whose confidence in the righteousness of his country inspired belief that its triumph is the victory of humanity.

This American soldier went forth to battle with no hatred for any people in the world, but hating war and hating the purpose of every war for conquest. He cherished our national rights, and

abhorred the threat of armed domination; and in the maelstrom of destruction and suffering of death, he fired his shot for liberation of the captive conscience of the world. In advancing toward his objective was somewhere a thought of a world awakened; and we are here to testify undying gratitude and reverence for that thought of a wider freedom.

On such an occasion as this, amid such a scene, our thoughts alternate between defenders living and dead. A grateful Republic will be worthy of them both. Our part is to atone for the losses of heroic dead by making this a better Republic for the living.

Sleeping in these hallowed grounds are thousands of Americans who have given their blood for the baptism of freedom and its maintenance, armed exponents of the national conscience. It is better and nobler for their deeds. Burial here is rather more than a sign of the Government's favor, it is a suggestion of a tomb in the heart of the nation, sorrowing for its noble dead.

Today's ceremonies proclaim that the hero unknown is not unhonored. We gather him to the nation's breast within the shadow of the Capitol, of the towering shaft that honors Washington, the great father, and of the exquisite monument to Lincoln, the martyred savior. There the inspirations of yesterday and the conscience of today forever unite to make the Republic worthy of his death for flag and country.

Ours are lofty resolutions today, as with tribute to the dead we consecrate ourselves to a better order for the living. With all my heart, I wish we might say to the defenders who survive, to mothers who sorrow, to widows and children who mourn, that no such sacrifice shall be asked again.

It was my fortune to see a demonstration of modern warfare. It is no longer a conflict of chivalry, no more a test of militant manhood. It is only cruel, deliberate, scientific destruction. There was no contending enemy, only the theoretical defense of a hypothetic objective. But the attack was made with all the relentless methods of modern destruction. There was the rain of ruin from the aircraft, the thunder of artillery, followed by the unspeakable devastation wrought by bursting shells; there were mortars belching their bombs of desolation; machine guns concentrating their leaden storms; there was the infantry, advancing, firing, and falling, like men with souls sacrificing for their decision. The flying missiles were revealed by illuminating tracers, so that we could not note their flight and appraise their deadliness. The air was streaked with tiny flames marking the flight of massed destruction; while the effectiveness of the theoretical defense was impressed by the stimulation of dead and wounded among those going forward, undaunted and unheeding. As this panorama of unutterable destruction visualized the horrors of modern conflict, there grew on me the sense of the failure of civilization, which can leave its problems to such a cruel arbitrament. Surely no one in authority, with human attributes and a full appraisal of the patriotic loyalty of his countrymen, could ask the manhood of kingdom, empire, or republic to make such sacrifice until all reason, had failed, until appeal to justice through understanding had been denied, until every effort of love and consideration for fellow men had been exhausted, until freedom itself and inviolate honor had been brutally threatened.

I speak not as a pacifist fearing war, but as one who believes the highest function of government is to give its citizens security of peace, the opportunity to achieve, and the pursuit of happiness.

The loftiest tribute we can bestow today- the heroically earned tribute- fashioned in deliberate conviction out of unclouded thought, neither shadowed by remorse nor made vain by fancies, is

the commitment of his Republic to an advancement never made before. If American achievement is a cherished pride at home, if our selfishness among nations is all we wish it to be, and ours is a helpful example in the world, then let us give of our influence and strength, yea, of our aspiration and convictions, to put mankind on a little higher plane, exulting and exalting, with wars' distressing and depressing tragedies barred from the style of righteous civilization.

There have been a thousand defenses justly and patriotically made; a thousand offenses, which reason, and righteousness ought to have stayed. Let us beseech all men to join us in seeking the rule under which reason and righteousness shall prevail.

Standing today on hallowed ground, conscious of all America has halted to share in the tribute of heart and mind and soul to this fellow American, and knowing that the world is noting this expression of the Republic's mindfulness, it is fitting to say that his sacrifice, and that of the millions dead shall not be in vain. There must be, there shall be, the commanding voice of a conscious civilization against armed warfare.

As we return this poor clay to its mother soil, garlanded by love and covered with the decorations that only nations can bestow, I can sense the prayers of our people, of all peoples, that this Armistice Day shall mark the beginning of a new and lasting era of peace on earth, good will among men. Let me join in that prayer.

Our Father who art in heaven, hallowed by thy name, thy kingdom come, thy will be done on earth as it is in Heaven. Give us this day our daily bread, and forgive us of our trespasses as we forgive those who trespass against us. And lead us not into temptation, but deliver us from evil, for thine is the kingdom, and the power, and the glory, forever. Amen."

The New York Times - Published, November 12, 1921"

ANEXO D

Ficha do militar Manuel Francisco que prestou serviço militar na Grande Guerra 1914-1918

Manoel Francisco
Corpo Expedicionário Português

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA

(Modelo 5)

(a) 2a. B. I.

(c) R. I. Nº 35

(b)

(d) 4a. Comp.

Placa de identidade n.º 14.814.

Boletim individual de (e) Manuel Francisco

(f) 2º cabo nº 215 *C* de estado casado

(g) Maria de Encarnação, filho de Martinho Francisco

e de Maria Joaquina (falecida)

natural de Mealhada. O parente vivo mais próximo

sua esposa residente em Partelinhos

Embarcou em Lisboa, em 16 de Março de 1917

Desembarcou em Lisboa, em 3 de Abril de 1919

Observações

1917-Julho-Pravinda a 1º cabo em 15.-1918-Novembra-Tomou parte na perseguição de inimigo e passagem de Escalda, em 9.-1919-Março Abatido ao efectivo de Bat., em 13, indo apresentar-se no P.E., afim de ser repatriado. Repatriado em 31, com a Amb. nº 5.....

Esta conforme

S.E.E.C. em Lisboa, 6 de Abril de 1921.

O Chefe da Secção

Luís Augusto
Ray

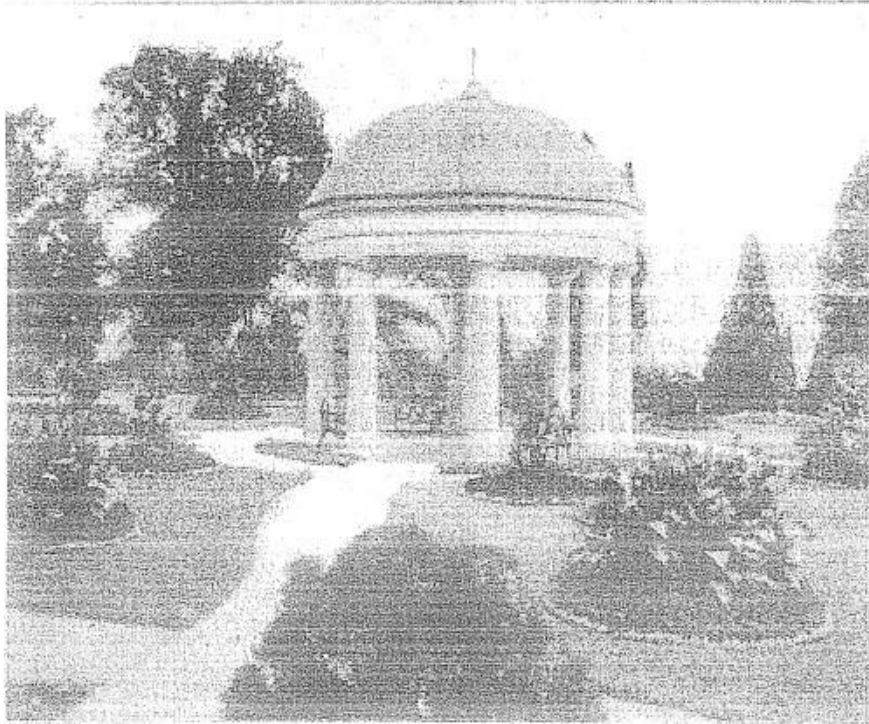
(a) e (b) Unidade do C. E. P. de que faz parte; (c) e (d) Unidade territorial a que pertence; (e) Nome completo do mobilizado; (f) Posto e serviço que desempenha, e sendo praça de pré, indicar o respectivo numero e companhia a que pertence na unidade territorial; (g) Indicar o nome da pessoa com o qual o mobilizado é casado ou de quem é viuvo ou divorciado.

ANEXO E - ARLINGTON NATIONAL CEMETERY

Arlington National Cemetery

Arlington National Cemetery Tomb of the Unknown Soldier Temple of Fame

By Catharine Frances Cavanagh



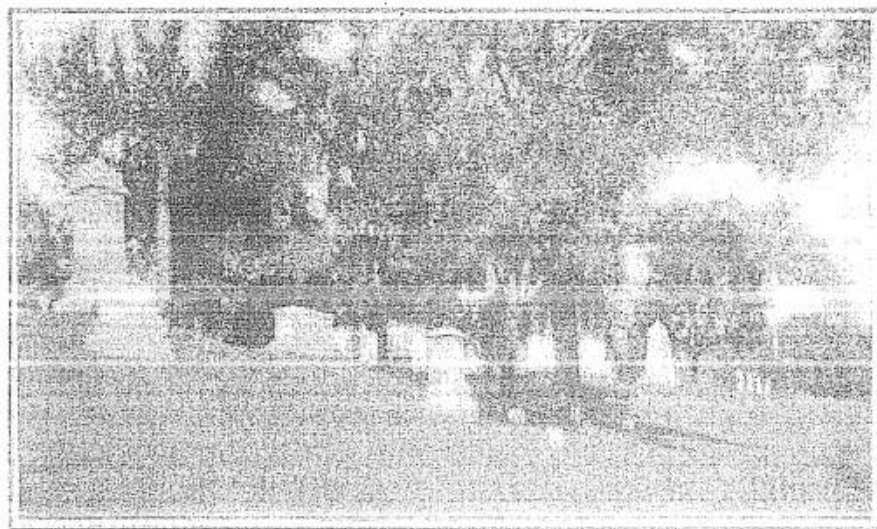
The Temple of Fame

THE CHIEF OF OUR NATIONAL CEMETERIES, WHICH ONCE BELONGED TO GEORGE WASHINGTON, AND WAS AFTERWARDS THE HOME OF ROBERT E. LEE—THE GREAT DEAD WHO ARE BURIED THERE, AND THE MEMORIALS THAT MARK THEIR GRAVES.

When the millions go forth, on Memorial Day, to pay the yearly tribute of honor to the hundreds of thousands who fought and died under the flag, none of the eighty two cemeteries where the soldiers of the nation are buried commands so deep an interest as Arlington, in Virginia, on the shores of the Potomac opposite Washington. Some twenty thousand fighting men are buried there, most of whom fell in the Civil War, though the Spanish War added many to the list.

Splendid memorial gates mark the entrance to the city of the dead. Stately monuments crown the graves of men whose names are household words. Enter the giant oaks and beneath the green lawns are the resting places of thousands whose only mark is a plain white stone bearing the soldier's name, the company and regiment in which he served, and his number in the nation's roll of honor, which is among the sacred records of the War

Department. There is row after row of these graves on a plateau that stretches away until it is lost in the shadows of the dense oak woods. And there is the great tomb of the Unknown Dead, and the Temple of Fame almost side by side with it—as it should be.

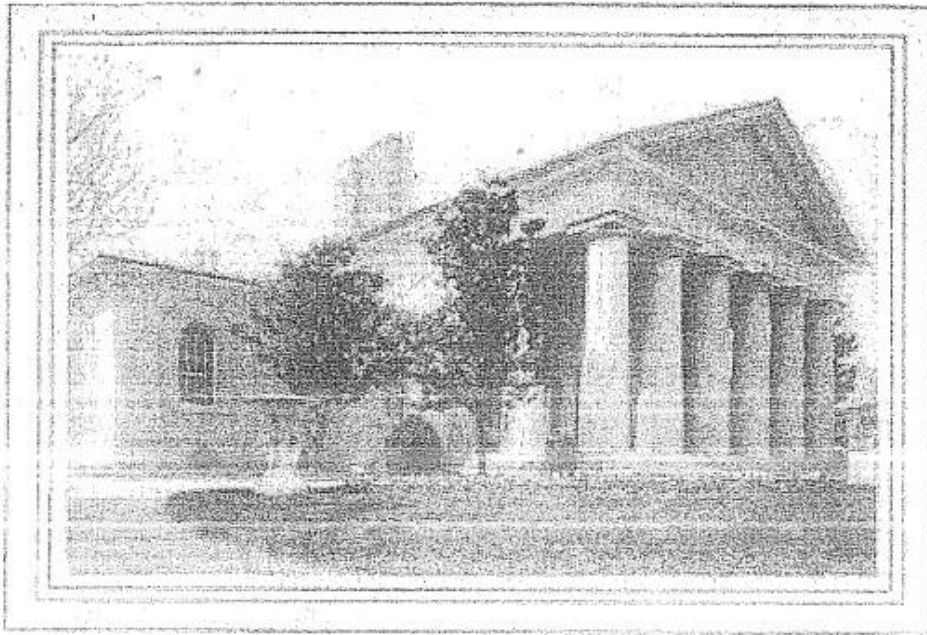


Eastern slope, showing grave of General Sheridan

It is to these graves that the children come on Memorial Day, bearing flowers in their hands, exotic blooms from costly greenhouses, and the simple posies of old fashioned gardens. The voices of fervid speakers vibrate with emotion and the sweet, poignant death hymns are borne on the perfume laden air. It is a splendid function, magnificent and satisfying this of Memorial Day, for even the dullest orator cannot hide the luminous spirit of it, the apotheosis of pure patriotism and noble deeds, by his turgid flow of words. That which is done in the name of the dead is for the living millions, and the tens of millions yet unborn.

THE EARLY DAYS OF ARLINGTON

Arlington once was the property of George Washington, and about it cluster many memories of the time when the nation was in its swaddling clothes. It belonged to Robert Lee when the Civil War broke out, and it was in the old mansion that the Virginian soldier wrestled with his conscience, and finally decided to cast his lot with the Confederacy—a decision that meant much, for he was one of the world's great military geniuses.



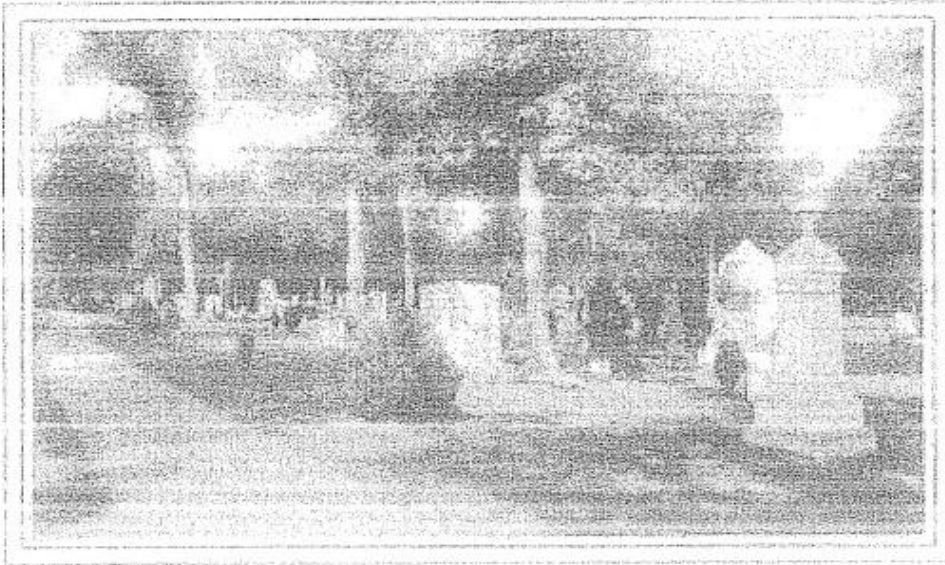
Arlington House built by George Washington Parke

Time was when the old mansion was the scene of many activities, and the thought of death was farthest from the minds of those who worked and played and laughed there. General Washington had a fine eye for valuable land; in fact, in these days he would be called something of a real estate speculator. Mount Vernon, Abingdon, and Arlington were among his possessions on the southern shore of the Potomac. He bequeathed Arlington to the little boy who stood beside him when he was sworn in as the first President of the United States, his foster son and the grandson of his wife, George Washington Parke Curtis. When Mrs. Washington died, in 1802, Mount Vernon passed into the hands of Judge Bushrod, the general's nephew. Then the foster son, who had lived at Mount Vernon since childhood built a mansion on the plantation left him by Washington, and thereafter he was usually known as "Mr. Custis of Arlington." For a few years he kept bachelor's hall, and then he married.

MR. CUSTIS OF ARLINGTON

It was at Arlington that he wrote his memoirs of General Washington, practiced many arts and became famous for his eloquence and hospitality. He wrote poetry, decorated the walls of his home with his own paintings, and attempted battle pictures, but with indifferent success. Upon the green lawns and slopes, under which the dead now lie, there were once merry parties. On these occasions Mr. Custis used to set up an old tent which General Washington used during the Revolution, and under its weather stained canvas brilliant men made eloquent speeches. This tent was the great attraction at the annual sheep shearing contests which Mr. Custis introduced in this county, to encourage the manufacture of cloth in the United States. These contests took place late in April. His praises and prizes

developed a friendly rivalry between the farmers of Virginia and Maryland, and he made the most of this. In one of his speeches at the annual gathering, standing in the shadow of Washington's tent, he said prophetically: "America shall be great and free, and shall minister to her own wants by the employment of her own resources. The citizens of my country will proudly appear when clothed in the product of their native soil."



Western Quarter devoted to graves of officers and their wives

On the occasions of parties, Washington's silver tea set, made in New York in 1789 of old family plate, was used. The dainty ladies were wont to "kiss the cup" before drinking its contents. Arlington House was filled with relics of Washington, many of which in later years found their way back to Mount Vernon, while some are still treasured in the National Museum at Washington. In one of the upper chambers stood the bed on which the first President died. It was regarded as too sacred for use. It now stands in Washington's death chamber at Mount Vernon.

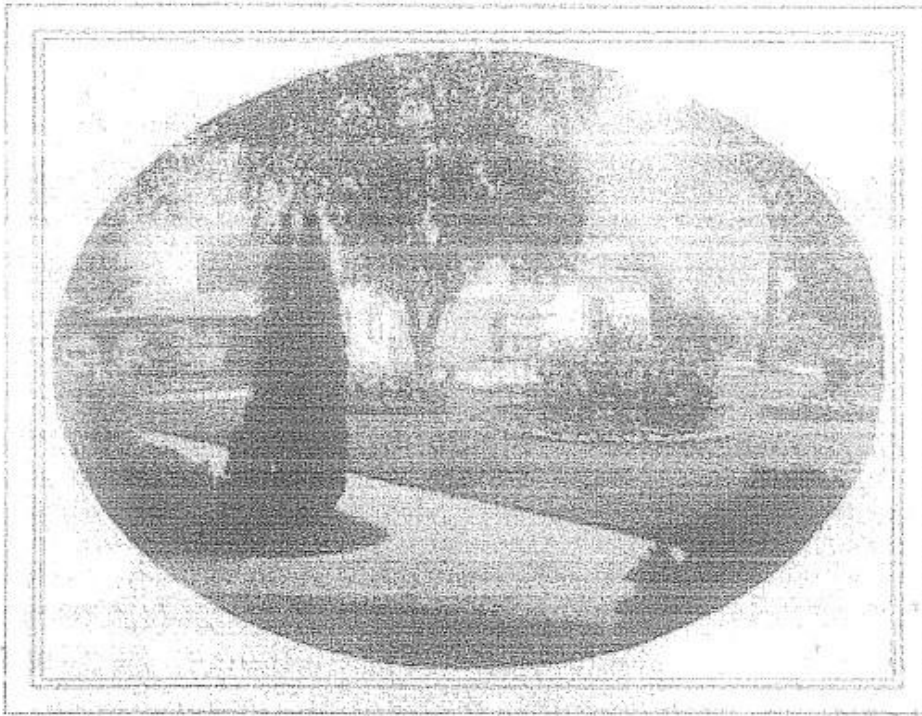
On the occasion of Lafayette's visit to America, seventy five years ago, he sojourned at Arlington. He took great delight in the society of his host, who could talk so well and lovingly of his beloved commander in chief. In his rambles about the grounds he was shown a magnificent willow tree, planted before the Revolution by John Parke Custis. I was delighted to observe its growth, for its fame had spread among lovers of forestry. It had been given to Mr. Custis by an Englishman who came to this country with the intention of making his home here, and of planting the little twig of English willow so that its green feathery ribbons would dangle over his roof. But the war upset his plans and drove him back to England; and as he departed, he presented the willow twig to John Parke Custis. It is interesting to know that the Arlington tree was the parent of many of the same species now growing in this country. The oaks of Arlington, too, are fatuous, and it is due to Lafayette that so many of them are standing. At the time of his visit, Mrs. Custis remarked

that she thought they should be felled.

"My dear child," said Lafayette, "recollect how much easier it is to cut down a tree than to make it grow."

This remark passed down through the years that followed, and his advice has been kept as far as possible. The honored dead who now sleep beneath the sheltering branches could have no more glorious memorial wreaths.

ARLINGTON PASSES TO THE LEES



Old flower garden in rear of the mansion

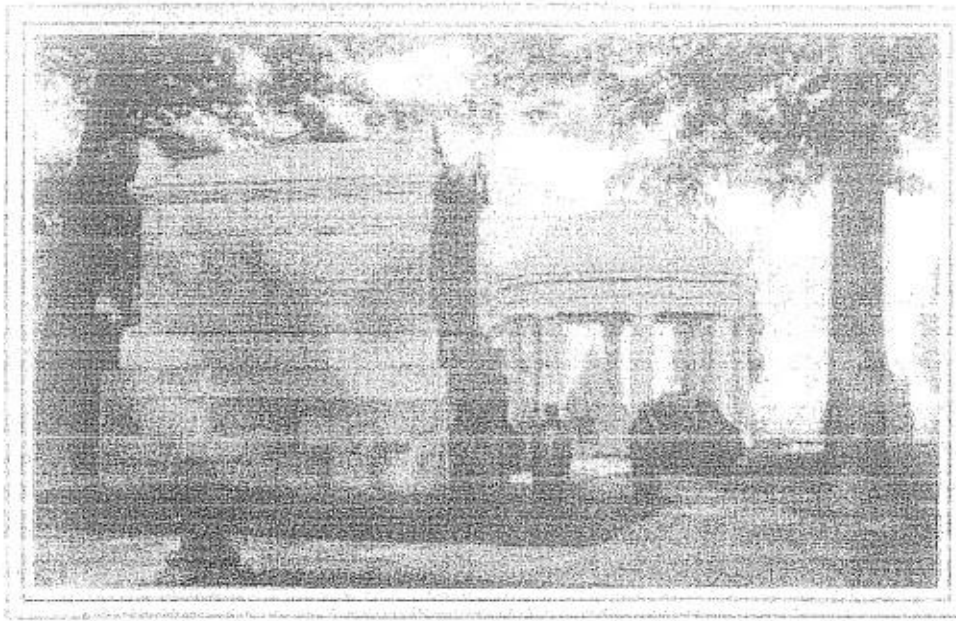
Mr. Custis had his share of sorrows, too, for only one out of the four daughters born to the house lived to the age of womanhood. She, Mary Randolph Custis, was the light and life of the place. As a child she romped with Robert Lee, as a girl she was his little sweetheart, and the old road that lies between Alexandria, where Lee lived, and the Arlington estate, was the scene of many of their rides and walks. In 1832 she was married to him—he was then a lieutenant of engineers—in the big drawing room.

Her mother, Mrs. Custis, died in 1853; her father lived four years longer, his days shadowed by signs of the coming national storm. Their monuments are in a sequestered part of the grounds, seldom sought nowadays by those who visit the cemetery. The

The United States took formal possession of Arlington in 1864, the land having been sold for taxes, according to an act passed in 1862, and bid in by the government for \$26,800. The amount of the taxes due was but \$97.07. After the death of General and Mrs. Lee, their son commenced suit for the recovery of the estate, on the ground that it was impossible for Lee to pay the taxes at the time, he being in the Confederate Army. From 1877 to 1884 the case was in litigation. Then, when Justice Miller rendered a decision in favor of the claimant, the United States was compelled to make a direct purchase of the estate from the Lee heirs, or to acquire it by condemnation proceedings. For more than a score of years the ground had been hallowed by the brave men buried there, and it was not the intention of the government to let the place pass from its hands; neither were the Lees over anxious to acquire a cemetery, so a compromise was effected by which the United States paid a hundred and fifty thousand dollars for the property.

"It will be seen that there is no truth in the oft repeated story that the Federal government "confiscated" Arlington, or wrested it from the Lees on account of the part they played in the Civil War. The Lees were not among the many old Virginia families who lost their all through devotion to the Southern cause.

THE BIVOUAC OF THE DEAD



Tomb of the Unknown Dead

The war with Spain and the service that our soldiers have since done in tropical climates have made a considerable addition to the rows of graves at Arlington. From the West Indies and the

Philippines silent ones are still drifting in steadily to the peace of Arlington. They were children of the North, of the South, of the East, and of the West, but a common cause called them, and when their part in it was over, there was no greater honor for their dead bodies than to be buried with Sheridan and Porter and Lawton, by the Potomac. By common consent, Arlington has been made the great national cemetery, and it is the last wish of many a soldier lad to rest there with the brave. One such, dying aboard ship, on his way home from Manila, wrote to his mother, "I hope I may live to reach my own land. I want to be buried at Arlington."

Long before this boy was born, old soldiers picked out the spots where they wished to rest at Arlington. Sheridan's grave on the hillside that slopes towards the east was chosen by him, and entered in the cemetery books long before his end came. Near him is all that remains of Major Gregory, of the engineer corps. He was with Sheridan when the latter chose his last resting place, with the remark that it was the one part of Arlington which he could see distinctly from his Washington residence. This set the major to thinking.

"General," he asked, "how would you like me for company?"



The Sheridan Gate

"Nothing could please me better," rejoined the general. "We got along very nicely in life, and I don't think we'll quarrel in death—anyhow, I am willing to risk it."

These men were but two out of many who calmly selected their own graves. Wives of soldiers are also entitled to burial at Arlington. The government pays for the opening and closing of the graves, and for the erection of a white, stone, but nothing more. The Sheridan monument, said to have been designed by Mrs. Sheridan, is simple but striking. Against the granite the bronze medallion portrait of the old soldier, draped with flag and palm wreath,

forms a fitting memorial, and one that recalls the man to those who knew and admired him. Other graves on this beautiful slope are those of Admiral Porter, General J. H. Baxter, Colonel Hiram Berdan, and General George Crook, the famous Indian fighter. Law-ton's grave is directly west of the amphitheater, in a section where many soldiers of our latest campaigns are buried.

The gates at the entrances to Arlington are monuments to brave men, as is the classical Temple of Fame, to the south of the mansion. The Ord-Weitzel gate leads to the oldest portion of the cemetery below the hill. Its pillars were in a part of the War Department building which was torn down to make room for the handsome structures of the State, War and Navy. The Sheridan gate leads to the center of the grounds, and its four columns, bearing the names of Scott, Lincoln, Grant, and Stanton, were also part of the old War Department building, which was erected shortly after the close of our second war with Great Britain. The southern entrance to the cemetery is called the McClellan gate. The Temple of Fame bears upon the eight columns that support its dome the names of Garfield, McPherson, Mansfield, Thomas, Meade, Sedgwick, Reynolds, and Humphreys. Above the two northern pillars appears the name of Washington; above the south, Lincoln; above the east, Farragut; and above the west, Grant.



Arlington Cemetery in winter

Near the Temple of Fame is an impressive monument which has suggested many poems, known as the Tomb of the Unknown Dead. The vault beneath the tomb is thirty feet deep and two hundred and twenty feet in diameter, and contains the remains of more than two thousand nameless soldiers gathered from neighboring fields of battle.

On one side of the walk behind the mansion are the servants' quarters of olden time, the well, whose wheel is kept groaning by those who visit Arlington, and the greenhouses. On

the other side is the amphitheater, erected in 1873, and used for memorial exercises. It will accommodate five thousand persons.

From the *Junior Munsey*, June 1901.

ANEXO F

LIBRARY
OF
PRINCETON UNIVERSITY



SUPPLEMENT

Franklin B. Morse

Service Bulletin
of
The Associated Press

BULLETIN 64

NEW YORK

DECEMBER 1921

THE SERVICE BULLETIN will be issued under the supervision of the General Manager at such intervals as its purposes require. It is designed to promulgate General Orders, changes in the personnel, notes of personal and service interest and similar matter.

Kirke Larue Simpson

"The Unknown Soldier"

—P—

Complete Texts of the Service of The Associated Press on "The Unknown Soldier," as sent from Washington, D.C., on Wednesday, Thursday and Friday, November 9, 10 and 11, 1921

—P—

FOREWORD

THE ASSOCIATED PRESS has received hundreds of tributes to the beauty of its news dispatches about "The Unknown Soldier." Written by Kirke L. Simpson, for years a member of the Washington staff, the description of the preparations to receive the body, its arrival home from France on Admiral Dewey's old flagship, the solemn ceremonies at the Capitol, the military funeral and the entombment in Arlington cemetery, made a deep impression on millions of American minds and hearts. The December issue of The Service Bulletin was inadequate to contain all the commendations and they are still coming in.

The management, in yielding to an almost universal importunity for copies of these articles, presents them herewith in compact, consecutive and permanent form. Republication of all or any of the stories is permissible.

The principal dispatches, published in this supplement, are taken from THE ASSOCIATED PRESS night report of November 9 and the day and night reports of November 10 and 11. Included also are advance stories, sent out to our members by mail, giving a description of the tomb in Arlington Cemetery and other features of the Armistice Day exercises. These advance stories were sent to certain of our members who do not receive the full leased wire report, to enable them to have as adequate service as possible on an event of transcendent interest to every American.

If the news in connection with certain features of the obsequies is repeated in a few instances, the attention of the reader is called to the fact that this was unavoidable. The repetitions might have been omitted but, in such a case, the report would have been fragmentary and not a complete presentation of THE ASSOCIATED PRESS service on one of the greatest solemnities in the nation's history.

BODY OF "THE UNKNOWN SOLDIER" ARRIVES HOME

—P—

Brought from France Aboard Admiral Dewey's Old Flagship and Tenderly Carried from the "Olympia" to Rotunda of Capitol

(From Night Report, Wednesday, November 9.)

WASHINGTON, Nov. 9.—(By THE ASSOCIATED PRESS).—A plain soldier, unknown but weighted with honors as perhaps no American before him because he died for the flag in France, lay to-night in a place where only martyred Presidents Lincoln, Garfield and McKinley, have slept in death.

He kept lonely vigil lying in state under the vast, shadowy dome of the Capitol. Only the motionless figures of the five armed comrades, one at the head and one facing inward at each corner of the bier, kept watch with him.

But far above, towering from the great bulk of the dome, the brooding figure of Freedom watched too, as though it said "well done" to the servant faithful unto death, asleep there in the vast, dim chamber below.

America's unknown dead is home from France at last, and the nation has no honor too great for him. In him, it pays its unstinted tribute of pride and glory to all those sleeping in the far soil of France. It was their home-coming to-day; their day of days in the heart of the nation and they must have known it for the heart beat of a nation defies the laws of space, even of eternity.

Sodden skies and a gray, creeping chilling rain all through the day seemed to mark the mourning of this American soil and air at the bier of this unknown hero. But no jot of the full meed of honor was denied the dead on that account. From the highest officials of this democratic government to the last soldier or marine or bluejacket, rain and cold meant nothing beside the desire to do honor to the dead.

The ceremonies were brief to-day. They began when the far boom of saluting cannon down the river signalled the coming of the great gray cruiser Olympia. The fog of rain hid her slow approach up the Potomac, but fort by fort, post by post, the guns took up the tale of honors for the dead as she passed.

Slowly the ship swung into her dock. Along her rails stood her crew in long lines of dark blue, rigid at attention and with a solemn expression uncommon to the young faces beneath the jaunty sailor hats. Astern, under the long, gray muzzle of a gun that once echoed its way into history more than twenty years ago in Manila Bay, lay the flag-draped casket. Above a tented awning held off the dripping rain, the inner side of the canvas lined with great American flags to make a canopy for the sleeper below. At attention stood five sailors and marines as guards of honor for the dead at each corner and the head of his bier.

Below on the cobbled stretch of the old dock at Washington Navy Yard, a regiment of cavalry waited, sabers at "present", and the black-draped gun caisson with its six black horses to carry the casket to the Capitol. The troopers formed in line facing toward the ship as she swung broadside to her place and the gangway was lifted to her quarterdeck. To their right a mounted band stilled its restless horses.

On the ship, the trim files of her marine guard stood at attention. Rear-Admiral Lloyd H. Chandler, to whom had fallen the duty of escorting this dead private soldier over the Atlantic from France, was garbed in the full, formal naval dress as were officers of his staff.

Just as the ship's bell clanged out the quick, double strokes of "eight bells" the sailors' four o'clock and the hour set for arrival, the bugles rang again and the crew again lined the rails far above the dock. The marine guard filed down the gangway to face the troopers across the dock, the ship's band came down and formed beyond the marines. On deck at the gangway head, four sides-boys took their place on each side facing toward each other, the boatswain waiting behind them to pipe a dead comrade over the side with the honors accorded only to full Admirals of the fleet.

Cars bearing Secretaries Weeks and Denby, Assistant Secretary Wainwright, General Pershing, Major General Harbord, Admiral Coontz and Major General Lejeune, the Marine commandant, and their aides rolled up, with Secretary Weeks on the right next to the gangway and Secretary Denby next, then General Pershing and Admiral Coontz; these highest officers of the army and navy formed in line facing down the open space between the troops and marines.

On deck the bugles called attention. A group of petty officers stepped forward to raise the casket. A forward gun crashed to the first drumming roll of the minute guns of sorrow. The Olympia's band sounded the opening chords of Chopin's "Funeral March" and to the slow half-step and carried high on the shoulders of his navy and marine corps comrades, the unknown was tenderly lifted down the steep pitch to the dock.

Admiral Chandler and his aides came behind, cocked hats off in the cold rain and held across their breasts. Below the cabinet members also stood bare-headed in the rain, the army and navy officers at salute.

Just as the casket passed out through the rails, overside to the plank, the wail of the bo'sun's pipe sounded shrilling the last salute of the sea to the dead. It sounded oddly against the background of the dirge and as the sound of the pipe died away, the gun forward barked again the passing of another minute.

Step by step the bearers labored down the plank, sanded against the slippery murk of the rain, to the cobbled dock floor below. Again the pipe above wailed as they stepped ashore at last and the unknown was again on American soil.

Slowly the flag-draped casket moved down between the line of troops and marines and under the eyes of the bluejackets standing rigidly at the ship's rails high above. As they came abreast of the ship's band, the dirge was stilled, a marine bugler sounded four flourishes of salute to a general officer. Then the stirring, lifting strains of "The Star Spangled Banner" rang out to the gray sky, the nation's own hymn of freedom.

Again the slow march to the waiting gun carriage was taken up; again the wail of the funeral march, cut through with the crash of the gun above, sounded. The caisson waited in a space between the second and third squadrons of the full strength of the Third Cavalry from Fort Myer and beside it stood the eight body bearers of the Army headed by Sergeant Woodfill, hero of heroes among Americans who fought in France.

The soldiers took over the burden at the gun carriage and then could be seen a withered handful of flowers, the only decoration on the flag-wrapped casket. They were the blooms with which this casket was chosen from others there in France before the long journey home began. Through it all they have lain there above the breast of the dead, yellowing with each passing day. They will go with the unknown to his last sleep in the stone crypt at Arlington.

As the casket was strapped in place, an order rang out and the cavalry band swung off to the left, playing "Onward, Christian Soldiers." Behind them, sabers, cap brims and sodden colors dripping with rain, came the troopers four abreast, troop after troop. Then the caisson, the following squadron, Secretary Weeks and Denby riding together in a closed car, General Pershing and Admiral Coontz, and behind these the other officers and officials.

14094
10
58

The horses swung away at a slow trot. Ahead the winding road to the old gateway was lined on either side with marines at present arms and behind them, row after row, were packed the thousands of just plain American citizens who had braved cold and rain for hours to stand bareheaded as the body of this honored fellow countryman was carried by.

Out through the gateway the cortege clattered to find other crowds lining the way under the daylight of a fading Autumn day. It moved quickly on through the streets, ringing to the melody of the band and the drumming of the horses' shoes on the wet pavement. On it went, to swing at last into the great plaza before the Capitol and there troopers again drew up in line, facing the massive building with sabers at "present" as the casket was lifted down and carried up the wide stairway to be placed on the catafalque in the dim rotunda. The two Secretaries, bareheaded, followed and behind them the officers and others.

There were few in the great hall. The only lights were those high among the pillars above the sculptured walls and the last fading gleams of day through the high windows. The waiting guard which would stand through the long night about the bier, stood at present arms as the casket was carried in and set in place on the high, black-draped structure on which the body of McKinley was last to repose in state.

There was a pause then until the ring of a command out on the plaza, the flurry of drawn steel as the sabers of the cavalry leaped out again to present announcing that President and Mrs. Harding had arrived. The last rites of the day were at hand.

As the President and Mrs. Harding came into the dim chamber, brilliant lights leaped up to make possible a picturing of the scene for all America to see. The cameras clicked. There was no other sound. About the bier the guard stood with rifle butts grounded.

Mrs. Harding stepped forward, a wide white ribbon in her hand. She had stitched it herself and stepping up on the base of the catafalque she laid it across the casket, a slash of white across the rain-sodden flag with its withered cluster of French flowers. As Mrs. Harding stepped down, the President took her place and to the ribbon pinned a silver shield of the United States, set with forty-eight golden stars. It is symbolic of the heart of the nation that goes with this soldier to his tomb.

Then a great wreath of crimson roses was handed to Mr. Harding and he laid it softly on the casket near the head and gave place to Vice-President Coolidge and Speaker Gillett who moved forward together to lay the tribute of Congress, a wreath of pink roses and snapdragons, in place. Chief Justice Taft moved forward from the opposite side, bearing the floral tribute of the Supreme Court, a wreath of chrysanthemums and carnations.

Secretary Weeks laid the army's token of remembrance, a wreath of white roses, against the casket at the head and Secretary Denby placed the Navy's offering, chrysanthemums and roses, set on an easel, at the foot of the bier. Over and to one side, against the wall, were placed the great masses of pink blossoms that were warmed to life by the sun of France to be carried all the long way on the Olympia.

Then General Pershing stepped forward to place his own tribute and that of the American Expeditionary Force on this unknown, gallant comrade's coffin. It was a wreath of giant pink chrysanthemums and as he placed it, the officer paused a moment, then stepped back a pace or two and, drawing his figure to its full height, lifted his hand to cap brim in rigid salute to the dead.

The only spectators of these simple rites were the few clustered in the doorways of the great chamber. The bright lights blazed for a few moments as the President and Mrs. Harding went out to receive again formal honors from the

troops waiting below. Then the Unknown was left alone with his motionless guard of honor that was changed at frequent intervals through the night, alone with his head eastward toward distant France and at his feet through a far window and the end of a pillared corridor the twinkling lights of Washington.

On either side of the doorway through which he might have gazed stand the statues of Lincoln and Grant, as though they also kept vigil. And as the lights were switched off and the great building was wrapped in the gloom of night, the dim twilight of the few scattered hidden electrics let the shadows fall over the bier and fill the vast cavern of the dome above with a mystery and a peace that will not be broken until daylight streams again through those high windows.

THOUSANDS MOURN DEAD IN CAPITOL ROTUNDA

—P—

Poppies from Flanders' Fields and Wreaths from Rulers, Soldiers and Statesmen of Many Lands are Placed on Bier

(From Day Report, Thursday, November 10)

WASHINGTON, Nov. 10.—(By THE ASSOCIATED PRESS.)—Great and small folk moved in endless procession today through the rotunda of the Capitol to pay tribute to the Unknown Dead lying in such state there as only Presidents have known.

The day was set aside for it. All who could speak for groups in the land or for the powers of the world were free to place their floral offerings at his bier. Hour by hour the heaping flowers about the casket grew mountain high and spread about the vast chamber. Flowers that bloomed in France were there and flowers brought in all their beauty from South Africa, 9,000 miles away.

There was not a minute of the day unclaimed by those who would do honor to the dead. There was no organization of veterans or of patriotic people over the land unrepresented.

Among the most formal of the pilgrimages to this shrine of patriotic valor was that planned by the British Embassy. From the embassy building there was arranged a parade headed by Arthur J. Balfour, head of the British delegation to Washington and former Prime Minister, and Sir Auckland Geddes, British Ambassador. Nearly a score of automobiles formed the procession and two motor trucks carried the flowers.

A wreath from King George was among them, Lord Cavan acting for the King. It bore the legend:

As Unknown, and yet well known;
As dying, and behold, we live.

There was a wreath, too, from Canada, its inscription saying:

But that which put the Glory of Grace into
All that he did was that he did it of pure
Love to his Country.

That from Premier Lloyd George said:

Nameless, yet his name liveth evermore.

And that from India said:

They never die who die to make life worth living.

There were wreaths also from Australia and New Zealand, and all of these except that from India were made of flowers grown in English soil, brought over as living plants.

From the Grand Army of United Veterans of Canada came a wreath placed by Sergeant Richardson, oldest living wearer of the Victoria Cross. There were flowers from Newfoundland, and from the Army and Navy War Veterans of Canada came a memorial woven of poppies that bloom in Flanders fields.

And beside all the civil dignitaries Great Britain sent to pay homage went Earl Beatty, Admiral of the Fleet, Air Vice-Marshal Higgins and others whose rôles in the war in which this unknown soldier died were great. The flowers actually were handled by his comrades of many armies of the British service, men who also fought in France or on the sea in the great struggle.

Dawn found a brilliant November sun bursting its way through the clouds of yesterday's storm and thrusting long, golden fingers through the windows high above the simple bier in the dim, silent chamber. As through the night, five armed men stood motionless about the catafalque in the center of the great granite circle of the rotunda, watching with the dead comrade as they will watch until he is carried away to sleep out time in the quiet Virginia hills.

The flowers laid on the casket last night had today been set on each side of the bier. Again it lay in the simple glory of the great flag that is a soldier's winding sheet. Again the cluster of French blossoms, withered and yellow, was the only token on the blended coloring of the Banner of Freedom save for the slash of white ribbon across the center, worked and laid in place by Mrs. Harding, and the shield of the nation for which he died laid reverently above the still heart by the President.

Outside, as the day came on the sun drove the last sullen cloud away over the distant hills, to leave a glorious, rain-washed sweep of blue, shot with golden light above the dome and the wakening city, last touches were put to the rope-lined aisles through which thousands were to pass to pay honor to the dead; thousands whose one claim to fame is that they, too, are simple Americans such as he who lies in such state as emperors and kings may not know. Straight to the eastward ran the narrow, roped way, marines in olive green of their field uniforms and with fixed bayonets lining each side. On each man's shoulder swung the looped cords of the fourragere, showing that they were of a marine regiment decorated by France for high valor on French soil.

Gradually the roped aisle leading on up the great steps to the closed doors of the rotunda filled with folk come to pass by the bier with bowed heads. Off to the right, where the steps sweep up to the Senate chamber, another group gathered about a floral garland, the first of the many to be set in place. From the other side a double squad of soldiers from the Engineer Barracks, over-coated against a long vigil in the cold of the great chamber beside the dead, with fixed bayonets and rifles at the trail, moved up the main steps and into the hall. They were going to change guard about the casket, as it had been changed at short intervals through the night, as it would constantly change all day and tonight.

The party on the Senate stairs were led up to enter the rotunda by the Senate corridor. Then, just at 8 o'clock, the great main doors, huge bronze barriers, embellished with intricate figures and designs and long ago given the American republic, strangely enough, by France, on whose soil the soldier died, swung back and the waiting hundreds stepped upward four abreast to pass by the casket.

As the first line stepped within the hall, from the group beside the bier where the flowers were being set in place, male voices rose in blended harmonies that woke the echoes in the high-vaulted roof above, now flooded with sunlight. They sang the last verse of "America":

Long may our land be bright,
With freedom's holy light.

They sang with a peal of victory and no hint of sorrow. And the last notes died away down the long corridors to right and left as the line that gave the great public its place in the ceremonies moved slowly on and out the western entrance.

About the casket on its low base those who passed by saw the five soldiers, still as though carved from bronze in their khaki trappings. At the head, arms rigid at his sides, his own head bent forward until the tan brim of his cap hid his eyes, stood the non-commissioned officer, the red of his chevrons coloring his sleeve. At each corner, facing inward toward the center, stood a soldier, rifle butt grounded on the stone flagging, body rigidly erect, but also with head bent forward until cap brim was level with the point of his gleaming bayonet. These soldiers moved not a muscle except at stated intervals when slight changes of position, made simultaneously, eased the physical strain.

By 10 o'clock a steady stream of people—soldiers, men, women and children, white and black—had begun a continuous march through the rotunda.

Secretary Weeks, Assistant Secretary Wainwright and Gen. Harbord were present, waiting to receive foreign delegations. Floral designs from every State, on each of which was the State's shield, completely circled the rotunda. All delegations came in from the north entrance and stood by the catafalque for the ceremony as the line continued to stream through.

The first delegation was a committee of the Federal Council of Churches of Christ in America, representing the Protestant churches of the United States. Within the fifteen minutes allotted to it, prayer was offered by Bishop McDowell of the Methodist Episcopal Church and a short eulogy of the dead delivered by Dr. William Adams Brown of Union Theological Seminary of New York.

As noon drew near, the number of those in line to pass by the bier increased in numbers, and while there were gaps in the line at times, the people moved through almost at the rate of 100 a minute.

At stated intervals delegations approached the catafalque for a brief memorial service, each leaving a wreath. So numerous were the wreaths that guards picked them up and took them away, leaving room for others to come during the day and night.

Premier Briand, and the French delegation to the Armament Conference, carrying a huge bunch of pink chrysanthemums tied with the tri-color of France, entered the rotunda at 11 o'clock. The Premier stood silently for a moment and then moved out with his party.

Many persons in the public line carried floral offerings of their own on which there seldom was a card. In nearly every instance these voluntary offerings were carried by a child, of all those filing through one door and out another, old men and old women, the grandparents of some soldier perhaps, were the most visibly affected, tears streaming down their cheeks as they turned around for a farewell look at the flower-covered coffin.

A three-foot bronze statue symbolizing the "Angel of Peace" was placed on the catafalque as the gift of the President of the Chinese Republic. It was to be unveiled later in the day by the Chinese Minister.

Shortly after the American Red Cross, six army divisions and the army and navy union tributes had been placed upon the bier, two Hoboken war mothers approached, saluted, and added their wreath. The ordeal, however, over taxed one of them, who sobbingly gave way to her grief and had to be assisted out of the rotunda.

As the city schools let out great crowds of children joined the mourning marchers. The soldier guard of honor was changed at intervals and negro troops took their turn.

A frail woman, aged and bent, stopped at the bier and dropped a handful of withered roses. As she turned away she seized a soldier guard by the arm and tried to have him answer, but he remained motionless. Many of the women in the line were weeping as they left the rotunda.

As the afternoon drew on the crowd increased, the line, five abreast, extending across the plaza to the east of the Capitol. From two directions a multitude streamed, funnel like, to find its place at the head.

Instead of being late, the programme of ceremonies by various organizations which placed wreaths upon the coffin, was run ahead of time. The rotunda was literally filled with flowers.

Every class and every age was represented in the line of march. There were many pathetic scenes as men and women whose sons had not come back from the front halted at the bier. Led by a little girl, a blind man, responding to her signal, stopped there and, crossing himself, passed on.

RIVER OF HUMANITY PASSES HISTORIC CATAFALQUE

—P—

Temporary Resting Place of Bodies of Lincoln, Garfield, Grant and
McKinley Occupied by Soldier Son of the People

(From Night Report, Thursday, November 10)

WASHINGTON, Nov. 10.—(By THE ASSOCIATED PRESS.)—A river of humanity, American men, women and children, Americans by heritage, Americans by election, flowed all day today and far into the night past the bier of the unknown soldier, under the great dome of the Capitol. It flowed as the life blood of the nation itself—a slow but overwhelming torrent of humanity, gathered to attest the valor of America's dead in France.

From early day until fifteen minutes before midnight the great stream surged up the eastern front of the rotunda, four abreast, up the granite stairway, in through the huge doorway, to pass solemnly, reverently, by the casket and its five guards, motionless as the statues of Lincoln and Grant at the far doorway which looked down on the moving spectacle.

Out through the doorway the stream passed, through the stately corridor and its marble stairway and down over the wide terraces of the western front to the homes in the city below. Each hour saw thousands make the slow journey of honor to the dead. Each hour saw new thousands pouring up the wide driveways that circle the great building to replenish the living stream. The Capitol police estimated that from 90,000 to 96,000 people had filed through the rotunda since 8 A. M.

That was the overshadowing element in the cycle of honors heaped upon this nameless soldier, this son of the people come home to claim the great reward his valiant heart had earned. And it was his own people, of every nook of the nation, that silently gave this reward, more precious than any jeweled or carven token that governments of the world will place to-morrow above the still breast of the sleeper.

To one side of the throng that rolled ceaselessly by the flag-draped casket a second unending ceremonial of honors for the dead went on. There great men, gathered in Washington to deal with great affairs, came humbly to place their wreaths and roses at the bier. There came comrades, limping from wounds that brought them down in France. There came gray-haired veterans of old wars,

moved to do honor to the young, stricken comrade of the last great struggle; there, in ordered course, came the ambassadors and the ministers and the special envoys of governments around the world.

There were formal services here, always with the shuffling footsteps of the human river beyond merging with the prayers and the chants and the spoken tributes to the dead. There were some, like those wounded boys from France, who stood awed and abashed at the solemn majesty that had come to this comrade. They placed their wreaths in wordless praise, their wounds and the eyes of that great, endless, living river beyond making them awkward, their crutches and canes tapping on the cold stones as they shuffled back into the obscurity they craved.

Came, too, black-gowned women, many bowed and gray with age and sorrow, and all wearing in pride the golden star that tells of a son who died over there. They brought always with their flowers the great stars that bring to this unknown son of liberty a message from those comrades whose names stand above all others in the roll of the nation's servants—the great scroll of those who, like him, died for the flag.

As the hours moved by the vast reaches of the chamber seemed all too small to house the growing mass of flowers. As each cluster was set in place, roses that blossomed in France or England, that bloomed in Canada or South Africa, poppies that thrust up their slender stems through blood-drenched Flanders fields, and flowers of every color and hue that blossom under American skies—the air grew heavy with the fragrance. Soldier guards stepped out to move each tribute after it had been set, and the long, rounded sweep of granite wall was banked with wreaths and greens over its whole length, and every vantage point over the stone floor held its weight of beauty, its share of honor for the brave dead.

Night had fallen before the soldiers and their comrade marines, who jointly shared the honor of guarding the resting place of the unknown dead, moved to check the stream of humanity that continued its measured flow. Another moment in his great hour of all eternity had ended for the Unknown, who is known to all the nation by his death.

The lights in the vaulted chamber dwindled and died to a dim glow, the great bronze doors swung shut, and, alone again with the tireless comrades who kept the last vigil with him, America's Unknown from France was left to await dawn and the coming of the cortege in which the President and all the highest figures in American national life will walk humbly to carry him to the grave.

NAMELESS HERO'S TOMB OVERLOOKS WASHINGTON

—P—

**Bivouacked With the Brave of Our American Wars His Body is the
Symbol of Others Still in France**

(From advance matter sent to our member by mail for publication in evening papers of Friday, November 11.)

WASHINGTON, Nov. 11.—(By THE ASSOCIATED PRESS.)—High on a wooded ridge beside the Potomac, America's nameless hero will sleep bivouacked with the brave of many wars.

Everywhere about his simple tomb, over the swelling slopes or in the shaded canyons of Arlington National Cemetery, stand monuments and headstones on which are graven names that also are written imperishably in the pages of glory that make the nation's history. There, too, are stones, amid the long rows, to mark other unknown dead of other wars, and the bulk of the monument above

the single grave where rest the unknown of the war between the States, gathered from many battlefields.

But for the newcomer from France among this fellowship of valor a special place of honor has been made. He will sleep in a narrow crypt, hewn out of the live stone that forms the terrace of the memorial amphitheater erected to consecrate the memory of men everywhere who died for the flag. Above his casket a massive block of stone, carved with the brief legend of a nation's tribute to all those others who sleep unknown in France, will be placed. On it also will go the long list of honors the nation and the great powers of the world have lavished on the soldiers who gave their identity as well as their lives on French battlefields.

Above the great stone towers the marble-pillared facade of the amphitheater, crowning the ridge and looking down over a sweeping vista of quiet hills and peaceful countryside to the wide waters of the river. Beyond stands Washington city in the haze of distance. Over it, dimly visible, looms the great figure of Freedom on the dome of the Capitol; farther down Washington Monument thrusts a slender gray finger to challenge attention of the very sky to the deeds of peace and war it commemorates; closer still looms the square white bulk of Lincoln Memorial, at the river brim, sealing a people's tribute to a martyred leader.

Fold on fold, the calm hills drop away from the terrace where the sleeper from France lies honored but unknown. At his feet a sculptured marble balustrade sweeps out on either side, marking the wide, graceful curve of the footway that drops down to the grass-grown slopes where day by day many a gallant comrade from France is finding his last resting place. Down there the new headstones gleam in countless variety. There is hardly an hour of any day when sorrowing relatives are not moving slowly among the new graves, giving loving care to flowers on the low mounds. On the headstones are cut the names, the dates of birth and death of the dead, and names of French villages where they made their great sacrifice. Man by man, their record is written for all to know and honor.

But for the nameless one, asleep on the terrace above, there are no relatives. He lies alone in the mystery of death. Laden with honors beyond any of his fellows below, there is none to tell of the way of his life and his death, of whence he came or of what he was, save that he died in France at the nation's call. The American people are his next of kin. He alone may sleep there within the great monument to all the nation's honored dead.

Everywhere about the amphitheatre are monuments cut with names that touch memory to life, that bring echoes of the thunder of guns from old, far-off battle scenes. There lies Sheridan; there lies Porter and Crook and Doubleday, and yonder lies Dewey. Over the peaceful slope, row on row, march the headstones of hundreds of humble servers in the ranks like the sleeper up there on the terrace, or again, dimly seen through the trees, goes another long column of soldier headstones, graying with time. But officers and men, generals, admirals, privates or the last bluejacket to join the ship before the battle, they are all sleeping here in honored graves. Gathered they are from Mexico, from all the far plains where emigrant trains fought their way westward, from storied fields of the Civil War, from Cuba and the Philippines, from Haiti and from France.

Just beyond the amphitheater rises the slender mast of the old Maine, brought from Havana to mark the resting place of her dead soldiers and sailors and marines. It is their last muster, and for them all has been raised the great marble pile wherein the unknown sleeper from France keeps his vigil.

The pure white outline of the structure, as yet unstained by time and the shifting winds that sweep unchecked through its stately colonnade or its vast,

roofless gathering place, rises amid a setting that nature paints with new beauty as the seasons come and go. It stands atop the ridge, footed among the ever-greens and the native Virginia woods that set it off in changing shades in summer, deck it out with the myriad tints of autumn as the year wanes and wrap it about with the delicate tracery of snow-laden, leafless branches in winter.

To form the colonnade, a double row of the great marble pillars march around the circle wherein the marble benches are set. Facing the benches and with its back to the terrace where stands the tomb, is the sculptured hollow of the apse where the solemn rites for burial take place. The structure has the lines of an ancient Greek temple, a fitting resting place for the honored, unknown soldier who is its only occupant.

Over the ridge beyond the amphitheater are seen the grass-grown ramparts of old Fort Myer with the dead clustering about them. Farther along, the pillared portico of the old Lee mansion thrusts out through the crowding woods to look down over the vista of hill and river to Washington. And just over the road stands the army post of Fort Myer, its garrison flag a fluttering glimpse of color over the quiet scene, the roar of its sunrise and sunset guns waking the echoes among the graves of the dead; the faint, far call of its bugles singing also for these sleeping warriors, resting in their last encampment.

CEREMONIES AT CAPITOL AND MARCH TO CEMETERY

—P—

**President Eulogizes Dead; Military Leaders, Supreme Court Justices
and Members of Congress Participate in Funeral Procession**

(From advance matter sent to a member by mail for publication in evening papers of Friday, November 11)

WASHINGTON, Nov. 11.—(By THE ASSOCIATED PRESS.)—The National capital led the nation today in doing homage to the unknown soldier from France.

It was little more than broad daylight before the tramp of marching men, the clatter of hoofs and the grind of gun carriage wheels on the great plaza before the Capitol told that the last parade for the dead was forming. Up past the gray mass of the building, under trees where only a yellowed leaf here and there lingered, the khaki tide of a funeral escort for a general of the army rolled to its place.

As the troops gathered for the march to the grave, the first, far throb of the minute guns at Fort Myer over the river broke the morning silence. Through the hours that followed the distant, dull note of sorrow sounded in measured interval, growing closer and closer, louder and louder as the cortege wound its way up to Arlington. **The knell of the guns marked the way of the funeral train step by step and culminated in the three crashing salvos that signaled the last soldier farewell.**

From 8:30 a. m. until far past noon, the distant booming wrote the story of the minutes with but one halt, as the nation stood silent for two minutes just after midday in honor of the dead.

Up in the rotunda of the Capitol, resting on the catafalque where Lincoln, Garfield, Grant and McKinley laid, the casket had stood amid heaping piles of flowers, with its silent guard of honor, a regular, a national guardsman, a sailor and a marine, through the night at the four corners of the bier. Then there began to gather a little group of fellow-soldiers, each wearing a hero's decorations, to bear the casket to the waiting gun carriage. They were led by Sergeant

Samuel Woodfill, first mentioned in Pershing's list of war heroes, and with him were Sergeants Harry Taylor of the cavalry, Thomas D. Saunders of the engineers, Louis Razga of the Coast Artillery, James W. Dall of the field guns, and for the navy, Chief Torpedo Man James Delaney and Chief Water Tender Charles Lee O'Connor, and Sergeant Ernest A. Janson of the marines.

In the great rotunda the honorary pall bearers also gathered to walk beside the gun carriage up Pennsylvania Avenue. At their head was Major General Harbord, executive assistant to General Pershing as chief-of-staff, himself a former enlisted man and glad to walk beside his honored comrade rather than ride at the head of the pageant. With him were other major generals whose names bring memories of the war. There was Morton Edwards of New England's 26th Division; there was Shanks, who ruled at Hoboken while the army was going "over there"; there was Menoher, who led the 42nd to victory, and Bailey, O'Ryan of New York's 27th, and Rickards of Pennsylvania. For the navy walked Hugh Rodman, rear admiral and commander of the battle fleet that went over; Henry B. Wilson, former chief of the Atlantic fleet, and Plunkett. For the marines was Major General Neville.

Originally General Pershing while he was still abroad was named as grand marshal of the military ceremonies. He was to have ridden at the head of the funeral escort, but this programme did not suit the former commander of the American Expeditionary Forces, and he too walked behind the casket, going afoot all the way from the Capitol to Arlington Cemetery and becoming chief mourner after President Harding and his party turned aside at the White House.

At the head of the parade rode Major General Bandholtz, commander of the District of Washington and grand marshal in Pershing's place.

Behind President Harding and General Pershing, who were flanked by their aides, came Vice-President Coolidge and Admiral Coontz, Chief of Naval Operations; then Chief Justice Taft, walking in his place as former President of the United States and paired with Admiral Jones, commander of the Atlantic fleet.

There, too, were Lieut. Generals Nelson A. Miles and S. B. M. Young, both former heads of the army, both veterans of the Civil War and long retired but out again in uniform. There was Major General Tasker H. Bliss, America's representative on the Supreme Military Council in the days when the German host drove down toward Paris in its last great effort; there was Major General Bullard, who led Pershing's First Army to victory; and there was Major General John A. Lejeune, commandant of the Marine Corps who shares with Harbord the honor of having commanded the famous 2nd Division in action in France.

When the moment came, the body bearers stepped forward, tenderly raised the casket and as they moved out and down the Capitol steps, the officer pall-bearers fell in, two by two, behind and the band began a solemn dirge. Outside the escort stood in motionless ranks, rifles at present, sabers flashing in salute.

Flag draped and with a few flowers scattered over it, the casket was lifted to the black-draped gun carriage with its six gleaming horses and its artillery drivers rigid in the saddles. A motion from Major General Bandholtz, commanding the escort, and a swing in the khaki column and the road to Arlington lay ahead. The commander and his staff rode first, then the army band swung out, playing in quick time for it was a long way to go. Then came the composite regiment of foot troops, the regulars, the sailors and marines and the National guard, then the artillery and the cavalry and then the casket, riding high on its gun carriage on its last journey.

Behind the President and the high officials, and officers the Supreme Court members walked abreast, then the cabinet, five abreast, then the governors of

the nearby states, then Senator Cummins and behind him the Senate in column, eight abreast, and in similar column, the members of the House headed by Speaker Gillett and Representatives Mondell and Garrett as majority and minority leaders. The roll of muffled drums marked the next division in which were first the Medal of Honor men. Then came comrades of the American Legion, rank on rank, then bowed veterans of other wars and a host of others marching to pay their honors to the dead.

Out into the wide avenue the column moved and on over the road where the tramping hosts of Grant's victorious legions marked out a course long ago; where presidents have ridden their way into history or back into private life; where Pershing's crusaders of the First Division, led by their chief, wound up their great adventure a few short months before. Memories of great days of the past were awakened as the pageant swung along. Who knows but that the unknown dead in France were there too?

Past the Treasury and on the line swung ahead, to halt only when the casket has passed the White House. There President Harding and the cabinet and the members of the Supreme Court and Senate and House turned aside to go later by automobile to the amphitheater at Arlington. The stop was brief as they left the lines, then the cortege moved on up the avenue, on through old Georgetown where Washington once had his office as a surveyor and mapped out great undertakings, on to the old bridge that spans the Potomac and opens the way to the Military Road leading up to the post of Fort Myer and Arlington National Cemetery on the high ridge above.

At the bridge the band turned aside and some of the older officers of the escort fell out, leaving it to the hardy men of to-day's army to escort their dead comrade up the long hill to the roll only of muffled drums.

At the top, the line swung on across the old parade toward the Arlington gate. There the artillery and cavalry turned aside to stand at attention while the services in the cemetery were in progress. One battery of guns alone moved in to the enclosure of the dead, lining up on the ridge crest for the last salute.

At the gate the Marine Band was waiting for the foot troops and the casket and marched in ahead. The march was slackened; the half step and the wail of a funeral dirge sounded as it moved in narrowed formation through the trees and clustering tombs and monuments and out over the open spaces about the amphitheater where thousands were gathered.

Swinging around to the west entrance to the amphitheater, the escort moved into line and with rifles at present, stood as the casket was carried by the body bearers in through the high pillared colonnade to the right and around to the space at the front where President Harding and members of the cabinet, Bishop Brent and many dignitaries awaited it.

The platform had been raised high and the front was a mass of flowers as the casket bearers, followed by the officers as honorary pallbearers, moved slowly around the colonnade. On a special stand, well to the front, the narrow box was placed and Secretary Weeks stepped forward as master of ceremonies briefly to introduce President Harding after the prayer.

As Bishop Brent concluded the invocation which opened the ceremony, the bells in Washington across the river were ringing the noon hour. The whole company in the amphitheater rose and stood in silence for two minutes as the whole nation stood by Presidential proclamation, in reverence for the dead.

Then came the singing of "America" rising in a mighty chorus. After that President Harding moved forward to stand beside the casket and speak for the nation. Far below him, out of sight under the stone work, men toiled with nerves strained to the breaking point that no word he said might be lost by the thousands gathered in New York, Chicago and San Francisco about the electric

sound transmitting devices. From the top of the amphitheater also the amplifiers caught up his words and threw them out to the multitude.

After his address President Harding pinned on the top of the casket the two most valued decorations in America, the Medal of Honor, bestowed by Act of Congress, and the Distinguished Service Cross, given by order of the Commander-in-Chief who pinned it in place. From their places in the marble boxes about the amphitheater, the great foreign leaders rose to pay similar honors, Marshal Foch, General Diaz, General Jacques, Admiral Beatty so that the roll of highest honors to the brave might be complete.

There was more music then, music filled with the solemn uplift from which religious men and women have drawn comfort in all the years, and singers whose voices have made them known over the world came to add their share to the tribute. Then came the solemn words of the Twenty-Third Psalm and the scripture lesson; then the body bearers stepped forward to lift the casket again and carry it out to the sarcophagus on the amphitheater terrace with a vista of river and hill and stately city stretching away below.

A last touch of the spirit of France awaited the dead here. Over the floor of the narrow crypt in which he will sleep forever, soil from France had been spread; earth from the country where his death blood was poured out on a stricken field that it might remain free soil. It was brought with the casket from France and forever the nameless one of America who died for France and for America will rest on French soil here in his own home earth.

A prayer and the burial service marked the last rites as the casket was placed, then the triple salvo of guns burst out and before the echoes of the last blast died, the thin pure call of the bugle sounded "taps," the soldiers' requiem and Good Night. As the last long tone died away, again the guns sounded, this time in the quick, throbbing pound of the National Salute of twenty-one guns, officers of all services standing at salute and troops at present as the cannon roared their last tribute.

The President and his party moved away to their motor cars, the band struck up a lively quick step and stepped off across the hill and down toward a distant gate with the troops behind it; the crowds slowly broke up and drifted away.

America's unknown soldier from France was home forever; home to sleep.

SERVICES AT TOMB AS HEROIC DEAD IS LAID AWAY

—P—

Eight Famous Fighters March Beside Gun Caisson From Capitol to Arlington; Throngs Cheer Former President Wilson

(From Day Report, Friday, November 11)

WASHINGTON, Nov. 11.—(By THE ASSOCIATED PRESS.)—Laid to rest with all the honors a grateful nation could pay, the unknown hero from France was bivouacked among the gallant dead to-day in Arlington National Cemetery.

The highest officers of the army and navy walked beside his coffin; none but the hands of gallant comrades of the great war laid hands upon it. President Harding walked behind his bier to do him homage; former President Wilson made his first public appearance in months; General Pershing turned aside an opportunity to ride and trudged beside the body to the last resting place. Representatives of foreign governments reverently laid their highest military decorations on his casket and with soil from France where he fell unknown, he was laid away.

Minute guns at Fort Myer boomed their continuous tribute as the funeral procession was passing from the Capitol to the great marble amphitheater in Arlington, where the ceremonies were opened with the playing of "The Star Spangled Banner" by the Marine Band.

Under an Autumn haze, gilded with shafts of light that broke down everywhere, the cortege swung into Pennsylvania Avenue, the nation's way of victory. Ahead, the broad sweep of the avenue was banked solidly with people crowded closely for a glimpse of the cortege, of the President, who walked behind the casket, and of all the famous men who trudged in the column to pay honor to the dead.

It seemed more like the celebration of a great victory than a funeral. Everywhere flags waved. They fluttered in clusters and snapped and glittered in the sun's changing beams. They were arranged to commemorate the opening of the arms conference Saturday. But the gay bunting paid its first tribute to the passing of The Unknown Hero.

As the procession started, Major General Bandholtz riding at the fore, the gleam of bright metal showed on the breasts of the khaki clad legion trooping behind him. By general order, every officer and man of the army and navy who took part wore to-day his medals and decorations conferred by a grateful people. There were no foreign decorations to be seen. The Distinguished Service Cross, the Distinguished Service Medal, the Victory Medal and tokens that spoke of high deeds in older wars, alone were in evidence.

The avenue was free of obstruction, from the great, gray bulk of the Capitol on its hill to the eastern end, to the pillared front of the Treasury nearly a mile away. Even the trees that spread a relieving band of green and grateful shade along the way under summer suns, stood with branches almost stripped of leaves; only here and there a clustering mass of yellow or autumn bronze hid the view from the windows, crowded with faces, that looked down on the broad way.

Former President Wilson, riding in a carriage with Mrs. Wilson, joined the procession as it swung around the north end of the Capitol. As he turned into Pennsylvania Avenue the crowds along the way cheered him. A fringe of boy scouts, armed with white staffs, and also police, stood close along the ropes that held back the quiet crowds as the funeral train moved along at shorter step than the army knows, because of the old men who defied infirmities of age to walk behind the nation's nameless one of fame.

There was little cheering and no waving of flags, but the great hush of respect for the dead. First came a row of motorcycle police, then the mounted officers, then Major-General Bandholtz and his staff, horses dancing a little in the cool air and under the restraint of the bridle.

Then a great army band, the solemn strains of a funeral dirge, its cadences marked by the thud of muffled drums.

Next moved the first of the soldier and sailor escort, a platoon of infantry with fixed bayonets gleaming, behind them the war colored carts of horse-drawn machine guns. They moved in the square block formation and behind these, in the same solid blocks, came the sailors, white-hatted and with long streamers of crepe drooping from their colors.

Then came the clergy, headed by Bishop Brent, former Senior Chaplain of the A. E. F., who later was to commit the body to the tomb. With him were Chaplain Lazon of the Reserve and Chaplains Frasier of the Navy and Axton of the Army.

Immediately behind them rolled the flag-draped coffin borne on the caisson, with the honorary pallbearers, all Admirals and Generals, marching on the outside of the column beside it and the eight distinguished living heroes selected as body

bearers walking on the inside of the column. Hats came off in the crowds as the solemn moment passed.

Six black horses with drivers rigid in the saddle drew the funeral car on the gun limber. The simple flag-wrapped casket rode high, with only a handful of the flowers and tokens that had been lavished to deck it. Among them lay the withered cluster of French blossoms that had come with him all the journey home.

Immediately following the Unknown Hero's body walked President Harding and Gen. Pershing side by side, with their aides at a short distance. Admiral Coontz, Vice-President Coolidge, Admiral Jones, commanding the Atlantic Fleet, and Chief Justice Taft came next.

The President and the man who led the American armies overseas walked almost alone. The President was clad in black mourning dress with silk hat and marched step for step with Gen. Pershing, who wore of his many war decorations only the Victory Medal that every comrade of the war may wear.

Former President Wilson was to have come next in the line, according to programme, but having arrived late at the start he took a place further back.

The Supreme Court followed and then Lieut. Gens Young and Miles, former commanders of the army. Then came the Cabinet, marching in two lines. Governors of some States followed, and then Major Gen. Lejeune, commander of the Marine Corps, and Senator Cummins, President *pro tempore* of the Senate. Then came members of the Senate marching in column of eights. Speaker Gillett and members of the House of Representatives came next.

Holders of the Medal of Honor marched eight abreast. Then came one hundred and thirty-two representatives of all who served in the World War coming not more than three from a State. War veteran societies followed.

It was 9.15 o'clock when the head of the procession reached the White House. When the caisson had passed, President Harding turned out of his place in the line and, after passing through the executive officers, went to the front of the White House grounds to review the remainder of the line as it passed on its way to Arlington. The President later took a motor car for the amphitheater.

While the President was reviewing the procession, there came a moment's delay and he stepped into the street and shook hands with the Medal of Honor Men.

When former President Wilson passed in his carriage, Mr. Harding saluted him by taking off his hat and the former President returned the salute. The crowd cheered. The reverent silence all along the line had only been broken by handclapping and some cheers as the former President passed by. After passing the White House, Mr. Wilson's carriage turned out of the procession and drove him home.

It was Mr. Wilson's first public appearance since March 4, when he rode up Pennsylvania Avenue with President Harding. The comment was heard in the crowd that the former President, long a sick man, looked better than many folk expected.

Although many of the notables followed President Harding's lead and turned out of the procession at the White House, Gen. Pershing with Secretary Weeks and Secretary Denby, however, continued on the long march to Arlington.

While the remainder of the procession was winding its way to Arlington the great amphitheater was filling with the guests invited to the ceremony. The body was to arrive there, according to programme, at 11.15 o'clock.

After winding its way between the long lines of a reverent multitude in the streets of the Capital, the funeral procession toiled up the long hill leading to Arlington, arriving at the main gates a little after 11 o'clock. The invited guests had begun to assemble long before within the white marble walls of the amphitheater overlooking the still flowing Potomac and the Capital itself nestling in the blue haze of a Fall day. The guests, including great chieftains of the war, were

seated in the boxes and on the long rows of marble benches and thousands were standing. Thousands more stood outside, or anywhere merely to be near.

The first strains of Chopin's "Funeral March" heralded the coming of the Unknown to his great honors.

Far out among the trees toward the fort the dull dun color of moving troops showed and, marching half-step to the throbbing, muffled beat of the drums, the Marine Band swung slowly out to circle the great colonnade to the entrance where the surpliced choir waited.

Just before 11.15 o'clock the caisson rolled up to the west entrance and the flag-draped coffin was removed by the bodybearers.

The solemn chords of a hymn joined the deep notes of the band. The choir sang "The Son of God Goes Forth to War" and the telephone amplifiers caught up the notes and threw them out over the land to the thousands standing as far away as San Francisco.

Preceded by the choir and the clergy, the coffin was borne through the west entrance around the right colonnade to the apse and was placed on the catafalque.

The great audience rose and stood uncovered as it passed in, followed by Gen. Pershing and the distinguished officers of the army and navy as mourners.

On its simple base, a hundred yards from where it will lie for all eternity, the casket of America's Unknown rested as though supported by a mountain of blossoms of every color and kind from nations all over the world.

Marshal Foch and his staff came in with all his war medals across his breast. Gen. Jacques, the Belgian chief, also came and the two strolled about the marble colonnade behind their boxes exchanging greetings. Gen. Diaz of Italy joined them. Together, the three moved with the Japanese Mission to the place where the body lay.

Ambassador Geddes, in full British diplomatic uniform, brought flower offerings for the dead from England's King, with a guard of British officers.

Chief Plenty Coos of the Crow Indians, attired in full war regalia, feathered bonnet, furs and skins of variegated colors, was seated on the platform, joining the group of distinguished military leaders from Europe. Thus the uniform of the first Americans took its place with those of its Allied Powers in the last war. A group of Indian braves appeared in the audience, tiptoeing in their beaded moccasins down the aisle to their seats.

Premier Briand of France was among the last to arrive. As former President Taft took his seat Admiral Beatty appeared, surrounded by his officers.

Exactly on time, at 11.50 o'clock, President and Mrs. Harding came in and took their places.

Almost immediately the Marine Band began to play "The Star Spangled Banner," the silver notes echoing down over the river valley and up into the arches of the wooded hills. At the conclusion of the anthem, Chaplain Axton pronounced the invocation as follows:

"Almighty God, our gracious Father: in simple faith and trust we seek Thy blessing. Help us fittingly to honor our unknown soldiers who gave their all in laying sure foundations of international commonweal. Help us to keep clear the obligation we have toward all worthy soldiers, living and dead, that their sacrifices and their valor fade not from our memory. Temper our sorrow, we pray Thee, through the assurance, which came from the sweetest lips that ever uttered words, 'Blessed are they that mourn, for they shall be comforted.' Be Thou our comforter.

"Facing the events of the morrow, when from the work bench of the world there will be taken an unusual task, we ask Thou wilt accord exceptional judgment, foresight and tactfulness of approach to those who seek to bring about a better understanding among men and nations, to the end that discord, which provokes war, may disappear and that there may be world tranquillity.

"Hear us, O Lord, as now, in obedience to the call of our President, there sounds throughout the land the national Angelus calling to prayer, and we stand with bowed heads and reverent hearts in silent thanks for valor and valorous lives and in supplication for divine mercy and blessing upon our beloved country: 'And upon the nations of the earth: and to Thee, Wonderful Counsellor, Mighty God, Everlasting Father, Prince of Peace, shall be ascribed all glory and honor forever. Amen.'"

As the chaplain concluded the invocation the sudden, clear note of the army trumpet call "Attention" marked noon and the Nation-wide two-minute pause. The whole company stood bowed in silence.

[The transmission of this despatch was interrupted for two minutes at this point while all employees of The Associated Press stood at attention.]

There was absolute silence, a hush as if the world had stopped. The opening notes of "America" signalled the ending of the two minute period and the great chorus was caught up and swept over the hills, the thousands outside joining in the mighty hymn of love of country.

As the last great note died away Secretary Weeks stepped to his place beside the bier for his brief speech as master of ceremonies. He said:

"We are gathered, not to mourn the passing of a great General or other conspicuous person, but an unknown soldier of the Republic, who fought to sustain a great cause for which he gave his life. Whether he came from the North, the South, the East or the West, we do not know. Neither do we know his name, his lineage or any other fact relating to his life or death, but we do know that he was a typical American who responded to his country's call and that he now sleeps with the heroes.

"We, who are gathered here in such numbers, are simply representative of all the people of the United States, who are here in spirit and whose sentiments have been more deeply stirred by this event than any in the life of our country. These sentiments can only be adequately expressed by one citizen—the President of the United States."

Immediately afterward President Harding began delivering his address—a tribute in the name of the American people to the man who slept beneath the flag.

As Mr. Harding spoke, the sun drove through the haze and splashed the whole great gathering with golden light, as though it also would lay its life-giving hand in commendation on the humble, faithful servant at rest.

There was unbroken silence as the President spoke. Every tone of his voice showed the emotion he felt as he read slowly and distinctly so that his words might be caught by the electric appliances and sent winging across the nation to gatherings listening beside the far Pacific, at San Francisco, and another multitude drawn together in mourning in New York.

As the President concluded a clear blue sky spread above the white bowl, turned up from the green hills below, as though it also offered a tribute of emotion and high feeling to the mystery beyond, into which the lonely sleeper had gone forever. It was as though all the solemn words and chords were lifted up to Him above.

The warming sun rained down its rays on those gathered to do honor to the dead. Its beams struck in beneath the pillars of the colonnade to paint the white arches with dark, gold-toned shadows over the heads of the great men standing there in tribute.

There was a dramatic moment as the President concluded, when, touching on the coming conference in Washington, he said it should be the beginning of a better civilization, a more lasting peace, and then ended his address with a recitation of the Lord's Prayer in which thousands joined, their strong, earnest tones rolling up the pledge of faith to the sunlight above.

At the conclusion of the prayer a quartet of singers from the Metropolitan Opera House of New York sang "The Supreme Sacrifice."

Oh, valiant hearts, who to your glory come,
Through dust of conflict and through battle flame.
Tranquil you lie, your knightly virtue proved.
Your memory hallowed in the land you loved.

The voices chanted, and those other valiant hearts asleep all about on the slopes of Arlington must have heard and felt it was for them also that America made this day her own and theirs.

Major Fenton of the General Staff then stepped forward and handed to Secretary Weeks the velvet-lined boxes containing the Nation's highest token of valor. Secretary Weeks took the Congressional Medal of Honor and the Distinguished Service Cross from their cases and handed them to President Harding. The President leaned over the casket and, side by side at the head, pinned both in place.

Then Lieut. Gen. Baron Jacques of Belgium stepped forward. He paused beside the casket, then clutching the Belgian Croix de Guerre on his own breast, tore it from the cloth of his tunic to pin it on the flag-draped casket. The Belgian Chief stepped back and his hand shot to his cap brim in salute.

The Victoria Cross, Britain's most prized war decoration, never before placed on the breast of a man not a British subject, was next bestowed. Earl Beatty, Admiral of the Fleet, set it on the flag and saluted as he stepped back.

Then General, the Earl of Cavan, representing the King of England in person, spoke briefly of the services this humble soldier had rendered not only to America but to the world there in France.

Marshal Foch of France, with every show of feeling, placed above the quiet breast the Medaille Militaire and the Croix de Guerre. He cited this dead soldier for valor, speaking in French, saluted and turned away to let Gen. Diaz bring forward and pin in place Italy's Gold Medal for bravery.

In order, the Roumanian Virtutea Militaea was added to the gleaming row on the casket by Prince Bibesco, Rumanian Minister; the Czecho-Slovak War Cross by Dr. Stepaner, Minister here, and the Virtuti Militari by Prince Lubomirski, Polish Minister. Cuba also bestowed her gift upon the soldier dead.

At the conclusion of that part of the ceremony the quartet sang: "Oh, God, Our Help in Ages Past," and Chaplain Lazon read a psalm. Then there was a soprano solo, "I Know That My Redeemer Liveth," and Chaplain Frazier read the Scripture Lesson.

Accompanied by the band and led by the quartet, the great audience lifted its voice in "Nearer, My God to Thee," the deathbed hymn of the martyred McKinley.

That completed the ceremonies for that part, and the coffin was next borne from the apse and out to the sarcophagus, preceded by the clergy and followed by the pallbearers, the President and Mrs. Harding, Vice-President and Mrs. Coolidge, the senior foreign delegates to the Arms Conference, Secretary Hughes, Secretary Weeks, Secretary Denby, the foreign officers who had left decorations, Gen. Pershing and the others who had been seated in the apse in the amphitheater.

Meanwhile, the band played in measured tones "Our Honored Dead."

The ceremony of committing the Unknown Hero to the stone crypt with earth from the soil of France then followed, conducted by Bishop Brent. As the body was committed to the crypt the last moment of the solemn ceremony was at hand. At slow half step to the dirge-like music of the band the casket was carried out to the moulded stone work that surrounds the resting place. The band played "Lead, Kindly Light" as the pall bearers laid the casket on the silver railing over the crypt. Generals and admirals of the Unknown Soldier's guard stood bare-headed.

Out over the rolling slope below thousands more also stood in reverence.

Bishop Brent stepped to the casket to read the burial service, and the wreaths and flowers were brought forward.

As the casket was placed the body-bearers gave place to the high officers, headed by Major Gen. Harbord and Admiral Rodman, who lowered it tenderly into the crypt.

The last wreaths were placed by war mothers. Mrs. R. Emmitt Digney laid in place the token of American mothers whose sons died in the war. For British mothers, Mrs. Julia McCudden placed the treasured English flowers she brought all the way to lay at the bier.

Then the Indian Chief, Plenty Coos, in the splendor of his tribal costume, laid his coup stick and the war bonnet from his head on the tomb.

A crashing salvo of artillery roared. Three rolling, thundering blasts sounded while the long lines of troops stood at "present arms." Then "taps," the soldier's requiem, sounded, to be followed by a quick booming of twenty-one guns, the National salute.

America's Unknown Hero was at rest in his majestic shrine among the quiet hills. He lies unknown but not unhonored nor unsung.

BUGLES SOUND TAPS FOR WARRIOR'S REQUIEM

—P—

Story of "The Unknown Soldier," Home From the War, Will Be Told
By Americans For All Time to Come

(From Night Report, Friday, November 11)

WASHINGTON, Nov. 11 (By THE ASSOCIATED PRESS).—Under the wide and starry skies of his own home-land America's unknown dead from France sleeps tonight, a soldier home from the wars.

Alone, he lies in the narrow cell of stone that guards his body; but his soul has entered into the spirit that is America. Wherever liberty is held close in men's hearts, the honor and the glory and the pledge of high endeavor poured out over this nameless one of fame, will be told and sung by Americans for all time.

Scrolled across the marble arch of the memorial raised to American soldier and sailor dead, everywhere, which stands like a monument behind his tomb, runs this legend: "We here highly resolve that these dead shall not have died in vain."

The words were spoken by the martyred Lincoln over the dead at Gettysburg. And to-day with voice strong with determination and ringing with deep emotion, another President echoed that high resolve over the coffin of the soldier who died for the flag in France.

Great men in the world's affairs heard that high purpose reiterated by the man who stands at the head of the American people. To-morrow they will gather in the city that stands almost in the shadow of the new American shrine of liberty dedicated today. They will talk of peace; of the curbing of the havoc of war.

They will speak of the war in France, that robbed this soldier of life and name and brought death to comrades of all nations by the hundreds of thousands. And in their ears when they meet must ring President Harding's declaration to-day beside that flag-wrapped, honor-laden bier:

"There must be, there shall be, the commanding voice of a conscious civilization against armed warfare."

Far across the seas, other unknown dead, hallowed in memory by their countrymen, as this American soldier is enshrined in the heart of America, sleep their last. He, in whose veins ran the blood of British forebears, lies beneath a great stone in ancient Westminster Abbey; he of France, beneath the Arc de Triomphe, and he of Italy under the altar of the Fatherland in Rome.

And it seemed today that they, too, must be here among the Potomac hills to greet an American comrade come to join their glorious company, to testify their approval of the high words of hope spoken by America's President. All day long the nation poured out its heart in pride and glory for the nameless American. Before the first crash of the minute guns roared its knell for the dead from the shadow of Washington Monument, the people who claim him as their own were trooping out to do him honor. They lined the long road from the Capitol to the hillside where he sleeps to-night; they flowed like a tide over the slopes about his burial place; they choked the bridges that lead across the river to the fields of the brave, in which he is the last comer.

As he was carried past through the banks of humanity that lined Pennsylvania avenue a solemn, reverent hush held the living walls. Yet there was not so much of sorrow as of high pride in it all, a pride beyond the reach of shouting and the clamor that marks less sacred moments in life.

Out there in the broad avenue was a simple soldier, dead for honor of the flag. He was nameless. No man knew what part in the great life of the nation he had filled when last he passed over his home soil. But in France he had died as Americans always have been ready to die, for the flag and what it means. They read the message of the pageant clear, these silent thousands along the way. They stood in almost holy awe to take their own part in what was theirs, the glory of the American people, honored here in the honors showered on America's nameless son from France.

Soldiers, sailors and marines—all played their part in the thrilling spectacles as the cortege rolled along. And just behind the casket, with its faded French flowers on the draped flag, walked the President, the chosen leader of a hundred million, in whose name he was chief mourner at his bier. Beside him strode the man under whom the fallen hero had lived and died in France, Gen. Pershing, wearing only the single medal of Victory that every American soldier might wear as his only decoration.

Then, row on row, came the men who lead the nation today or have guided its destinies before. They were all there, walking proudly with age and frailties of the flesh forgotten. Judges, Senators, Representatives, highest officers of every military arm of government and a trudging little group of the nation's most valorous sons, the Medal of Honor men. Some were gray and bent and drooping with old wounds; some trim and erect as the day they won their way to fame. All walked gladly in this nameless comrade's last parade.

Behind these came the carriage in which rode Woodrow Wilson, also stricken down by infirmities as he served in the highest place of the nation, just as the humble private riding in such state ahead had gone down before a shell or bullet. For that dead man's sake, the former President had put aside his dread of seeming to parade his physical weakness and risked health, perhaps life, to appear among the mourners for the fallen.

There was handclapping and a cheer here and there for the man in the carriage, a tribute to the spirit that brought him to honor the nation's nameless hero, whose commander-in-chief he had been.

After President Harding and most of the high dignitaries of the government had turned aside at the White House, the procession, headed by its solid blocks of soldiery and the battalions of sailor comrades, moved on with Pershing, now flanked by Secretaries Weeks and Denby, for the long road to the tomb. It

marched on, always between the human borders of the way of victory the nation had made for itself of the great avenue; on over the old bridge that spans the Potomac, on up the long hill to Fort Myer, and at last to the great cemetery beyond, where soldier and sailor folk sleep by the thousands. There the lumbering guns of the artillery swung aside, the cavalry drew their horses out of the long line and left to the foot soldiers and the sailors and marines the last stage of the journey.

Ahead, the white marble of the amphitheater gleamed through the trees. It stands crowning the slope of the hills that sweep upward from the river and just across was Washington, its clustered buildings and monuments to great dead who have gone before, a moving picture in the Autumn haze.

People in thousands were moving about the great circle of the amphitheater. The great ones to whom places had been given in the sacred inclosure and the plain folk who trudged the long way just to glimpse the pageant from afar, were finding their places. Everywhere within the pillared inclosure bright uniforms of foreign soldiers appeared. They were laden with the jeweled order of rank to honor an American private soldier, great in the majesty of his sacrifices; in the tribute his honors paid to all Americans who died.

Down below the platform placed for the casket, in a stone vault, lay wreaths and garlands brought from England's King and guarded by British soldiers. To them came the British Ambassador in the full uniform of his rank to bid them keep these tributes from overseas safe against that hour.

Above the platform gathered men whose names ring through history—Briand, Foch, Beatty, Balfour, Jacques, Diaz and others—in a brilliant array of place and power. They were followed by others, Baron Kato from Japan, the Italian statesmen and officers, by the notables from all countries gathered here for to-morrow's conference and by some of the older figures in American life too old to walk beside the approaching funeral train.

Down around the circling pillars the marbled box filled with distinguished men and women, with a cluster of shattered men from army hospitals accompanied by uniformed nurses. A surpliced choir took its place to wait the dead.

Faint and distant, the silvery strains of a military band stole into the big white bowl of the amphitheater. The slow cadences and mourning notes of a funeral march grew clearer amid the roll and mutter of the muffled drums.

At the arch where the choir waited the heroic dead, comrades lifted his casket down and, followed by the Generals and the Admirals, who had walked beside him from the Capitol, he was carried to the place of honor. Ahead moved the white-robed singers, chanting solemnly. Carefully, the casket was placed above the banked flowers and the Marine Band played sacred melodies until the moment the President and Mrs. Harding stepped to their places beside the casket; then the crashing, triumphant chords of "The Star-Spangled Banner" swept the gathering to its feet again.

A prayer, carried out over the crowd by amplifiers so that no word was missed, took a moment or two, then the sharp, clear call of the bugle rang "Attention!" and for two minutes the nation stood at pause for the dead, just at high noon. No sound broke the quiet as all stood with bowed heads. It was much as though a mighty hand had checked the world in full course. Then the band sounded and in a mighty chorus rolled up the words of "America" from the hosts within and without the great open hall of valor.

President Harding stepped forward beside the coffin to say for America the thing that to-day was nearest to the nation's heart, that sacrifices such as this nameless man, fallen in battle, might perhaps be made unnecessary down through the coming years. Every word that President Harding spoke reached every person

through the amplifiers and reached other thousands upon thousands in New York and San Francisco.

Mr. Harding showed strong emotion as his lips formed the last words of the address. He paused, then with raised hand and head bowed, went on in the measured, rolling period of the Lord's prayer. The response that came back to him from the thousands he faced, from the other thousands out over the slopes beyond, perhaps from still other thousands away near the Pacific, or close packed in the heart of the nation's greatest city, arose like a chant. The marble arches hummed with the solemn sound.

Then the foreign officers who stand highest among the soldiers or sailors of their flags came one by one to the bier to place gold and jeweled emblems for the brave above the breast of the sleeper. Already, as the great prayer ended, the President had set the American seal of admiration for the valiant, the nation's love for brave deeds and the courage that defies death, upon the casket.

Side by side he laid the Medal of Honor and the Distinguished Service Cross. And below, set in place with reverent hands, grew the long line of foreign honors, the Victoria Cross, never before laid on the breast of any but those who had served the British flag; all the highest honors of France and Belgium and Italy and Rumania and Czecho-Slovakia and Poland.

To Gen. Jacques of Belgium it remained to add his own touch to these honors. He tore from the breast of his own tunic the medal of valor pinned there by the Belgian King, tore it with a sweeping gesture, and tenderly bestowed it on the unknown American warrior.

Through the religious services that followed, and prayers, the swelling crowd sat motionless until it rose to join in the old, consoling "Rock of Ages," and the last rite for the dead was at hand. Lifted by his hero bearers from the stage, the unknown was carried in his flag-wrapped, simple coffin out to the wide sweep of the terrace. The bearers laid the sleeper down above the crypt on which had been placed a little of the soil of France. The dust his blood helped redeem from alien hands will mingle with his dust as time marches by.

The simple words of the burial ritual were said by Bishop Brent, flowers from war mothers of America and England were laid in place.

For the Indians of America Chief Plenty Coos came to call upon the Great Spirit of the Red Men, with gesture and chant and tribal tongue that the dead should not have died in vain, that war might end, peace be purchased by such blood as this. Upon the casket he laid the coup stick of his tribal office and the feathered war bonnet from his own head. Then the casket, with its weight of honors, was lowered into the crypt.

A rocking blast of gunfire rang from the woods. The glittering circle of bayonets stiffened to a salute to the dead. Again the guns shouted their message of honor and farewell. Again they boomed out; a loyal comrade was being laid to his last, long rest.

High and clear and true in the echoes of the guns, a bugle lifted the old, old notes of taps, the lullaby for the living soldier, in death his requiem. Long ago some forgotten soldier poet caught its meaning clear and set it down that soldiers everywhere might know its message as they sink to rest:

"Fades the light;
"And afar
"Goeth day, cometh night,
"And a star,
"Leadeth all, speedeth all,
"To their rest."

The guns roared out again in the national salute. He was home, The Unknown, to sleep forever among his own.

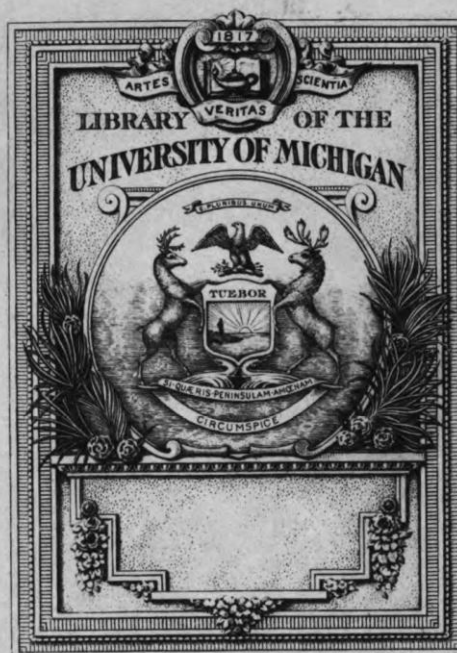


"A Triumph of Journalism"

—P—

"TO bring the picture of a far-away spectacle into the homes, minds and hearts of a million interested persons—therein lies a triumph of journalism. One may hazard the opinion that the praise of the many readers was the most satisfying compensation which this particular writer could have desired or received."

ANEXO G - Program of The ceremonies attending the burial of an unknown and unidentified American soldier who lost his life during the world war. November 1921.



THE GIFT OF
Lt. Colonel
Thomas M. Spaulding



Program
of the
Ceremonies Attending the Burial of
An Unknown and Unidentified American Soldier
who lost his life during
The World War

Master of Ceremonies
The Secretary of War

D
675
W2,
1921

PROGRAM
OF THE
CEREMONIES ATTENDING THE BURIAL OF
AN UNKNOWN AND UNIDENTIFIED AMERICAN SOLDIER
WHO LOST HIS LIFE DURING
THE WORLD WAR

MASTER OF CEREMONIES
THE SECRETARY OF WAR

5.11
At Colonel Thomas W. Blauding
2.6.1939

PROGRAM

Ceremonies at Memorial Amphitheater

NOVEMBER 11, 1921

1. All guests provided with reserved seats in the Amphitheater take their places by 11.15 A. M. Those not provided with seats take position in the areas allotted outside of the Amphitheater by the same hour.

2. At 11.15 A. M. the casket bearing The Remains arrives at the west entrance of the Amphitheater.

3. The casket is removed by the body bearers and, preceded by the choir and the clergy, and followed by the pall bearers and by General Pershing and distinguished officers of the Army and Navy as mourners, is borne through the west entrance of the Amphitheater around the right colonnade to the apse, where it is placed on the catafalque. During the processional the audience will stand uncovered.

4. The mourners, who have accompanied the procession from the Capitol and are provided with tickets to the Amphitheater, then enter the Amphitheater at the entrances specified on their tickets and take their places, guided by ushers. Those who have no tickets take position outside of the Amphitheater in areas reserved for them.

5. The Marine Band takes position, via south entrance, in the colonnade just south of the apse and plays appropriate music.

6. 11.50 A. M.—The President and Mrs. Harding enter the apse and are seated.
7. 11.56 A. M.—The National Anthem.....The Marine Band.
8. 11.58 A. M.—The Invocation.....Chaplain Axton.
(Audience standing.)
9. 12 M.—Trumpet call, "Attention," thrice sounded.
(All standing and observing two minutes' silence.)
10. 12.02 P. M.—Termination of silence.
(Announced by Band playing opening chord of "America.")
11. Hymn, "America," sung by audience, led by the Quartet and accompanied by the Band.
(Audience remains standing until completion of Hymn.)
12. Address.....The President of the United States.
13. Hymn, "The Supreme Sacrifice," sung by Quartet from Metropolitan Opera Company of New York, accompanied by Band.
Miss ROSA PONSELLE Mr. MORGAN KINGSTON
Miss JEANNE GORDON Mr. WILLIAM GUSTAFSON
14. The Unknown Soldier is decorated with the "Congressional Medal of Honor" and with the "Distinguished Service Cross" by the President of the United States.
15. The Unknown Soldier is decorated with the Belgian "Croix de Guerre" by Lieutenant General Baron Jacques, representing the Belgian Government.
16. The Unknown Soldier is decorated with the "Victoria Cross" by Admiral of the Fleet Earl Beatty, accompanied by General The Earl of Cavan, representing the King of England.
17. The Unknown Soldier is decorated with the French "Medaille Militaire" and with the French "Croix de Guerre" by Marshal Foch, representing the French Government.
18. The Unknown Soldier is decorated with the "Gold Medal for Bravery" by General Armando Diaz, representing the Italian Government.

19. The Unknown Soldier is decorated with the Roumanian "Virtutea Militara" by the Roumanian Minister, Prince Bibesco, representing the Roumanian Government.

20. The Unknown Soldier is decorated with the "Czechoslovak War Cross" by the Czechoslovak Minister, Dr. Bedrich Stepanek, representing the Czechoslovak Government.

21. The Unknown Soldier is decorated with the "Virtuti Militari" by the Polish Minister, Prince Lubomirski, representing the Polish Government.

22. Hymn, "O God, our Help in Ages Past," sung by audience, led by the Quartet, and accompanied by Band.

23. The Psalm.....Chaplain Lazaron.

24. Solo, "I Know that My Redeemer Liveth".....Miss Ponselle.

25. The Scripture lesson.....Chaplain Frazier.

26. Hymn, "Nearer, My God, to Thee," sung by audience, led by the Quartet, and accompanied by Band.

(Upon completion Band moves to position outside of Amphitheater.)

27. The Remains are then borne from the apse through the southeast entrance to the sarcophagus, preceded by the clergy and followed in order by the pall bearers, the President and Mrs. Harding, the Vice President and Mrs. Coolidge, senior Foreign Delegates to the Conference, the Secretary of State, the Secretary of War, the Secretary of the Navy, foreign officers who presented decorations, General Pershing and others seated in the apse of the Amphitheater, the Band playing "Our Honored Dead." The President and Mrs. Harding and those accompanying them from the apse take positions as indicated by ushers. Those seated in the ten boxes to the right and the ten boxes to the left of the apse, escorted by ushers, pass out through the entrances adjacent to the apse and take their places to the right and to the left, respectively, of the party immediately behind the President and Mrs. Harding. Members of Congress and their wives pass through the apse at the main east entrance and form in the rear of President and Mrs. Harding and those accompanying them. All

others seated in the Amphitheater, except those in the gallery, then file out of the Amphitheater by the west, north, and south entrances, or may remain in the Amphitheater if they so desire. Those having seats in the gallery will not leave the gallery until after the completion of the ceremony at the sarcophagus.

28. After The Remains of the Unknown Soldier have been borne to the sarcophagus and while the audience is leaving the Amphitheater for positions near the sarcophagus, the Band plays "Lead, Kindly Light."

29. The Committal.....Chaplain Brent.

30. A wreath is placed on the tomb of the Unknown Soldier by Mr. Hamilton Fish, jr., Representative from New York.

31. On behalf of American War Mothers, a wreath is placed on the tomb of the Unknown Soldier by Mrs. R. Emmett Digney, President National American War Mothers.

32. On behalf of British War Mothers, a wreath is placed on the tomb of the Unknown Soldier by a British War Mother, Mrs. Julia McCudden.

33. Chief Plenty Coos, Chief of the Crow Nation, representing the Indians of the United States, lays his war bonnet and coup stick on the tomb of the Unknown Soldier.

34. Three salvos of artillery.

35. Taps.

36. The National Salute.

HYMNS.

MY COUNTRY, 'TIS OF THEE.

(AMERICA.)

(SAMUEL F. SMITH, 1832.)

(HENRY CAREY, 1740.)

My country, 'tis of thee,
 Sweet land of liberty,
 Of thee I sing;
 Land where my fathers died,
 Land of the Pilgrims' pride,
 From every mountain side
 Let freedom ring!

My native country, thee,
 Land of the noble free,
 Thy name I love;
 I love thy rocks and rills,
 Thy woods and templed hills;
 My heart with rapture thrills,
 Like that above.

Our fathers' God, to Thee,
 Author of liberty,
 To Thee we sing;
 Long may our land be bright
 With freedom's holy light;
 Protect us by Thy might,
 Great God, our King.
 Amen.

THE SUPREME SACRIFICE.

(JOHN S. ARKWRIGHT.)

(REV. C. HARRIS, D. D.)

O valiant Hearts, who to your glory came
 Through dust of conflict and through battle-flame;
 Tranquil you lie, your knightly virtue proved,
 Your memory hallowed in the Land you loved.

Proudly you gathered, rank on rank to war,
 As who had heard God's message from afar;
 All you had hoped for, all you had, you gave
 To save mankind—yourselves you scorned to save.

Splendid you passed, the great surrender made,
 Into the light that nevermore shall fade;
 Deep your contentment in that blest abode,
 Who wait the last clear trumpet-call of God.

Long years ago, as earth lay dark and still,
 Rose a loud cry upon a lonely hill,
 While in the frailty of our human clay,
 Christ, our Redeemer, passed the selfsame way.

Still stands His Cross from that dread hour to this
 Like some bright star above the dark abyss;
 Still, through the veil, the Victor's pitying eyes
 Look down to bless our lesser Calvaries.

These were His servants, in His steps they trod
 Following through death the martyr'd Sons of God;
 Victor He rose; victorious too shall rise
 They who drunk His cup of Sacrifice.

O risen Lord, O Shepherd of our Dead,
 Whose Cross has brought them and whose Staff has led—
 In glorious hope their proud and sorrowing Land
 Commits her Children to Thy gracious hand.
 Amen.

O GOD, OUR HELP IN AGES PAST.

(ISAAC WATTS.)

(WILLIAM CROFT.)

O God, our help in ages past,
 Our hope for years to come,
 Our shelter from the stormy blast,
 And our eternal home.

Beneath the shadow of Thy Throne
 Thy Saints have dwelt secure;
 Sufficient is Thine arm alone,
 And our defense is sure.

Before the hills in order stood,
 Or earth received her frame,
 From everlasting Thou art God,
 To endless years the Same.

A thousand ages in Thy sight
 Are like an evening gone;
 Short as the watch that ends the night
 Before the rising sun.

Time, like an ever-rolling stream,
 Bears all its sons away;
 They fly forgotten, as a dream
 Dies at the opening day.

O God, our help in ages past,
 Our hope for years to come,
 Be Thou our guard while troubles last,
 And our eternal home.

Amen.

NEARER, MY GOD, TO THEE.

(SARAH ADAMS.)

(LOWELL MASON.)

Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee;
 E'en though it be a cross that raiseth me;
 Still all my song shall be, nearer, my God, to Thee,
 Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee!

Though like the wanderer, the sun gone down,
 Darkness be over me, my rest a stone;
 Yet in my dreams I'd be, nearer, my God, to Thee,
 Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee!

There let the way appear steps unto heaven;
 All that Thou sendest me, in mercy given;
 Angels to beckon me, nearer, my God, to Thee,
 Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee!

Then, with my waking thoughts bright with Thy praise,
 Out of my stony griefs, Bethel, I'll raise;
 So by my woes to be, nearer, my God, to Thee,
 Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee!

Or if on joyful wing cleaving the sky,
 Sun, moon, and stars forgot, upwards I fly,
 Still all my song shall be, nearer, my God, to Thee,
 Nearer, my God, to Thee, nearer to Thee!

Male Choir for Processional

Director, ADOLF TOROVSKY

Tenors:

John Martyn
 Ross Farrow
 James K. Young
 George Bayliss
 J. F. M. Bowie
 Charles E. Myers

Thomas A. Cantwell
 George A. Myers
 Charles Birmingham
 Le Roy Goff
 P. H. O'Farrell
 Wilbur Gantz

Milton Fillius
 Roland Williamson
 Charles Ruhl
 P. F. Downey
 Fred Roberts
 H. MacNamee

Basses:

Herman Fakler
 George Miller
 Earl Carbauh
 Arthur Deibert
 Fred East
 Arthur Murray
 William Quick
 Gerald L. Whalen

Lawrence W. Downey
 Edward L. Hutchinson
 William Mayo
 Ambrose Durkin
 James J. Nolan
 Fred Shaffer
 S. Theo. Howard
 J. E. S. Kinsella

W. R. Gregg
 Francis P. Heartail
 William H. Waters
 Arch W. Monteath
 Lawrence Hart
 Harry Helwig
 John B. Fischer

**ANEXO H - A proposta de paz do Presidente Woodrow Wilson elaborada pelo seu
assessor Coronel Edward House.**

Anexa-se este importante documento no sentido de facilitar a compreensão em como se chegou à paz na Europa em 1918, e nos casos em que muito desse conteúdo foi rejeitado pelos aliados, as consequências que trouxeram ao mundo.

“The 14 Points - One result of the October Revolution in Russia in 1917 was to force the Allies to issue statements of war aims. The Bolsheviks acted to discredit the previous regime by publishing the contents of a number of secret treaties that revealed the blatantly imperialistic aims of some of the European powers.

In early January 1918, both British prime minister David Lloyd George and American president Woodrow Wilson issued public explanations of what they hoped to accomplish through a victory over the Central Powers. Wilson received input from his closest advisor, Colonel Edward House, and a number of academics, who were known as "The Inquiry." The resulting Fourteen Points were presented in a speech before both houses of Congress and were intended to generate support for Wilson's vision of the postwar world, both at home and also among allies in Europe. Further, the president hoped that the promise of a just peace would be embraced by the populations in enemy nations and generate momentum for ending the war.

<http://www.u-s-history.com/pages/h1324.html> 15-02-2014

“!Interpretation of President Wilson's Fourteen Points by Colonel Edward House”

At my request Cobb and Lippmann have compiled the following respecting your fourteen points. I shall be grateful to you if you will cable me whether it meets with your general approval. Here follows memorandum:

1. Open covenants of peace, openly arrived at, after which there shall be no private international understandings of any kind, but diplomacy shall proceed always frankly and in the public view.

The purpose is clearly to prohibit treaties, sections of treaties or understandings that are secret, such as the [Triple Alliance], etc.

The phrase "openly arrived at" need not cause difficulty. In fact, the President explained to the Senate last winter that the phrase was not meant to exclude confidential diplomatic negotiations involving delicate matters. The intention is that nothing which occurs in the course of such confidential negotiations shall be binding unless it appears in the final covenant made public to the world.

The matter may perhaps be put this way: It is proposed that in future every treaty be part of the public law of the world and that every nation assume a certain obligation in regard to its enforcement. Obviously, nations cannot assume obligations in matters of which they are ignorant; and therefore any secret treaty tends to undermine the solidity of the whole structure of international covenants which it is proposed to erect.

2. Absolute freedom of navigation upon the seas, outside territorial waters, alike in peace and in war, except as the seas may be closed in whole or in part by international action for the enforcement of international covenants.

This proposition must be read in connection with number 14 which proposes a league of nations. It refers to navigation under the three following conditions: (1) general peace; (2) a general war, entered into by the League of Nations for the purpose of enforcing international covenants; (3) limited war, involving no breach of international covenants.

Under "(1) general peace," no serious dispute exists. There is implied freedom to come and go [on the high seas].

No serious dispute exists as to the intention under "(2) a general war entered into by the League of Nations to enforce international covenants." Obviously such a war is conducted against an outlaw nation and complete nonintercourse with that nation is intended.

"(3) A limited war, involving no breach of international covenants" is the crux of the whole difficulty. The question is, what are to be the rights of neutral shipping and private property on the high seas during a war between a limited number of nations when that war involves no issue upon which the League of Nations cares to take sides; in other words, a war in which the League of Nations remains neutral. Clearly, it is the intention of the proposal that in such a war the rights of neutrals shall be maintained against the belligerents, the rights of both to be clearly and precisely defined in the law of nations.

3. The removal, so far as possible, of all economic barriers and the establishment of an equality of trade conditions among all the nations consenting to the peace and associating themselves for its maintenance.

The proposal applies only to those nations which accept the responsibilities of membership in the League of Nations. It means the destruction of all special commercial agreements, each putting the trade of every other nation in the League on the same basis, the most-favored-nation clause applying automatically to all members of the League of Nations. Thus a nation could legally maintain a tariff or a special railroad rate or a port restriction against the whole world, or against all the signatory powers. It could maintain any kind of restriction which it chose against a nation not in the League. But it could not discriminate as between its partners in the League.

This clause naturally contemplates fair and equitable understanding as to the distribution of raw materials.

4. Adequate guarantees given and taken that national armaments will be reduced to the lowest points consistent with domestic safety.

"Domestic safety" clearly implies not only internal policing, but the protection of territory against invasion. The accumulation of armaments above this level would be a violation of the intention of the proposal.

What guarantees should be given and taken, or what are to be the standards of judgment have never been determined. It will be necessary to adopt the general principle and then institute some kind [of international commission of investigation] to prepare detailed projects for its execution.

5. A free, open-minded and absolutely impartial adjustment of all colonial claims based upon a strict observance of the principle that in determining all such questions of sovereignty, the interests of the populations concerned must have equal weight with the equitable claims of the government whose title is to be determined.

Some fear is expressed in France [and England] that this involves reopening of all colonial questions. Obviously it is not so intended. It applies clearly [to those] colonial claims which have been created by

the war. That means the German colonies and any other colonies which may come under international consideration as a result of the war.

The stipulation is that in the case of the German colonies the title is to be determined after the conclusion of the war by "impartial adjustment" based on certain principles. These are of two kinds: (1) "equitable" claims; (2) the interests of the populations concerned.

What are the "equitable" claims put forth by Great Britain and Japan, the two chief heirs of the German colonial empire, that the colonies cannot be returned to Germany? Because she will use them as submarine bases, because she will arm the blacks, because she uses the colonies as bases of intrigue, because she oppresses the natives. What are the "equitable" claims put forth by Germany? That she needs access to tropical raw material, that she needs a field for the expansion of her population, that under the principles of the peace proposed, conquest gives her enemies no title to her colonies.

What are the "interests of the populations?" That they should not be militarized, that exploitation should be conducted on the principle of the "open door," and under the strictest regulation as to labor conditions, profits, and taxes, that a sanitary regime be maintained, that permanent improvements in the way of roads, etc., be made, that native organization and custom be respected, that the protecting authority be stable and experienced enough to thwart intrigue and corruption, that the [protecting] power have adequate resources in money and competent administrators to act successfully.

It would seem as if the principle involved in this proposition is that a colonial power acts not as owner of its colonies but as trustee for the natives and for the interests of the society of nations, that the terms on which the colonial administration is conducted are a matter of international concern and may legitimately be the subject of international inquiry, and that the peace conference may, therefore, write a code of colonial conduct binding upon [all] colonial powers.

6. The evacuation of all Russian territory and such a settlement of all questions affecting Russia as will secure the best and freest cooperation of the other nations of the world in obtaining for her an unhampered and unembarrassed opportunity for the independent determination of her own political development and national policy and assure her of a sincere welcome into the society of free nations under institutions of her own choosing; and, more than a welcome, assistance also of every kind that she may need and may herself desire. The treatment accorded Russia by her sister nations in the months to come will be the acid test of their goodwill, of their comprehension of her needs as distinguished from their own interests, and of their intelligent and unselfish sympathy.

The first question is whether Russian territory is synonymous with territory belonging to the former Russian Empire. This is clearly not so because proposition 13 stipulates an independent Poland, a proposal which excludes the territorial reestablishment of the Empire. What is recognized as valid for the Poles will certainly have to be recognized for the Finns, the Lithuanians, the Letts, and perhaps also for the Ukrainians. Since the formulating of this condition, these subject nationalities have emerged, and there can be no doubt that they will have to be granted an opportunity of free development.

The problem of these nationalities is complicated by two facts: (1) that they have conflicting claims; (2) that the evacuation called for in the proposal may be followed by Bolshevik revolutions in all of them.

The chief conflicts are: (a) between the Letts and Germans in Courland; (b) between the Poles and the Lithuanians on the northeast; (c) between the Poles and the White Ruthenians on the east; (d) between the Poles and the Ukrainians on the southeast (and in eastern Galicia).

In this whole borderland the relations of the German Poles [sic] to the other nationalities is roughly speaking that of landlord to peasant. Therefore the evacuating of the territory, if it resulted in class war, would very probably also take the form of a conflict of nationalities. It is clearly to the interests of a good settlement that the real nation in each territory should be consulted rather than the ruling and possessing class.

This can mean nothing less than the [recognition] by the peace conference of a series of [de facto] governments representing Finns, Esths, Lithuanians, Ukrainians. This primary [act] of recognition should be conditional upon the calling of national assemblies for the creation of de facto governments as soon as the peace conference has drawn frontiers for these new states. The frontiers should be drawn so far as possible on ethnic lines, but in [every] case the right of unhampered economic [transit] should be reserved. No dynastic ties with German [or] Austrian or Romanov princes should be permitted, and every inducement should be [given] to encourage federal [relations] between these new states. Under proposition 3 the economic sections of the treaty of Brest-Litovsk are obliterated, but this proposition should not be construed as forbidding a customs union, a monetary union, a railroad union, etc., of these states. Provision should also be made by which Great Russia can federate with these states on the same terms.

As for Great Russia and Siberia, the peace conference might well send a message asking for the creation of a government sufficiently [representative] to speak for these territories. It should be understood that economic rehabilitation is offered provided a government carrying sufficient credentials can appear at the peace conference.

The Allies should offer this provisional government any form of assistance it may need. The possibility of extending this will exist when the Dardanelles are opened.

The essence of the Russian problem then in the immediate future would seem to be: (1) the recognition of provisional governments; (2) assistance extended to and through these governments.

The Caucasus should probably be treated as part of the problem of the Turkish Empire. No information exists justifying an opinion on the proper policy in regard to Mohammedan Russia--that is, briefly, Central Asia. It may well be that some power will have to be given a limited mandate to act as protector.

In any case the treaties of Brest-Litovsk and Bucharest must be canceled as palpably fraudulent. Provision must be made for the withdrawal of all German troops in Russia and the peace conference [will] have a clean slate on which to write a policy for all the Russian peoples.

7. Belgium, the whole world will agree, must be evacuated and restored without any attempt to limit the sovereignty which she enjoys in common with all other free nations. No other single act will serve as this will serve to restore confidence among the nations in the laws which they have themselves set and determined for the government of their relations with one another. Without this healing act the whole structure and validity of international law is forever impaired.

The only problem raised here is in the word "restored." Whether restoration is to be in kind or how the amount of the indemnity is to be determined is a matter of detail, not of principle. The principle that should be established is that in the case of Belgium there exists no distinction between "legitimate" and "illegitimate" destruction. The initial act of invasion was illegitimate and therefore all the consequences of that act are of the same character. Among the consequences may be put the war debt of Belgium. The recognition of this principle would constitute "the healing act" of which the President speaks.

8. All French territory should be freed and the invaded portions restored, and the wrong done to France by Prussia in 1871 in the matter of Alsace-Lorraine, which has unsettled the peace of the world for nearly fifty years, should be righted in order that peace may once more be made secure in the interest of all.

In regard to the restoration of French territory it might well be argued that the invasion of northern France, being the result of the illegal act as regards Belgium, was in itself illegal. But the case is not perfect. As the world stood in 1914, war between France and Germany was not in itself a violation of international law, and great insistence should be put upon keeping the Belgian case distinct and symbolic. Thus Belgium might well, as indicated above, claim reimbursement, not only for destruction but for the

cost of carrying on the war. France could not claim payment, it would seem, for more than the damage done to her northeastern departments.

The status of Alsace-Lorraine was settled by the official statement issued a few days ago. It is to be restored completely to French sovereignty.

Attention is called to the strong current of French opinion which claims "the boundaries of 1914 [1814]" rather than of 1871. The territory claimed is the valley of the Saar with its coalfields. No claim on grounds of nationality can be established, but the argument leans on the possibility of taking this territory in lieu of indemnity; it would seem to be a clear violation of the President's proposal.

Attention is called also to the fact that no reference is made to status of Luxembourg. The best solution would seem to be a free choice by the [people of] Luxembourg themselves.

9. A readjustment of the frontiers of Italy should be effected along clearly recognizable lines of nationality.

This proposal is less than the Italian claim; less, of course, than the territory allotted by the treaty of London; less than the arrangement made between the Italian government and the Yugoslav state.

In the region of Trent the Italians claim a strategic rather than ethnic frontier. It should be noted in this connection that [Italy] and Germany will become neighbors if German Austria joins the German Empire. And if Italy obtains the best geographical frontier she will assume sovereignty over a large number of Germans. This is a violation of principle. But it may be argued that by drawing a sharp line along the crest of the Alps, Italy's security will be enormously enhanced and the necessity of heavy armaments reduced. It might, therefore, be provided that Italy should have her claim in the Trentino, but that the northern part, inhabited by Germans, should be completely autonomous and that the population should not be liable to military service in the Italian Army. Italy could thus occupy the uninhabited Alpine peaks for military purposes, but would not govern the cultural life of the alien population to the south of her frontier.

The other problems of the frontier are questions between Italy and Yugoslavia, Italy and the Balkans, Italy and Greece.

The agreement reached with Yugoslavs may well be allowed to stand, although it should be insisted for [the protection of] the hinterland that both Trieste and Fiume be free ports. This is [essential] to Bohemia, German Austria, Hungary, as well as to prosperity of the cities themselves.

Italy appears in Balkan politics through her claim to a protectorate over Albania and the possession of Valona. There is no serious objection raised to this [although the] terms of the protectorate need to be vigorously controlled. If Italy is protector of Albania [the local] life of Albania should be guaranteed by the League of Nations.

A conflict with Greece appears through the Greek claim to northern Epirus, or what is now southern Albania. This would bring Greece closer to Valona than Italy desires. A second conflict with Greece occurs over the Aegean Islands of the Dodecanese, but it is understood that a solution favorable to Greece is being worked out.

Italy's claims in Turkey belong to the problem of the Turkish Empire.

10. The people of Austria-Hungary, whose place among the nations we wish to see safeguarded and assured, should be accorded the freest opportunity of autonomous development.

This proposition no longer holds. Instead we have [today] the following elements:

(1) Czechoslovakia. Its territories include at least a million Germans for whom some provision must be made.

The independence of Slovakia means the dismemberment of the northwestern countries of Hungary.

(2) Galicia. Western Galicia is clearly Polish. Eastern Galicia is in large measure Ukrainian (or Ruthenian) and does not of right belong to Poland.

There also are several hundred thousand Ukrainians along the north and northeastern borders of Hungary and in parts of Bukovina (which belonged to Austria).

(3) German Austria. This territory should of right be permitted to join Germany, but there is strong objection in [France] because of the increase of [population] involved.

(4) Yugoslavia. It faces the following problems:

frontier questions with Italy in Istria and the Dalmatian coast; with Rumania in the Banat;

an international problem arises out of the refusal of the Croats to accept the domination of the Serbs of the Serbian Kingdom;

a problem of the Mohammedan Serbs of Bosnia who are said to be loyal to the Hapsburgs. They constitute a little less than one-third of the population.

(5) Transylvania. Will undoubtedly join Rumania, but provision must be made for the protection of the Magyars, Szeklers, and Germans who constitute a large minority.

(6) Hungary. Now independent and very democratic in form, but governed by Magyars whose aim is to prevent the detachment of territory of nationalities on the fringe.

The United States is clearly committed to the program of national unity and independence. It must stipulate, however, for the protection of national minorities, for freedom of access to the Adriatic and the Black Sea, and it supports a program aiming at a confederation of southeastern Europe.

11. Rumania, [Serbia], and Montenegro should be evacuated; occupied territories restored; Serbia accorded free and secure access to the sea; and the relations of the several Balkan states to one another determined by friendly counsel along historically established lines of allegiance and nationality; and international guarantees of the political and economic independence and territorial integrity of the several Balkan states should be entered into.

This proposal is also altered by events. Serbia will appear as Yugoslavia with access to the Adriatic. Rumania will have acquired the Dobrudja, Bessarabia, and probably Transylvania. These two states will have 11 or 12 million inhabitants and will be far greater and stronger than Bulgaria.

Bulgaria should clearly have her frontier in the southern Dobrudja as it stood before the second Balkan War. She should also have Thrace up to the Enos-Midia line and perhaps even to the Midia-Rodosto line.

Macedonia should be allotted after an impartial investigation. The line which might be taken as a basis of investigation is the southern line of the "contested zone" agreed upon by Serbia and Bulgaria before the first Balkan War.

Albania could be under a protectorate, no doubt of Italy, and its frontiers in the north might be essentially those of the London conference.

12. The Turkish portions of the present Ottoman Empire should be assured a secure sovereignty, but the other nationalities which are now under Turkish rule should be assured an undoubted security of life and an absolutely unmolested opportunity of autonomous development; and the

Dardanelles should be permanently opened as a free passage to the ships and commerce of all nations under international guarantees.

The same difficulty arises here as in the case of Austria-Hungary concerning the word "autonomous."

It is clear that the Straits and Constantinople, while they may remain nominally Turkish, should be under international control. This control may be collective or be in the hands of one power as mandatory of the League.

Anatolia should be reserved for the Turks. The coastlands, where Greeks predominate, should be under special international control, perhaps with Greece as mandatory.

Armenia must be [given] a port on the Mediterranean, and a protecting power established. France may claim it, but the Armenians would prefer Great Britain.

Syria has already been allotted to France by agreement with Great Britain.

Great Britain is clearly the best mandatory for Palestine, Mesopotamia, and Arabia.

A general code of guarantees binding upon all mandataries in Asia Minor should be written into the Treaty of Peace.

This should contain provisions for minorities and the "open door." The trunk railroad lines should be internationalized.

13. An independent Polish state should be erected which should include the territories inhabited by indisputably Polish populations, which should be assured a free and secure access to the sea, and whose political and economic independence and territorial integrity should be guaranteed by international covenants.

The chief problem is whether Poland is to obtain territory west of the Vistula, which would cut off the Germans of East Prussia from the empire, or whether Danzig can be made a free port and the Vistula internationalized. On the east, Poland should receive no territory in which Lithuanians or Ukrainians predominate. If Posen and Silesia go to Poland, rigid protection must be afforded the minorities of Germans and Jews living there, as well as in other parts of the Polish state.

The principle on which frontiers will be [delimited] is contained in the President's word "indisputably." This may imply the taking of an impartial census before frontiers are marked.

14. A general association of nations must be formed under specific covenants for the purpose of affording mutual guarantees of political independence and territorial integrity to great and small [states] alike.

The principle of a league of nations as the primary essential of a permanent peace has been so clearly presented by President Wilson in his speech of Sept. 27, 1918, that no further elucidation is required. It is the foundation of the whole diplomatic structure of a permanent peace.

Source: PRFA, 1918. Supplement 1: The World War, Vol. 1, pp. 405-413.

www.mtholyoke.edu/acad/intrel/doc31.htm - 15-02-2014

ANEXO I - Programa das cerimónias do enterro de dois soldados

desconhecidos americanos em 1958

“Unknowns of World War II and Korea Are Enshrined”, By JACK RAYMOND, Special to The New York Times

U.S. Holiday Rites Honor War Dead; Traffic Is Heavy: Thousands of Communities Salute Fallen Fighting Men -- Three Parades in City: Fair Skies Over Nation.

Arlington, Va., May 30 -- Two unknown American servicemen, one of World War II and one of the Korean war, were borne to their final resting places today in Arlington National Cemetery. Here on the grassy plaza, overlooking the Potomac Valley, uniformed pallbearers of all the military services laid the two bronze coffins beside the Tomb of the Unknown Soldier of World War I.

President Eisenhower and Vice President Richard M. Nixon, other military and civilian leaders, foreign dignitaries and ordinary folk looked on.

Service chaplains of three faiths read prayers for the dead. A firing squad cracked, three rifle volleys over the great trees. A bugler blew taps, the mournful sound echoing across the sunny valley toward the nation's capital.

Tomb of the Unknown--The country's shrine to her military dead became officially the Tomb of the Unknowns. Now meant for all three crypts is the original inscription of the first tomb, "Here Rests in Honored Glory an American Soldier Known But to God."

The interment ceremony concluded a Memorial Day program that began with a funeral cortege from the rotunda of the Capitol. The two coffins, brought from foreign battle cemeteries, had lain in state there for three days.

More than 100,000 people were estimated to have gathered along the funeral route and at the amphitheater.

At the climax of the funeral service in the white marble amphitheater, President Eisenhower, dressed in a black suit, placed Medals of Honor, the nation's highest awards, on the flag-covered coffins, saying:

"On behalf of a grateful people I know present Medals of Honor to these two unknowns who gave their lives for the United States of America."

It was an exceptionally warm day with temperatures around 82 degrees. The President's capacity for standing at attention and sitting in prayerful attitude during the long ceremonies was notable. Others fanned themselves with their programs.

Many did not display the 67-year-old President's stamina. Some 400 persons collapsed, including onlookers in the crowds along the procession route and service men and women who succumbed in the ranks. They were treated by the Army Medical Corps. Five were sent to hospitals.

Among those who collapsed was Associate Justice Charles E. Whittaker of the Supreme Court, who was overcome by heat exhaustion during the amphitheater ceremonies. He was examined by an Army doctor and sent home.

The funeral procession began at the Capitol. During the morning more than 6,000 visitors had filed silently by the two biers resting on black catafalques under the huge dome. Some 28,000 had come to pay homage since Wednesday.

At five-minute intervals representatives of veteran's groups, Gold Star Mothers and other organizations placed wreaths or medallions before the coffins. At noon the doors were closed.

Precisely at one second before 1 P. M., as scheduled, a Navy band sounded attention from the East Capitol Plaza. At 1 P. M., two teams of pallbearers, the uniforms of each service represented, lifted the flag-draped coffin and slowly followed the color guards and clergy to the huge portal at the top of the East Capitol Steps.

Battery Begins Firing

A saluting gun battery, positioned on the grounds of the Washington Monument, began firing volleys that resounded at one-minute intervals over the entire city.

Teams of six matched grays, emulating military pageantry that has been carried down from the warrior days of Ghengis Khan, drew coffins in black velvet-covered caissons toward Constitution Avenue. About 3,000 persons watched as the funeral procession began.

All along the half-mile route to Memorial Bridge the appearance of the slow-measured cortege, with Government and military figures in limousines and 1,500 marching men, silenced the crowds that lined the streets.

Men bared their heads. Many men and women wept. It appeared from interviews that hundreds of bereaved parents and relatives of war dead had come here in the belief that perhaps the two unknown servicemen were theirs.

Planes Pass Overhead

Down Constitution Avenue went the procession. It circled the Lincoln Memorial and proceeded across the Memorial Bridge to the rolling Virginia hills. At that moment, twenty jet fighters and delta-winged fighter bombers flew overhead -- one plane symbolically missing from the lead formation.

As the caissons drew up before the West entrance of the amphitheater, the caisson of World War II in the lead, a carillon commenced playing "Nearer My God to Thee," and "Rock of Ages." It was 2:40 P.M.; the solemn journey had lasted one hour and forty minutes. Now the President arrived from the White House but he waited outside for the official parties to take their places.

When all the ticket-holders were seated, the public was allowed in. Many men in sneakers and slacks, girls, and women in gay cotton summer dress, children in cotton shirts and shorts joined those in the gathering -- who were more formally dressed.

At 3 P.M. the President entered the great apse and took his place in a seat beside Vice President Nixon. Massed colors of the national banner and military service flags, with battle streamers, were set up behind them.

An Army band sounded ruffles and flourishes. The flag-draped coffins were brought in at opposite entrances and led on wheeled stands through the circling colonnade until they were placed in the apse, the World War II bier before the President and the Korean one before Mr. Nixon.

The Marine Band played the National Anthem. Maj. Gen. Patrick J. Ryan, Chief of Army chaplains, delivered the invocation -- "Eternal Father, two more of our American sons known only to thee..."

A child cried and his embarrassed mother took the little boy out struggling, her hands clasped firmly over his mouth. No one turned.

After the chaplain concluded, a trumpet called three times for attention. The cannon suddenly were stilled after more than two hours of firing. All bowed their heads for two minutes of silence.

Then the Army choir began singing "America, the Beautiful," and the audience joined, slowly at first, but in a full-ringing finale: " * * * And crown thy good with brotherhood from sea to shining sea."

The President then rose to place Medals of Honor on the coffins. The reading and signing of psalms and scriptural quotations followed.

The coffins were brought to the open plaza for the committal service. With official guests behind them, the President and Vice President Nixon each stood before one of the coffins.

The carillon began playing hymns again. Then each of the chaplains stepped forward to conduct his service. "Our Father, Who are in Heaven * * *" intoned Chaplain Ryan, the Roman Catholic, after

reciting in Latin. "The Lord gave and the Lord taketh away * * *" went on Rear Admiral Edward B. Harp, Navy Chaplain, a Protestant.

"We bring home our beloved dead," recited Lieut. Col. Phillip Pincus, Jewish chaplain of the Air Force, adding also the Hebrew prayer for the dead.

Then rang out a twenty-one-gun salute, five seconds between rounds. The firing squad responded to the order to fire three volleys. Then the bugler sounded "Taps."

The pallbearers slowly folded the interment flags, presented them to the President, who turned these over to the cemetery officials. The commander of troops commanded, "Order Arms," and the ceremony was completed.

The coffins were lowered into their crypts at dusk with a handful of spectators looking on. They were left out until then so that visitors could continue to file by."

Publicado pelo "New York Times, on May 30, 1958, p.1" ***